REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa.—Bento Teixeira Pinto

TOMO XI



RECIFE

Empreza do **«Jornal do Recife»**, *rua 15 de Novembro n. 47*

1904

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno social de 1904 a 1905

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3° VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1° SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2° SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

SUPPLENTES DO 2° SECRETARIO

Major Augusto Cesar da Cunha.
Dr. Victalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.
Dr. Manoel Arthur Muniz.

THESOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.
Fernando Barroca.
J. P. da Rocha Pereira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.
Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.
Dr. Manoel Arthur Muniz.

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XI Dezembro de 1903 N. 60



Os Patriotas de 1817

São varias e discordes as opiniões dos escriptores que tem tratado da revolução de Pernambuco em 1817. Muniz Tavares, não obstante ficar ainda aquem do juiz de que a revolução precisa para poder ser bem comprehendida e julgada — juiz desinteressado, desprevenido, que saiba, e queira cumprir o preceito de Tacito—, é assim mesmo dentre todos o que se mostra mais perto da verdade. Ha razão para isso. Elle testemunhou ocularmente grande parte dos acontecimentos, foi um dos implicados na revolução, padeceu por ella, pagou ao despotismo o seu imposto de liberdade no porão do *Carrasco*, e nos antros immundos da cadeia da Bahia.

Ainda assim, a certos respeitos, ou porque aprecia o movimento revolucionario de um ponto de vista que a moderna sciencia historica já considera abaixo do estalão da critica, ou porque nas suas apreciações não pôde ficar inteiramente superior á influencia dos sentimentos pessoaes, dá motivo a rectificações, e os capitulos, que ora publico, do livro III de minha obra inedita —*Os Patriotas de 1817*—, servirão de prova.

Armitage (*Historia do Brazil*) pouco diz a tal respeito,

mas nesse pouco mostra-se mais favoravel que hostil á revolução. O mesmo não se póde dizer de Varnhagen (*Historia do Brazil*) e do Conselheiro Pereira da Silva (*Historia da Fundação do Imperio Brazileiro*). Estes escriptores encontram flagicios e crimes onde vejo grandes affectos, meritorias intenções e irreparaveis sacrificios. O que não tem para ella menospreço não a examina com o juizo, o discernimento sereno de que seria capaz cada um delles, si o quizesse, por sua intelligencia e luzes. E mal andaria a causa da verdade, si as historias que elles compuzeram não tivessem podido menos que a fé publica, fundada nas tradições, ou antes na intuição, que é a primeira luz dos juizos populares. De feito, a revolução de 1817, mau grado os odios e invectivas infundadas, é de ha muito considerada pelo paiz como a raiz da montanha que cresceu entre Portugal e Brazil, e os separou definitivamente. « A revolução de 1817 era a revolução do Ypiranga, era o grito da Independencia » (Cons. A. Pereira Pinto, *Memoria sobre a Confederação do Equador*, impressa na Revista do Instituto Historico de 1866, tomo 2º, pag. 43).

Varnhagen não occulta o seu desabrimento, a sua impaciencia, e difficilmente retem a sua bilis perante a constancia do espirito publico em affirmar a legitimidade e grandeza da revolução de 1817. Um escriptor que désse valor á reputação de sizudo e grave substituiria por outras estas palavras daquelle iracundo historiador : « Sabemos que está de moda adular os annaes dessa revolução, etc. »

Riscaria, por descabidas e impertinentes, estas outras, em que com ostentação pouco commum se patenteiam parcialidade e odio : « E' um assumpto para o nosso animo tão pouco sympathico, que, si nos fôra permittido passar sobre elle um veu, o deixariamos fóra do quadro que nos propuzemos traçar. » Parece que, escrevendo sobre o alludido assumpto, não foi outro o seu intento sinão o de dar opposta direcção ao conceito geral. Parece que não foi penna brazileira a que lavrou sentença tão iniqua. Nem é preciso mais para que deva ser tido por suspeito.

Mas porque tamanhas iras contra o movimento que preparou o espirito brazileiro para a separação que veiu a realizar-se cinco annos depois? Vituperar a revolução de 1817 é vitu-

perar a legitima e pura fonte das nossas liberdades politicas. Os motivos que influiram no movimento de 1822 não tiveram fundamentos mais vastos e sãos. Predominaram neste interesses, ambições e despeitos que a critica independente e desapaixonada não póde ter por estremes e plausiveis. O que nelle houve mais puro —a idéa da separação— tinha vindo da revolução de...... 1817, fôra ella que a deixara nos espiritos, e, talvez, nos corações. Nesta revolução as ambições foram quasi nenhumas, o amor da patria foi quasi tudo. Houve erros, provenientes na sua maioria da inexperiencia ; da céga confiança nos homens e nos principios sem o estudo prévio do meio onde estes deviam mover-se ; do enthusiasmo ; do proprio patriotismo desponderado ; não houve crimes injustificaveis ; não houve perversidades nem vilezas. Houve alguns sacrificios bellissimos da parte dos patriotas ; da parte do governo real, dos seus auxiliares, e dos executores das suas vontades, houve ao principio dureza e ferocidade entranhavel, e por ultimo uma benevolencia tardia, que mais se parecia com uma ponta de remorso que com a manifestação de um sentimento de humanidade que nunca teve cabida em corações tão crús. Baixou o perdão, depois de quatro annos de perseguições e padecimentos, para os que não tinham culpa, e do assassinato official dos que se haviam mostrado mais adiantados nas virtudes civicas. Santa hypocrisia da realeza antiga. Antes da revolução de 1817, mais de uma tentativa se havia feito para realizar a independencia do Brazil. Em Pernambuco cuidara-se nisso ainda antes da *guerra dos mascates* (Commend. A. J. de Mello, *Biografias*, tomo 1°, pag. 192 e seguintes). Mas, nem a guerra dos mascates nem a revolução de S. Paulo em 1642, por occasião da qual se offereceu um throno a Amador Bueno da Ribeira, nem a tão falada conjuração de Minas, que, para bem dizer, não teve sinão um vulto —Tiradentes, (1) sairam tão completas como a revolução de Pernambuco em 1817, não obstante a extemporaneidade da sua explosão. A republica organisou-se menos mal ; teve uma regular existencia durante mais de dois mezes, ainda no meio das

(1) A leitura da obra do Sr. J. Norberto de Souza e Silva, intitulada *Historia da Conjuração Mineira* gerou em meu espirito esta convicção : por mais que intentem amesquinhar o Tiradentes, é elle o primeiro e o mais importante personagem desse drama.

maiores inquietações e difficuldades; expediu actos que por si sós resgatam os erros e fraquezas dos patriotas; emfim, existiu como um governo livre, independente, e digno do seu tempo. Si os fundadores do Imperio, em vez deste, quizessem fundar em 1822 uma republica, não tinham mais que se inspirar naquella gloriosa revolução onde o patriotismo e o sentimento de fraternidade lançaram as bases do mais intemerato liberalismo. « A revolução de Pernambuco em 1817, bem que pouco durasse, fará sempre época nos annaes do Brazil: tempo virá talvez em que o dia 6 de Março, no qual ella foi effectuada, será para todos um dia de festa nacional » (Muniz Tavares, *Historia da Revolução*, pag. 2).

O Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que, ao começar a parte destinada á revolução, promette « um accurado exame », afigura-se-me, pelo que escreveu, ter anteposto á investigação e aos escrupulos, que testificam a imparcialidade em outros pontos da sua obra, certos sentimentos e prevenções pessoaes que muitos espiritos illustrados ainda nutrem a respeito de qualqudr movimento revolucionario, como si não fôra certo que ha revoluções verdadeiramente meritorias, que, como a de.... 1817, a historia deve registrar com louvor. Não obstante dizer que não vae com os que consideram herões os revolucionarios pernambucanos, nem com os que consideram miseraveis e anarchisadores do povo, filia-se manifestamente entre os que pensam deste modo, e tem para os martyres do sentimento brazileiro as mais acres censuras. Eis a synthese do seu julgado pelas suas proprias palavras: « Foram entes ordinarios, medíocres e despreziveis muitos. Loucos outros, e raros os que tinha intelligencia cultivada e valiosos talentos. Nenhum genio figurou entre elles, que tenha direito a incitar enthusiasmo. Mas acharam-se compromettidos tambem caracteres honrados e honestos que não devem passar desapercebidos » (*Historia da Fundação Imperio*, tomo 4°, pag. 138).

Nada mais injusto que as duas primeiras partes desta sentença. Nenhum homem desacreditado ou perdido no conceito publico teve posição conspicua na revolução de 1817. Nenhum defraudou, ou quiz defraudar a fazenda nacional. Varnhagen parece fazer uma insinuação offensiva da probidade dos patriotas nestas palavras: « A installação do governo pro-

visorio se effectuou na casa do erario, em cujos cofres—digamol-o desde já—encontrou a revolução 600:000$000» Deixou porém em silencio a circumstancia, que Muniz Tavares (*Obr. cit.* pag. 333) faz bem clara, de terem voltado inviolados ao poder da autoridade competente esses mesmos cofres que a revolução fugitiva conduzira comsigo, e *escrupulosamsnte respeitára*. Nenhum dos que fizeram parte do governo provisorio mentiu ás suas convicções por baixo interesse. Nenhum infamou o seu nome por sordida conveniencia. Não se aponta um só, ao menos, verdadeiramente desprezivel.

Domingos Theotonio, que o Sr. Pereira da Silva diz ser «despido de precedentes honrosos» (*Hist. da Fund. do Imp.*, tomo 4° pag. 164), e a quem chama «demagogo atrabilario, violento, ignorante e pervertido» (*Obra* e tomo cit. pag. 191), era justamente o contrario do que diz este historiador. Não sei onde foi S. Exc. achar esta opinião tão remota da verdade geralmente conhecida em Pernambuco. Domingos Theotonio tinha tão bôa reputação entre os seus companheiros de armas que, quando se tratou do commando das tropas encarregadas de sitiar a fortaleza do Brum onde se refugiara o governador Montenegro «lhe cederam elles as honras da primazia» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 41). Referindo-se ao *ultimatum*, que Domingos Theotonio endereçou a Rodrigo Lobo, e no qual se encontram as ameaças de «serem passados á espada todos os presos tanto officiaes generaes no serviço de S. M. Fidelissima, como os mais prisioneiros por opiniões realistas; de serem o Recife, Santo Antonio e Bôa Vista arrazados e incendiados; de serem mortos todos os europeus de nascimento» escreve aquelle historiador: «A maneira de pensar do signatario desse ultimatum, seu bom caracter, a doçura do seu temperamento oppunha-se absolutamente á realisação das sanguinarias ameaças alli enunciadas» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 311). E a melhor prova de terem sido feitas essas ameaças no presuposto unicamente de amedrontar o general portuguez, e resolvel-o a aceitar a capitulação, está no facto de se auzentar Domingos Theotonio com as tropas para a Soledade, sem «tocar em um cabello daquelles a quem havia ameaçado» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 313). Domingos Theotonio, que sómente nas ancias da revolução, quando o governo estava quasi inteira-

mente desamparado, por terem sido uns presos e haverem outros desanimado, aceitára o grave cargo de Dictador, não quiz conspurcar com scenas de sangue e morte o seu nome immaculado. Estas ultimas palavras não são postas aqui por demais. Elle era um brazileiro distincto. « Recommendava-se, 1° porque descendia de illustre familia ; 2°, porque tinha raras virtudes politicas e religiosas ; 3°, porque era militar muito instruido ; 4°, porque havia feito grandes serviços ao Estado ; 5°, porque tinha desejos ardentissimos de ver melhorada a sorte de sua patria » (*Martyres Pernambucanos*, pag. 218). Estas linhas vem de origem insuspeita. Escreveu-as o padre Joaquim Dias Martins, que a si mesmo se chama « luso-pernambucanos », e tem por si a longa autoridade de quarenta annos de observação.

Não valerão mais estes dois testemunhos pessoaes — o do padre Martins e o de Muniz Tavares — que o do Sr. Pereira da Silva, aliás muito respeitavel ? Aquelles escriptores conheceram Domingos Theotonio, viveram e trataram com elle ; a affirmativa é valiosa, e deve ser preferida á do Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que sómente conheceu talvez o dictador da republica de 1817 pelo que leu no parcialissimo Varnhagen. Demais, é crivel, é verosimil que um *demagogo atrabilario, violento, ignorante e pervertido* fosse chamado por homens do porte dos que elegeram o governo provisorio, entre os quaes se apontavam os Cavalcantis e outros cidadãos notaveis da provincia de Pernambuco, a fazer parte do mesmo governo com homens de bem, geralmente estimados e respeitados, pelas suas lettras e virtudes como o padre João Ribeiro Pessôa, « instruido, desinteressado e bem intencionado » ? (Tollenare, *Not. Dominic.*). Razão tinha Domingos Theotonio para dizer do alto da forca : « Meus patricios, a morte não me atterra, aterra-me a incerteza do juizo da posteridade » (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 360).

A verdade é que das primeiras dignidades ecclesiasticas, dos primeiros advogados, dos primeiros militares, dos primeiros agricultores, dos primeiros negociantes de Pernambuco saíram os cabeças da revolução. Que homens haviam por então melhores que elles na provincia ? Não tinham todos intelligencia cultivada e valiosos talentos. Não havia entre elles nenhum genio. Eram raras as luzes por aquelle tempo entre nós, e os genios ainda são raros no Brazil, e fóra do Brazil. Nem foi por

falta de genios, mas por outras causas que opportunamente examinarei, que a revolução não sortiu effeito, porque sem genios muitas revoluções tem sido felizes.

O que mais se procurava então não eram as luzes, era o patriotismo — luz suprema e infusa que de um homem de meiã instrucção, Washington, fez com outros dotes naturaes um genio da humanidade. Os que formaram o governo provisorio estavam no primeiro plano da sociedade pernambucana. Nenhum delles era comparavel a Gladstone ou a Thiers, mas, excepto um ou outro, podiam os demais figurar sem desdouro nos modernos governos do Brazil, aos quaes não tem subido sómente os Paranás e os Olindas. José Luiz de Mendonça, encarregado dos negocios da justiça, «era um dos maiores litteratos daquella época, principalmente em objectos forenses» (*Mart. Pern.* pag. 281). Domingos José Martins, que tinha a seu cargo os negocios do commercio, e foi a alma da revolução (1), gastara grande parte da sua fortuna, que era avultada, em preparar a mesma revolução (*Mart. Pern.* pag. 257). Era instruido. Viajara pela Europa onde frequentara a bôa sociedade. Estivera a mór parte do tempo em Lisbôa e Londres, antes de se fixar em Pernambuco. Mostrou serenidade e energia

---

(1) O Sr. Conselheiro Pereira da Silva, seguindo Varnhagen, diz que Domingos José Martins era natural da Bahia. Não é esta a verdade. Era natural do Espirito Santo (*Marty. Pernamb.* pag. 257).

Quando comecei a escrever esta chronica, enderecei uma carta ao advogado e jornalista Dr. Pessanha Póvoas, residente na cidade da Victoria, capital da provincia do Espirito Santo (aquelle Dr. exerce agora o logar de Inspector Geral da Instrucção Publica da mesma provincia), pedindo-lhe quaesquer esclarecimentos sobre Domingos José Martins. Do referido collega e amigo recebi duas valiosas informações que do coração lhe agradeço. Uma, que lhe foi prestada por um amigo já velho, muito noticiosa e importante, não está assignada; a outra merece toda a fé; foi escripta e firmada pelo Rvm. Joaquim de Santa Magdalena Duarte, que tem sido naquella provincia vigario da Vara, arcipreste, e deputado provincial, e vem a ser ainda parente de Martins, segundo o proprio sacerdote declara, e em carta me diz o Dr. Pessanha Póvos.

Eis a importante informação:

« Illm. Amigo e Sr. Alferes Aguirra. — Pede-me V. S. noções sobre o nosso patricio Domingos Martins, que teve a desventura de morrer em Pernambuco na revolta em que se metteu em favor da li-

no momento em que, livre da prisão, chamou os seus compatriotas ás armas (Tollenare, *Not. Dominic.*) O padre João Ribeiro Pessôa, professor e bibliothecario, incumbido do ecclesiastico, era homem de muita litteratura e invejaveis dotes intellectuaes e moraes. Grande parte das suas luzes elle a devia ás relações com o Dr. Manoel de Arruda Camara, sabio naturalista e o bispo Azeredo Coutinho, luminar da igreja brazileira (*Mart. Pern.* pag. 314). Emfim, o coronel de milicias Manoel Correia de Araujo, governador da agricultura, era «da mais grada e opulenta nobreza; distinctissimo por suas virtudes, querido geralmente pela lealdade dos seus tratos, zelo, vigilancia e educação de sua familia, caridade e affabilidade com os pobres e com todos, cidadão perfeito, caro ao mesmo despotismo e seus mandatarios» (*Mart. Pern.* pag. 46). Referindo-se ao governo provisorio, escreve Muniz Tavares (*Hist. da Revol.* pa6. 53): «Por ventura aquella escolha, havendo recaído sobre pessôas de distincto merecimento, agradou em geral, e o humilde titulo de provisorio, que o governo adoptou indicando renovação formal em tempo opportuno, fez perdoar a sua origem.»

A revolução de 1817 «foi favoneada por homens eminentes da Côrte e da Bahia, mereceu a adhesão de Antonio Carlos,

---

berdade do nosso Brazil, querendo eleval-o a um novo Estado, independente de Portugal, a que como triste colonia estava sujeito. Era eu menino quando isto se deu, e por isso pouco, ou nada poderei saber. Dizia-me porém meu pae, o capitão José Duarte Carneiro, que o pae de Domingos Martins casou-se nesta cidade, então villa da Victoria, com uma prima sua, donde procederam o mesmo Martins, e mais duas meninas; que o pae de Domingos (que não sei o nome, porém que julgo chamar-se como o filho —Domingos Martins) retirou-se daqui, onde vivia de negocio, para a Bahia, onde, mettendo no convento das Freiras, chamado da Soledade, as duas meninas, deixou Domingos negociar. Neste emprego Domingos navegava, ou commerciava para Pernambuco, onde casou-se em uma casa rica, donde lhe proveio a infelicidade de perder a vida ainda bem moço. Tambem não sei a casa em que casou-se, nem o nome da moça com quem casou, e nem dos paes da moça (*). Penso porém que o pae de Domingos era portuguez.

(*) Domingos José Martins casou-se com uma filha do rico negociante portuguez Bento José da Costa, estabelecido no Recife (*Martyr. Pernamb.* pag. 51). Na relação dos réos de *culpa incompleta* está comprehendida « a mulher de Domingos José Martins » sem declaração do nome. (*Revist. do Instit. Hist.* de 1867, tomo 1° pag. 97).



Domingos José Martins

(Dum retrato a oleo existente na Galeria do Instituto Archeologico Pernambucano).

dos Cavalcantis e de outros cidadãos importantes de Pernambuco, teve raizes em Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará» (Conselheiro Pereira Pinto, Memoria sobre a *Confederação do Equador*, pag. 43). Quasi todo o clero destas provincias tomou parte nella, o que importa dizer que ella teve do seu lado a classe mais instruida e considerada. Onde, pois, os despreziveis, onde os loucos a que allude o Sr. Conselheiro Pereira da Silva?

Mas quando não lhe fosse difficil apontar estes, restaria perguntar-lhe que revoluções ainda se deram em que se encontrem todas as condições de pureza, grandeza e sabedoria que S. Exc. quizera talvez achar colligidas, segundo insinua, na de 1817 para que merecesse as honras da sua tolerancia? Que revoluções já se realizaram onde não se apontassem exaltados, ambiciosos, ignorantes e até traidores? Na gloriosa revolução das colonias americanas o mesmo Washington não esteve a um passo de ser entregue aos inglezes por homens da sua guarda? (Guizot, introducção á *Historia de Washington* por Cornelis de Witt, pag. 18).

Não tem mais razão o Sr. Pereira da Silva quando, seguindo Varnhagen, considera inopinado o movimento de 1817.

---

e era aqui conhecido pela alcunha —Bembem— que passou tambem ao filho. Consta ter uma figura bem feita, attrahidora e bonita. Domingos deixou aqui parentes que ainda existem, como eu, que conto 74 annos, e outros mais moços; na Bahia deve tambem ter parentes, pois que, além da sua familia, existiu alli um primo irmão meu, de nome Luiz Duarte Carneiro, que foi commandante de uma fortaleza, e deixou filhos, como me consta. Era filho legitimo de meu tio, o tenente coronel Francisco Luiz Duarte Carneiro, e morreu no posto de tenente coronel governador da dita fortaleza. E' o que lhe posso informar, ficando assim respondido o seu bilhete de 18 de corrente. Victoria, 20 de Fevereiro de 1879. — O Padre *Joaquim de S. Maria Magdalena Duarte.* »

A segunda informação diz assim:

« Victoria, 20 de Fevereiro de 1879. Referido por um amigo já velho, —*Bembem* nasceu na villa da Victoria, capitania do Espirito Santo (hoje cidade da Victoria, provincia do Espirito Santo). Foi porta-bandeira da companhia de linha da guarnição desta então capitania. Foi destacar na villa de Itapemirim (então chamava-se Cachanga) nas suas cabeceiras. Neste destacamento nasceu o Domingos

S. Exc. não teria caído neste descuido, si, antes de escrever a sua historia, houvesse versado os importantes manuscriptos relativos ao processo dos patriotas, e existentes no Archivo Publico, donde se extrairam as principaes peças que já se encontram publicadas na Revista do Instituto Historico. Mas o que admira é que sustentem o Sr. Pereira da Silva e Varnhagen tão falsa opinião, quando Armitage, que escreveu antes delles, encontra as raizes daquelle movimento em certa associação formada no Recife em 1814 (*Historia do Brazil*, pag. 12). E' porém de notar que a revolução vem de data muito mais anterior. Um acontecimento inopinado precipitou-a, antecipou o seu rompimento, mas não a gerou. Ella tivera uma longa e lenta gestação. O Grande Oriente do Rio de Janeiro, tomando a dianteira da revolução de 1822, e acclamando D. Pedro I *Defensor Perpetuo* e *Imperador*, e não *Rei* do Brazil, não fez sinão imitar as lojas maçonicas de Pernambuco, onde desde 1801 a maioria desses homens, para cuja memoria o Sr. Pereira da Silva tem sentenças tão acerbas, como si não bastassem as de morte que muitos delles padeceram, se reunia periodicamente, e, sem outra paixão que o amor da patria, tratava, com perigo de vida, dos meios de fundar e transmittir-nos o precioso

---

Martins, filho legitimo de Bembem e de uma moça da Bahia, sua mulher. Bembem deu baixa e residiu na dita villa da Victoria, e vivia de negocio que não lhe correu bem. Retirou-se daqui para a Bahia, levando comsigo seu filho Domingos Martins; este, depois que poz-se homem, viajou á Inglaterra. Casou em Pernambuco com uma senhora da familia dos Dourados, cujo casamento teve logar proximo á revolução (**), por elle e outros urdida, e que nella morreu baleado ou fuzilado. Não consta ter deixado filhos. O mais a respeito de Domingos Martins, que tambem lhe chamavam *Bembem*, como chamavam ao pae, existe provavelmente na historia de Pernambuco. »

(**) Realisou-se o casamento dias depois de declarada a revolução (*Martyr. Pernamb.* pag. 51 e 262).

Varnhagen, que soube tanto do que se passara no Recife por occasião da revolução quanto podia saber do que se passára na China, arrastado sempre pelo séstro de deturpar os actos mais innocentes e intimos dos patriotas, affirma que Domingos José Martins se valeu da sua posição para conseguir o alludido casamento. Grande crime, si isto se deu —valer-se da posição para conseguir um casamento vantajoso! Si isto é crime pratica-se delle todos os dias impunemente em nossa actual sociedade de genios e vestaes.

legado a que devemos a nossa emancipação politica. Nem o Sr. Pereira da Silva, nem Varnhagem dizem uma palavra sobre esses benemeritos ajuntamentos secretos, molas principaes do movimento donde saíu, não maduro, mas no todo concebido, o pensamento da separação. As sociedades secretas que prepararam a infeliz conspiração do purissimo Gomes Freire, e posteriormente a revolução de 1820 em Portugal, entraram nesse trabalho de 1812 em diante (Barros e Cunha, *Hist. da Liberd. em Portugal*, tomo 1° pag. 281). As que prepararam a revolução que prematuramente fez explosão em Pernambuco occupavam-se com este grave empenho desde os começos do seculo. Foi tão importante o seu papel na formação da nossa nacionalidade politica, tão relevantes os seus serviços, que não fazer menção delles fôra commetter injustiça.

Do padre Luiz Gonçalves dos Santos, autor portuguez, ao que parece, não fallemos. Difficilmente se acredita que em 1825 um homem de alguma cultura litteraria, no uso das suas faculdades, ainda escrevesse sobre a revolução de 1817 palavras que denunciam toda a estreiteza do antigo horizonte politico, como estas: «......Estes insensatos havendo forjado nas trevas esta fatal conspiração, cujo veneno beberam sem duvida nos pestiferos cathecismos da impiedade, e da anarchia (que infesizmente chamam livros de luzes), a fizeram arrebentar no dia 6 de Março com uma explosão tão violenta que assombrou todo o Brazil, e encheu de espanto a Europa inteira!» (*Memorias para servir á historia do Brazil*, tomo 2°, pag. 117).

Em presença destas e outras muitas injustiças aggravadas pelo desprezo, prevenção ou má vontade, e feitas por escriptores que, sendo brazileiros, deveram ter em outra conta movimento tão meritorio e tão nacional como foi o de 1817, assentei de estudar as causas, o andamento e o fim desta mesma revolução sem outro interesse sinão o de salvar de iniqua memoria nomes que o patriotismo elevou á altura da patria, e o mais feroz sacrificio consagrou no patibulo ou nas masmorras, como era de costume naquelles tempos quasi barbaros.

Os capitulos que escolhi para offerecer aos leitores da *Revista* occupam-se com a sessão do governo provisorio, celebrada em 8 de Março de 1817, dois dias depois do do rompimento. Na indicada sessão o membro do governo José Luiz de

Mendonça propoz que « muito convinha á segurança da causa arvorar de novo a bandeira real, e que, remettendo-se para o Rio de Janeiro o governador Caetano Pinto, se remettesse conjuntamente ao rei um submisso memorial expondo os justos motivos que haviam forçado os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia, e rogando-lhe o allivio de alguns dos duros impostos que affligiam a provincia, e melhores leis que reprimissem a arbitrariedade do poder dos capitães generaes » (Muniz Tavares, *Obr. cit.* pag. 59). Este facto, e o de ter o governo provisorio decretado a abolição das *excellencias*, *senhorias* e *mercês*, censurado pelo proprio Muniz Tavares, tem merecido a varios historiadores graves exprobações. Entretanto eu encontro natural justificação para um e outro. A mudança apparente de Mendonça tinha uma razão occulta. Elle promettera ao governador Montenegro que conseguiria o restabelecimento do antigo regimen. Tudo me leva a crer que, si não fôra esta promessa, aquelte governador não annuiria á capitulação, antes resistiria. Montenegro cuidava, ou fizeram-o suppor, que a revolução se tramara mais em odio á sua pessôa que á fôrma do governo ; e, pois era de espirito elevado, e de coração generoso, consentiu em sacrificar-se, comtanto que se não derramasse sangue, e não corressem risco, ou antes não ficassem perdidas, as instituições existentes. Além disso, Mendonça, posto que fervoroso amigo da liberdade, não julgava ainda chegada a occasião de estabelecel-a ; não confiava naquellas bases ; seu olhar extenso e agudo lobrigava, atravez dos mares cruzados da formação do novo regimen politico, todas as syrtes que o ameaçavam. Em certo dia, depois de conferenciar com varios capitães-móres do interior que se haviam iniciado na maçonaria, dissera elle : « Maldita liberdade, morra eu de repente, si em quarenta annos esta gente souber comprehender esta palavra. » (*Martyr. Pernamb.*, pag. 282). Propondo a volta ao antigo regimen, elle não julgava praticar com isso uma traição, mas prestar serviço á liberdade, que não tinha por segura. Aquella idéa que não encontro dilucidada em nenhum dos historiadores, esforcei-me para a deixar bem clara e explicita nos indicado capitulos.

Quanto á extincção das *excellencias* e *senhorias*, que muitos não pódem perdoar ao governo provisorio, parece-me tam-

bem deixar manifestos a todas as luzes os fundamentos e, até certo ponto, a razão que justificam o procedimento do governo em decretar aquella extincção.

Todas as minhas opiniões sujeito a melhor critica. O meu unico desejo, o meu unico fim, escrevendo esta chronica, é concorrer para a acquisição da verdade, e o imperio da justiça. Não voto odio a ninguem, ainda que, pela dureza da phraze, algumas vezes possa parecer que voto. Meu espirito é inaccessivel ao rancor, á inveja, ao despeito, ao pensamento de destruir o que deve subsistir, e a outras paixões ruins. Patriotismo, sim, tenho muito, e folgo de tel-o, o que não quer dizer que me deixo cegar por elle, ainda quando concorra, disputando-lhe a palma da victoria, a justiça que exerce em mim um poder irresistivel. Desculpem-me os leitores fazer aqui referencias a minha pessôa, quando devo tratar de assumpto mais alto.

Esta noção do justo, que até certo ponto é a noção do honesto, deve ter, e de feito tem a preeminencia sobre todos os dotes e interesses no animo do homem de bem.

UMA SESSÃO DO GOVERNO PROVISORIO

. . . .

. . . .

VI

Na effigie da liberdade que cada um dos patriotas tinha estampada em sua imaginação, viam elles uma sombra que se parecia com uma ameaça ou um perigo imminente — a estada do capitão general, posto que preso, e sem forças para commetter qualquer desforra. Os lances da fortuna, as contradicções dos dias trazem resultados repentinos que mudam a face dos mais risonhos castellos em cenho de lôbregas masmorras. Não eram as condições actuaes do proprio general exemplo vivo da instabilidade das cousas humanas? Aquelle brilhante painel podia de um momento para outro caír despedaçado por uma circumstancia imprevista; o prisioneiro, por occulta conspiração, ou inesperado favor do desconhecido, podia recobrar a perdida autoridade, tornar-se novamente senhor do espirito das

tropas, restaurar com o auxilio dellas o governo que os patriotas com o auxilio dellas tinham derruido. Estes sobresaltos da previsão acompanham de perto todas as conquistas da força.

O governo provisorio providenciou afim de que com a maior brevidade possivel se realizasse a partida do ex-governador para o Rio de Janeiro. No dia 8 de Março estava já apparelhada a embarcação que o devia levar a seu destino. Era uma sumaca pertencente a Joaquim Martins Ribeiro, que, sem temer o perigo a que se expunha, aceitara aquella grave incumbencia. Dois jovens patriotas, ainda menos incuidosos que elle do perigo, offereceram-se para acompanhar Montenegro como delegados do governo republicano. Sómente a audacia ou a inconsciencia da mocidade, junta ao enthusiasmo filho do sentimento democratico, e do triumpho que este alcançara em Pernambuco, correriam a um fim que a ninguem podia ser duvidoso. Nada porém entibiou o animo e temeridade dos jovens patriotas.

A partida era esperada por todos com mostras de impaciencia; pelos membros do governo provisorio, á excepção de José Luiz de Mendonça, era esperada com impaciencia dobrada. Este, á medida que corria o tempo, sentia augmentar-se a sua tristeza, sentia avultar cada vez mais a sombra que trazia no espirito desde o momento em que foram assignados os artigos da capitulação. Mendonça não era mau sujeito, antes era muito distincto por varias prendas e qualidades pessoaes. Mas, além de não considerar aquella occasião opportuna para estabelecer a republica em Pernambuco, fôra elle parte para que, por promessas que circumstancias posteriores frustaram inteiramente, não resistisse o ex-governador á insurreição. Indeciso, preoccupado, elle não tivera animo para declarar aos cabeças do movimento que conseguira a capitulação em troca da promessa de voltarem as cousas ao que era dantes. Aquelles cabeças attribuiam a facil victoria de Mendonça ás suas argucias de advogado, nas quaes era grande; não fôra porém sómente a sua rhetorica, muito subtil aliás, que entrara alli; entrara tambem um compromisso pessoal. A sua nomeação para membro do governo veiu em certo modo diminuir as difficuldades. O que mais o affligia era a idéa de faltar á palavra a Montenegro. A perfidia não estava em seu animo. Resolveu-se

a dar o arriscado passo. As reflexões que expendeu na sessão do dia 8 podem resumir-se nas seguintes :

« O governo republicano é o unico digno dos homens no estado social. Filho do direito que cada um tem de se dirigir por si mesmo, elle representa o direito, que tem a totalidade, ou ao menos, a maioria da nação, de governar a propria nação. Esta igualdade, que assenta no sentimento christão e na philosophia politica mais esclarecida, é tão accessivel á razão que, sómente podem oppor-se á republica os que, por má fé ou maldade, fingem desconhecer a sua primazia, dizendo ver perigos onde não ha sinão vantagens, ou os que não tem a menor noção do que seja a instituição a que se chama governo.

« Tendo por incontestaveis estas verdades, devo declarar comtudo que, em certas circumstancias a republica póde ser a morte da liberdade, não obstante a sua origem divina. Naquellas sociedades onde só ha uma raça de homens, e o grau de instrucção de uns regula pouco mais ou menos pelo dos outros, a republica deve ser preferida a qualquer fórma de governo.

« Fazendo applicação destes principios ao nosso Pernambuco, ou antes ao Brazil, eu tenho pezar de reconhecer que somos um povo a que faltam ainda as essenciaes condições para o estabelecimento do governo republicano : porquanto, além de termos em nosso seio de todas as raças, sem excluir a mais aviltada pela escravidão, o governo que até ante-hontem tivemos foi o absoluto.

« Tudo pois o que existe não só na ordem politica, mas na social, está claramente indicando que do estabelecimento da republica entre nós, sem fallarmos no modo violento por que substituimos o governo real, não podemos esperar bens, sinão males.

« Já tive occasião de revelar a minha verdadeira fé politica, quando se tratou das bases da capitulação. Quero a liberdade, quero a republica. Mas entendo que para termos aquella hoje, não é necessario que estabeleçamos esta. Antes de uma completa fusão das nossas raças, que faça desapparecer qualquer idéa ou preconceito de primazia ; antes do desapparecimento da escravidão ; antes do melhoramento das fortunas particulares, ainda tão desiguaes entre nós ; antes de estarem generalizadas a instrucção, as profissões e as industrias que são

as bases da independencia individual, não devemos pensar em fundar uma independencia social tão ampla como a que exige a fórma republicana.

« Entre a republica e o absolutismo, ha uma fórma de governo mais branda que o ultimo, e menos evigente que a primeira. Quero referir-me ao governo constitucional, na qual se fazem menção dos direitos do rei, e dos direitos do povo; onde os reis tem obrigações, e não sóm nte direitos; onde ha meios de refreiar as paixões e os caprichos reaes sem perturbações publicas, mas unicamente em nome da constituição; onde os povos podem ser felizes, porque os reis não podem ser oppressores.

« Tenho reflectido maduramente no grave ponto da nossa fórma politica. As minhas reflexõss, talvez por curteza da minha intelligencia, geraram-me no espirito esta convicção — que, para não ser de todo perd*i*da a nossa preciosa revolução, devemos seguir caminho algum tanto differente. Serei franco e leal na revelação dos meus sentimentos.

« Foi Caetano Pinto a causa do desgosto, cuja explosão inopinada deu em resultado a presente ordem de cousas. Foi elle que planejou levar as lagrimas e o luto ao seio das nossas familias; foi elle que, por suas ultimas maldades e violencias, nos forçou a pegar nas armas contra o governo de el-rei.

« Ora, porque o delegado, ou o representante de um governo converte em força compressora a força, que só lhe foi confiada para segurança do socego, da propriedade e da vida dos particulares, não se segue logicamente que, na reacção contra o que abusou dessa força, alcancem os que reagem aquelle que no abuso não teve a menor parte.

« Entendo por isso, e sujeito o meu parecer á deliberação do governo provisorio, que, remettendo esse governador para a côrte, devemos remetter a el-rei um submisso memorial em que:

« 1° Sejam expostos os motivos que compelliram os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia;

« 2° Se solicite a revogação dos impostos mais duros que estamos soffrendo;

« 3° Se peça uma constituição em que venha convenientemente regulado e limitado o poder dos capitães generaes, afim

de que não possam estes abusar, ou, no caso de abuso, encontrem nas leis a devida repressão. »

Por derradeiro disse Mendonça que lhe parecia em todo o caso conveniente protestar-se por emquanto fidelidade ao monarcha ; autorizando estas ultimas conclusões com a reflexão de não poder a republica, sem exercito e armamento, fazer-se respeitar, nem terem os que eram por ella meios de sustental-a contra os que eram contra ella.

VII

Este notavel discurso, sem deixar de ser o programma de uma politica habil, sensata, e liberal, não podia, comtudo, ser bem acceito por sua moderação, á maioria do governo, no qual predominava ainda a exaltação das paixões da rua não de todo assentadas. Além disso, essa maioria, menos por convicção, que por fé inabalavel, era republicana. Sua confiança na democracia não tinha solução de continuidade. O padre Ribeiro Pessôa, Domingos Theotonio, e Domingos José Martins, em relação á republica, não eram sómente partidarios, eram principalmente cultores fervorosos. Para elles a republica era uma religião, que merecia por altar a patria.

A prodigiosa fundação da republica nos Estados Unidos, elles a explicavam ligando ao principio um cunho de revelação, que achava fundamento no caracter sacerdotal do primeiro daquelles tres patriotas e no espirito pouco illustrado, mas crente dos ultimos. Ao parecer delles onde Mendonça via perigos, estava o maior seguro para a ordem e estabilidade da nação recente. Entendiam que quanto mais um povo odeia o despotismo mais deve estimar a liberdade. Tinham por erronea a opinião dos que entendem que o servilismo politico inhabilita o povo sobre quem se exercita, para o gozo immediato da liberdade. Acreditavam que, por profundo que seja o servilismo, nunca terá forças para obliterar de todo a consciencia da dignidade humana, e a noção da justa reacção para recobrar os perdidos fôros da especie racional e livre por essencia. Fundados nestas crenças, em que, a nosso parecer, ha profundas verdades politicas, achavam o povo pernambucano tanto mais proprio para o exercicio da democracia, quanto, segundo dizia

seu longo e glorioso passado, ainda nas épocas de maior absolutismo, elle déra manifestos testemunhos de ter sempre presente na consciencia o pensamento de romper as correntes que lhe haviam posto, e entrar na franca pratica dos seus direitos.

Passada a primeira impressão de pasmo, o padre Ribeiro, usando da palavra, disse em resposta a Mendonça:

Que os pernambucanos sempre haviam dado provas de ter, com o sentimento da liberdade, o maior discernimento na escolha dos meios de fazer a acquisição da mesma liberdade, a maior energia em defendel-a.

Que a continuada luta em que, desde os primeiros tempos, andaram os filhos de Pernambuco com seus tyrannos, para rehaver as parcellas desse bem que pelos mesmos tyrannos lhes eram tomadas, e defender o restante delle, quando novos assaltos os ameaçavam de perdel-o, os tinha feito de tal modo identificar-se com o sentimento da liberdade, e comprehendel-o tão perfeitamente, que contra a logica era temer que no exercicio della ultrapassassem os naturaes e legitimos limites.

Que a prova incontrastavel do bom senso pernambucano estava manifesta a todas as vistas naquelle momento. O despotismo fôra derribado sem commoção excessiva. Derramára-se o sangue, que as circumstancias exigiram como absolutamente necessario para preenchimento da condição essencial da fundação de todo governo revolucionario. Nenhum grande bem se estabelecia definitivamente entre os novos sem o sacrificio de algumas vidas. O christianismo, não obstante entrar nos altos e profundos planos de Deus, não se fundára sem sangue: o do martyr por excellencia, e o de innumeraveis martyres depois. O agente principal do despotismo portuguez alli se achava despojado do seu poder, e por isso sem meio de se fazer temer nem respeitar; entretanto ninguem lhe dirigia offensas, nem insultos, antes muitos commovidos faziam profundas reflexões sobre as vicissitudes da vida humana, e deduziam desse facto prolixas lições acerca dos governos, o que significava a capacidade moral e politica dos pernambucanos para co-existirem com o governo livre.

Que, quando todas as circumstancias, todos os successos ultimos só podiam dar os mais completos e gloriosos testemu-

nhos de que os pernambucanos, no momento em que se libertavam da tutela da tyrannia, mostravam que, de feito, já não eram pupillos, mas pessôas moraes, perfeitamente idoneas para dirigir suas acções, era singular e sorprendente que um membro do governo fosse o primeiro que propuzesse a volta a essa tutela aviltante e inutil.

Que impunemente se não jogava com os graves e serios interesses de um povo adulto, perfeitamente senhor de sua razão, e liberdade, conscio dos seus destinos, e deliberado a preenchel-os conforme os factos estavam indicando.

Emfim, que perigo, perigo imminente havia, não em firmar-se a republica entre patriotas para quem a fórma logica da democracia não podia deixar de ser a suprema aspiração na sociedade, mas em ousar propor, depois de satisfeita brilhantemente essa aspiração, segundo era patente, a substituição della por outra fórma em que a liberdade publica e as liberdades privadas appareciam revestidas de um véu de fallaz e illusorio equilibrio, atravez do qual se deixava ver como força unica, absorvente de todas as outras, a velha realeza, já condemnada pelos povos civilizados, e pelos proprios pernambucanos.

Como si ao éco destas palavras, para que tivessem mais força e autoridade, se devesse ajuntar o exemplo visivel do quanto ellas eram judiciosas, e traduziam a verdade, fez-se ouvir na sala, onde o governo celebrava esta tempestuosa sessão, o ruido de passos precipitados.

Servia de casa do governo a parte do antigo collegio dos padres da Companhia, actualmente occupada pela thezouraria provincial, e directoria geral da instrucção publica.

Sendo secretas as sessões do conselho, só alli se achavam os cinco patriotas, que compunham o provisorio. Mas nas salas contiguas muitos cidadãos distinctos e immensidade de povo, uns levados da natural curiosidade que offerecia aquelle ajuntamento da liberdade, depositario da confiança publica, ao qual se sentiam presos por natural e irresistivel sympathia, outros attraídos pela curiosidade de saberem as resoluções, que tomasse, as quaes, por secretas que fossem, sempre transmittiam ao seio da patria uma voz, um éco, occupavam as proximidades durante os trabalhos do governo. O que então se dava não cessou nunca. O povo tem a paixão das crises.

Quanto mais arriscado e grave é o momento, mas elle se aproxima do ponto ameaçado, mais affronta a dureza, ou a audacia do perigo.

Naquelle momento, assim pelas ruas proximas á casa do governo, como pelos corredores e salas do edificio os visitantes mostravam-se em maior numero que nos outros dias, o que tinha natural explicação. Acabava de ser celebrado na matriz de Santo Antonio um pomposo *Te-Deum* em acção de graças pela regeneração da patria. A essa festa solemne tinha comparecido a fina flôr dos habitantes do Recife, Olinda e arrabaldes. O acto religioso correspondera ao prazer, que transluzia no semblante de todos, até dos proprios portuguezes, a quem a primeira proclamação do provisorio restituira a tranquillidade, e que já não tinham para este governo, que tão altamente proclamara a mais cordial fraternidade, sinão gratidão.

O vigario da freguezia de Santo Antonio, padre Luiz José de Albuquerque Lins, pernambucano de exaltado liberalismo, fôra o autor desta festa, a qual não tivera que invejar em apparato, riqueza e concurrencia ás mais pomposas da cathedral. Para mais contribuir para seu lustre fôra incumbido do panegyrico o padre Miguelinho. Sua eloquencia branda e cheia de sentimentalidade arrancara lagrimas a todos os ouvintes, sem exclusão dos membros do governo, que se achavam todos presentes. Foi por essa occasião que o padre Ribeiro Pessôa recusou entrar na igreja debaixo do pallio, declarando que só ao Deus sacramentado eram devidas taes honras, procedimento que teve a mais franca adhesão e imitação dos outros membros do governo, e que tão agradavel impressão produzio em toda a população alli reunida. Iguaes festividades se realizaram nas demais parochias da capital.

Voltemos á sala do conselho.

VIII

Os passos, cujo rumor se fizera ouvir, eram do coronel Pedroso, que penetrara naquella logar, reservado ao governo, com o proposito de castigar Mendonça pelas palavras que momentos antes proferira.

Dentre todos os patriotas que occuparam o primeiro plano

na revolução de 1817, foi Pedroso o de temperamento mais irritavel, o de animo mais resoluto. Intrepido por extremo, era demasiado pobre desse espirito de prudencia, que é o como freio das paixões, e constitue uma grande prenda, sinão parte da essencia racional que caracterisa o homem.

O genio pernambucano sempre se revelou impetuoso; e ainda hoje, sem embargo das continuadas provações, por que o tem feito passar uma politica que parece ter por empenho particular quebrar a digna altivez desse genio, uma vez por outra se mostra na altura das suas illustres tradições.

Em 1817 elle estava dignamente representado em Domingos Thootonio, Miguelinho, Pessôa, e tantos outros que arrostaram com o despotismo. Em Pedroso, que aliás tantos e tão relevantes serviços prestou á liberdade em geral, e á republica em particular, o astro pernambucano apresentava, por entre inescurecivel brilho, algumas manchas.

Apenas Mendonça finalizou seu discurso, Domingos José Martins, a quem faltavam armas espirituaes para rebater o collega, e que com profundo assombro e magua o ouvira, encaminha-se a uma das salas contiguas, onde costumava estar Pedroso. Encontrando-o ahi, pinta com as mais tristes cores o que na sessão secreta acabava de passar-se.

Martins não tivera tempo de reflectir. A commoção impellira-o para fóra da sala do conselho, como si nesta já não existisse mais que a sepultura da republica. A grande popularidade, que cercava Mendonça, advogado dos pobres, de todos querido e acatado; o prestigio que naquelles ultimos dias ganhára no espirito dos republicanos, pelo relevantissimo serviço que prestára ao nascente governo, conseguindo por meio de suas arguciase altos recursos a capitulação, que puzera termo á revolução do modo mais conveniente e honroso para ella, prestigio que o elevara á altura de um como oraculo da nova sociedade politica em formação, armara-o com força respeitavel para fazer com que fossem aceitas suas idéas, e fizera Martins receiar que a republica se achava ameaçada de golpe mortal, ouvindo as considerações daquelle membro do governo.

Pedroso, que via na republica sua filha querida, sem mais demora corre á sala do governo, e, ahi penetrando arrebatadamente, atira-se sobre Mendonça com a espada apunhada para

atravessal-o. A' palavra —traidor!— que proferiu como sentença de morte contra Mendonça, os outros membros do governo levantam-se, interpõem-se entre o aggressor e o aggredido, e conseguem que a aggressão não tenha resultado. Mas a consternação invadiu o espirito dos patriotas sinceros, a quem chegou a noticia deste triste acontecimento. Julgando todos que era digno de censura o procedimento de Pedroso, não podiam escusar de censura o de Mendonça, no qual alguns mais suspeitosos já queriam descobrir o executor de uma machinação contra a liberdade. Nos momentos, como aquelle, em que os governos, ainda não de todo fundados, podem ser destruidos facilmente, é mais arriscado incorrer em suspeita do que declarar-se em aberta hostilidade. Só as instituições que tem profundas raizes nos espiritos podem esperar pelos conselhos da prudencia, e confiar-se do exame miudo e paciente, antes de tomar directa e formal defeza.

O receio dos que julgavam possivel qualquer plano de restauração do antigo regimen tinha o seu particular fundamento na circumstancia de estar ainda no Recife o capitão general Caetano Pinto. No espirito desses Mendonça começou a descer da altura a que subira pelos anteriores serviços. Era ainda bem fresca na memoria a proposta que elle fizera na casa do erario, na noite do dia 6, propósta que, si não era a mesma que fez depois, em tudo lhe era identica. O respeito á velha realeza achava-se em ambas; e por mais que alguns se esforçassem por fazer crer —e deste numero era o proprio Mendonça— que os odios pernambucanos tinham por principal objecto o ex-governador, a verdade não era outra sinão que para a realeza, e só para a realeza, convergiam esses odios.

Em vão Mendonça desdiz-se, em vão desenvolve todos os fundamentos que tinha para pensar que era summamente arriscado separar-se Pernambuco tão violentamente da côrte do Rio de Janeiro; em vão protesta a mais sincera lealdade e dedicação ao governo de que fazia parte, e á causa da democracia para a qual tivera sempre as suas mais caras affeições. Do espirito de um a suspeita passou ao de todos os membros do governo. Nenhum delles revelava os seus receios, mas todos se entreolhavam inquietos e temerosos.

Martins, de todos os que se achavam presentes o mais au-

daz em lembrar providencias heroicas, indicou então varias idéas que naquella mesma sessão se converteram em decretos. A reacção pela moderação, trouxe a reacção pelos meios extremos. Si não fôra o discurso de Mendonça, o governo provisorio não teria talvez tomado resoluções que, sem destoarem da verdadeira democracia, trouxeram por então descontentamento a alguns republicanos importantes; e de outros mereceram decidida reprovação.

« Amigos —disse Martins— logo que a ordem se restabeleceu e aos espiritos já algum tanto serenados voltou a capacidade para deliberar —depois do que acaba de passar-se nesta sala, e que a esta hora já está correndo de boca em boca pelas ruas da villa— julgo de grande necessidade que o governo decrete medidas que, por sua largueza, sirvam para restabelecer a confiança publica, ora abalada. E' muito grave a nossa posição, e ella exige que não procedamos de outro modo. Lá fóra todos tem os olhos em nós. Mal estaremos, mal estará a causa da patria, si aquella confiança nos faltar, e si as vistas do publico, em vez de nos abençoarem, despedirem contra as nossas cabeças os raios da sua maldição e da sua vingança.

« Proponho que de hoje até amanhã, o ex-governador Montenegro sáia pela barra fóra. Assim que o vir sair, o povo ficará tranquillo, e não mais duvidará da nossa sinceridade.

« Proponho que sejam proscriptas as ordens militares. Mercês da realeza, que acabamos de abater, essas distincções não devem mais apparecer no peito dos esforçados membros do exercito pernambucano, que tão galhardamente foram os primeiros que derribaram essa arvore carcomida e pôdre. Opportunamente o governo tratará de regular as distincções civís Fique porém desde já estatuido que só os talentos e as virtudes civicas constituem na sociedade o verdadeiro merecimento, e habilitam para os mais altos postos da republica.

« Proponho que, concurrentemente, sejam abolidas as insignias reaes. Seria de feito digno de estranhar-se que, depois de estabelecida a forma democratica para o governo da nação, não fossem substituidas logo essas insignias, restos do absolutismo banido dentre nós, por outras que caracterizassem as nossas tropas. Como porém ainda não se resolveu, nem se po-

derá resolver tão depressa, quanto fôra conveniente sobre o uniforme e insignias do exercito republicano, sejam as da realeza desde já abolidas, em satisfação á justa espectativa publica.

« Proponho que sejam reguladas as civilidades pessoaes, tendo-se por base a substituição do tratamento de *mercê* e *senhoria* pelo de *vós*, ainda nos papeis publicos que os cidadãos, ou as autoridades subalternas hajam de dirigir aos mais altos magistrados da republica. Todos os homens sendo iguaes perante a natureza, não ha razão para que o não sejam perante a sociedade. O povo morre pela igualdade, senhores; estabeleçamos pois a igualdade de modo explicito e amplo. Dahi só nos podem provir vantagens, e não males. Da igualdade não se gera a anarchia, do despotismo, do privilegio, da desigualdade social é que nasce esta terrivel calamidade.

« Proponho que sejam abolidos os impostos creados pelo alvará de 20 de Outubro de 1812 sobre lojas, boticas e canôas, bem como o subsidio militar de 160 réis em arroba de carne verde. Todos nós sabemos quanto estes impostos são antipathicos ao povo. Esta circumstancia é mais que bastante para que façamos sem demora, afim de que figure entre as primeiras leis que devem constituir o nosso codigo republicano, uma que extinga estes dous inimigos da riqueza particular, sem a qual não ha riqueza publica. »

A reacção em favor da monarchia não podia ter mais positiva e larga resposta do que estas providencias. Não é outro o resultado das reacções. Naquelle dia foi Montenegro intimado para embarcar na manhã seguinte.

Mendonça, portanto, pretendendo moderar a carreira em que a revolução entrara desde as suas primeiras victorias, não fez mais que imprimir-lhe novo impulso, e accelerar a sua marcha.

Algumas destas propostas foram nessa mesma sessão convertidas em actos do governo. O restante ficou espaçado para o dia seguinte, em que o governo devia ficar em sessão permanente.

Martins saíu da sala coberto de gloria.

Mendonça saíu cabisbaixo e temeroso, levando a tristeza e o desalento na alma.



José Luiz de Mendonça

(Dum retrato a oleo existente na Galeria do Instituto Archeologico Pernambucano).

IX

Estudemos por alto alguns destes actos, e seja o primeiro o que regulou as civilidades pessoaes, visto que de todos o do governo provisorio é porventura o que tem merecido aos escriptores infensos aos patriotas as mais rudes exprobações. (1)

Este decreto era dobradamente politico, 1°, porque abatia o orgulho portuguez, herança da metropole, o qual na colonia se desenvolvera e filhara raizes sem conta como as plantas damninhas, e ao mesmo tempo nivelava os fidalgos pernambucanos aos que não se tinham dado ao trabalho de cuidar de titulos nobiliarchicos, e por isso passavam por plebeus; 2°, porque lisonjeava o povo, que a republica, por bem de sua consolidação e conservação, devia ter de seu lado, e sem o qual estes dois fins não seriam conseguidos.

Tratando deste ponto, Muniz Tavares (*Historia da Revol.* pag. 67) escreve:

« O tratamento de *vós* não foi a lembrança mais feliz do novo governo: a igualdade em presença da lei é a base da prosperidade de um estado; em presença das pessoas é o germen da anarchia, e dissolução social. O povo fixa nas exterioridades particular attenção: os francezes, na effervecencia da sua re-

---

(1) De uma carta escripta a certo sujeito desta côrte, em 15 de Junho de 1817 por João Lopes Cardoso Machado, e impressa na importante obra do Sr. Dr. Mello Moraes, intitulada o *Brazil-Reino* e o *Brazil-Imperio*, pag. 174, traslado a parte seguinte, que pinta ao vivo o espirito portuguez naquelles tempos:

« Os cabras, mulatos e creoulos andavam tão atrevidos que diziam eramos todos iguaes, e não haviam de casar senão com brancas das melhores. Domingos José Martins andava de braço dado com elles, armados de bacamartes, pistolas e espada núa. Tem-me porém regalado o chefe do bloqueio Rodrigo José, porque tem levado na grade da cadêia 300, 400, 500 açoites mulatos forros e crioulos, até aquelles a quem o provisorio fez officiaes. Andam muito murchos agora; já tiram o chapéo aos brancos; e nas ruas apertadas passam para o meio para deixar passar os brancos. Já não se persuadem que hão de casar com senhoras brancas.

« Meu compadre, si Vm. cá estivesse, era maltratado e preso. Vm. não os supportava. Si chegasse a Vm. um cabra, com o chapéo na cabeça, a bater-lhe no hombro, e dizer-lhe: — Adeus, patriota: como estaes? dae cá tabaco; ora tomae do meu — como fez um captivo do



volução ainda mal avaliadores dos prejuizos humanos, adoptaram o tratamento de *tú;* não tardaram porém a suprimil-o, sem deixarem de ser livres. Os governantes de Pernambuco, qualquer que fosse o seu patriotismo, não superariam o do immortal Washington; e entretanto a historia nos certifica que elle não quiz abrir uma carta, que lhe dirigiram, por não conter na subscripta o titulo de *Excellencia* que lhe competia. »

Não me parece logico o illustre escriptor neste, como em varios outros pontos, em que nem sempre se mostra do lado da doutrina liberal mais geralmente seguida.

O que o governo patriota decretou não foi sinão a igualdade perante a lei, sendo certo que não é o tratamento o que indica, em realidade, mais ou menos direito ou consideração pessoal. Nem os *tratamentos* são preceitos de moral universal que viessem do berço com o primeiro homem, nem era a primeira vez, ainda pondo de parte o facto apontado em relação á França, que por um decreto se alterava uma fórma social.

Demais, a igualdade das pessôas afigura-se-me mais natural que a igualdade perante a lei. Os homens são iguaes, não porque a lei o determina, mas porque a natureza humana não soffre os privilegios e as desigualdades, que, segundo o testifica a historia social e juridica, são mais consagrações de leis, —

Bradarodes ao ouvidor Affonso; porém já se regalou com 500 açoites na cadêia. »

Esta carta está eivada de espirito de parcialidade, e é tanto mais injusto o seu autor quanto depois de estabelecido o governo provisorio foi constante empenho deste acabar com as prevenções e os odios entre brasileiros e portuguezes. Na proclamação que dirigiu aos habitantes de Pernambuco, dizia o governo: «...... Já não ha distincção entre brazileiros e europeus, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo paiz ..... A patria é nossa mãe commum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valorosos lusos, sois portuguezes, sois americanos, sois brasileiros, sois pernambucanos. » No *Preciso* pozeram-se estas palavras: «..... proclamando, emfim, por um bando os sentimentos do governo e do povo, e não haver mais daqui por diante differença entre nós de brasileiros a europeus. » No panegyrico pronunciado por Miguelinho na matriz de Santo Antonio, andou tão eloquentemente tratado o sentimento da fraternidade que « o auditorio —escreve Muniz Tavares— ficou penetrado da uncção evangelica com que aquelle sabio ecclesiastico orou; brasileiros e portuguezes não podiam conter as lagrimmas, juraram todos mutua concordia. »

odiosas e immoraes, é certo, mas nem por isso menos obrigatorias— do que da propria natureza.

Si o povo fixa nas exterioridades particular attenção, a razão deste erro é porque a impostura, o embuste, a hypocrisia, o interesse inconfessavel, apadrinhados pela lei, tem mudado esta mentira em verdade social, fazendo crer que sem taes distincções, que em nada alteram a substancia do direito, da autoridade e da ordem bem entendida, estes grandes baluartes da estabilidade dos estados, e da felicidad dos povos são insustentaveis. Contra esta mentira reagiu o governo provisorio, o qual deveu a sua quéda, não á anarchia daquelles que no tratamento havia nivelado, mas ao despotismo dos que para qualquer ordem de autoridade tinha uma distincção odiosa, e em cada condição social assentavam um titulo de benemerencia, ou uma marca de aviltamento.

O exemplo de Washington não póde dar a menor autoridade ao illustre escriptor. Não ha paridade entre as condições em que estava este eximio cidadão americano e as do governo provisorio quando decretou a abolição das *senhorias* e *mercês;* mas no caso de se querer achar ahi paridade, as palavras de Washington, longe de autorizarem o principio que o escriptor pernambucano sustenta, francamente o reprovam. Seja o leitor o juiz.

Depois de declarada pelas colonias americanas a sua independencia, chegára a Sandy-Hook o almirante inglez lord Howe, portador de instrucções pacificas. Declarou, por uma proclamação ao povo americano, que não vinha á America como destruidor, mas como mediador; e para ajuntar o facto ás palavras, mandou a Washington, general dos exercitos americanos, nomeado pelo congresso revolucionario, um parlamentario com uma carta, cujo subscripto era assim concebido: « Ao Sr. Jorge Washington, cavalheiro. » Vendo a carta o coronel Reed, responde que com semelhante nome não se conhecia ninguem no exercito. A intenção de lord Howe era manifesta. Enviado a uma colonia da Inglaterra, que se achava em guerra, não quiz, sendo, como era, general da metropole, dar a Washington um titulo que este devia á insurreição. Tambem Washington, que considerava, não sem razão, tão legal o seu titulo, como poderia ser o de lord Howe, recusou a carta, que era di-

rigida a um simples particular. Dando conta desta occurrencia ao congresso, escreveu Washington estas palavras: « Nunca sacrificarei a uma *vã etiqueta* o que fôr essencial; mas, por meu paiz, e pela minha posição, julguei dever dar valor a uma prova de consideração que *me seria indifferente*, si a honra da patria não se achasse empenhada nisso. » (John Frederick Schrœder, *Life and Times of Washington*, tomo 1°, pag. 447; Laboulaye, *Hist. des Etats Unis*, tomo 2°, pag. 333).

Quanto á proscripção das distincções honorificas, o governo provisorio não fez sinão o que delle se devia esperar a semelhante respeito. Estas distincções, que todos nós sabemos hoje quanto valem, em uma monarchia são indispensaveis, mas em uma republica, em que sómente os verdadeiros principios — aquelles que derivam do respeito, da dignidade e da igualdade humana— são chamados a servir de fundamento ao governo, deviam desapparecer.

A proscripção das insignias não foi sinão a legitimação de um facto, que se passára dois dias antes por occasião de voltarem ao campo do erario as tropas depois da capitulação de Montenegro. Foram os officiaes que deram o exemplo, tanto que se publicou junto da igreja do Pilar, onde se achavam paradas, a dita capitulação. Das barretinas arrancaram as armas reaes, e as arrojaram ao chão com desprezo. Não houve para isso combinação, mas pura espontaneidade. Com as distincções honorificas procederam do mesmo modo. E este exemplo foi, sem discrepancia, seguido pelo exercito, que, assim praticando, queria testemunhar que estava de harmonia com os chefes, bem assim que, antes de qualquer decreto ou acto official, já de suas consciencias e de seus corações era banida a idéa do despotismo.

Estes actos, que tambem mereceram censura do historiador pernambucano (pag. 49), afigura-se-me tão naturaes de um povo que pela primeira vez se desprendia de um regimen de compressão e violencia, que, longe de os estranhar, descubro a sua justificação em mais de um sentimento pernambucano, em mais de um principio commum a todo povo. Demais, era coisa sabida que taes distincções e insignias haviam de ser de força abolidas pelo novo governo, visto que se não compadeciam com a republica. Não houve, pois, da parte da tropa sinão

a antecipação de uma resolução que o governo agora confirmava por decreto.

Mais exaltado fôra em seus desabafos e vinganças o povo de Nova-York, por occasião de ter conhecimento da declaração da independencia americana, que Washington mandara publicar em ordem do dia. Derribaram uma estatua do rei Jorge, que existia em Broadway, cortaram-lhe a cabeça, e como era de chumbo, converteram-a em balas para sustentar na guerra a independencia (Laboulaye, *Obr.* e *tom. cit.*, pag. 331).

Pois bem: a capitulação de Montenegro equivalia á declaração da independencia pernambucana. Portanto não houve no sobredito procedimento das tropas censuravel vandalismo, sinão a demonstração de regozijo pela acquisição da liberdade de ha muito desejada, e da adhesão á fórma de governo que todos esperavam assegurasse os direitos do povo.

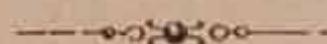
FRANKLIN TAVORA.



As Etymologias Indigenas

DE

Elias Herckman



No substancioso prefacio da sua inestimavel memoria — *O Tupi na Geographia Nacional* — escreveu o illustrado e prestimoso Sr. Dr. Theodoro Sampaio: « Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outr'ora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

« Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifraveis.

« Portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado atra-

véz do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

« Sim, porque se a geographia póde passar intangivel por um nome fossilisado ou cruelmente adulterado pelo correr dos annos, com a Historia já não succederá o mesmo sem damno sensivel para a perfeita comprehensão dos successos com que ella evoca as eras passadas. »

Meditanto nestas judiciosas considerações, deliberamos enviar ao sabio investigador o n. 31 desta *Revista*, em que se contem a curiosa *Descripção Geral da Capitania da Parahyba* feita, em 1639, pelo hollandez Elias Herckman.

E em bôa hora o fizemos, conforme demonstra a seguinte carta que o benemerito scientista e elegante escriptor teve a nimia gentileza de nos endereçar :

S. Paulo, 1 de Março de 1904.

Amº. e collega Dr. Alfredo de Carvalho.

Saudações cordiaes. Depois da minha carta, accusando o recebimento do volume da *Revista* que o amigo me remetteu, recebi com demora de poucos dias a sua carta de 22 de Janeiro explicando-me o motivo da remessa.

Li a *Descripção Geral da Capitania da Parahyba*, de Elias Herckman, de 1639, e, como a desconhecia, despertou-me vivo interesse já pelas noticias geographicas copiosas que encerra, já pelas interpretações de nomes tupis, em tão bom numero, que se póde considerar o escriptor hollandez como um dos precursores nos estudos deste genero.

Certo, muitas das suas interpretações são erroneas, muitos nomes indigenas estão mal graphados, mas ainda assim o subsidio que o autor da *Descripção Geral* nos traz não é pequeno nem destituido de valor.

E' muito para notar, como algures já o escrevi, a alteração tão rapida das denominações tupis numa epoca em que a lingua dos aborigenes ainda era tão commum e geralmente fallada no paiz. Essa alteração não se deve levar á conta do coefficente pessoal do autor, não; é um phenomeno glottologico manifesto, fazendo-se sentir onde quer que o europeu, portuguez

ou hollandez, predominou. E' facto que se verifica nos livros e publicações daquelles tempos.

Mas, achei tão interessante o trabalho de Elias Herckman que resolvi annotal-o, corrigindo algumas interpretações erroneas, como passo a fazer:

PITIGUARES. — Aqui a graphia de Herckman é como a de Gabriel Soares no *Roteiro do Brasil* de 1587 e como a de Frei Raphael de Jesus no *Castrioto Lusitano*. Assim sendo, *Pitiguares* ou *Petiguare* deriva-se de *Peti-guara* que quer dizer o *fumador*, ou o *pitador*. Neste caso, os indios da Parahyba, assim denominados, seriam muito amigos do fumo ou tabaco, e por isso ficaram appellidados os *fumadores*. Mas, Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil*, escreveu Potyguares, em 1626, como muitos outros depois o fizeram, e assim o vocabulo tem outra origem: *Poti-guara* que significa: comedor de camarão ou papa-camarão. Occorre observar que o chefe mais proeminente dessa tribu, se chamava *Poty* que se traduziu por *camarão*.

PARAHYBA. — A interpretação de Herckman, traduzindo esse nome por *mar-corrompido* ou *agua má*, é erronea. Neste caso, o indio diria *Pará-nema* ou *Ypanema*. Parahyba é o mesmo que *Para-ahyba* e se traduz: *rio ruim* ou *impraticavel* por motivo de difficuldades oriundas do proprio leito. Costumavam os selvagens denominar *parahyba* ou *paranahyba* os trechos do rio encachoeirados, inaccessiveis á navegação. O *Tietê*, em S. Paulo, tambem conhecido por *Anhemby*, tem um trecho encachoeirado que os indios chamaram *Paranahyba*.

GARGAU'. — A traducção de Herckman, como *rio do peixe boi*, é verdadeira, não assim a procedencia; pois que peixe-boi não se diz em tupi — *garga*, mas *guaraguá*. O nome teria sido primitivamente *guaraguá-á* que por corrupção se fez *gargaú*. Mas, assim sendo, admitte mais de uma traducção, porque *guaraguá-ú* tanto póde ser: *o peixe boi come*, como póde ser: *rio do peixe boi*, visto que o som final *ú* póde ser o verbo *comer*, como póde ser corrupção de *y*, que significa *rio*, *agua*.

INOBI. — O autor da *Descripção* traduziu este nome como *cousa pontuda* ou *cortante*, sem dar a razão disto. Mas, em verdade se engana, porque *Inobi* é o mesmo que *y-n-obi* que se traduz: *rio verde* ou *rio azul*, o mesmo que *Itoby*—*y-t-obi*,

onde a lettra *t* é um simples signal euphonico como o *n* de *Inobi*.

TIBERY. — Herckman traduziu mal, dizendo que significa —*rio do peccado sodomitico*, como se o nome tupi derivasse de *Tebirô-y*, porque de facto *Tebirô* se traduz — o que tem o trazeiro roto, o individuo infame que se presta a servir de mulher. Na verdade, porém, *Tibery* ou *Tibiry*, como o escreveu Frei Vicente do Salvador na sua *Historia do Brazil* (1626), procede de *Tibî-r-y* que significa: *o rio da sepultura*, ou então de *Tibir-y* que se traduz: *rio do sepultado*, *rio do enterrado* ou *do finado*.

ITAPOA aliás *Itapoã* que procede de *Itá-poã* significando, na verdade, *pedra levantada* ou *erguida* e só, por figura, *pedra pontuda* como o traduziu Herckman, a pag. 256.

MOMBAB ou *Mombaba* não quer dizer: *logar onde a guerra cessou* como o explica Herckman, á pag. 257 da *Descripção*, mas simplesmente: *conclusão*, *fim*. A verdade é, porém, que o nome está mal escripto. Deve ser, provavelmente, *Mumbaba*, derivado do tupi *Mîmbaba* ou *Mymbaba* que quer dizer *criação*, *cria*, applicado ao animal domestico, ao gado, o que é bem de ver, pois se applicava o nome referido a um rio em que existiam varzeas com muitos curraes ou fazendas de criar (pag. 257).

GRAMAMA e tambem *Garamama* á pag. 258 é derivado de *guára-mãmo* que significa: *cerca*, *curral*, *rodeio*, *manga*.

SUASUPPE aliás *Suassupe* não significa —*pé de porco* como diz Herckman á pag. 257, *nos veados*, pois que se deriva de *suassu-pe* ou melhor, de *çoó-assú-pe*, que isso significa.

SUASUGAIA aliás *Suassúgaia* não significa *rabo de porco*, como diz Herckman á pag. 257, mas *rabo de veado*, pois que *Suassúgaia* bem parece derivar-se de *çoó-assú-huguai* que isso significa. No tupi se diria *rabo de porco*-*Tayassú-huguai*.

NUASSUREE é corrupção de *Nhũ-assú-rehê* que se traduz —*pelo campo grande* (pag. 257).

JOAKAKA tambem escripto por Herckman *Joakoka* á pag. 259, é derivado de *juá-coga* que significa *roça de juá* ou *onde se faz colheita de juá*. A explicação do autor hollandez é inadmissivel.

PINDAUNA é o mesmo *Pindá una*, anzol preto, como bem o traduziu Herckman, á pag. 259.

TAPEROBU' é corrupção de *Tapera-yby*, alterado pela má pronuncia do *y* grego em *Taper-ubú* e significa a *terra das ruinas*, ou a *terra da tapera*. Não é acceitavel a interpretação de Herckman á pag. 260.

POPOKA quer dizer *arrebentação* ou o estrondo que faz a agua arremettendo.

MIRERY admitte duas interpretações: ou é corrupção de *mbirer-y* que quer dizer — *rio dos couros*, ou é alteração de *miri-r-y* que significa —*rio dos piris* ou *miris* ou *do junco.*

JACUIPE é alteração de *Jacu-y-pe* que se traduz: *no rio do jacú.*

TAPABARA póde ser corrupção de *Tapê-apara* que significa — *caminho torto.*

MONGOAGOAPE deriva-se de *mõ-guáguá-pe* que se traduz — *onde se faz beber*, no *bebedouro*. *Mõ* quer dizer *fazer*. *Guaguá* é a agglutinação da palavra *guaba* contracta, e significa assim: *bebida-bebida* ou *bedida* em continuado, em frequencia. Litteralmente quer dizer: *onde se foz bebida em continuado*, o *bebedouro frequente.*

PIABAY é o mesmo que *Piaba-y*, rio ou agua das piabas.

COROA POCEMA?

PERIGISSE parece graphia errada de *Preguiça.*

IKOLEE provavelmente corrupção de *Icórehê* ou *y-córehe* agua que já houve, agua extincta, rio secco.

PIRIPIRITUBA corrupção de *Piri-piri-tyba*, juncal, junco abundante.

ANNINGA. — Parece voz africana, pois que, segundo von Martius, se encontra em Sofala o nome *Inninga* para uma planta do genero *Musa.*

JACAREMIRI. — Corrupção de *jacaré-mirim*, jacarésinho.

POTITUBA. — Se se compõe de *Potí-tyba* ou *Potindyba* quer dizer: *camarão abundante.* Se, porém, se compõe de *Potityba* quer dizer: *excremento abundante*, a *esterqueira*. Esta ultima interpretação é a mais provavel, porque o *i* de *Potituba* não é nazal.

TAMOATUMIRI deve ser *Tamoatá-mirim*, o tamoatá pequeno ou o camboatasinho.

ITAPOROROCA. — Corrupção de *Itá-pororoca*, pedra estrondante, ou o estrondo da pedra. Confunde-se com *Caápororoca* que se traduz: *pau que estala.*

POPIRI é corrupção de *Popir-y* que significa *agua da margem* ou lagôa chegada á costa.

NANAU' se é composto de *Nanã-u* se traduz: *onde se come ananaz.* Se, porém, é corrupção de *Nanã-y*, se traduz: *rio dos ananazes.*

MANAU'. — Corrupção de *Mana-y*, rio dos feixes ou molhos.

CUPAOBA. — Corrupção de *Cuba-ob* que quer dizer *o que ao longe se estende, o que distante se dilata.* E' o nome applicado a uma serrania que se vê ao longe. Pela descripção de Herckman parece referir-se á Borborema ou a algum dos seus contrafortes mais avançados para a costa.

MAMANGUAPE compõe-se de *mamã-guaba-pe.* Como, porém, nos vocabulos compostos, alguns dos elementos componentes se contrahem, temos em verdade, *mamã-guápe* que se traduz ao pé da lettra: *na bebida de reunir, onde se reune para beber*, no *bebedouro.* O autor hollandez confunde *Mamangoape* com *Mangoagoape*, apezar de que, em ultima analyse, os dous nomes venham a significar a mesma couza.

CAMARATUBA. — Corrupção de *Camará-tyba* que se traduz *camará abundante.*

TIBIRA CAIUTIBA foi traduzido pelo autor hollandez como *o cajual da sodomia*, interpretação erronea, pois que *Tibira* significando, como significa — *o sepultado, o enterrado, o defuncto*, e *caiutiba* — *acayú-tiba*, cajual, a traducção verdadeira é *cajual do defuncto.* A interpretação de Herckman seria admissivel se o nome tupi fosse *Tebirô Caiutiba* que então se traduziria: *cajual do que tem o trazeiro rôto, cajual do sodomita.* Barlaeus escreveu *Tibira-Caiutiba* como Herckman. Mas Gabriel Soares no seu *Roteiro* escreveu *Acajutibiro* que se póde identificar a *Acayútibira* e traduzir-se: *o cajú enterrado.* Ayres do Casal, na sua *Chorographia Brasilica*, escreveu *Acajutibiró*, que se equipara a *Acayú-tebiró* e se traduz: *o cajú de fundo rôto*, ou *o cajú estragado*, mas que ainda póde ter outra

traducção, uma vez que *Acajutebiró* póde se derivar de *Acayú-tyba-ró* ou *Acayú-tyb-ró* que significa: *o cajual desfeito, rôto, destruido.*

TAPITITINA póde ser derivado de *Tapiti-tim* e traduzir-se *o focinho do coelho;* póde proceder de *Tapiti-tinga* e significar: *o coelho branco.*

MARIPITANGA é corrupção de *Imirá-pitanga*, alterado depois em *mirá-pitanga* e ainda em *mari-pitanga*, significando *o pau vermelho, o pau brasil.*

IPITANGA é o mesmo que *y-pitanga*, agua vermelha ou rio vermelho.

ERIOENE é corrupção de *Eir-oena* que significa: *onde a abelha está*, ou *onde ha mel*. Para significar — *mel preto*, como o interpretou Herckman, seria escripto *Eir-una* ou *Ira-una.*

WASJU é corrupção de *Guayú*, que se traduz: *aquelle que come ou que devora.* Nome de uma formiga vermelha.

....

Do collega e am°.

THEODORO SAMPAIO.



O PORTO DE PERNAMBUCO

E A

Cidade do Recife

NO

SECULO XVII (*)

PREAMBULO

O estudo dos problemas relativos á conservação, ao melhoramento e ao desenvolvimento do porto do Recife, torna interessante senão indispensavel, o conhecimento das modificações que, nestes ultimos seculos, tem soffrido sob a acção das forças naturaes e em consequencia das obras realisadas por mão do homem. Penetrado da importancia deste estudo o Sr. V. Fournié, Director das Obras Publicas da Provincia de Pernambuco, me encarregou de compulsar os documentos relativos á antiga condição do porto, que podéssem ser encontrados nas bibliothecas e archivos publicos e particulares da Hollanda. A minha missão me foi singularmente facilitada pela benevola

(*) Esta interessante memoria appareceu pela primeira vez, em francez, na TIJDSCHRIFT VAN HET AARDRIJSKUNDIG GENOOTSCHAP *(Revista da Sociedade Geographica)* de Amsterdam, em 1881; attenta a importancia e a actualidade do assumpto e a extrema raridade do original, resolvemos traduzil-a para estas paginas, acompanhada da respectiva planta do Recife.

A. de C.



intervenção da *Sociedade Neerlandeza de Geographia*, cujo Presidente, o Professor WETH, e um socio, o Sr. LEUPE, Archivista do Governo em Haya, me proporcionaram esclarecimentos preciosos e uteis conselhos com a mais cordeal sollicitude.

A Hollanda era, com effeito, o paiz a que cumpria recorrer neste genero de pesquizas, porquanto os hollandezes occuparam a provincia de Pernambuco de 1630 a 1654, e, durante este espaço de tempo relativamente curto, lançaram os alicerces da actual cidade do Recife, transmittindo á posteridade, em numerosas e consideraveis publicações, todos os incidentes da sua permanencia no Brasil.

A planta annexa, na escala de 1/20000, representa, em preto e azul, o aspecto actual da cidade do Recife e seus arredores, e, em amarello e vermelho, a sua physionomia na primeira metade do seculo XVII.

Vou indicar as fontes em que bebi os dados que me auxiliaram no desenho da antiga configuração do porto e da cidade e transcrêver alguns outros informes interessantes que não pude fazer figurar na planta. Antes, porém, me seja permittido, para melhor comprehensão das ulteriores explicações, reccordar algumas datas historicas.

DATAS

Nas proximidades de 1534, pouco tempo depois do descobrimento do Brasil, Duarte Coelho, a quem o rei de Portugal havia doado a provincia ou capitania de Pernambuco, veio installar-se nella com um certo numero de familias portuguezas e fundar Olinda, capital da provincia.

Em 1580 Portugal e as suas colonias passaram ao dominio hespanhol; nesta epoca Olinda já possuia 700 casas de moradia e numerosos edificios publicos; vinte engenhos de assucar funccionavam nos arredores.

Em 1621, ao expirar a tregua de doze annos concluida entre a Hespanha e a Hollanda, esta ultima confére á Companhia das Indias Occidentaes cartas patentes que, entre outros privilegios, lhe asseguram o direito exclusivo de, durante vinte

annos, traficar com o Brasil, levantar fortalezas, concluir tratados, etc.

A 8 de Maio de 1624, uma esquadra desta poderosa Companhia lança ferro diante da Bahia.

A 15 de Fevereiro de 1630, as primeiras tropas hollandezas desembarcaram na provincia de Pernambuco e se apoderam de sua capital Olinda; nesta epoca o Recife era apenas um povoado, com os armazens e algumas casas de moradia, situado na extremidade da lingua de terra chamada isthmo de Olinda, a uma legua proximamente ao sul da capital.

A 24 de Novembro de 1631, Olinda é evacuada e em grande parte incendiada por causa da difficuldade encontrada em pôl-a em estado de defeza. E' deste momento que data o desenvolvimento da cidade do Recife.

A 23 de Janeiro de 1637, o conde Mauricio de Nassau desembarca no Recife na qualidade de Governador-Geral do Brasil-Hollandez. Durante os 7 annos do seu governo a cidade do Recife se desenvolve; um novo bairro chamado *Mauritsstad* é construido na ilha de Antonio Vaz, no logar onde hoje se eleva o bairro de Santo Antonio; executam-se trabalhos importantes. As artes e as sciencias são representadas pelo geographo e astronomo Jorge Markgraf, o architecto Post, o capelião Francisco Plante, o medico Piso, etc.

A 6 de Maio de 1644, Mauricio de Nassau renuncia ao cargo de Governador e regressa para a sua patria. O poder dos hollandezes no Brasil começa a declinar rapidamente deste este momento.

Em 1645 as principaes praças do Brasil-Hollandez succumbem diante das armas dos colonos portuguezes insurgidos.

Desde 1646 o Recife acha-se estreitamente sitiado. Os hollandezes só resta o mar para communicar com o exterior.

Esta situação dura até 20 de Dezembro de 1653, data da apparição da frota portugueza que, sob as ordens de Magalhães, vem bloqueiar a praça por mar.

A 26 de Janeiro de 1654, os hollandezes encurralados no Recife, são forçados a capitular; no mesmo anno evacuam toda a provincia.

DOCUMENTOS UTILISADOS

Postas estas premissas, eis a nomenclatura dos documentos gravados ou manuscriptos que foram utilisados na redacção da planta representando o estado da cidade do Recife e do porto de Pernambuco na primeira metade do seculo XVII.

Carta da costa entre o rio Pau Amarello e os Afogados em 1630, gravada por Hessel Gerritsz, com algumas sondagens ao longo da costa; é conservada na bibliotheca de Leyde.

Carta gravada da costa entre o rio Pau Amarello e os Afogados, da mesma epoca, dedicada a Henrique Lonck por Nicolau João Piscator, e conservada na collecção da bibliotheca de Leyde. A' planta da costa corresponde um panorama tomado do ancoradouro; contém além disso uma pequena carta da capitania de Pernambuco. Uma copia truncada e sem o nome do autor deste documento foi inserida na obra allemã: « Neue Welt durch Johann Ludwig Gottfried — Frankfurt, 1655. »

Carta manuscripta hollandeza, n. 711 da collecção dos Archivos de Haya, levantada em Julho de 1631 pelo engenheiro Andreas Drewish Bonge Saltensis; dá com grande minuciosidade a disposição do porto, e parece ter servido de modelo ás outras cartas publicadas pela mesma epoca.

Carta gravada da bibliotheca de Leyde, representando o porto em 1630 e trazendo a menção — *Wilhelmus Hondius fecit —1640—*; não passa evidentemente duma copia de Andreas Drewisch.

Esboço manuscripto hollandez, n. 2165 dos Archivos de Haya, e assignado Johannes van Walbeeck; figura a região situada entre Olinda, os Afogados e o Arraial, e foi levantada em 1632 segundo as informações de prisioneiros portuguezes; contém uma legenda muito interessante tanto sob o ponto de vista das habitações nos arredores do Recife quanto ao do regimen dos cursos d'agua.

Carta manuscripta do porto do Recife em 1640, tirada dum volumoso e precioso atlas que se acha nos Archivos de Haya e tem por titulo — *Verzameling van Pas-karten dienende tot de vaart naar Oost en West Indien*—. As cartas deste atlas,

na maioria inacabadas, não trazem data nem o nome do autor, mas são desenhadas com o maximo esmero.

Carta manuscripta da zona comprehendida entre Olinda ao Norte, os Afogados ao Sul e os dous fortes do Arraial a Oeste, tirada do mesmo atlas dos Archivos de Haya. E' baseada nos mesmos documentos da precedente, abrange, porém, uma maior extensão de terreno; da comparação com as cartas modernas resalta a sua exactidão. Sou levado a crer que ella resume os trabalhos topographicos dos hollandezes nas cercanias do porto, opinião confirmada pela passagem do historiador Nieuhof (p. 190) onde diz que seria necessario levantar, na extensão de quasi uma legua, uma certa região situada immediatamente ao Sul dos Afogados e ainda inteiramente desconhecida dos hollandezes. Ora isto se passava no mez de Janeiro de 1646, epoca na qual os hollandezes começavam a ser estreitamente cercados por terra, e depois da qual não poderam mais cuidar em executar trabalhos topographicos fóra do Recife.

Cartas do porto, em 1630 e 1640, da conhecida obra latina *Caspari Barlaei rerum per octennium in Brasilia...... Historia.* Estas cartas, que completam varias estampas magnificas representando o panorama do porto e diversas vistas da cidade, offerecem grande interesse. Entretanto são menos exactas do que as de Andreas Drewish e do atlas de Haya. Assim a carta do atlas de Haya indica as disposições do porto do Recife, do palacio da Bôa Vista, etc., duma maneira mais conforme ao texto e ás vistas panoramicas de Barlaeus do que a planta correspondente da obra latina.

Planta detalhada do forte *Prins Willem*, nos Afogados, na obra italiana —*Istoria delle guerre del regno del Brasil del P. F. Giossepe de S. Teresa, carmelitano scalzo—Roma, 1698*— O mesmo volume contem uma planta do porto do Recife em 1640, que menciono apenas para assignalar a sua evidente inexactidão, principalmente no que concerne a uma excressencia do bairro do Recife que jámais póde ter existido excepto na imaginação do desenhista.

Córte e planos manuscriptos do forte Real, desenhados pelo architecto Christovão Alvares em Dezembro de 1629, e classificados sob os ns. 2161 e 2162 nos Archivos de Haya. Trata-se do forte que Mathias de Albuquerque tinha intenção

de construir no lugar mais tarde occupado pelo forte de Bruyn. Estes dous documentos fornecem informações precisas sobre a largura do isthmo de Olinda e o regimen do rio Beberibe.

Outras cartas e plantas antigas me passaram pelas mãos, mas creio inutil mencional-as; umas apresentavam apenas um interesse secundario do ponto de vista especial das minhas pesquizas, outras eram copias mal feitas, ou cartas traçadas de memoria ou segundo esboços insufficientes.

Na reducção das cartas á escala uniforme de 1/10000, admitti para a braça rhenana de 12 pés um comprimento de $3^{m},767$ e para a braça geometrica de 10 pés um comprimento de $3^{m},71$. Quanto ao pé da *virga mathematica* de Barlaeus (*Werckschuh*, segundo a traducção allemã), o suppuz igual ao pé geometrico.

Da reducção, a uma mesma escala, das plantas antigas e da sua comparação com as plantas modernas, resulta que, na maioria, estão longe de apresentar a projecção mathematica do paiz. As linhas principaes são reconheciveis, é certo, mas acham-se frequentemente alteradas as suas coordenadas.

Como exemplo de inexactidão topographica assaz curiosa, citarei a curvatura pronunciada do recife que fecha o porto,—curvatura que não deve existir, como se póde convencer, na falta de outras provas, quem lançar a vista sobre o panorama desenhado por Post na historia de Barlaeus — e que entretanto se encontra mais ou menos accentuada em todas as cartas da epoca. E' de suppor que o levantamento do porto não foi feito, no seu conjuncto, senão uma só vez e que posteriormente limitaram-se a completar este primeiro trabalho com a indicação dos fortes, canaes, pontes, bairros novos, etc., successivamente construidos pelos conquistadores. Segundo a narrativa de Varnhagen (*Historia das lutas* etc. p. 44) estas cartas fundamentaes podem bem ter sido as levantadas pelos engenheiros van Buren e Drewisch.

Nestas condições houve por vezes grande embaraço em transportar para a carta moderna as indicações dos antigos documentos e em encontrar pontos de concordancia certos em numero sufficiente. Suppri, tanto quanto possivel, a imperfeição dos desenhos pelo exame ocular do terreno.

Entre as obras antigas em que encontrei dados interessantes mencionarei :

Johannes de Laet. — Historie ofte iaerlijck Verhael van de verrichtingen der geoctroyeerde West-Indische Compagnie. —Leyde, 1644.

Barlaeus. — Rerum per octennium in Brasilia...... Historia. — Amsterdam, 1647.

Johann Nieuhof. — Gedenkweerdige Zee— en Lantreize. Amsterdam, 1682.

Estas tres obras resumem mais ou menos a phase da occupação do paiz pelos hollandezes. A primeira é uma chronica que começa com a chegada dos hollandezes e termina em 1636, pouco tempo antes do desembarque do Conde Mauricio de Nassau ; Barlaeus narra minuciosamente a gestão do Conde até a sua partida em 1644 ; emfim Nieuhof refere os acontecimentos occorridos entre 1640 e 1649.

Quanto ás obras recentes, encontrei informações uteis nas duas seguintes :

Varnhagen. — Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil.—Vienna d'Austria, 1871.

Netscher. — Les Hollandais au Brésil. — La Haye, 1853. (1)

Examinemos agora successivamente o estado antigo do continente, das ilhas e dos cursos d'agua, cujo conjuncto forma o porto do Recife.

ISTHMO DE OLINDA E CIDADE DO RECIFE

A lingua de areia que se estende entre Olinda e a cidade do Recife tinha, na sua parte septentrional, quasi a mesma configuração que hoje, salvo entretanto a proximamente um kilometro ao sul de Olinda onde a sua largura era um pouco maior, devido ao delta que alli se formára sob a acção commum do

---

(1) Van Kampen, no seu *Magazijn voor Wetenschappen, Kunsten en Letteren* (Amsterdam, 1829) falla duma planta do Recife publicada por H. Koster (p. 384). Não me foi possivel encontrar esta planta, que data de 1809 a 1810 (p. 388) e que seria de interesse consultar sob o ponto de vista das modificações mais recentemente occorridas no porto.

Tacaruna e dum braço do Beberibe. Era frequentemente designada pelo nome de recife de areia, em opposição ao recife de pedra situado em face. Nieuhof (p. 15) avalia a sua largura média em cerca de 200 passos.

Podia ser percorrida em todo o tempo, qualquer que fôsse o estado do mar.

No lugar em que hoje existe a Cruz do Patrão se elevava o reducto chamado de Madame de Bruyn, construido pelos hollandezes. Alli a largura do isthmo correspondia sensivelmente á sua largura actual.

Um pouco mais adiante encontrava-se a fortaleza de Bruyn começada pelos portuguezes (Laet. p. 193) e acabada pelos hollandezes, e que ainda existe com o nome de fortaleza do Brum. Os desenhos do primitivo projecto desta fortificação conservados nos Archivos de Haya, indicam que neste ponto a largura do isthmo era de $34^{m},50$ no momento da préa-mar, e que a baixa-mar descobria uma praia de 23 metros inclinada segundo um pendor de cerca $0^{m},08$ por metro.

A partir da fortaleza do Bruyn e em direcção ao sul, o isthmo occupava uma superficie bem inferior á actual. Assim o forte de S. Jorge, construido pelos portuguezes no sitio onde se acha actualmente a igreja do Pilar, era banhado pelas aguas do Beberibe; e além, entre este forte e a entrada da cidade do Recife (actualmente largo dos Voluntarios da Patria (1), o isthmo comprehendia apenas a estreita zona limitada pela rua dos Guararapes e a parte oriental da rua do Pharol.

A cidade do Recife, tal qual ella se desenvolveu pouco tempo depois do abandono e incendio de Olinda, terminava na igreja da Madre de Deus, e as defezas, estabelecidas logo á margem da praia, para protegel-a contra as surprezas do inimigo, estavam aquem das ruas da Restauração, de D. Maria Cesar, da praça do Apollo e da rua do Amorim. Vê-se como a cidade actual se expandio a custa do porto e do rio: ao sul apoderou-se dos bancos de areia que existiam no local da rua Tuyuti, da praça do forte do Mattos, da igreja da Madre de Deus, da Alfandega; a oéste ella invadio o leito do Beberibe em mais de 150^{m}.

---

(1) Hoje Praça Arthur Oscar.

Cumpre notar que *as ruas da antiga cidade correspondem exactamente ás actuaes vias publicas*, o que permitte dizer que a disposição deste bairro é ainda hoje a que era no seculo XVII.

ILHA DE ANTONIO VAZ

A ilha de Antonio Vaz, hoje incorporada á cidade do Recife sob os nomes de bairros de Santo Antonio e S. José, era 1630, occupada apenas pelo convento ainda existente de S. Francisco e algumas casas alinhadas na praia. Todo o resto não passava dum vasto pantano coberto pelas marés e do qual emergiam algumas ilhotas. A mais importante destas ultimas estava comprehendida entre a fortaleza das Cinco Pontas, o convento do Carmo e o jardim das Princezas; era cortada em duas por uma cambôa que entrava do lado do Lyceu de Artes e Officios, passava pelo pateo de S. Pedro e penetrava até a igreja de Santa Rita, a pequena distancia da praia. Uma outra pequena ilhota, de 1^{m},10 de altura, apparecia ao sul da fortaleza das Cinco Pontas.

Quando os hollandezes se apoderaram da ilha de Antonio Vaz, levantaram o forte Ernestus em volta do convento e o forte Frederik-Hendrick no local da actual fortaleza das Cinco Pontas; estabeleceram ainda alguns reductos do lado do continente e hornavecques contra a cambôa de que acabo de fallar ao sul do forte Ernestus. Pouco tempo depois da chegada de Mauricio de Nassau foram construidas numerosas habitações ao abrigo deste ultimo forte; em breve ellas se estenderam até o forte Frederick-Hendrick e constituiram uma cidade populosa e commercial chamada *Maurits-stad* ou *Mauricéa* do nome do seu fundador. A parte mais antiga desta cidade tinha como centro a praça do mercado, hoje praça da Independencia; o seu desenvolvimento se fez em direcção ao sul e em pouco tempo ruas bem alinhadas cortaram os terrenos pantanosos, que separavam os fortes Ernestus e Frederick-Hendrick, cujos lotes eram vendidos aos interessados, por elevados preços, pela Companhia das Indias Occidentaes.

Afim de assegurar á Mauritsstad condições normaes de existencia os hollandezes, recordando o exemplo da mãe patria, sanearam o sólo abrindo differentes canaes; o mais importante,



com cercá de 30 metros de largura na bocca, foi cavado entre o forte Frederick-Hendrick e a actual igreja do Rosario, seguindo um alinhamento recto passando pelo lado occidental das ruas Domingos Theotonio, da Assumpção, da Penha e do Livramento; communicava com o rio Capibaribe por um outro canal que se lhe entroncava atraz da igreja do Livramento e terminava proximo á extremidade actual da ponte da Bôa Vista limite dos terrenos baixos da ilha de Antonio Vaz; emfim um terceiro canal, que desembocava no local do Arsenal de Guerra o ligava ao porto. Estes canaes, alem da vantagem de drenar a cidade, forneciam o aterro para elevar o sólo e eram provavelmente tambem destinados a servir de vias navegaveis no genero das que se encontram em tão grande abundancia em todos os portos hollandezes.

Uma trincheira, com fóssos e estacadas, fechava a cidade do lado do continente e seguia um alinhamento quebrado, partindo da fortaleza das Cinco Pontas, passando pela igreja do Terço, rua das Trincheiras, matriz de Santo Antonio e terminando no convento de S. Francisco ou forte Ernestus; os tres bastiões deste entrincheiramento estavam situados, o primeiro entre a igreja do Terço e a rua Visconde de Suassuna, no segundo na entrada do ultímo becco do lado norte da mesma rua Visconde de Suassuna, e o terceiro ao lado da matriz de Santo Antonio.

As ruas antigas correspondem bem ás actuaes que têm por centro a praça da Independencia; mas, o mesmo não succede com as ruas situadas mais ao sul. A explicação desta apparente anomalia me parece facil. Com effeito, é quasi certo que as divisões da cidade desenhadas nas antigas plantas não representam construcções realmente feitas, mas sómente os projectos de alinhamentos do architecto Post, projectos que, como tantos outros ainda nos nossos dias, foram modificados no decurso da execução. A direcção de algumas das velhas ruas ainda existentes, como as de S. José e do Nogueira, corrobora esta hypothese. Outrosim é sabido que os hollandezes, quando bloqueados pelos portuguezes, foram obrigados, pelas exigencias da sua defeza, a demolir elles proprios uma grande parte da cidade que haviam edificado. Não é, pois, de admirar que, ao

ser ulteriormente reconstruida a cidade, não se tenha observado em rigor a planta primitiva.

Fóra do recinto da cidade e do lado do Norte, um pouco atraz do local do actual palacio da presidencia, se elevava o palacio construido por Mauricio de Nassau e denominado *Vrijburch*. Era um bello edificio com duas grandes torres, uma das quaes servia de pharol e era avistada de 5 a 6 milhas no mar (Nieuhof, p. 18); cercavam-no jardins e dependencias que se acham representadas em grande escala numa das estampas da obra de Barlaeus; considerações estrategicas determinaram a sua demolição por occasião do assedio da cidade em 1645 (Nieuhof, p. 139).

Os terrenos pantanosos que se estendiam ao lado do palacio de Vrijburch, foram encorporados ao dominio do Governador e transformados em pomares por meio dum dique que passava approximadamente pelo meio da nova ponte de Santa Izabel.

Foi para ali que o Conde Mauricio de Nassau, conforme a narração do seu panegyrista Barlaeus (p. 144) transplantou 700 coqueiros que fizéra trazer de tres ou quatro leguas de distancia; tinham já de 70 a 80 annos de idade e a altura dos seus troncos variava de 10 a 15 metros; este detalhe é tanto mais curioso quanto, desde o primeiro anno, o producto da venda dos côcos se elevou a nada menos de 8 reichsthalers por pé, tão habilmente fôra feita a transplantação.

Do lado Oéste de Mauritsstad, entre a actual Casa de Detenção e os edificios visinhos, achava-se o palacio da Bôa Vista, propriedade de Mauricio de Nassau; dava-lhe accesso um pequeno dique que terminava nas fortificações da cidade perto do Pateo do Carmo.

Para o Sul, um dique de mais de dous kilometros de comprimento, com fôsso do lado do continente, ligava o forte Fredrick-Hendrick ao bairro de Afogados; a rua Imperial assenta sobre este aterro.

Atraz do forte Fredrick-Hendrick a praia se estendia muito mais longe do que hoje em direcção ao recife de pedra. Para garantir o forte contra qualquer surpreza do inimigo, prolongaram-no até dentro dagua por meio de dous grandes hornavecques e do reducto Amelia ou Aemilia.

RIO CAPIBARIBE

Do lado do continente os hollandezes não operaram nenhuma modificação notavel no que já existia antes da sua chegada. Ainda muito tempo apóz a invasão não ouzavam se aventurar naquellas terras de alluvião, cobertas de pantanos e de matto, onde a cada passo o inimigo lhes armava emboscadas e escapava facilmente á perseguição. Não é pois de admirar escasseiem documentos precisos sobre o valle do Capibaribe a pequena distancia acima da cidade.

E' verdade que durante o curto periodo do governo de Mauricio de Nassau poderia ter sido feita a exploração topographica do paiz; mas, nesta epoca todos os esforços tendiam a levantar a industria assucareira ao seu antigo nivel, a restabelecer o que havia existido e não a crear couzas novas; comprehende-se que nestas condições os trabalhos graphicos não apresentavam a mesma urgencia que no principio da conquista, quando era preciso cobrir o paiz de fortificações e tonrnal-o habitavel.

Pela carta do atlas de Haya vê-se que do Poço da Panella á Capunga o Capibaribe corria entre as mesmas margens que actualmente, a não ser proximo ao lugar chamado Taquary onde passava um pouco mais ao Sul. Na margem esquerda achava-se o forte do Arraial, construido pelos portuguezes depois de expulsos do Recife; estava situado sobre uma pequena eminencia que se encontra a Oéste seguindo a linha ferrea entre as estações de Mangabeira e Casa Amarella; é o mesmo local que acaba de designar o Sr. Major Codeceira, membro do Instituto Archeologico Pernambucano, baseando-se em dados historicos e antigos documentos officiaes. Um outro Arraial, construido em 1646, e chamado Arraial Novo do Bom Jesus pelos portuguezes e Altena pelos hollandezes, estava situado sobre a margem direita; a sua posição corresponde á da columna commemorativa elevada a alguns annos pelo Instituto Archeologico.

A partir da Capunga o antigo leito do Capibaribe differia notavelmente do actual. O rio em vez de passar no local da ponte da Magdalena, seguia a cambôa que atravessa a estrada da Passagem, contornava a ilha do Retiro e ali se bifurcava;

o braço do Norte passava diante do Hospital Portuguez, margeava o Hospital Pedro II, fazia um grande cotovello que se estendia até o Hospicio, e se reunia ao Beberibe; o braço do Sul ou dos Afogados passava entre as ilhas do Maruim e de Anna Bezerra e no local da ponte actual dos Afogados recebia as aguas do riacho Gequiá e Tegipió, contornava a ilha do Nogueira, outr'ora Cheira Dinheiro, e desembocava no porto. Nos documentos antigos o nome de rio dos Afogados é dado ora a todo o braço sul do Capibaribe, ora sómente á parte deste braço acima dos riachos Gequiá e Tegipió, ora ao riacho Gequiá, ora ao braço norte do Capibaribe. Esta confusão se explica facilmente, porque todos estes cursos dagua se communicam entre si e percorrem os mesmos terrenos pantanosos.

O braço septentrional do Capibaribe, de curso muito tortuoso, communicando com o rio Beberibe por duas grandes depressões, não era proprio á navegação: atravessava-se-o a váo muito facilmente e a passagem só se tornava penosa durante as marés de syzigias e nas grandes cheias (Laet, p. 439). Mauricio de Nassau lançou sobre elle uma ponte de madeira, construida no local da Casa de Detenção e terminando pouco mais ou menos em frente á rua da Ponte Velha, e deixando ao rio muito mais amplo escoadouro do que tem hoje.

Esta ponte acha-se descripta em Barlaeus (p. 151). Foi terminada em sete semanas, tinha 319 metros de comprimento e repouzava sobre estacas de madeira de *biribá*, muito proximas umas das outras, pelo menos do lado Oéste, a julgar pela gravura de Barlaeus. Do lado da ilha de Antonio Vaz a ponte desembocava á direita do palacio fortificado da Bôa Vista; do lado opposto terminava num dique, fundado talvez como a ponte sobre estacas, e quebrando-se em angulo quasi recto em direcção á rua da Ponte Velha.

Abaixo desta ponte o rio se dividia de novo em dous braços que contornavam uma pequena ilhota denominada —Maria Gonçalvo— na carta de Piscator e —Schoenmakers bos— na de Drewish. Um destes pequenos braços se estendia até em frente do quartel do Hospicio e o outro até o meio da ponte de Santa Izabel, parquanto neste ultimo ponto a ilha de Antonio Vaz se prolongava na extensão duma centena de metros mais para o norte do que hoje.

Na confluencia do Capibaribe e do Beberibe avançava uma lingua de terra, que ainda se vê diante da fundição do Starr, e sobre a qual foi construido o forte Waerdenburch. Este forte, que na préamar ficava cercado dagua (Nieuhof, p. 19) tinha a principio quatro bastiões; mas, não offerecendo as fundações do bastião exterior sufficientes garantias de solidez, o forte foi reconstruido com tres bastiões sómente, e mais tarde tiveram os hollandezes que transformal-os em reductos mais elevados afim de pôr a guarnição mais ao abrigo da humidade (Barlaeus, p. 136). Em vista da posição do forte Waerdenburch deve-se concluir que houve neste lugar um sensivel estreitamento do rio; mas, se não deve esquecer que atráz do forte se estendia uma larga zona de terrenos pantanosos que, nas grandes marés e nas cheias, contribuiam para assegurar um escoadouro ás aguas do Capibaribe.

Entre o forte Waerdenburch e o porto propriamente dito o braço norte do Capibaribe tinha um leito muito mais largo do que o actual. Os detalhes concernentes á construcção da ponte lançada por Mauricio de Nassau entre o bairro do Recife e a ilha de Antonio Vaz, que se encontram em Barlaeus (p. 149) fornecem informações preciosas sobre o regimen do rio neste lugar. A ponte occupava o mesmo lugar que a actual ponte de 7 de Setembro, unicamente um dos pegões era na entrada da rua 1° de Março, o que dava á ponte uma extensão muito maior do que a da actual. Pouco mais ou menos no meio do rio havia um canal com $4^m,08$ de profundidade na baixamar (*undecim pedes mathematicorum*). A amplitude da maré era de $2^m,60$ (1). Antes de decidir qualquer couza construiu-se um pilar de ensaio no rio. O resultado foi bom e a Companhia das Indias Occidentaes concedeu a construcção da ponte a um ar-

---

(1) A differença entre a préa-mar e a baixa-mar no lugar do porto do Recife não se acha consignada na *Historia* de Barlaeus editada em Amsterdam em 1647, mas figura na traducção allemã apparecida em Cléves no anno de 1659. E' possivel que o traductor tenha colhido esta informação nos documentos que serviram para a segunda edição latina publicada em Cléves em 1660. O algarismo de 2m,60 que apresento, foi calculado na hypothese muito verosimil de que o traductor fallando do nivel do prea-mar pretendeu se servir da mesma unidade de medida, o pé geometrico, que empregou algumas linhas mais acima para indicar o nivel da baixamar.

chitecto mediante a quantia de 240000 florins. O architecto começou do lado da ilha de Antonio Vaz e construiu quinze pilares de alvenaria; mas, chegando proximo ao meio do rio, encontrou uma correnteza tão violenta e uma profundidade dagua tão consideravel que desesperou de poder acabar a ponte e abandonou a empreza. Mauricio chamou então a si os trabalhos; renunciou ao systema de pilares de alvenaria e deliberou assentar o lastro da ponte sobre esteios de madeira. Para este fim mandou cortar estacas de 40 a 50 pés ($14^{m},84$ a $18^{m},55$) e enterrou-as de 12 pés ($4^{m},45$) no leito do rio, umas vertical outras obliquamente, conforme o figura o panorama de Mauritsstad que se encontra na obra de Barlaeus (1). Este processo deu bom resultado e em dous mezes a ponte ficou acabada. Segundo o traductor allemão o seu comprimento era de mais de 100 braças (371^{m} ou 377^{m}); mas, Barlaeus, ao menos na edição de Amsterdam, se limita a dizer que se estendia no comprimento dum numero consideravel de braças (*Multa decempedes excurrens*).

Dos dous braços do Capibaribe nenhum tinha profundidade sufficiente para permittir uma navegação regular; entretanto na préamar as chalupas podiam subir o braço sul ou dos Afogados. Era por ali que os portuguezes costumavam expedir as caixas de assucar provenientes dos engenhos situados na planice da Varzea; os fardos eram transportados até a Barreta ou em carros que acompanhavam o braço dos Afogados ou em barcas que desciam o mesmo rio; chegados á Barreta eram baldeados para chalanas que os transportavam aos armazens do Recife e de Olinda (Nieuhof, p. 16). Era por este mesmo braço que passavam as embarcações destinadas a acompanhar os hollandezes quando tentavam qualquer empreza contra os portuguezes estabelecidos na planice da Varzea. A expedição dirigida contra o Arraial, em Agosto de 1633, dará uma idéa exacta do que era a navegação do Capibaribe naquella epoca (Laet, p. 345).

---

(1) As dimensões em metros são calculadas na supposição de tratar-se de pés mathematicos. Si se admittir que o autor latino pretendeu fallar de pés rhenanos, deve-se avaliar o comprimento das estacas de 12m,70 a 15m,70 e a sua ficha em 3m,77.

Os hollandezes, depois de haverem atravessado o Capibaribe nos Afogados, foram por terra até em frente do Arraial e se estabeleceram sobre a margem direita do rio. Para facilitar a passagem e prover á sua subsistencia, fizéram vir do Recife duas chalupas e o hyate *Exter*, o menor dos navios vindos da Europa, armado de 2 peças de bronze e 4 de ferro e guarnecido de 20 homens. Depois de haverem alijado e desmastreado este navio, que tinha apenas 15 *lasten* de capacidade (1), a pequena flotilha penetrou no braço do Capibaribe.

Mas as embarcações encalhavam com tanta frequencia que era preciso aguardar a maré seguinte afim de proseguir o caminho. Chegou-se assim até a Jaqueira, a um tiro de mosquete do acampamento portuguez. O rio faz neste ponto um grande cotovello o que obriga as embarcações a passar junto á margem concava, a unica que offerece profundidade sufficiente. Mas, o inimigo que se havia entrincheirado nesta margem rompeu um tão violento fogo de mosquetaria sobre as embarcações que poz fóra de combate um grande numero de hollandezes e forçou os demais a ganhar a margem opposta abandonando o hyate e as chalupas.

A 29 de Março de 1634, uma nova expedição foi dirigida contra o Arraial, mas que só teve como resultado o incendio do abarrancamento dos italianos, os hollandezes valeram-se ainda do Capibaribe para transportar o seu material carregado em duas chalupas (Laet, p. 387).

Mas, si nas grandes marés embarcações ligeiras podiam penetrar no Capibaribe até uma certa altura, não é menos verdade que do lado dos Afogados o rio era vadeavel quasi que em todo o tempo. Assim, a 13 de Julho de 1631, quatro companhias hollandezas passaram-se para a margem direita e ataca-

---

(1) Eis com relação á capacidade e ao calado dos navios hollandezes a nota inscripta na pag. 179 da obra de Netscher:

« O *last* como medida de capacidade dos navios era o mesmo ainda em uzo na Hollanda e equivalente a duas toneladas. Para dar uma idéa exacta do exterior dos navios daquelle tempo bastará dizer que as dimensões dum navio de 200 *lasten* eram 125 pés rhenanos de comprimento (38m,25), 29 pés de largura (9m,01) e de 11 1|2 pés (3m,61) até o fundo do porão (de Jonge, I, pag. 392, extrahido dum documento official de 1630). O tombadilho destes navios era muito mais alta do que o resto do convez ».

ram as trincheiras portuguezas; após o combate e apezar duma valente carga dos portuguezes que acabavam de receber soccorros, ellas lograram repassar o rio sem difficuldade (Laet, p. 238).

Mais tarde, a 18 de Fevereiro de 1633, numa nova expedição tentada contra as mesmas trincheiras, os hollandezes atravessaram o rio tão promptamente que o inimigo só veio a percebel-os depois de effectuada a passagem (Laet, p. 325).

Uma outra prova da pequena profundidade do rio neste lugar e da sua pouca importancia para sob o ponto de vista da navegação é o silencio mantido pelos autores hollandezes sobre a ponte dos Afogados, estabelecida um pouco acima da ponte actual e defendida pelo forte Willem, (os hollandezes tinham levantado esta ultima fortificação com as maiores difficuldades, no meio dum terreno pantanoso, na margem direita). E' certo que si esta ponte, representada em varias cartas, tivésse offerecido a menor difficuldade de execução, ou si tivésse existido qualquer navegação regular que a sua construcção teria forçosamente entravado, os chronistas não teriam deixado de referir o facto.

Abaixo da ponte o *thalweg* do rio se achava do lado da ilha do Cheira Dinheiro, hoje Nogueira, da qual os hollandezes tivéram de se apoderar em 1633, afim de garantir as suas communicações por mar com o forte dos Afogados que nesta occasião construiam (Laet, p. 326). Grandes corôas de areia se tinham formado do lado opposto.

Entre a ilha Cheira Dinheiro e o porto propriamente dito o rio corria por varios canaes inaccessiveis aos navios na baixa-mar e descobria á direita do forte Fredrick Hendrik uma praia muito mais extensa do que a de hoje.

Um pouco ao Norte deste forte e quasi em frente do mercado actual se achavam os estaleiros para a reparação dos navios.

RIO BEBERIBE

O rio Beberibe desembocava, no seculo XVII como hoje, numa planicie pantanosa, com muito fraco pendor e sem leito determinado. Plantas antigas e gravuras da época representam

este rio frequentado por navios de alto bordo na sua parte inferior. Mas, isto só se deve levar á conta da phantasia dos desenhistas interpretando com demasiada liberdade as narrativas dos viajantes ou dos compiladores. Basta, outrosim, percorrer os livros illustrados do tempo para se adquirir a convicção da grande inferioridade das gravuras sob o texto quanto á exactidão. Ha excepções como as estampas da obra de Barlaeus ; mas, mesmo nellas se podem notar erros, si bem que as gravuras tenham sido executadas segundo desenhos feitos *in situ* por um artista consciencioso.

Assim no panorama que representa no primeiro plano o palacio da Bôa Vista, a legenda nos diz que as alturas que se observam entre o palacio de Vrijburch e o forte Ernestus são as de Olinda. Ora é impossivel que um expectador collocado do lado do palacio da Bôa Vista, onde o suppõe o desenhista, podésse perceber o quer que fosse de Olinda entre aquelles dous pontos : é do lado opposto de Vrijburch que a antiga cidade deveria ter sido indicada (1). Evidentemente isto é apenas um detalhe que não poderá desacreditar os trabalhos topographicos e artisticos tão notaveis de Post. Comtudo julguei conveniente assignalar o facto afim de por os archeolsgos de sobreaviso a conclusões demasiado precipitadas. Mas voltemos ao Beberibe.

Os documentos abundam para demonstrar que na epoca de que nos occupamos este rio não tinha, na parte inferior do seu curso, senão muito pequena profundidade. Na chegada dos hollandezes, quando Olinda era ainda a capital da capitania de Pernambuco, as mercadorias trazidas pelos navios eram descarregadas junto á povoação ou aldeia do Recife e transportadas em barcos e batelões —« in barken en lichters »— até o suburdio de Olinda (Nieuhof, p. 15).

A 10 de Agosto de 1630, os portuguezes entrincheirados sobre a margem direita do Beberibe atacaram um comboyo de provisões que se dirigia de Olinda para o Recife seguindo o isthmo. A escolta do comboyo atravessou o rio e durante duas horas escaramuçou com inimigo. Durante este tempo, « devido

---

(1) Esta vista do palacio da Bôa Vista não concorda com a planta de Mauritsstad que se encontra na mesma obra ; mas, está de accordo com a planta do atlas de Haya.

a uma tempestade no mar», o rio encheu a ponto dos atiradores hollandezes não poderem atravessal-o senão com grandes difficuldades. «Alguns tivéram agua até o pescoço, outros correram risco de se afogar. (Laet, p. 199)

No dia 1 de Outubro do mesmo anno, os hollandezes atravessaram o Beberibe do lado do forte de Bruyn para demolir as casas donde o inimigo inquietava os trabalhadores occupados na construcção do forte Ernestus. (Laet, p. 201)

Na noite de 1 de Março de 1634, os portuguezes vadearam o Beberibe em frente do forte de Bruyn, cuja sentinella deu alarma á guarnição hollandeza. Nesta occasião o historiador Laet (p. 386), reccorda que deste lado o rio estava cheio de bancos de areia que offereciam numerosas opportunidades de atravessal-o na baixamar, asserção reproduzida quasi nos mesmos termos por Nieuhof (p. 15) a proposito das paliçadas que defendiam o accesso do Recife.

Num outro capitulo (p. 239) Laet é ainda mais explicito: declára que na baixamar podia-se atravessar o Beberibe em frente ao Recife com agua pelos joelhos.

Mauricio de Nassau, no seu testamento politico legado aos seus successores ao deixar o Brasil, insiste na necessidade de se manter em bom estado o porto do Recife. Não se deve esquecer, diz elle, que antes da construcção desta ponte nós corremos risco de perder a cidade, porque os botes que levavam soccorros não podiam manobrar na baixamar e ficavam encalhados no meio do rio (Barlaeus, p. 297).

Entretanto as informações mais precisas são fornecidas pela planta já citada do forte Real começado pelos portuguezes no local do forte de Bruyn. Com effeito a legenda inscripta do lado do forte que olha para o rio é assim concebida: «Este riacho de baixamar fica secco quasi todo, salvo os canaes que ficam com 3 (0^m,66) e 4 (0^m,88) até 6 (1^m,32) palmos d'agua.»

E' verdade que certas cartas dignas de inspirar confiança, como a de Hondius por exemplo, indicam pequenos navios navegando na embocadura do rio; eram, porem, hyates de pouca tonelagem que serviam de postos de observação durante a noite e que na baixamar ficavam provavelmente encalhados e cercados em meio dos bancos de areia. Laet (p. 385) relata em que occasião esta guarda nocturna foi estabelecida. No começo

de 1634, os hollandezes, temendo uma surpreza no Recife, destacaram da sua frota os dous hyates *Exter* e *Oost-Kappel* e fizeram-nos fundear em frente do forte de Bruyn nas proximidades do lugar onde suppunham que o inimigo deveria atravessar o rio. Mas, como já tive occasião de dizer, o *Exter* tinha apenas 15 *lasten*; quanto ao *Oost-Kappel*, apezar de mais consideravel a sua tonelagem não excedia a 30 *lasten*. Foi este ultimo hyate que um audacioso portuguez abordou a nado e procurou incendiar na noite de 27 de Fevereiro de 1634.

Alguns annos mais tarde, por occasião do cerco do Recife pelos portuguezes, estabeleceram-se ainda estas «guardas nocturnas» (*brantwaghten*) no mesmo lugar. Nieuhof, que conta o facto (p. 143), não diz se eram chalupas ou hyates, mas refere que a primeira embarcação estava postada entre o forte Waerdenburch e o forte de Bruyn e a outra entre o primeiro destes fortes e os jardins de Mauricio de Nassau na ilha de Antonio Vaz. Era pois sómente na embocadura do Beberibe que estacionavam embarcações exigindo uma certa altura d'agua. Em summa, póde-se affirmar que o Beberibe só era accessivel a barcas e pequenas canôas que circulavam nos canaes muito estreitos e sem duvida apenas na préamar.

CAMBÔAS ENTRE O CAPIBARIBE E O BEBERIBE

O braço norte do Capibaribe communicava com o Beberibe por duas depressões cujo nome generico em portuguez é *cambôa*.

A primeira, ainda hoje chamada Cambôa da Tacaruna, separava-se do Capibaribe em frente ao Hospital Portuguez, passava perto da estação do Manguinho e a oéste da ponte do Maduro, e desembocava no Beberibe no lugar do Hospital dos Lazaros.

A segunda, menos importante, que a precedente, seguia-a quasi parallelamente passando a Léste do lugar Chora Menino, pela estação do Principe, o Cemiterio Publico e a travessa de Santo Amaro.

Segundo a legenda do esboço de Waldeeck a Cambôa de

Tacaruna, durante o verão, ficava secca na baixamar, e tinha cerca de $0^{m},50$ dagua na préamar. Durante o inverno, ao contrario, não podia ser transposta perto da sua origem no Capibaribe senão a nado ou em canôa; mais acima, junto á ponte do Maduro, tinha-se agua até o pescoço, e emfim do lado do Beberibe a agua chegava á altura da cintura dum homem. Nesta mesma estação as marés do Beberibe não se faziam mais sentir na ponte do Maduro.

Os pantanos de Olinda, outr'ora como hoje, eram alimentados pelo riacho de Agua Fria proximo á sua juncção com os riachinhos Jacaré e Bartholomeu. A legenda do esboço de Waldeeck diz que este riacho ficava quasi secco no verão, mas que no inverno tinha uma profundidade dagua de duas lanças.

ENTRADA DO PORTO

A entrada do porto ou Poço estava situada um pouco ao norte do forte de Bruyn, no lugar que ainda hoje occupa; era muito desabrigado em mau tempo e segundo Laet (p. 191) tinha de $5^{m},65$ a $5^{m},97$ de profundidade.

Segundo Nieuhof (p. 15) a sua entrada achava-se a 500 passos ao norte do recife calcareo e na préa-mar tinha $6^{m},91$ dagua.

O porto interior estava comprehendido entre o bairro do Recife e o recife de pedra, no local em que ainda hoje se encontra; o canal que permittia entral-o era muito estreito, a julgar pelos dous bancos de areia que ali se haviam formado.

O porto ou o canal de entrada não tinha, segundo toda a probabilidade, um fundo superior a $4^{m},50$ ou $5^{m},00$. Os navios de guerra hollandezes entraram nelle na epoca da tomada de Olinda; mas, estes navios em geral eram de pequeno calado (1). Quanto aos navios mercantes, estes eram obrigados a fundear no Poço afim de esperar que a préa-mar lhes permittisse entrar. Com effeito Laet (p. 185) diz « é o lugar onde os navios vindos do largo ancoram primeiramente com o seu carregamento com-

(1) Vide a nota já citada da obra de Netscher (p. 179).

pleto» (*Welk is de plaetse daer de Schepen unter See kommende, haer vooreerst met hare volle ladinghe setten*) e mais adiante (p. 191) que ali é «onde os grandes navios são *obrigados* a fundear» (*ten anker moeten kommen*).

O recife de pedra que protege o porto apresentava em frente á embocadura do braço dos Afogados uma passagem antigamente chamada Barreta ou Estreito Francez (*t' france gat*) e que foi fechada ha alguns annos. Na extremidade do recife se elevava o forte do Mar, hoje forte do Picão.

CHEIAS

Encontrei poucas informações sobre as cheias do Capibaribe e as innundações que são a sua consequencia habitual. Laet (p. 344) refere que, por occasião duma cheia sobrevinda após as grandes chuvas de Julho de 1633, as obras da ilha de Antonio Vaz correram grande risco de serem arrastadas e que o nivel das aguas foi tal que excedeu de cerca de 6 pés (1^m,88) o nivel mais elevado que os hollandezes haviam até então observado naquelle ponto.

Em 1641 teve lugar uma grande innundação de que Barlaeus (p. 227) nos traça o sombrio quadro. Todos os cursos dagua transbordaram, os diques foram rompidos, as plantações arrastadas pela corrente, o continente mudado em mar e os agricultores obrigados a se transformarem em marinheiros. O numero das victimas, tanto homens como animaes, foi consideravel, principalmente nas margens do Capibaribe. Os cannaviaes foram innundados e devorados pelos insectos. Uma epidemia succedeu á innundação.

CONCLUSAO

Si agora examinar-se o conjuncto da carta, considerando-a apenas do ponto de vista do regimen dos cursos dagua e das marés, póde-se facilmente resumir a situação dos lugares na primeira metade do seculo XVII.

O Beberibe, entre a povoação deste nome e Olinda, atra-[…]a vastos pantanos. Entre Olinda e o Recife era accessi-

vel a embarcações ligeiras, mas podia ser facilmente transposto a pé na baixa-mar. Proximo á sua embocadura o seu leito tinha uma largura muito maior do que hoje: o isthmo alargou-se consideravelmente á sua custa.

O Capibaribe seguia a mesma direcção que nos nossos dias da Capunga para cima; mais abaixo se dividia em dous braços que se afastavam, a meio caminho, da direcção dos dous braços actuaes e que, proximo á sua embocadura, apresentavam largura muito superior: o bairro de S. José não passava dum grande pantano coberto pelas marés, e a ponte do Recife excedia á actual ponte 7 de Setembro de quasi metade em extensão. Na préa-mar e tomando o braço dos Afogados podia-se subir o Capibaribe até o Monteiro e talvez um pouco mais alem. Debaixo da ponte do Recife a amplitude da maré era de $2^m,60$ e a profundidade dagua do canal, em baixa-mar, de $4^m,08$.

O Capibaribe e o Beberibe communicavam entre si, no momento da préa-mar, por duas grandes depressões ou cambôas. A maré, já amortecida pelos pantanos que de alguma sorte prolongavam as margens dos dous rios, nelles perdia todo o seu impeto não podia enviar ao Capibaribe senão um exiguo volume dagua; a communicação entre os cursos dagua e o mar se fazia pela Barreta e pelo canal na extremidade do rochedo.

O porto occupava mais ou menos o mesmo local que hoje, com profundidade igual senão menor. O canal de entrada parece não ter tido mais de $4^m,50$ a $5^m,00$ de profundidade.

O Poço ou entrada do porto tinha de $5^m,60$ a $6^m,00$ e a passagem da entrada perto de $7^m,00$ de profundidade.

Em tempos mais modernos uma parte das margens do Capibaribe foi fixada, algumas cambôas foram interceptadas, certos pantanos supprimidos, e a pequena barreta foi fechada. Mas, em compensação, em lugar de procurar garantir á foz do Capibaribe a forma de funil que convem aos rios sujeitos a marés, estreitaram-na a Léste e Oéste do bairro de Santo Antonio: foi diminuir o volume dagua a reservar durante a maré, reduzir os escoamentos de jusante e favorecer a formação dos bancos de areia.

Assim, pois, si dum lado facilitou-se a propagação maré no Capibaribe, impedindo-a de dispersar-se de

em caminho, por outro lado diminuio-se o seu volume estreitando a passagem por onde entrava. Estas duas operações mantiveram um estado de equilibrio tal que se pode affirmar sem paradoxo que o porto de Pernambuco se acha ainda hoje no mesmo estado que ha duzentos annos.

E. BÉRINGER.



NOBILIARCHIA PERNAMBUCANA

POR

A. J. V. Borges da Fonceca



(CONTINUAÇÃO DO N. 59)



TITULO XIV

DOS VIEIRAS DE MELLO

Esta familia é antiga nesta capitania e tem nella sua origem em Antonio Vieira de Mello, cavalheiro fidalgo, e natural de Catanhede, que passou a Pernambuco muito antes dos Hollandezes.

Não podemos descobrir o anno em que passou e só achamos em Fr. Manoel Calado, e consta dos livros da Camara da cidade de Olinda, que elle era um dos Vereadores da Camara da dita cidade (então villa), no anno de 1630 em que os Hollandezes se apoderaram desta capitania e foi Juiz Ordinario da mesma Camara.

Na guerra da Restauração de Pernambuco servio com grande reputação no posto de Capitão de Cavallos, e depois da guerra foi Sargento-mór da comarca, (o qual aqui chamam vulgarmente Sargento-mór do Estado) e foi senhor de uma pro-

priedade no cabo de Santo Agostinho, junto a Pirapama a qual ainda hoje chamam Modixote de Antonio Vieira.

Por um instrumento de genese, que tive em meu poder, passado pelo Dr. Manoel da Costa de Almeida, Conego Doutoral da Sé de Goarda, Deputado do Santo Officio, Lente de Canones da Universidade de Coimbra e no Bispado da dita Universidade, Provedor do Bispo Conde Dom Frei Alvaro de São Boa Ventura, consta que o dito Antonio Vieira era filho de Manoel Francico e de D. Francisca Gonçalves, gente honrada e das principaes da villa de Catanhede.

Casou Antonio Vieira de Mello nesta capitania com D. Margarida Muniz, filha de Marcos Fernandes Bitancourt e de D. Paula Antunes Muniz, naturaes da Ilha da Madeira, e deste matrimonio nasceram:

Antonio Vieira de Mello, que tambem foi Sargento-mór da comarca, e Cavalheiro da Ordem de Christo; casou na Bahia com D. Anna de Campos, filha de Jacintho de Campos, e deste matrimonio não houve successão.

José Vieira de Mello, que foi Clerigo Presbytero e Vigario confirmado da parochial freguezia de São Miguel de Ipojuca.

Manoel de Mello, que falleceu na Bahia solteiro.

Dionizio Vieira de Mello, que continúa.

Bernardo Vieira de Mello.

D. Angela Vieira, que casou com o Dr. Antonio Pereira da Fonceca, que foi Ouvidor na Ilha Terceira e falleceram sem successão.

D. Paula Vieira de Mello, que casou com Gonçalo Novo de Lyra e da sua descendencia daremos noticia.

Dionizio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, foi Capitão de Infantaria paga e Cavalheiro da Ordem de S. Bento de Aviz. Casou com D. Maria Barbosa, filha de Antonio Teixeira Barbosa, natural de Porto Carreiro, Bispado do Porto e de D. Anna Mendes irmã do padre Francisco Dias Teixeira, neta por parte paterna de Gaspar Teixeira e de D. Anna Nogueira, pessoas nobres e limpas da dita freguezia de Porto Carreiro, como me constou por um instrumento que tive em meu poder, passado em 14 de Fevereiro de 1680, pelo Dr. Hilario da Rocha de Calheiros, Provisor e Vigario Geral do

Bispado do Porto, Fernando Correia de Lacerda, e deste matrimonio de Dionizio Vieira com D. Maria Barbosa, nasceram os filhos seguintes :

Antonio Vieira de Mello, Clerigo Presbytero.

Antonio Teixeira Barbosa que foi Cavalheiro fidalgo, professo na Ordem de Christo e Capitão-mór de Muribeca. Casou com D. Catharina Bezerra, filha de Domingos Gonçalves da Costa a quem chamaram o *Masagão*, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de D. Adriana Camello e deste matrimonio não houve successão.

Francisco de Mello, que casou com D. Ursula Cavalcante filha de Matheus de Sá e de D. Maria Cavalcante, e deste matrimonio não houve successão.

Dionizio Vieira, que morreu menino.

D. Margarida Muniz de Mello, que casou com Mathias de Albuquerque Maranhão, proprietario do officio de Juiz de Orphãos e Escrivão da Comarca da cidade da Parahyba.

D. Maria de Mello, que continúa.

D. Maria de Mello, casou com Francisco de Nobalhos Yorrea, filho de Manoel Nobalhos Yorrea, hespanhol, que nesta Capitania foi senhor de alguns engenhos ; e deste matrimonio nasceram :

Manoel de Nobalhos Yorrea, que foi senhor do engenho de Sibiró e de outros, casou duas vezes: a primeira com D. Luiza de Mello, viuva de seu tio João de Nobalhos, e filha de Pedro Marinho Falcão e de D. Maria de Mello ; a segunda com sua tia D. Sebastiana de Mello, filha de Bernardo Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e de D. Maria Camello, e de nenhum destes matrimonios houve successão.

D. Juliana de Nobalhos, que falleceu solteira com o habito de Nossa Senhora do Carmo.

D. Joanna de Nobalhos, que tambem falleceu solteira.

Bernardo Vieira de Mello, filho quinto de Antonio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e Sargento-mór da Comarca de Pernambuco e de D. Margarida Muniz, foi tambem Cavalheiro fidalgo e Capitão da Ordenança. Casou com Maria Camello, filha de Belchior Alves Camello natural de Ponte de Lima, familiar do Santo Officio, Capitão-mór e Alcayde-mór da villa do Rio de São Francisco, Instituidor do Morgado, o qual a que

chamam das Alagôas, e de D. Joanna Bezerra, filha de Antonio Bezerra, o Barriga da casa dos Morgados das Paredes, em Vianna, e de sua mulher D. Izabel Lopes natural da Madeira e deste matrimonio nasceram :

Bernardo Vieira de Mello, que continua.

Manoel de Mello Bezerra, casou duas vezes : a primeira com D. Cosma da Cunha, filha de Gonçalo Novo de Brito e de D. Cosma da Cunha ; a segunda vez com D. Maria de Almeida, viuva do Capitão Valentim Tavares de Lyra e filha de Pedro Correia Barbosa, irmão do Capitão-mór de Ipojuca João Correia Barbosa e de D. Izabel de Moura irmã de João G Sq

Antonio Vieira de Mello, que é familiar do Santo Officio, e vive solteiro no Arorobá neste anno de 1748.

Manoel de Mello, que morreu menino.

D. Maria Camello, que casou com Francisco de Barros Rego, e de sua descendencia se tratará adiante.

D. Angela Vieira.

D. Sebastiana de Mello, que casou com seu sobrinho Manoel de Nabalhos Yorrea, como acima vimos falleceu neste anno de 1748 no seu engenho de Sibiró de Ipojuca, sem successão.

Bernardo Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, foi Capitão-mór da villa de Iguarassú, e na expedição da conquista dos Palmares de que foi encarregado pelo Governador Caetano de Mello de Castro, procedeu tão valerosamente, como ainda hoje é publica a fama e escreve Pitta na sua Historia da America Portugueza, livro 8° n. 36 pag. 479, e por este grande serviço foi Capitão-mór e Governador das Armas da Capitania do Rio Grande do Norte e no seu tempo se conseguio subjugarem-se os rebeldes Indios Jandoixs que continuadamente opprimiam aquella Capitania e ultimamente foi Sargento-mór e Commandante do Terço de Infantaria que El-rei mandou crear nos Palmares. Foi senhor do engenho de Pindoba, na freguezia de Ipojuca, que sua tia D. Juliana Bezerra, irmã de sua mãi encapellou para elle e seus descendentes (1). Casou duas vezes : a

(1) O capitão-mór Agostinho Cezar de Andrada, foi quem rendeu a Bernardo Vieira de Mello, no governo do Rio Grande do Norte, e consta de muitos attestados das principaes pessôas da dita provincia e até de um que passou o dito digo, que o referido capitão-mór Agosti-

primeira com D. Maria de Barros, filha de André de Barros Rego, Cavalheiro da Ordem de Christo e senhor do engenho de São João da Matta e de D. Adriana de Almeida, e deste matrimonio não teve successão.

Casou segunda vez com D. Catharina Leitão, filha do Capitão Gonçalo Leitão Arnoso e de Maria Leitão. Neta por parte paterna de Pedro Leitão Arnoso, natural de Braga, Cavalheiro da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio e proprietario do Officio de Escrivão dos defuntos e ausentes da Bahia e de D. Izabel Lopes, filha de Pedro Lopes e de D. Maria Matheus, e por parte materna de Antonio Leitão Arnoso natural de Braga, e de D. Ursula Lopes, filha do dito Pedro Lopes; e deste matrimonio de Bernardo Vieira com D. Catharina Leitão, nasceram:

André Vieira de Mello, que continua.

Bernardo Vieira de Mello, que foi Cavalheiro fidalgo professo na Ordem de Christo, proprietario do Officio de Escrivão dos defuntos e ausentes da Bahia, casou com D. Maria Felippa de Albuquerque, filha de Reynaldo Fragoso de Albuquerque e de D. Anna da Silveira Miranda e deste matrimonio não houve successão.

Antonio Leitão Arnoso.

José Vieira, que morreu menino.

D. Maria, que morreu menina.

André Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, servio a El-rei e foi Alferes da Companhia do Mestre de Campo do Terço do Recife; falleceu em Lisbôa; pedio pelo culparem nos levantes desta Capitania com seu pai.

Foi casado com D. Anna Thereza dos Reis, filha de Nicolau Coelho dos Reis, Sargento-mór da Comarca de Pernambuco, natural de Corude, e de D. Maria de Faria irmã do padre José de Farias, que foi da Companhia de Jesus e do padre Frei José de Santo Antonio, que foi Definidor na Religião de São Francisco, filhos de Mathias Ferreira e de D. Maria Soares de

---

nho Cezar de Andrada foi quem pacificou aquella Provincia e a livrou da devastadora guerra dos Indios. (Vid Cartorio do Escrivão Coelho, Livro de Registro de serviços antigos V.ª Miz.ª em 1776 e 1777.

Farias, e deste matrimonio de André Vieira com D. Anna Thereza dos Reis, nasceram :

D. Luiza Bernarda de Mello, que succedeu na capella do engenho do Pindoba. Casou com Gonçalo Francisco Xavier Cavalcante, seu primo e da sua descendencia diremos.

D. Catharina José de Mello, que casou com seu primo Nicolau Coelho de Albuquerque, irmão de seu cunhado, diremos.

Antonio Leitão Arnoso, filho terceiro do Capitão-mór Bernardo Vieira de Mello e de sua segunda mulher D. Catharina Leitão ; é Cavalheiro fidalgo e vive no presente anno de 1748. Casou com D. Maria Muniz de Mello, sua prima, filha do Sargento-mór Christovão Vieira de Mello e de D. Ursula Leitão.

Neta por parte paterna de Gonçalo Novo de Lyra e de D. Paula Vieira de Mello, e pela parte materna, do Capitão Gonçalo Leitão Arnoso e de D. Maria Leitão, de quem acima fallamos; e deste matrimonio de Antonio Leitão Arnoso com D. Maria Muniz, tem nascido até o presente :

Bernardo Vieira de Mello.
Antonio Leitão Arnoso.
Manoel de Mello Bezerra.
Antonio Vieira Muniz de Mello.
Christovão Vieira Muniz de Mello.
D. Ursula Leitão de Mello.
D. Catharina Leitão de Mello.
D. Ignez Maria Muniz de Mello.
N. N. N. N. que morreram meninas.

D. Angela Vieira, filha de Bernardo Vieira de Mello e de D. Maria Camello, casou com Francisco de Sá Peixoto, filho de João Peixoto Viegas e de D. Joanna de Sá, de familia nobre da dita Capitania da Bahia, para onde foram viver e lá tiveram os filhos seguintes :

João Peixoto Viegas, Coronel da Ordenança, que casou no Arrayal do Mestre de Campo Mathias Cardoso, com D. Rita.................. filha de Januario Cardoso e neta do sobredito Mestre de Campo, e deste matrimonio não ha successão.

José de Sá Bezerra Peixoto, que tambem foi Coronel da Ordenança e falleceu solteiro.

D. Joanna.................. Religiosa em um dos mosteiros da cidade da Bahia.

D. Maria.......................... que vive solteira na dita cidade.

DOS MOURAS

Esta familia é antiga em Pernambuco e tem nelle sua origem em D. Felippe de Moura que, dizem, viera a governar esta Capitania muito antes dos Hollandezes.

Era D. Felippe de Moura filho de D. Manoel de Moura irmão de Christovão de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, Grande de Hespanha e Vice-rei de Portugal, e vallido de D. Felippe o Prudente, então rei de Portugal.

Casou D. Felippe de Moura nesta Capitania de Pernambuco com D. Genebra de Albuquerque; ainda vivia no anno de 1611 como consta do livro dos casamentos da Sé de Olinda, 1612, 1613, 1614, 1616, 18—23; filha de Felippe Cavalcante, illustre fidalgo florentino, de quem daremos noticias no titulo do seu appellido, e de D. Catharina de Albuquerque, filha bastarda de Jeronymo de Albuquerque e de D. Maria Arcoverde, e deste matrimonio de D. Felippe de Moura com D. Genebra Albuquerque nasceram:

D. Francisco de Moura, que passou a servir a El-rei em Flandres e na India. onde occupou grandes postos, e depois vindo com o primeiro soccorro á restauração da Bahia a ficou governando desde o anno de 1624 até o de 1626, como referem Brito, Liv. 2º n. 171, Liv. 3º n. 233 e 279, Pitta, Liv. A ns. 42 e 52 e outros AA. que escreveram na guerra Brasilica, teve quatro commendas, e foi senhor da Ilha Graciosa; falleceu solteiro.

D. Antonio de Moura, que foi Governador do Cabo Verde onde falleceu solteiro e sem successão.

D. Jeronymo de Moura, que passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

D. Paulo de Moura, que falleceu religioso da Ordem de S. Francisco desta provincia do Brasil.

D. João de Moura, religioso da mesma Ordem e provincia.

D. Catharina de Moura, que continúa.
D. Izabel de Moura.
D. Mecia de Moura.

D. Catharina de Moura, casou com Lourenço de Souza e Moura, de cujo matrimonio nasceram :

Louoenço de Souza e Moura, que falleceu sem successão.

Manoel de Souza e Moura, que tambem falleceu sem successão.

D. Izabel de Moura, filha segunda de D. Felippe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, casou com Antonio Ribeiro de Lacerda, de quem fazem honradissima memoria Brito, Liv. 4º n. 356, Liv. 6º n. 379 e Liv. 8º n. 656 e os mais que escreveram da guerra Brasilica.

Era Antonio Ribeiro de Lacerda filho de Manoel Ribeiro de Lacerda, soldado brioso com quem se namorou e casou D. Maria Pereira Coutinho, mulher de mui superior qualidade, natural de Pancos, por cuja causa receioso Manoel Ribeiro de Lacerda, se retirou para o Brasil deixando a sua mulher peijada de Antonio Ribeiro de Lacerda e mandando depois buscar a sua mulher e filho e vindo com effeito o acharam fallecido e se casou D. Maria Pereira Coutinho com.................. Dias da Fonceca, homem nobre natural da Villa do Conde, como logo veremos. Do matrimonio de Antonio Ribeiro de Lacerda com D. Izabel de Moura nasceram :

Monoel Ribeiro de Lacerda, que falleceu solteiro e sem successão.

D. Maria de Lacerda, que casou com seu tio Felippe Cavalcante e de sua descendencia diremos.

D. Mecia de Moura, filha terceira e ultima de Felippe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, casou com Cosme Dias da Fonseca, natural de Pernambuco e nelle senhor de muitos engenhos, e era filho de Pedro Dias da Fonceca natural da villa do Conde da familia dos Carneiros Gazios, uma das mais nobres daquella villa e de D. Maria Pereira Coutinho, viuva que ficara de Manoel Ribeiro de Lacerda, de quem acima fallamos e neto pela parte paterna de Antonio Dias da Fonceca e de D. Joanna de Góes filha de Pedro de Góes. Deste matrimonio de Cosme Dias da Fonceca com D. Mecia de Moura nasceram :

Pedro de Moura Pereira, que continua.

Felippe de Moura e Albuquerque que no anno de 1624, embarcou feito Capitão de Infantaria em companhia de seu tio D. Francisco de Moura no primeiro soccorro que foi á restauração da Bahia, onde ficou e se casou duas vezes, a primeira com D. Felippa Pessara, a segunda com D. Maria Pimentel, filha de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joanna de Araujo, pessoas mui nobres, e de nenhum destes matrimonios houve successão.

Manoel de Moura Rolim.

Cosme Rolim de Moura, que passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

Francisco de Moura Rolim, tambem passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

Paulo de Moura, que falleceu religioso da Ordem de São Francisco nesta provincia do Brasil.

Antonio de Moura, que falleceu religioso na mesma Ordem e provincia, foi baptisado na igreja do Salvador a 12 de Junho de 1611.

D. Maria Pereira de Moura, que casou com Zenobio Accioly de Vasconcellos, fidalgo Cavalheiro da Casa Real, Alcayde-mór da villa de Olinda e mestre de Campo de Infantaria do 3· pago da praça do Recife, e de sua descendencia diremos.

Pedro de Moura Pereira, que no anno de 1609 casou com sua prima D. Francisca Cavalcante, filha de Cosme da Silveira, primo de Cosme Dias da Fonceca, seu pai e de D. Margarida de Albuquerque Cavalcante, irmã de D. Genebra de Albuquerque, de quem acima fallamos, a qual D. Margarida de Albuquerque, depois viuva de João Gomes de Mello. Do matrimonio de Pedro de Moura, que falleceu no anno de 1677, com D. Francisca Cavalcante, nasceu unica.

D. Mecia de Moura, nasceu no anno de 1651 e casou no de 1673, com seu primo Antonio de Moura, como veremos.

Manoel de Moura Rolim, filho terceiro de Cosme Dias da Fonceca e de D. Maria de Moura, nasceu no anno de 1616; foi feito Capitão de Infantaria em companhia de seu tio D. Francisco de Moura, no primeiro soccorro que foi á restauração da Bahia onde falleceu no anno de 1664.

Casou na dita cidade da Bahia, com D. Anna Maria da

Silva, irmã de sua cunhada D. Maria Pimentel, filhos de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joanna de Araujo, e deste matrimonio nasceram :

Antonio de Moura Rolim, que continua.

Cosme de Moura Rolim, que falleceu solteiro na Bahia.

Felippe de Moura de Albuquerque, que tambem falleceu na Bahia solteiro e sem successão.

D. Mecia de Moura, que casou na Bahia com seu primo Manoel Garcia Pimentel senhor donatario da Capitania do Espirito Santo e falleceu sem successão.

Antonio de Moura Rolim, nasceu de 1658 e falleceu na Bahia, sua patria, casou no anno de 1673 com sua prima D. Mecia de Moura filha de Pedro de Moura e de D. Francisca Cavalcante e deste matrimonio nasceu unicamente :

Manoel Garcia de Moura Rolim, nasceu no anno de 1677 e casou com D. Ursula Carneiro da Cunha, filha do senhor do engenho do Meio, na freguezia da Varzea e de D. Anna Carneiro de Mesquita, no anno de 1701 e até o presente de 1748 não ha deste matrimonio successão.

DA FAMILIA DOS SOUZAS

A familia dos Souzas da Jurissaca é antiga nesta Capitania onde tem illustrissima origem em D. Luiz deSouza, filho de D. Francisco de Souza, Alcayde-mór de Rija e Governador da Bahia e de D. Leonor de Menezes filha de D. Rodrigo de Castro o *Hambriotos* e Alcayde-mór e Commendador da Cea, e Capitão de Cavallos, da sua nobilissima ascendencia tratam largamente os Nobiliarios de Portugal, e Carvalho na sua Corog. Port. tom. 1° Pact. 3°, Cap. 11, pag. 1249.

Não podemos descobrir com certeza o anno em que passou a Peruambuco D. Luiz de Souza, mas é verosimil seria pelos annos de 1591 até 1602, em que seu pai governou o Brasil e só temos certeza de que no de 1635 já era fallecido, segundo escreve Brito, Liv. 8° n. 657 pag. 345.

Casou nesta Capitania de Pernambuco com D. Catharina Barreto filha de João Paes Velho Barreto, instituidor do morgado de Nossa Senhora Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho e de D. Ignez Gardez, neta primeira pela parte paterna

de Antonio Velho Bernardo, Morgado de Balheira, na villa de Vianna e de D. Marianna Pereira da Silva, da Casa de Regalados, e pela materna de Francisco Carvalo de Andrade e de D. Maria Tavares Gardez; e deste matrimonio de D. Luiz de Souza com D. Catharina Barreto nasceram os filhos seguintes:

D. Pedro de Souza, que falleceu sem succcessão.

D. Francisco de Souza, que tambem falleceu sem successão.

D. João de Souza, qu continua.

D. Diogo de Souza, que passou a Portugal e lá foi Religioso da Ordem da Santissima Trindade.

D. Helena de Souza, que falleceu religiosa em Portugal.

D. Angela de Souza, que tambem falleceu religiosa em Portugal.

D. João de Souza, servio com muita honra na guerra da restauração desta Capitania, sua patria, e depois da guerra foi Mestre de Campo do Terço pago de Infantaria da Praça do Recife e Commendador das Commendas de Santo Eurico, de S. Fions, na Ordem de Christo. Casou com D. Ignez Barreto de Albuquerque, filha de Felippe Paes Barreto, senhor do Engenho de Garapú e de D. Brites de Albuquerque.

Neta por parte paterna de João Paes Velho Barreto, instituidor do Morgado de Nossa Senhora da Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho e de D. Ignez Gardez, e por parte materna de Antonio de Sá Maya e de D. Catharina de Mello e Albuquerque; e deste matrimonio de D. João de Souza com D. Ignez Barreto, que foram os instituidores e fundadores da Igreja de Nossa Senhora do Paraiso e hospital desta villa do Recife, nasceu unico:

D. Luiz de Souza, que falleceu menino.

DA FAMILIA DOS FURNAS, PROPRIETARIOS DOS OFFICIOS DE JUIZ DE ORPHÃOS E ESCRIVÃO DA CAMARA DA CIDADE DA PARAHYBA

O tronco da familia dos Furnas é Antonio Fernandes Furnas, Cavalheiro da Ordem de S. Thiago, que veio a esta Capitania com o posto de Capitão-mór e Governador das Armas da Capitania do Rio Grande

Não podemos desdobrir com certeza o anno em que passou a Pernambuco Antonio Fernandes Furnas, nem de quem era filho e só sabemos que era natural da Ilha da Madeira, onde seu irmão primogenito, a quem ignoramos o dome, casou com D. Catharina de Aragão, mulher da primeira distincção daquella Ilha, e tambem sabemos que seus irmãos Manoel Fernandes Correia e Francisco Fernandes Furna, que morreram em Lisbôa foram Cavalheiros da Ordem de Christo, e que este ultimo fora tambem familiar do Santo Officio e delle procedeu a familia do Conego de Lisbôa, Fernando de Almeida, seu neto.

Antonio Fernandes Furnas, casou nesta Capitania com D. Beatriz de Souza e Abreu, filha de Paulo de Souza proprietario de um officio de Tabellião da cidade de Olinda (então villa) pela sua mulher D. Catharina Luiz, naturaes do Porto, dos quaes tambem é filho Aleixo de Souza, o velho ; e deste matrimonio houveram alguns filhos, que por não deixarem successão se fizeram esquecidos, e só conservamos a memoria do seguinte :

Luiz de Souza Furna, que continua.

Antonio Fernandes Furna.

Luiz de Souza Furna, viveu na Capitania da Parahyba, onde foi Coronel da Ordenança, proprietaric dos officios de Juiz de Orphão e Escrivão da Comarca, possuio muitos bens e soube conciliar um respeito e veneração grandes e universal. Casou com D. Catharina Simôa de Albuquerque Maranhão, fidalgo da Casa Real, e de D. Izabel da Camara.

Neta por parte paterna de Jeronymo de Albuquerque, fidalgo da Casa Real e restaurador do Maranhão e de D. Catharina Feyo Goardez, e por parte materna de Pedro Gago da Camara e de D. Izabel de Oliveira, pessoas mui principaes do Rio de Janeiro, e deste matrimonio de Luiz de Souza Furna com D. Catharina Simôa de Albuquerque, nasceram :

Mathias de Albuquerque Maranhão, que continua.

D. Brites de Albuquerque, que não teve estado.

Mathias de Albuquerque Maranhão, viveu no presente anno de 1748, na cidade da Parahyba, velho e louco ; foi casado com D. Margarida Muniz de Mello, filha de Dionizio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e professo na Ordem de Christo, e Capitão de Infantaria, e de D. Maria Barbosa, dos quaes ja fallamos ; e por este casamento foi Mathias de Albu-

querque senhor do engenho de Tapyra, na freguezia de Ipojuca que para elle e seus descendentes encapellou o Padre Francisco Dias Teixeira, tio de sua mulher. Dêste matrimonio de Mathias de Albuquerque Maranhão com D. Margarida Muniz de Mello, nasceram:

Antonio de Albuquerque Maranhão, que no presente anno de 1748 é Capitão do Regimento de Dragões desta Capitania e Commandante da freguezia de Ipojuca, Administrador da Capella do engenho de Tapyra. Casou com D. Joanna Vieira de Sá, filha de João Alves Vieira, Cavalheiro da Ordem de Christo e familiar do Santo Officio e de D. Margarida de Sá. E deste matrimonio não ha até o presente successão.

Francisco de Mello Muniz, Capitão de Auxiliares do Terço de João Marinho, que vive solteiro em Ipojuca.

D. Maria de Albuquerque, que vive solteira.

D. Luiza de Albuquerque, que vive solteira.

D. Izabel da Camara de Albuquerque, que vive solteira.

DOS MONTEIROS

Esta familia se tem conservado limpa e se acha hoje com bastante nobreza e luzimento. Teve principio em Domingos Monteiro de Oliveira, a quem acho assignando termo de Irmão da Misericordia de Olinda a 3 de Julho de 1577, e delle consta que era natural de Ancedo, bispado do Porto e filho de Agostinho de Oliveira e de sua mulher D. Maria Monteiro; foi casado com D. Maria Dias Videira, natural do mesmo bispado do Porto, e della teve, entre outros filhos, de que não tenho noticia, os quatro seguintes:

D. Paula..................... mulher do Capitão Antonio Fernandes Mattos, Cavalheiro da Ordem de Christo, bem conhecido pelos grossos cabedaes que possuio, pela fundação do Collegio dos Padres Jesuitas do Recife e Ordem Terceira de São Francisco da mesma villa e pela fortaleza edificada á sua custa, que ainda hoje conserva o seu appelido.

D. Marianna Monteiro, que continúa.

D. Maria Dias, mulher do Sargento-mór Alvaro Pereira que não tenho noticia se teve successão.

D. Luiza.................. adiante.



D. Marianna Monteiro, casou duas vezes; a primeira com Manoel Gonçalves Bandeira, natural de Lisbôa, e a segunda com Antonio Alves Lima com quem se achava casada a 6 de Novembro de 1716 (sendo sua terceira mulher) o que consta do termo de Irmão da Misericordia, que assignou o dito Antonio Alves Lima, que era natural da villa de Barcellos e filho de Balthasar Gonçalves Lima e de sua mulher Maria Mendes Mendes Pereira, nasceram:

Do primeiro matrimonio:

D. Anna Bandeira, que continua;

N.................. Bandeira;

D. Maria Bandeira, adeante;

N.................. Bandeira, da Congregação do Oratorio e depois ....da Reforma;

D. Maria Bandeira, adeante.

Do segundo matrimonio:

Miguel Alves Lima, adeante;

D. Paula Monteiro de Lima, adeante.

D. Anna Bandeira, casou com Jeronymo Deniz e foram seus filhos:

José Deniz, presbytero da Congregação do Oratorio do Recife.

Fr. Alexandre............ Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Fr. Jeronymo............ Religioso da mesma Ordem na Provincia da Observancia da Bahia.

D. Paula Deniz Bandeira, que continua.

D. Ignacia Deniz Bandeira, adeante.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Paula Deniz Bandeira, casou com Antonio de Torres Bezerra, familiar do Santo Officio e teve os filhos seguintes:

Antonio de Torres Bandeira, que continua.

Fr. Jeronymo de Santo Antonio, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma e Prior do Convento do Recife.

Manoel de Torres Bandeira, adeante.

Fr. Felippe............ Religioso da dita Ordem na Provincia da Observança.

Fr. Felix............ Religioso da mesma Ordem, na Provincia da Reforma.

S. R. adeante.

B............ adeante.

B............ solteira.

Antonio de Torres Bandeira, indo estudar a Coimbra casou em Lisbôa com D. Angelica............ com quem voltou para a patria onde servio com o officio de Almoxarife da Fazenda Real e por isso se ausentou para Lisbôa onde vive. Teve os filhos seguintes:

Manoel de Torres Bandeira, casou com D. Angelica filha de Francisco Lopes de Barros, senhor do engenho de André em Goyanna.

B............ casou com Francisco Lopes de Barros, irmão do Padre que tambem se chamou Francisco Lopes de Barros que morreu no engenho Novo de Goyanna, e filhos do dito Francisco Lopes de Barros, senhor do engenho Arodié.

B............ casou em Goyanna no engenho do Jacaré com ....

D. Ignacia Deniz Bandeira, casou duas vezes: a primeira com João Correia Vieira familiar do Santo Officio; e a segunda com Manoel Alves Guimarães, que falleceu na Bahia. Ensaiador da Casa da Moeda. Não sei se teve filhos deste segundo matrimonio, porem do primeiro nasceram:

Fr. Alexandre da Purificação, Monge Benedictino, Doutor em theologia pela sua Religião e Abbade da Parahyba.

João Correia Vieira, que vive no sertão de Quixeramobim da Capitania do Ceará.

D. Maria Deniz Bandeira, casou com Francisco Antunes de Araujo, familiar do Santo Officio e teve os filhos seguintes:

Fr. Francisco de Santo Agostinho, Religioso da Ordem de São Francisco.

Fr. João Baptista da Purificação, Monge Benedictino.

Fr. Vicente de Santa Engracia, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Sebastião Antunes de Araujo, cavalheiro da Ordem de Christo, que foi casado com D. Luiza.................. viuva do Tenente de Mestre de Campo General Engenheiro e Commandante de Artilharia João de Macedo Côrte Real e filha de An-

tonio de Araujo Lopes, e de sua mulher Anna Maria, a qual D. Luiza por morte de Sebastião Antunes casou terceira vez.

José Antunes de Araujo que continúa.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Josepha Deniz Bandeira, adeante.

D. Anna Bandeira, foi segunda mulher do ......Jeronymo de Albuquerque Maranhão, fidalgo da Casa Real, filho do Mestre de Campo Affonso de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Adrianna Vieira de Sá. (Vide titulo de Albuquerques.)

José Antunes de Araujo, que mora em Taquara, casou com sua sobrinha D. Josepha........... filha do Coronel Domingos Fernandes de Souza, e de sua mulher D. Maria.........

D. Maria Deniz Bandeira, casou com o Coronel Domingos Fernandes de Souza, familiar do Santo Officio, e tiveram quinze filhos os quaes tem hoje uma descendencia muito grande e notavel, procure-a quem tiver interesse de saber.

Francisco Fernandes de Souza, Clerigo Presbytero.

Domingos Fernandes de Souza, adeante.

N............... adeante.

Fr. Manoel da Ressurreição, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma e Mestre na sua Religião.

Fr. Domingos........... Religioso da mesma Ordem na Provincia da Ordenança.

Fr. José de Jesus Maria Souza, Religioso Franciscano.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Josepha Deniz Bandeira, que casou com seu tio o Capitão José Antunes de Araujo, como acima vimos.

Joaquim..............

Domingos Fernandes de Souza, casou com D. Thereza da Silva Gama, filha do Capitão Antonio da Silva Gama e de sua mulher D. Anna da Silva Gorjão, 3 filhos.

João Francisco de Souza, a quem mandaram em Parahyba depois que vim para o Ceará, casou com D. Josepha, a qual depois de viuva casou-se com Francisco de Macedo e teve dous filhos.

D. Anna Francisca Sr^a., casou com o Tenente-coronel

Manoel Alves de Carvalho de Alves Correia, filho............ e nasceram dahi tres filhos.

D. Josepha Deniz Bandeira, casou com o Capitão Antonio Baudista Coelho, que foi Almoxarife, e deste matrimonio nasceu um só do mesmo nome.

D. Maria Bandeira, casou com Francisco Gonçalves da Silva natural de Vianna e deste matrimonio nasceram :

Fr. Manoel de Jesus Maria, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Fr. Francisco............ Religioso da mesma Ordem e Provincia, que foi Prior de Goyanna.

D. Anna Bandeira, que continua.

D. Maria José Bandeira, adeante.

D. Anna Bandeira, casou com Luiz da Costa Monteiro, familiar do Santo Officio e irmão do Capitão-mór João da Costa Monteiro em quem adeante se ha de fallar ; e deste matrimonio nasceram :

Francisco da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero, Commissario do Santo Officio.

Domingos da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo, formado pela Universidade de Coimbra e ao presente Deputado da Companhia Geral.

D. Maria Bandeira, que continua.

D. Thereza............ adeante.

D. Maria Bandeira, casou com Antonio Gomes............ familiar do Santo Officio.

D. Thereza............ casou com o Dr. José Ignacio da Cunha, Cavalheiro da Ordem de Christo, familiar do Santo Officio e Thesoureiro fiscal do Bispado de Pernambuco, filho do Capitão Luiz da Cunha e de sua mulher Joanna Gomes. E deste matrimonio nasceram :

D. Maria José Bandeira, casou com o Capitão-mór Domingos Ribeiro de Carvalho. E deste matrimonio nasceram :

João Pires de Carvalho, Clerigo de Ordem sacras.

Miguel Alves Lima, filho de D. Marianna Monteiro n. 2, e do seu segundo marido o Tenente Antonio Alves Lima ; foi Sargento-mór das Ordenanças da cidade de Olinda e Escrivão da Camara Ecclesiastica, e tambem servio de Escrivão da Fazenda. Casou com D. Maria José do Desterro, viuva de An-

tonio Bezerra Cavalcante, o Mudo, e filha do Dr. Francisco Calheiros e de sua mulher D. Thereza da Silva Vieira. E deste matrimonio nasceram:

Fr. Francisco de Jésus Maria, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

Fr. José Joaquim de Santa Anna, Religioso da mesma Ordem e Provincia.

Antonio José Alves Lima, Clerigo.

D. Paula Monteiro de Lima, que casou na Parahyba com seu primo o Coronel Francisco Pinto Correia senhor do engenho Enhubim.

D. Marianna Monteiro de Lima, que casou em Olinda com o Capitão de Ordenanças Antonio Dantas Correia, senhor do engenho Fragoso.

O Capitão Francisco Alves de Lima, que casou com D. Antonia Nogueira, que era filha do Mestre de Campo Gonçalo Pinto Calheiros e de sua mulher D. Joanna Tenorio.

D. Paula Monteiro de Lima, casou com João da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão da villa do Recife, e tiveram os filhos seguintes:

José da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero.

Joaquim da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero.

Antonio da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero que foi da Congregação do Oratorio de Nossa Senhora Madre de Deus.

João da Costa Monteiro, que continua.

D. Marianna Monteiro, que casou com o Coronel Ignacio Machado Freire, filho do capitão Miguel Machado Freire e de sua mulher Joanna Gomes; e da sua successão se escreve na familia dos *quatro cunhados.*

D. Josepha Thereza da Costa, que casou com o Capitão Ignacio Rabello Leitão, filho de Ignacio Rabello da Rocha e de sua mulher D. Maria Leitão. (Vid. tit. Leitões Arnozos.)

D. Thereza Josepha da Costa, adeante.

D. Anna Victoria, que casou com Antonio José da Maia Collaço, filho de Francisco Xavier da Maia e de sua mulher D. Anna Thereza Mauricia de Brito Campello. (Vid. tit. de Campellos.)

João da Costa Monteiro, foi familiar do Santo Officio e

Coronel dos Reformados. Casou com D. Thereza Maria da Santissima Trindade, filha do Capitão Julião Raposo de Aguiar e de sua mulher D. Maria Correia (em tit. de *quatro cunhados*). E deste matrimonio nasceram

D. Thereza Josepha da Costa, casou com o Dezembargador Antonio Ferreira Gil. E deste matrimonio nasceram:

D. Luiza............ casou com João Velho Gondim; e deste matrimonio nasceram:

José Velho Gondim, Clerigo Presbytero.

Fr. Francisco, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

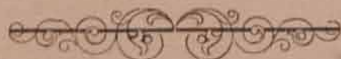
D. Manuella.................. que continua.

D. Manuella .... casou com Belchior Fernandes e viveram...

B............................. que casou duas vezes, a primeira com o Sargento-mór Antonio da Cunha Ferreira, proprietario do Officio de Escrivão da Alfandega do Recife e foi sua segunda mulher; e a segunda vez casou com Antonio Velloso da Silveira, familiar do Santo Officio........................ filho de Diogo da Silveira Velloso, que foi Tenente do Mestre de Campo General, Engenheiro e Commandante da............ e de sua mulher D. B........... Theodosio. Deste segundo matrimonio nem ha nem pode haver mais filhos, e do primeiro nasceu único:

Miguel da Cunha Ferreira, que casou com D............. filha do Desembargador Antonio Ferreira Gil.

(Continúa.)



A Imprensa em Olinda

ESCORÇO BIBLIOGRAPHICO

Não obstante ser Olinda a mais antiga cidade pernambucana e por longos annos a capital da capitania e da provincia apóz, a imprensa tardou muito em assentar arraiaes, e ainda assim provisorios, nos seus dominios.

O Recife viu-a pela primeira vez, como diabolico e condemnavel artificio, apezar de só imprimir devotas orações, no mesquinho prélo mandado sequestrar pela Ordem Regia de 8 de Julho de 1706; em 1817, ao influxo das idéas liberrimas dos patriotas republicanos, conheceu-a como prodigioso instrumento de propaganda democratica, na *Officina Tipographica da Republica de Pernambuco 2ª vez restaurada*, de que sahiram o famoso *Preciso* de José Luiz de Mendonça e numerosas proclamações e manifestos; e, em 1821, rejubilou-se com possuil-a emfim definitivamente como arma efficacissima na luta pela liberdade.

Seguio-se Goyanna, que fruio-lhe as compromettedoras vantagens no fervor revolucionario precedente á Confederação do Equador, laborando ali, em principios de 1824, a *Typographia Particular do Gabinete Patriotico*, de que ainda nos resta uma proclamação datada de 10 de Fevereiro daquelle anno;

mas, só sete annos mais tarde devia a velha Olinda contar no seu ambito uma typographia activa e fecunda, si bem que de ephemera existencia.

Com effeito, só em meiados de 1831, mais dum triennio apóz a installação do Curso Juridico, estabeleceu a firma— *Pinheiro, Faria & Comp.* ali, á rua do Amparo n. 22, uma officina typographica que laborou por espaço de quasi dous annos, dando á luz varios livros, folhetos e periodicos, todos notaveis pelo seu aspecto artistico, belleza de composição, esméro de revisão e cuidadosa impressão, e todos hoje de extrema raridade.

O primeiro daquelles, impresso já em 1831, foi a obra de Ramon Sales, o famoso doutor de Salamanca, intitulada — *Liçoens de Direito Publico Constitucional*, traduzida por D. G. L. D'Andrade (8°, XXIV+152 pp., 2 fls.).

O anno de 1832 foi muito mais fertil, sahindo durante elle da typographia de Olinda as seguintes publicações:

Elementos de Economia Politica, de Stuart Mill, traducção do francez confrontada com o original inglez pelo Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque e os então academicos Alvaro Teixeira de Macedo e seu irmão Sergio Teixeira de Macedo; o *Elogio da Loucura* por Erasmo, traducção do mesmo Dr. Pedro Autran; as *Cartas de Echo á Narciso*, por Antonio Feliciano de Castilho, em nova edição offerecida á mocidade academica de Olinda e seguida de differentes peças relativas ao mesmo objecto (in–12°, 168 pp.); a *Tactica das Assembléas Legislativas*, obra extrahida dos manuscriptos de Mr. Jeremias Bentham por Mr. Et. Doumont, de Genebra, traduzida do francez por *** e revista e depurada por *** (in–8°, 247 pp.); uma traducção do *Micromegas* de Voltaire; a traducção do inglez da novella de Anna Radcliffe intitulada *A Caverna da Morte*; um compendio de *Grammatica Portugueza*, e um folheto contendo a *Defeza* de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite accusado do crime de abuzo da liberdade de imprensa.

Emfim, em 1833, antes de se transferir para o Recife (1), a imprensa olindense ainda deu á luz um *Codigo do Processo Criminal*, derradeiro livro que ali foi então impresso.

Foi menos copiosa em especies, comquanto mais numerosa em edições, a imprensa periodica, inaugurada, em Novembro

de 1831, com *O Mercurio*, jornal do commercio, industria e agricultura, que trazia, acima do titulo uma vinheta representando a divindade mythologica daquelle nome, e ostentando

N.º 66. QUARTA FEIRA 25 DE JANEIRO DE 1832.

DIAS SANTOS NA SEMANA. Nenhum.

DIAS FERIADOS NA SEMANA. Nenhum.

O MERCURIO.

JORNAL DO COMMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA.

Adolphe Blanqui.

OLINDA NA TYP. DE PINHEIRO FARIA & COMP. RUA DO AMPARO N.º

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

MINISTERIO DA JUSTIÇA

Instrucções para as Rondas Municipaes Permanente

1 DE de dia e de noite haverá rondas de Infantaria por toda a Cidade, e de Cavalleria nos seus arredores.

2. De dia bastará, que a ronda consiste de hum à dous Soldados, excepto nos arrabaldes ou ruas pouco povoadas, os quaes tendo necessidade de reforço apitarão, e serão immediatamente soccorridos pelas rondas vezinhas, e Guardas Nacionaes, e Municipaes da vizinhança.

As obrigações das Rondas são as seguintes

1 Prender a qualquer pessoa que estiver espancando, injuriando, ameaçando, furtando, damnificando, ou commettendo qualquer outro crime, ou que constar havê-lo commettido a pouco tempo.

4. Prender os que reunidos em numero de trez, ou mais, forem indicios de assim estarem para commetter algum crime, e sendo de noite, estando reunidos 5, ou mais pessoas sem algum fim justo, e reconhecido, serão presas.

5. Quando houver reunião por causa de algum espectaculo, ou outro qualquer motivo justo, observará a ronda, que no ajuntamento se conserve ordem, e tranquillidade, e havendo indicios de ser ella perturbada, fará avisar a qualquer Juiz de Paz, ou Criminal mais vezinho, para que a venha mandar dissolver; e então fará o que pelo mesmo Juiz pessoalmente lhe for ordenado.

6. Prender os que estiverem fazendo tumulto, motim, ou assuada.

7. Prender o que estiver doido, furioso, ou embriagado.

8. Prender os que trouxerem armas de qualquer natureza, excepto os Militares trazendo as dos seus uniformes, estando em serviço.

9. Prender os que estiverem commettendo alguma acção evidentemente offensiva da Moral publica, e bons costumes.

10. Prender os que forem encontrados com instrumentos de furto, ou de qualquer crime.

11. Prender os que andarem com distinctivos, que lhes não competem.

12. Apalpar a qualquer pessoa, que se tornar suspeita, para ver se tem armas, ou instrumentos de crime, e prendê-la, quando sejão encontrados.

13. Conduzir a presença de qualquer Juiz a pessoa que se tornar suspeita pelo lugar, e tempo, e não dando ella razão satisfactoria da sua actual conducta.

14. Para prender criminosos poderá de

como epigraphe as palavras de *Adolphe Blanqui* : « *As populações mais laboriosas são as mais respeitaveis, as mais bem vestidas, nutridas, e governadas, e por consequencia as mais pacificas ; porque o commercio e a industria são amantes das luzes, e por estas he que mantem a dignidade dos homens, e o respeito devido aos seus direitos.* » Era de publicação diaria formato in-folio pequeno e assignava-se pelo preço mensal de 640 réis ; ignoramos quem fôsse o seu redactor e si era uma folha pura-

mente mercantil de propriedade da firma em cuja typographia se imprimia; dos raros numeros que podemos examinar nos parece provavel durasse até meiados de 1832.

Ao tempo do apparecimento d'*O Mercurio* surgio igualmente em Olinda, a 2 de Novembro de 1831, o primeiro numero dum outro jornal de menores dimensões e indole assaz diversa. Foi a *Voz do Povo*, periodico politico e moral, redigido pelo estudante pernambucano Henrique Felix de Dacia;

ANNO 1831. NUMERO 1.

VOZ DO POVO.

PERIODICO POLITICO, E MORAL.

pugnava ardentemente pelo federalismo, então muito em voga, e tinha como programma os seguintes versos de Francisco Manoel:

« . . . . *direi cousas mais altas,*
« *Que discrida não pensa a impiedade,*
« *Mas, que da sãa virtude sejam dignas.* »

Não se publicava a intervallos regulares, a sua assignatura era de 320 réis por mez e o formato in-4°; até 12 de Outubro de 1832 sahiram 24 numeros e em 2 de Maio do anno seguinte reappareceu, com o n. 25, tendo o titulo mudado para *Voz do Povo Pernambucano*, mas continuando a ser impresso na mesma typographia de *Pinheiro, Faria & Comp.*, já então

transportada para o Recife e localisada no predio n. 5 da rua das Cruzes. (1)

Mudança inversa fôra, dous annos antes, operada com *O Olindense*, outro jornal politico e litterario de importancia

ANNO XI DA INDEPENDENCIA N. 98. SABADO 21 DE ABRIL 1832

OLINDENSE.

JORNAL POLITICO, E LITERARIO.

INTERIOR

PERNAMBUCO.

Posto que já tenha aparecido nos jornaes d'esta Provincia a descripção dos acontecimentos sediciosos que tiverão lugar nos dias 15 e 16 do corrente, com tudo nos passamos de novo a referilos em attenção ao que devemos aos assignantes da nossa folha.

No dia 14 do corrente teve o Governo huma denuncia de que os absolutistas pretendião proclamar D. Pedro 1.º, e o Ex.mo Presidente convocou logo o Conselho e de acordo com o Sr. Commandante das Armas por em pratica tudo, que foi possivel a fim de sufocar a sedição, mas tarde se aplicava o remedio por que a mal se havia tornado incuravel: a despeito de todas as medidas preventivas, na noite do dia 14 rebentou a sedição dirigida pelo discolo, e sempre abominavel Francisco Jose Martins, e sustentada pelo Batalhão 53 e parte do 54 destacamento da Fortaleza do Brum, officiaes, e paizanos que para aquelle fim estavão aliciados.

Senhores do Bairo da Recife os sediciosos se dirigirão a Fortaleza do Brum, cujo acesso com incrivel facilidade lhe foi franqueado pelo estranhissimo procedimento, ou tal vez convenencia do Commandante, o que quize que hia custando a vida d'hum dos nossos mais estimaveis Patriotas o Sr. Major Mello, que felizmente salvou-se precepitando-se da muralha da Fortaleza.

Na mesma ocasião foi acometido em sua casa o Sr. Intendente, a quem permitio a Providencia escapar com vida, a fim de prestar-nos (como em outras eras) relevantes serviços, passando-se para o Brigue Barca Pirajá que ocupou em todo o tempo da desordem o lugar, que defronta com o largo da Intendencia, causando consideravel estrago aos sediciosos.

Logo na manhã do dia 15 principiarão as hostilidades da parte dos facciosos, que forão fortemente reagidos pelo Batalhão 54 e alguns Cidadãos Commandados pelo Sr. Capitão Carapeba, e hum parque de Artilharia sob a direcção do Sr. Brigadeiro Paula Vasconcellos: ao romper do mesmo dia 15 receberão os Academicos de Olinda hum convite do Ex.mo Sr. Presidente para que se reunissem a nossa força do Bairo de S. Antonio, em virtude do que pos-se a caminho a major parte da Academia, mas na altura das Salinas aparece o Sr. Major S. Tyago, que os fez voltar dizendo que da parte do Governo houvessem de ocupar a Fortaleza do Buraco, o que foi promptamente executado, conduzindo-os o dito Major a aquelle ponto com mais 30 Praças e hum official do Batalhão 55, aqui estacionados começarão logo a fazer fogo sobre a fortaleza do Brum.

As 11 horas chegarão ao Bairo de S. Antonio os Srs. Tenente Coronel Francisco Jacinto com 80 Praças de Pé e 10 a cavallo, Major Francisco Antonio dos Santos, e Carneirinho o 1.º ficou estacionado no mesmo Bairro, e o 2.º foi postar a sua gente em Santo Amaro. A Escuna de guerra Rio da Prata postou-se de fronte da Alfandega contra os faciosos, causando-lhes grandes estragos.

O resto do dia 15 e toda a noite passou-se em hum fogo continuo de parte a parte: Os estragos que sofrerão os sediciosos, causados pela força de terra, e mar os desacorsoou de maneira que abandonarão a Fortaleza do Brum, a qual foi ocupada

muito mais consideravel; começando, a 2 de Maio de 1831, a sahir dos prelos da *Typographia Fidedigna*, de J. N. de Mello, e situada no Recife á rua das Flores n. 18, passou, em Novem-

(1) Em 2 de Março de 1833 Pinheiro & Faria fizeram a declaração legal de haverem mudado a sua typographia de Olinda para a rua das Cruzes, D. 5, Bairro de Santo Antonio, Recife. *Archivo Municipal do Recife* — Livro 1º dos termos de responsabilidade.

bro, a ser impresso em Olinda até a sua extincção. Consubstanciava os seus intuitos numa longa epigraphe ou divisa, extrahida duma das obras de Thomas e assim concebida :— *« Ayons du moins le courage de bien dire, dans un siècle ou peu d'hommes ont le courage de bien faire. Les hommes vertueux m'en sauront gré, et l'indignation du vice sera encore un nouvel elóge pour moi »* ; redigiam-no os estudantes Alvaro e Sergio Teixeira de Macedo e Bernardo de Souza Franco ; folha exclusivamente politica, foi o typo dos jornaes academicos que se lhe succederam por mais dum decennio e que, no dizer de Joaquim Nabuco, continha apenas dissertações rhetoricas sobre themas constitucionaes e ás vezes, em « paragraphos » soltos, á moda norte-americana, pequenas verrinas condensadas.

O Conciliador Pernambucano.

Vol. 1.º SEGUNDA FEIRA 2 DE ABRIL DE 1832. Num. 17.

[illegible]

[illegible]
Voltaire

Olinda, a Typ. de Pinheiro Faria, e Comp. — Rua do Amparo D. 22.

INTERIOR.

Depois de termos escripto o nosso N.º 16 recebemos do Rio de Janeiro huma carta, e nella inclusa a brochura intitulada — Cartas patrioticas offerecidas aos cidadãos Brasileiros em defesa do systema de governo Monarchico Representativo, e da Constituição por elles jurada, contra as emendas propostas á mesma Constituição, apresentadas na Camara dos Deputados, reduzidas a projecto de lei em 13 de Outubro de 1831 — brochura impressa em 1832 na Typographia de Gueffier e C.

O author desta brochura nos encheo de summo praser com a publicação della; em todo o curso da obra se vê despregado hum verdadeiro amor da patria, hum aferro regular as instituições liberaes, que felizmente nos regem, mas com quanto suas doutrinas em geral sejão, ao nosso ver, mui puras, e exactas, todavia nós não somos conformes, com o que elle escreve sobre a Federação, tanto mais quanto nós encaramos essa questão pelo lado da necessidade; abstrahindo este ponto de reforma Constitucional em tudo mais elle escreve, como pessoa intelligente da materia; e a amisade, que nos une, não será hum motivo de prevenção do nosso juizo a respeito da sua obra; elle a conclue convidando, como nós o temos feito, outros a illustrarem os seus concidadãos sobre huma materia tão interessante, e pensa aos Cães, que sem ... de incentivo paraguaios. Aperte, que demos de ... suas cartas, pêlo os nossos leitores em estado de formarem huma idéa da obra.

QUARTA CARTA.

AOS CIDADÃOS BRASILEIROS.

O Governo do Imperio do Brasil he Monarchico, Hereditario, Constitucional, e Representativo.
Const. do Imp. Tit. 1. Art. 3.º

Se tal he a Lei fundamental do Imperio, cuja vigia e guarda impõe a nossa Constituição ao Poder Legislativo no §. 9 Artigo 15 do Capitulo 1.º, do Titulo 4.º, quando lhe incumbe: « Velar na guarda da « Constituição, e promover o bem da Nação; » não he digno do maior espanto, que no centro deste mesmo Poder Legislativo se apresentasse o Projecto da destruição daquelle Thesouro sagrado, que se confiou a sua guarda? Qual será o Cidadão Brasileiro que não sinta offendido o seu patriotismo, vendo o Projecto de Lei apresentado na Camara dos Deputados por alguns de seus Membros para as reformas do nosso systema de Governo, e da nossa Constituição jurada! Com que titulo os senhores do Projecto se arrogarão o direito de o apresentar naquelle recinto sagrado,

Da mesma natureza foi o *Conciliador Pernambucano*, do academico parahybano Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, surgido a 26 de Novembro de 1831 e que durou até meiados do anno seguinte. Este tomára de emprestimo a Voltaire o seu moto, transcrevendo no cabeçalho os seguintes versos :

« *Descends du haut des cieux auguste verité,*
« *Repands sur mes écrits ta force et ta clarté :*

. . . .

« *C'est a toi de montrer aux yeux des nations*
« *Les coupables effects de leurs divisions ;*
« *Dis comme la discorde a troublée nas provinces,*
« *Dis les malheur du peuple et les fautesdes princes.* »

Era semanal e custava 320 réis por mez.

Emfim *O Caheté*, o ultimo periodico impresso então em Olinda, foi uma folha de *cascabulhos* ; dizia-se —jornal poli-

O CAHETÉ.

tico e litterario e proclamava valentemente as idéas de C. H. Lucas : « *Acabou-se o tempo, em que a força fisica sustentava os*

Imperios ; hoje não são os homens, são os principios, os interesses as ideias, que conspirão, e formão um poder, que não morre, nem sobre o cadafalso, nem debaixo do canhão.» Era redigido pelo estudante de preparatorios Joaquim Baptista e Mello, que só logrou publicar dous numeros : o primeiro a 4 de Janeiro, e o segundo e ultimo a 11 de Fevereiro de 1832, apezar de propor-se a elevar o nivel moral do povo brasileiro e a combater o estrangeirismo.

Comtudo, a prolongada ausencia duma typographia em Olinda não obstou circulassem ali, sessenta annos mais tarde, periodicos de interesse local ou dizendo-se ali editados, não obstante serem quasi todos impressos no Recife.

Assim, a 25 de Dezembro de 1890, dia do Natal e no auge da estação balnearia, foi ali destribuido o primeiro numero d'*A Vida*, subintitulado —« revista semanal olindense »— e da redacção dos academicos Brito Inglez, Mello Rezende e Picanço Diniz ; era um jornalsinho pilherico e satyrico, que deu o seu ultimo numero (6°) a 8 de Fevereiro de 1891. Antes, porém, emulára com elle em facecias e debiques *O Sino da Sé*, tangido, a partir de 28 de Dezembro de 1890, por um outro grupo de espirituosos rapazes.

Feição mais sizuda e intuitos mais utilitarios, parece ter tido o hebdomadario intitulado *O Correio de Olinda*, apparecido, a 4 de Janeiro de 1891, para logo extinguir-se.

Pouco antes o Rvm. Sr. Conego Marcolino Pacheco do Amaral, pretendendo dar á luz uma sua importante obra, fez vir do Rio de Janeiro uma typographia, que installou em Olinda e denominou de *Imprensa Economica*, e na qual, de 1888—90, foi impresso o seu *Compendio de Theologia Moral* (3 vols., in-4°, I—552 ; II—588 e III—692 pp.) ; ultimada a publicação do livro comprou a typographia o Dr. Antonio Pereira Simões ; então Evaristo Wanderley e Antonio Corrêa de Oliveira, proprietarios e redactores do periodico critico e noticioso —*O Artista Brazileiro*, que, desde 18 de Janeiro de 1891, começára a apparecer no Recife, e desde então passou a ser impresso na antiga capital ; subsistio até Maio de 1892, quando a 12 lhe succedeu *O Municipio*, de gerencia do primeiro dos seus redactores ; este semanario perdurou até fins do anno seguinte, quando tambem surgio, em Outubro de



1893, o *Dom Quixote*, jornalsinho critico e noticioso, redigido por João C. Montarroyos e Antonio S. de Santa Clara.

Posteriormente os monges benedictinos adquiriram e mantiveram, no seu Mosteiro de Olinda, a typographia d'*O Municipio*; entretanto, *O Estandarte Catholico*, publicação de propaganda religiosa por elles promovida e dirigida, devido á iniciativa do Rvm. Abbade Dom Geraldo van Ceulen, desde o seu apparecimento, em 4 de Novembro de 1899, até passar a surgir na capital da Bahia, foi sempre impresso no Recife, na typographia d'*A Provincia*.

O mesmo succedeu com o excellente hebdomadario politico e noticioso *Gazeta Olindense*, proficientemente redigido pelos academicos Nylo Dornellas Camara, Olivio Dornellas Camara e Luiz Candido Pontual de Oliveira, e os Srs. Antonio Luiz de Drummond Miranda e Maltureinino Monclar Cavalcanti de Albuquerque.

Sahia dos prélos da Livraria Boulitreau, de Lins Vieira & C., á rua 15 de Novembro, n. 46, Recife; no periodo de 20 de Junho a 24 de Outubro de 1903, tempo de sua existencia, publicou 19 numeros, fazendo uma tiragem média de 1,000 exemplares.

Alfredo de Carvalho





O ASSEDIO DO RECIFE

EM

1821

(Impressões duma senhora ingleza)

Um dos episodios mais brilhantes da historia de Pernambuco, tão opulenta em fastos gloriosos, é sem duvida o nobre e fecundo movimento revolucionario que, rebentando em Goyanna em fins de Agosto de 1821, determinou dous mezes apóz a retirada do Governador Luiz do Rego Barreto, a quem desde 1817 a côrte do Rio de Janeiro confiára os destinos da então provincia.

Felippe Mena Callado da Fonseca, num opusculo hoje bastante escasso, pelo que brevemente será reeditado nestas paginas, historiou do lado dos insurgentes as curiosas peripecias daquelle drama politico-militar, cuja scena principal foi o assedio do Recife; Luiz do Rego, por sua vez, na *Memoria*

Justificativa que publicou em Lisbôa no anno de 1822, relatou os successos de accordo com a defeza dos seus actos.

Ambos, porém, peccam pelo espirito de partidarismo violento que animava os seus autores e, apezar de muito apreciaveis como depoimentos de testemunhas presenciaes, não podem deixar de, em muitos pontos, provocar suspeitas, attento o caracter official e a intima intervenção que, no desenrolar dos acontecimentos, tiveram o trefêgo secretario da *Junta de Goyanna* e o desadorado proconsul portuguez. Por estes motivos crêmos ser de subido interesse a divulgação das impressões de pessôa inteiramente alheia as paixões politicas dos narradores acima mencionados; pessôa que, favoravel á causa dos independentes, manteve estreitas relações de amizade com o seu contendor, e tinha ainda a recommendal-a, como apta a penetrar no intimo dos acontecimentos, a perspicuidade propria do sexo feminino.

Justamente no momento critico do inicio das operações bellicas, quando fechado o sitio do Recife as vanguardas adversas travavam as primeiras escaramuças, aportou á cidade obsidionada a fragata ingleza *Doris*, do commando do capitão T. Graham. Vinha tambem a bordo a esposa do mesmo official Mrs. Maria Graham, senhora distinctissima sob todos os aspectos e igualmente muito apreciada como escriptora.

A fragata demorou-se no porto do Recife de 21 de Setembro a 14 de Outubro de 1821, e durante este espaço de tempo Mrs. Graham teve opportunidade de visitar demoradamente a cidade e os seus arredores, notar os habitos e costumes dos habitantes, frequentar o palacio do governador e o quartel general dos insurgentes, confabulando com igual urbanidade com os sitiados e os sitiantes, colhendo por toda a parte observações interessantes logo registradas no seu diario de viagem, no dizer de Oliveira Lima, escripto com aquella propriedade de expressão e sentimento de paizagem que os inglezes tanto possuem.

Deste seu *Journal of a voyage to Brazil*, impresso em Londres no anno de 1824, traduzimos as seguintes paginas relativas a Pernambuco, acompanhando-as das gravuras do original e de mais duas, pertinentes ao assumpto, extrahidas da obra do pintor allemão Mauricio Rugendas, intitulada *Male-*

rische Reise in Brasilien e apparecida, em 1835, em Muelhausen.

E' sobretudo notavel a imparcialidade que preside a todas as suas apreciações dos homens e das cousas, a serena amenidade dos seus juizos e o vivo colorido com que descreve as maravilhas da nossa natureza.

Acompanhemol-a, pois, desde que, curiosa e inquieta, lobrigou numa borrascosa manhã, surgindo vagamente do mar agitado, as plagas pernambucanas, até quando, grata e saudosa, lhes disse adeus por uma noute feerica de plenilunio.

Sexta-feira, 21 de Setembro de 1821. — Emfim estamos á vista da costa do Brasil, que é aqui baixa e verdejante, cerca de dous gráos ao norte da ponta primeiramente descoberta por Vincente Pinzon em 1500 (1).

O tempo está muito tormentoso e o mar muito grosso; estamos ancorados a proximamente oito milhas de Olinda, a capital de Pernambuco, em quinze braças de fundo; comquanto tenhamos disparado mais de um tiro de peça pedindo um pratico, não ha signal da vinda de algum.

Sabbado, 22 de Setembro. — A's nove horas da manhã o intendente da marinha deste lugar veio a bordo com o capitão do porto, e o navio foi por este pilotado ao ancoradouro, distante cerca de tres milhas da cidade e com oito braças de fundo. A amarração é inteiramente desabrigada e o mar continúa muito encapellado. Não admira não tenham ouvido e respondido os tiros disparados a noute passada. Mr. Dancer, que foi enviado á terra com officios ao governador e ao consul inglez em exercicio, encontrou o lugar em estado de sitio, e regressou em companhia do coronel Patronhe (2), ajudante de campo do gover-

---

(1) Cabral foi o primeiro a tomar posse do paiz, a quem chamou de —Terra da Santa Cruz—, para a corôa de Portugal; Amerigo Vespucci, em 1504, denominou-o Brasil, devido á madeira deste nome.

N. da A.

(2) Era o coronel João Antonio Patrone.

N. do T.

nador, o qual nos fez do presente estado de Pernambuco a descripção seguinte :

Alem das manifestas tendencias revolucionarias, que sabiamos de ha muito existirem no Brasil, havia tambem certa rivalidade entre portuguezes e brasileiros, que recentes acontecimentos avolumaram em não pequeña escala. A 29 de Agosto, cerca de 600 homens da milicia e outras forças indigenas tomaram posse da villa de Goyanna, um dos principaes lugares da capitania, e, penetrando á força na casa da camara, alli declararam terminado o governo de Luiz do Rego. Procederam em seguida á eleição dum governo provisorio para Goyanna, incumbido de agir emquanto a capital da provincia não estivér em condições de estabelecer uma junta constitucional ; no intuito de precipitar este acontecimento elles têm reunido tropas de toda a qualidade, entre as quaes varias companhias de *Caçadores* que desertaram de Luiz do Rego ; com estas forças, tal qual são, marcharam em direcção a Pernambuco e, a noute passada atacaram os dous pontos principaes : Olinda, ao norte — este em quatro lugares— e Afogados, ao sul. Foram, todavia, repellidos pelas tropas reaes commandadas pelo governador com perda de quatorze mortos e 35 prisioneiros, havendo entre os realistas dous mortos e sete feridos. Hoje pela manhã augmentou o panico dos habitantes da cidade devido a terem sido encontrados varios individuos armados occultos nas torres das igrejas, para onde haviam couduzido diversos cabides d'armas. Luiz do Rego é um soldado e dedicado á cauza real ; servio por muito tempo no exercito inglez em Portugal e na Hespanha, e, se não me engano, distinguio-se no cerco de S. Sebastião ; é um homem assáz severo e, especialmente entre os soldados, mais temido do que querido. Grande parte do regimento de *Caçadores* abandonou-o para juntar-se aos patriotas e formou o corpo mais efficiente do ataque da noute passada. Os habitantes da cidade foram encorporados na milicia e estão toleravelmente armados e exercitados. A cidade está regularmente provida de farinha de mandioca, carne secca e peixe salgado ; mas, os sitiantes impedem a entrada de quaesquer refrescos. Todas as lojas estão fechadas e os generos alimenticios são escassos e caros. A maioria das pessôas que tem possuidos de valor, em baixellas e joias, fizeram-nos encaixotar e depo-

sitar em casa dos negociantes inglezes. Grande numero de pessôas residentes nos arrabaldes deixaram, com mulheres e familias, os seus lares, refugiando-se junto aos inglezes. Estes que, na maioria, dormem pelo menos nos arredores, em casas de campo chamadas *sitios*, deixaram-nas e permanecem todo o tempo nos seus escriptorios no porto: tudo, emfim, é alarme e incerteza.

Domingo, 23 de Setembro. — A noute decorreu calma e tambem assim o dia; trocamos repetidas communicações com a terra; mas, não me foi possivel desembarcar; temos excellentes laranjas e legumes toleraveis vindos da cidade, e muito nos divertimos observando os curiosos botesinhos, canôas, catamarans e jangadas que têm vellejado, vogado e remado em torno do navio. A jangada não se parece com cousa alguma por mim vista anteriormente; são seis ou oito troncos de arvore ligados entre si por duas vigas transversaes; numa extremidade têm um banco elevado em que se assenta um homem para governal-as, porquanto são apparelhadas duma especie de leme; por vezes as dimensõe do banco permittem-no accommodar duas pessôas; outro banco está situado ao pé do mastro, immenso em proporção á balsa, contem roupas e viveres, ou um poste, fincado num dos troncos, os supportam, e uma grande vela triangular de algodão completa a jangada, em que o intrepido marinheiro brasileiro, constantemente banhado pelas vagas, transporta com segurança carregamentos de algodão ou outras mercadorias a distancias de centenas de milhas.

Pelas tres horas da tarde acostou-nos uma grande canôa conduzindo dous officiaes patriotas que vinham verificar se nós eramos realmente inglezes; se, conforme constava, vinhamos soccorrer os realistas ou emfim auxiliar a elles patriotas; tão aptos são os homens, sob a influencia de fortes sensações, em duvidar da inteira indifferença de outrem, que eu suspeito muito houvéssem elles crido na perfeita neutralidade que professamos. Deixaram-nos, entretanto, sem mostras de particular anciedade, e regressaram ao littoral fazendo um amplo desvio no designio de evitar o cruzeiro do Recife que espreitava attento o apparecimento de quaesquer embarcações pertencentes aos patriotas.

Segunda-feira, 24 de Setembro. — Cedo pela manhã veio á bordo o coronel Patronhe sollicitando fôsse permittido ao paquete inglez fazer de vela para Lisbôa conduzindo os officios do governo. Jubilei que as estrictas instrucções do nosso commandante não permittissem transmittir ao capitão do paquete semelhante ordem. Seria romper logo a neutralidade que professamos observar e, na minha opinião, auxiliar a peior causa. O coronel, advirtindo que a cidade estava em estado de sitio e que se não podia prever quando e em que lugar teria lugar o proximo ataque, recommendou-me a permanencia a bordo; mas, eu, que nunca vi uma cidade sitiada, me resolvi a ir á terra. Em consequencia Mr. Dance, sendo o unico official a bordo que falla tanto o portuguez como o francez, foi commissionado para acompanhar-me; levei tambem dous guarda-marinhas, Grey e Langford, e a intenção de visitar Madame do Rego.

O nome Pernambuco, que é o da capitania, é hoje geralmente applicado á capital que consiste de duas partes. Em primeiro lugar a cidade de Olinda, fundada pelos portuguezes de 1530 a 1540, e, como indica o seu nome, edificada num formoso sitio, onde collinas medianas mas abruptas, um bello rio e densos bosques se combinam para encanto do expectador; comtudo a sua approximação por mar deve sempre ter sido difficil senão perigosa. Vem em seguida a cidade do Recife de Pernambuco levantada pelos hollandezes, sob Mauricio de Nassau, e por elle cognominada cidade Mauricia.

E' uma localidade singular, muito adequada ao commercio; assenta em varios bancos de areia, separados por diversas angras dagua salgada e os estuarios de dous rios dagua doce, ligados por tres pontes e divide-se em igual numero de bairros: Recife, acertadamente assim chamado, onde se acham as principaes fortificações, o arsenal e o grosso commercio; Santo Antonio, onde se eleva o palacio do governo e as duas principaes igrejas — uma para a população branca, outra para a negra *(sic)*—, e Bôa Vista, onde os negociantes mais opulentos ou os habitantes mais ociosos vivem em meio dos seus jardins, e onde, conventos, igrejas e o palacio episcopal dão um ar de importancia á mui linda cidade circumvisinha.

Tudo isto sabia eu antes de desembarcar e me presumia

assáz conhecedora de Pernambuco. Mas, nenhuma sciencia prévia póde obstar o assombro com que se penetra neste porto tão extraordinario.

Do navio, ancorado tres milhas distante da cidade, viamos embarcações ancoradas alem do recife, contra o qual as vagas se quebravam perpetuamente; mas, emquanto me não encontrei no seu ambito, dentro do recife, não tive a menor idéa da natureza do fundeadouro: a agitação das vagas precipitando-se sobre a praia nos teria parecido temerosa, não n'as houvéssem ellas para isto preparado e dilatado extraordinariamente a nossa travessia de tres milhas.

Nos abeiramos tão de perto da praia arenosa entre o Recife e Olinda que cheguei a suppor fossemos ali desembarcar, quando, em face duma torre erecta sobre um escolho, que o mar batia com violencia, volvemos bruscamente e nos achamos ao abrigo dum maravilhoso quebra-mar natural; ouviamos a ressaca bramindo além, viamos as espumas revoltas, mas navegavamos calma e serenamente como numa repreza de moinho Consta de coral a rocha de que é formado o recife; mas, este se acha tão envolto e revistido de ostras e lepas que, na profundidade de muitos pés ou até onde penetram os nossos martellos, não percebi senão os residuos das suas conchas.

Dilata-se desde o norte da Parahyba até Olinda, quando se anega para de subito reapparecer no Recife, e dahi se expande até esbarrar de encontro á avançada ponta granitica do Cabo de Santo Agostinho, que o vara até o mar; mais além resurge e continúa interrupto, direcção ao sul.

A largura do ancoradouro interno, entre o recife e o continente, varia de algumas braças a tres quartos de milha; junto ao recife ha consideravel fundo permittindo alli fundearem embarcações de avultado porte. Ha uma barra na entrada do porto, na qual, das marés ordinarias, ha dezeseis pés dagua, de sorte que embarcações mesmo de grande tonelagem podem alli fundear (1).

O brigue *Alacrity*, de S. Magestade, permaneceu por algum tempo dentro do recife, e mais dous pés dagua na barra

(1) Em 1816, sob o governador Montenegro o porto foi limpo e aprofundado, principalmente na barra.

N. da A.

teriam permittido á *Doris* transpol-a, comquanto, conforme o que vi, não houvésse espaço para fazel-a voltar quando quizésse sahir. O recife é de certo uma das maravilhas do mundo, e tem no maximo dezeseis pés de largura no topo. Desce para o mar mais rapidamente do que o quebra-mar de Plymouth e do lado de terra é perpendicular na profundidade de muitas braças.

Aqui e alli algumas poucas desigualdades no topo devem ter outr'ora, por occasião de grandes marés ou ventos rijos, agitado o porto; mas o Conde Mauricio remediou este defeito mandando entupir as fendas com grandes blocos de granito tornando assim a unida a superficie do recife e seguro o porto em qualquer tempo.

O Conde pretendia construir armazens ao longo do recife, mas, a sua retirada do governo o impedio de fazel-o. Um pequeno forte junto á entrada defende esta e será sempre efficiente tão estreita e subita é a passagem. Proximo a elle e justamente na extremidade do recife eleva-se, quasi concluido um pharol; são estas duas as unicas construcções sobre esta extraordinaria linha de rochas.

Vogamos subindo o porto por entre navios de todas as nações, tendo dum lado a cidade e do outro o recife, até chegarmos a uma das vastas angras sobre a qual os hollandezes lançaram uma bella ponte de pedra, agora em ruina. Fomos vivamente impressionados pela belleza do scenario; os edificios são bastantes grandes e brancos, e a terra, baixa e arenosa salpicada de brilhantes tufos verdes de gramma e adornada de palmeiras.

Ha poucos annos atraz uma violenta cheia destruio a maior parte do centro da ponte, comtudo as arcadas ainda servem para supportar de cada lado ligeiras galerias de madeira, e as casas e arcos subsistem nas duas extremidades. Desembarcamos bem perto da ponte e fomos recebidos pelo coronel Patronhe que desculpou o governador de não ter vindo, por estar na sala do conselho (1).

(1) O conselho ou junta do governo provisorio consiste de dez membros dos quaes Luiz do Rego é o chefe; estavam elaborando um manifesto aos habitantes do Recife, assegurando-lhes protecção e segurança, exultando com as vantagens obtidas na noute anterior, con-

O coronel nos conduzio ao palacio do governo, edificio de assaz bello aspecto, tendo uma praça em frente e uma torre, e penetramos no que evidentemente foi um esplendido vestibulo. Viam-se ainda em algumas partes do tecto e das paredes vestigios de dourados e de pinturas; mas presentemente está occupado por cavallos sellados e soldados armados promptos a montal-os ao primeiro signal, tudo em alerta; ha canhões postados em frente com morrões accesos ao lado e um ar de alvoroço e de importancia entre os soldados que excita uma sorte de curiosidade sympathica quanto ao seu provavel e immediato destino.

Galgando as escadas encontramos em cima quasi a mesma confusão, porquanto o governador residia até agora fóra da cidade (1), e acaba de mudar-se aqui para Santo Antonio, para o antigo Collegio dos Jesuitas, em parte para estar no centro dos negocios e em parte para pôr em segurança a sua familia em caso de accidente, porquanto as avançadas dos sitiantes estão muito proximas da sua residencia anterior. Achei Madame do Rego uma senhora agradavel e assaz formosa; falla correctamente o inglez, predicado este cuja origem explicou informando-me que sua mãe, a Viscondessa do Rio Secco, era irlandeza.

Nada poderia exceder a gentileza e amenidade das suas maneiras e das duas filhas do general Rego, cujo trato e apparencia é de senhoras perfeitamente educadas, e uma das quaes é muito bonita. Depois de conversarmos algum tempo nos trouxeram refrescos, e logo apóz apresentou-se o proprio governador, um bello homem de aspecto militar. Parecia enfermo, soffrendo ainda das consequencias dos ferimentos recebidos alguns mezes antes quando, em companhia dum amigo, passeava pela cidade. Verificou-se mais tarde

---

firmando a existencia de abundantes provisões dentro da cidade, e encorajando-os, em nome do rei e das côrtes, a defender a cidade contra os insurgentes, que eram naturalmente taxados de inimigos do rei e do paiz

N. da A.

(1) No palacio do Mondego onde está actualmente o Collegio dos Salesianos.

N. do T.

haver sido o instigador do crime certo Ouvidor por elle removido pouco depois de assumir o governo. O assassino desfechou dous tiros; Luiz do Rego foi attingido no tronco por diversas balas e perdigotos, mas, o ferimento mais grave foi no braço esquerdo. O seu amigo esteve por algum tempo entre a vida e a morte; ambos, porém, estão hoje quasi restabelecidos. Na occasião do attentado o criminoso foi mais duma vez agarrado por pessôas presentes, mas sempre entre elle e os que o queriam prender mettiam um cesto de padeiro; elle lançou fóra as pistolas e fugiu.

Terminada a nossa visita, encetamos um passeio pela cidade; as ruas são em parte calçadas de seixos azulados da costa e em parte de granito vermelho e cinzento. As casas tem tres ou quatro andares, são construidas duma pedra esbranquiçada, todas caiadas de branco, e tem as portadas e as molduras das janellas de pedra parda; o pavimento terreo é occupado por lojas, habitações de escravos, ou cavallariças; o primeiro andar contem de ordinario escriptorios e armazens; acima acham-se as residencias dos proprietarios e no tôpo installam-se geralmente as cozinhas, livrando assim as partes inferiores do calor dos fogões.

Fiquei surprehendida de poder passear ao ar livre sem ser incommodada pelo calor, em região tão proxima do equador; mas a constante brisa maritima, que aqui começa a soprar diariamente ás dez horas, mantem uma temperatura que em todo o tempo permitte fazer exercicio. A parte mais quente do dia é de oito a dez quando falha a brisa de terra.

Como deviamos transpor a ponte de pedra, de volta para para o bote, que tinha ordem de nos esperar na ponte do Recife, porquanto com a vasante da maré teria ficado em secco na angra onde desembarcamos, deixamol-a de parte e atravessamos Santo Antonio em direcção á Bôa Vista. Ao chegarmos á ponte de madeira, longa de 350 passos, que a liga a Santo Antonio, achamos que havia sido cortada no centro, sendo apenas transitavel por duas pranchas facilmente retiraveis, caso os insurgentes se apoderassem da Bôa Vista.

No genero nada consegue avantajar-se em belleza a fresca paisagem verdejante, com o largo rio serpeando atravêz, que se observa de ambas as extremidades da ponte, e as alvas con-

strucções do erario, dos conventos e das casas particulares, na maioria cercada de jardins.

A verdura é deliciosa a olhos inglezes, e não duvido que estes prados lustrosos e aguas mansas attrahissem particularmente os fundadores hollandezes do Recife. Regressamos, conforme haviamos combinado, pela ponte de pedra, longa de 280 passos; em vão procuramos entrar em alguma loja: nem uma só estava aberta, achando-se os negociantes em serviço militar. Constituem a milicia e, como muitos são europeus e todos receiam ser saqueados caso os sitiantes tomem a cidade de assalto, se mostram muito zelosos na sua actividade marcial.

Na extremidade de cada rua achamos um canhão de campanha e, nos encontros das pontes, dous tendo ao lado os morrões accesos, e em todas as guardas a sentinella nos chamou á falla.

No fim da ponte de pedra, no *ponto das tres pontes* (1) as guardas são mais numerosas e severas. Neste bairro estão depositadas as principaes riquezas da cidade, e é tambem a parte mais facilmente defensavel; está quasi que inteiramente cercada dagua, as casas são altas, solidamente construidas e proximas umas das outras, por serem as ruas muito estreitas, e os dous fortes reductos nas extremidades da ponte podem dar tempo a demolil-a completamente, e assim tornar inaccessivel esta parte da cidade, excepto pelo isthmo de areia que a prende a Olinda e é guardado por dous fortes consideraveis.

Mal haviamos andado cincoenta passos no Recife quando fomos desgostados pelo primeiro espectaculo duma feira de escravos; era a primeira vez que, tanto eu como os rapazes, nos achavamos num paiz de escravos e por mais fortes e pungentes que fossem entre nós, na patria, os sentimentos quando em imaginação nos representavamos a escravidão, nada eram comparados a vista repulsiva dum mercado de escravos. Achava-se mal abastecido, devido ás circumstancias reinantes na cidade, que impunham á maioria dos donos de negros novos a precaução de conserval-os trancados nos depositos; entretanto, cerca de cincoenta jovens creaturas, raparigas e rapazes, com todas as

---

(1) Pequeno forte que defende a entrada do Recife.

N. da A.

apparencias de enfermidade e fome consequentes de alimentação insufficiente e longa reclusão em lugares insalubres, estavam sentadas ou deitadas nas ruas entre os mais immundos animaes.

O espectaculo nos fez regressar para bórdo cheios de afflicção e a resolução «não ruidosa mas profunda» de não considerar, nem grande nem pequeno demais, o que nos for possivel emprehender no sentido de abolir ou alliviar a escravidão.

Sexta-feira, 27 de Setembro. — Fui a terra afim de passar alguns dias com Miss Stewart, a unica senhora ingleza residente na cidade. Está agora morando na casa commercial de seu irmão, onde se acham o escriptorio e os armazens, porquanto a sua casa de campo está ao alcance dos patriotas. Suspiro por um passeio ou cavalgata ás tentadoras collinas verdejantes que circundam a cidade; mas, como isto não é possivel tenho que me contentar com o que existe dentro das linhas de defeza.

Hoje voltando da Bôa Vista encontramos uma familia de sertanejos, que ha alguns dias trouxe provisões á cidade, de regresso ao sertão ou região selvagem do interior. Estes sertanejos são uma casta de homens activos e vigorosos, na maioria agricultores; trazem para o littoral milho e cereaes, toucinho e dôces, e algumas vezes tambem couros e sêbo. O algodão é, entretanto, cultivado no sertão, sendo, porem duma colheita precaria, dependendo inteiramente da quantidade das chuvas na estação, e frequentemente não chove no sertão durante dous annos.

O grupo que encontramos era de aspecto muito pittoresco: os homens vestidos de couro da cabeça aos pés e cujos ligeiros gibões e calções estreitos lhes moldavam as formas tão perfeitamente como as vestimentas dos marmores de Egina, conferiam-lhes de alguma sorte o mesmo aspecto; o pequeno chapéo redondo é da fórma do petaso de Mercurio; os sapatos e polainas da maior parte são excellentemente apropriados a preservar os pés e as pernas nas correrias atravez dos cerrados. A côr de todos era um bello pardo; affligio-me que a mulher da comitiva trajasse vestido evidentemente de modelo francez, o que destoava da caracteristica uniformidade do grupo; ia na garupa do chefe, sobre um dos pequenos mas

ardegos cavallos do paiz; seguiam-nos varias bestas de carga conduzindo utensilios domesticos e outros objectos em que haviam cambiado as suas provisões; fazendas de lã e algodão, louça ordinaria, e outros artigos manufacturados, com especialidade facas, é o que principalmente acceitam em troca, comquanto se notasse alguns moveis, com pretenções a elegancia, na bagagem da familia que ancontramos; atraz dos cavallos vinha um grupo de homens, alguns a pé, marcando passo com o trote das bestas, e outros montados carregando as crianças; no couce distinguia-se, pelas suas calças de baêta verde, um individuo muito gordo e bonito, fumando ao passar.

A' tarde demos um passeio a cavallo; fôsse devido a estar tantas semanas a bórdo sem montar ou á peculiar suavidade e frescura da tarde, apóz o suffocante dia tropical, não sei dizer; nunca, porém, gozei tanto duma hora ao ar livre. Sahimos da cidade por entre graciosas casas de campo, chamadas *sitios*, até um dos postos avançados no Mondego, onde anteriormente residia o governador.

As frondes de tamarineiras, e palmeiras sombreavam o caminho e mil arbustos graciosos adornavam os muros dos jardins. E' impossivel descrever a sensação de deliciosa frescura duma tarde semelhante, dando repouso e saúde apóz o dia ardente. Ficamos muito penalisados quando força foi regressarmos para casa; mas, o sol se tinha posto, não havia lua, e receavamos ser detidos pelas guardas dos diversos postos de defeza. De volta fomos demorados gritos de *Quem vem lá?*; mas as palavras *Amigos inglezes* eram o nosso passaporte, de sorte que chegamos ao Recife a *Ave Maria* era entoada, bem apressada e desafinadamente, nas ruas, pelos negros e mulatos; mas, tudo o que funde as almas num sentimento commum é digno de interesse. As portas das igrejas estavam abertas, os altares illuminados, e o proprio escravo sentia que apellava para o mesmo Deus, com o mesmo direito que o seu senhor. Foi uma tarde que jámais poderei esquecer.

Sabbado, 28 de Setembro. —Esta manhã, antes do almoço, olhando da saccada da casa de Mr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes uma furia, surrando uma negrinha e torcendo-

lhe cruelmente os braços emquanto a pobre creatura lançava gritos de angustia, até que os nossos cavalheiros interviéram.

Bom Deus! porque permittis exista o trafico e a pratica da escravidão?!!

Proximo á casa em que estamos hospedados ha dous ou tres depositos de escravos, todos moços; num vi, exposto á venda um menino de dous annos. Os viveres são actualmente tão escassos que nem uma migalha de alimento animal tempera o pirão de farinha de mandioca comida habitual dos escravos, e que deste mesmo raramente lhes dão o sufficiente o demonstram as faces encovadas e a ossatura saliente das crianças. Outrosim, o dinheiro igualmente subio tanto de preço que os compradorés são raros, e uma nova angustia augmenta a miseria do escravo: o vão desejo de encontrar um dono! Dezenas destes infelizes se agglomeram a cada esquina das ruas, na completa apathia do desespero, e se alguma criança busca delles se affastar, á procura de infantil diversão, um olhar de piedade é tudo o que desperta.

Andarão errados os patriotas?

Elles puzeram armas nas mãos dos negros novos, trazendo vivida a lembrança dos patrios lares, do navio negreiro e das senzallas.

Fui hoje até o mercado, onde ha pouca cousa: carne de vacca pouca e cara, nada de carneiro, raros gallinaceos, e alguns leitões, repugnantes porquanto se cevam nas ruas aonde são lançadas todas as immundicies, e das quaes, elles e os cães, são os unicos limpadores.

O assedio é tão apertado que mesmo os legumes das hortas particulares, a duas milhas das avanguardas, não podem ser aproveitados pelos seus proprietarios. Não é possivel obter leite; o pão de farinha de trigo americana custa o duplo do que na Inglaterra, e os bôlos de mandioca cozidos em leite de côco, são de preço excessivo demais para permittir ás classes inferiores sufficiente nutrição.

Por uma carga de lenha pedem quantias extravagantes, e o carvão é escasso.

Negros dominam o mercado, poucos por conta propria, na maioria pela de seus donos. O vestuario dos negros livres é o mesmo dos brancos: calças e jaqueta de algodão branco e

um chapéo de palha, substituidos em dias de galla por ternos de panno preto, envolvem os corpos dos cavalheiros brancos e pretos.

As mulheres uzam, em casa, duma especie de camisola que deixa exposto o seio ; quando sahem a passeio uzam dum manto ou capa ; este manto é frequentemente dos mais brilhantes matizes, e os sapatos tambem, que são o symbolo da liberdade, têm todas as cores, menos a preta. Cadeias de ouro em volta do pescoço e dos braços, brincos de ouro e uma flôr fincada no penteado completam o adorno duma senhora pernambucana. Os negros novos, homens e mulheres, trazem apenas uma tanga na altura dos rins. Quando comprados é praxe dar-se-lhes, ás mulheres uma camisa e saia, e aos homens ao menos umas calças ; mas nem sempre assim succede.

Hontem tivemos occasião de observar com vantagem a variedade de chapéos uzados pelos habitantes portuguezes, numa sortida, pelas ruas, feita por uma especie de milicia supplementar, no intuito de determinar o fechamento de todas as lojas e a reclusão de todos os escravos, devido ao boato de que o inimigo estava atacando a cidade pelo lado meridional.

O official commandante estava realmente fardado e empunhava, com a direita uma espada núa e com a esquerda uma pistola engatilhada ; mas, a patrulha que o seguia o proprio Falstaff teria repugnancia em alistar ; regularmente armados, traziam chapéos e carapuças que trahiam flagrantemente as respectivas profissões dos seus donos ; fechava o sequito, livido de terror, coberta a a cabeça dum pequeno barrete preto em forma de tambôr, envolto numa capa de encerado, um estafermo brandindo erguida uma enorme durindana. A milicia é mais disciplinada, sendo actualmente empregada em revesar no serviço as tropas reaes que diariamente desertam para os patriotas.

Comparecendo hoje á tarde em palacio, soubemos que cerca de cem indios eram esperados para reforço da cidade ; vestem os seus trajes aborigines e estão armados de fundas, arcos e flexas. Nos dizem que o seu credo politico consiste na obediencia implicita ao rei e aos padres. Aguardente é a peita que os conduz a qualquer empreza, sendo um gole de cachaça e

um punhado de farinha o alimento que exigem quando vêm ao porto.

Ao entardecer, não havendo cavallos para alugar, tomamos alguns de emprestimo aos nossos amigos inglezes e francezes, e nos dirigimos a Olinda pelo extenso isthmo arenoso que a liga ao Recife; foi este mesmo isthmo que Sir John Lancaster fortificou com uma estacada durante a sua estada no Recife, que saqueou. A praia é defendida por duas fortalezas sufficientemente poderosas considerada a sua situação; dum lado as vagas quebraram-se furiosamente contra as suas bases e do outro dilata-se um vasto estatuario terminando alem em terrenos baixos, de sorte que não podem ser dominadas. A areia acha-se em parte coberta de arbustos, um dos quaes era bellissimo com folhas espessas e flores purpurinas em forma de campanhia; alguns assemelhavam-se aos do Oriente, outros eram inteiramente novos para mim.

Surprehendeu-me a extrema belleza de Olinda, ou antes dos seus restos, pois acha-se agora num triste estado de ruinas. Todos os habitantes mais abastados deixaram-na pelo Recife. Sendo as rendas do bispado agora reclamadas pela corôa e estando os conventos supprimidos na maioria, nem mais existe o facticio esplendor das pompas ecclesiasticas. O proprio seminario em que os rapazes recebiam alguma instrucção, comquanto imperfeita, está quasi em ruinas (1) e rara é a casa de qualquer tamanho ainda de pé.

Olinda assenta sobre algumas pequenas collinas, cujas fraldas em alguns pontos descem a pique, apresentando o mais abrupto e pittoresco scenario de rochas; acham-se cercadas de bosques escuros que parecem contemporaneos da propria terra: tufos de esbeltas palmeiras, aqui e ali a ampla fronde duma velha mangueira ou os galhos giganteseos da
elevam-se acima das demais arvores, irrompendo do seio da floresta; no meio della os conventos, a cathedral, o palacio episcopal e as igrejas, duma architectura nobre senão elegante,

(1) Foi primitivamente o Collegio dos Jesuitas fundado sob a administração do admiravel Padre Nobrega e seu companheiro De Gram. Ali, aos dezoito annos de idade, o celebre Vieira leu rhetorica e compoz os commentarios sobre alguns dos classicos, infelizmente perdidos no decurso das guerras civis. N. da A.



A Rua da Cruz em 1821

(*Duma gravura de E. Finden*, APUD *Mrs. Maria Graham*-JOURNAL OF A VOYAGE TO BRAZIL, LONDRES, 1824).

surgem em posições que um Claude ou um Poussin não poderiam ter mais bem escolhido; algumas erguem-se á borda das encostas empinadas, outras assentam em grammados que descem para a praia em suave pendor; a sua côr é cinzenta ou amarello pallido, com telhas avermelhadas, excepto aqui e ali alguma cupola adornada de azulejos. No momento em que attingimos o ponto mais elevado da cidade, olhando atravez do valle arborisado em volta do qual se agrupam as collinas, avistamos a fumaça de uma das guardas avançadas. Os soldados estavam de pé ou deitados em volta, com as armas ensarilhadas; cobria-os a sombra das grandes arvores ao fundo, atravez de cujos troncos os raios esparsos do sol no occaso derramava uma meia luz tal que o proprio Salvator Rosa a não desdenharia.

Os mesmos soldados, porém, circumscreveram o nosso passeio; pretendiamos regressar pela estrada do interior, mas, não nos permittiram seguil-a, porquanto pelo menos parte della está em poder dos patriotas, pelo que fomos forçados a voltar pelo mesmo caminho da vinda.

No lugar em que a presente guarda está postada, e onde de facto é necessaria uma forte guarda, o rio de Beberibe lança-se no estuario que foi outr'ora o porto de Olinda. Um dique foi construido atravez delle, com portas d'agua que são occasionalmente abertas; sobre o dique ha uma bonita arcada aberta, onde os habitantes das visinhanças costumavam, em tempos pacificos, passar a tarde comendo, bebendo e dançando.

Desta repreza procede a melhor agua usada no Recife, para onde é diariamente transportada em canôas que atracam junto ao dique chamado Varadouro e são enchidas por vinte e tres torneiras collocadas de forma a despejarem directamente nas canôas, sem mais trabalho. Vimos vinte e sete destas pequenas canôas carregadas vogarem rio abaixo em direcção á cidade. Um só remo, usado antes como leme do que como tal, guia a embarcação para o meio da corrente que a conduz ao seu destino.

O sol escondera-se muito antes de alcançarmos o primeiro dos fortes de volta para a cidade. Os cães já haviam começado a sua abominavel tarefa; vi um arrastar o braço

dum negro de debaixo de algumas pollegadas de areia que o seu senhor fizéra lançar sobre os seus restos. E' nesta praia que a medida de insultos feitos aos pobres negros é cheia. Quando morre um negro os seus companheiros de captiveiro deitam-no sobre uma taboa, levam-no até a praia, onde abaixo do nivel da préamar lançam-lhe um pouco de areia sobre o corpo; aos negros novos, porem, até esta prova de humanidade é negada: o cadaver é amarrado a uma vara, conduzido á noite e atirado na praia donde é bem possivel que a ressaca o venha levar. Estas cousas nos fizeram chegar em casa tristes e abatidos, não obstantes as scenas agradaveis que haviamos presenciado.

Domingo, 29 de Setembro. — A festa de S. Miguel fez sair as senhoras portuguezas, das quaes não viramos até agora uma só passar nas ruas. O seu vestuario predilecto parece ser preto, com sapatos brancos e fitas brancas ou de côres e flôres nos cabellos; com um manto de renda ou gaze preto ou branco. Vimos tambem pela primeira vez alguns padres; presumo que a ordem determinando-lhes que se conservem dentro dos muros dos seus conventos, foi consequencia de pertencerem ao numero dos fomentadores do espirito de independencia. A appropriação de parte tão consideravel dos rendimentos da igreja pela côrte de Lisbôa é naturalmente impopular entre o clero do paiz; e não lhe é difficil convencer o povo, o que de facto é verdade, que a retirada de tantos cabedaes para soccorrer Lisbôa, que actualmente não póde governal-o nem protegel-o, é motivo para justas queixas. Dizem que a moral do clero é a mais depravada, o que provavelmente é verdade. Homens, como os do clero romano, seggregados por votos de todas as caridades activas da vida social, têm apenas como recurso contra os seus vicios e paixões a sciencia e a litteratura. Mas aqui os proprios nomes de sciencia e litteratura são desconhecidos.

O seminario e a bibliotheca de Olinda estão em ruinas. Não ha uma só livraria em Pernambuco, e a população das differentes freguezias sóbe a 70,000 almas! Um periodico toleravelmente bem escripto, do qual não me foi possivel obter o primeiro numero, começou a apparecer em Março, sob o titulo de *Aurora Pernambucana*, com o motto de Camões:

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento ;

alludindo a chegada das noticias da revolução de Portugal, a 26 daquelle mez, e ao juramento do governador, magistrados, etc., de adherirem á constituição que as Côrtes promulgassem. Sinto dizer que este unico jornal ha dous mezes que deixou de apparecer, tendo o redactor, ao que parece, sido nomeado secretario do governo, pelo que não dispoz mais de tempo para dedicar-se á imprensa (1).

Segunda-feira, 30 de Setembro. — A noite passada os patriotas atacaram as linhas de defeza de Olinda durante quatro horas, mas creio que não houve perdas de qualquer dos lados. Esta manhã chegou a fragata portugueza *Dom Pedro* com tropas da Bahia. O reforço de 350 homens, em parte europeus, em parte bahianos, encheu de enthusiasmo todos os habitantes, inclusive o governador : de sorte que temos uma vez occasião de ver Pernambuco activo e alegre e movimentado. Homens e mulheres percorrem as ruas nos seus mais vistosos trajes, e os militares correm e galopam em todas as direcções, não pouco satisfeitos com ter quem os venha render nas suas constantes guardas e rondas.

Entre outras cousas que aprendi olhando notei que, emquanto os paes de familia se entretinham nas ruas com os recem-chegados, as jovens pernambucanas se mostravam tão habeis no uso de signaes como as mulheres turcas, e que frequentemente um namoro é mantido por este processo e assentado um casamento sem que um dos noivos tenha ouvido a voz do outro. Entretanto, o costume geral é os paes combinarem as nupcias dos filhos sem consultar outra cousa que não seja a conveniencia pecuniaria.

Hoje varios officiaes e aspirantes da *Doris* nos acompanharam a jantar com o governador, ás quatro e meia da tarde.

---

(1) Não só este jornal continuou a ser publicado, como outros saem agora á luz no Recife.

N. da A.

Fomos muito cordialmente acolhidos. S. Exc. sentou-se numa das cabeceiras da meza e um ajudante de campo na outra; eu tomei lugar entre o general e Mm. do Rego. Elle comprazia-se em fallar dos seus velhos amigos inglezes da guerra Peninsular, com muitos dos quaes mantenho relações, e ella tinha mil perguntas a fazer-me sobre a Inglaterra, que deseja muito visitar. Pedio-me que desculpasse a exiguidade da sua baixella, porquanto as melhores peças estavam encaixotadas num armazem inglez, junto com as joias de S. Exc. e outros objectos preciosos.

A cozinha era meia-portugueza, meio-ingleza. Depois da sôpa foi servido um prato de carne cozida com fatias de porco salgado e chouriços, a que acompanhou outro prato com arroz cozido com azeite e temperos. Houve *roast-beef*, em attenção aos inglezes, muito pouco assada. As saladas e o peixe de varias qualidades estavam preparados dum modo especial; gallinhas e outras iguarias á moda franceza. O pospasto foi servido numa outra meza; alem das nossas sobremezas europeas de fructas, bolos e vinho, toda a sorte de pudins, empadas e tortas faziam parte delle; a meza estava adornada de flôres e havia profusão de confeitos de toda a qualidade. Os convivas ergueram-se da meza de jantar e tomaram lugar junto á outra que, disse-me Mm. do Rego, deveria ter sido posta numa sala separada; mas, faz tão pouco tempo que se mudaram para aquella casa que ainda não lhes foi possivel preparar uma sala para aquelle fim.

O governador e os seus hospedes ergueram muitos brindes alternadamente ao rei da Inglaterra, ao rei de Portugal, á Marinha ingleza, ao rei de França (1), a Luiz do Rego e á Capitania de Pernambuco, etc. Levantamo-nos então todos da meza; alguns dos convivas voltaram para bordo; a maioria porém, reuniu-se-nos no salão, um aposento muito confortavel, com mobilia estufada de damasco azul, onde se nos juntaram os officiaes de marinha francezes do navio de Sua Magestade

---

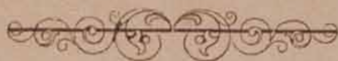
(1) Mr. Lainé, o muito amavel e cavalheiroso consul francez, estava presente.

N. da A.

Christianissima *Sapho*, e varias senhoras e cavalheiros da cidade. Tivemos excellente musica. Mm. do Rego tem uma voz admiravel, e havia varios bons cantores e pianistas. Foi uma noute mais agradavel e cheia de urbanidade do que eu esperava poder passar em Pernambuco, especialmente agora em estado de sitio.

(Continúa.)

Alfredo de Carvalho



GEOLOGIA

DAS

Regiões Auriferas

DA

PARAHYBA E DE PERNAMBUCO

POR

E. Williamson (*)

Na primavera do anno passado (1866), achando-me ligado a uma expedição enviada para explorar as novas minas de ouro da Cachoeira do Piancó, na provincia da Parahyba, tive ensejo de fazer algumas observações sobre a geologia das duas provincias da Parahyba e de Pernambuco; são estas observações que agora venho trazer á presença dos membros da *Manchester Geological Society*, e espero, com o auxilio do perfil que ora tambem apresento, conseguir dar um esboço comprehensivo da geologia desta vasta região que, supponho, não foi objecto de anteriores explorações geologicas.

(*) A presente monographia lida pelo Autor perante a *Manchester Geological Society*, em 30 de Abril de 1867, e publicada no Vol. VI (1868) pp. 113—122, das *Transactions* da mesma sociedade, apparece agora traduzida do inglez por Alfredo de Carvalho.

A linha do perfil foi tomada de Tambahi, pequena povoação de pescadores na costa do Atlantico, e atravez da cidade da Parahyba até ás minas da Cachoeira do Piancó, na extremidade sudoeste da provincia da Parahyba; é quasi uma linha recta de 300 milhas de comprimento atravez da direcção dos estratos.

Os estratos examinados pertencem a rochas de idades muito differentes, como: ao Terciario, Cretaceo e Lourenciano.

Os Post-terciarios são representados pelos recifes de coral da costa, e os peculiares depositos de conglomeratos ferruginosos e de margas arenosas que capeam as collinas baixas da costa e revestem os flancos das montanhas do interior. Dos recifes de coral nada mais direi, tão frequentemente e tão bem têm sido elles descriptos. Os detritos ferruginosos são mais interessantes, tendo muitas vezes sido tomados erroneamente por viajantes como pertencendo ao néo-grés vermelho, com que se parecem tanto que á primeira vista suppuz tambem que pertenciam ao néo-grés vermelho.

De Tambahi á Parahyba a snperficie do sólo acha-se coberta por espessas jazidas de conglomeratos ferruginosos, destroços accumulados das rochas gneissicas e schistosas do interior; em alguns lugares os conglomeratos se tornam tão grosseiros que são inteiramente compostos de seixos roladós de quartzo, gneiss e as rochas schistosas mais duras, cimentados com peroxydo de ferro.

As dimensões dos seixos variam da duma pequena noz á de blocos pesando de quatro a cinco libras; esta classe acha-se bem representada abaixo de Tambahi; mas, ao passo que se approximam do rio em direcção á Parahyba misturam-se com jazidas mais finas e mais argillosas, até que por fim, em Santa Rita, algumas milhas alem da Parahyba, se apresentam divididos em faxas regulares de margas, areias e conglomeratos.

Em Pernambuco formam uma serie de collinas baixas, de topos arredondados, a antiga linha da costa duma bahia que outr'ora cobria a planicie em que hoje assenta a cidade do Recife; em Caxangá, poucas milhas alem da cidade, os desmoronamentos expuzeram algumas bellas secções destas margas e areias; os estratos ali apresentam tamanha parecença com o

néo-grés vermelho dos nossos proprios districtos, que seria impossivel, só pela côr e pelo aspecto, distinguir uns dos outros. No interior estas margas e areias occorrem sempre onde as rochas gneissicas e granitoides se acham largamente desenvolvidas, como em Texeira, onde abundam rochas granitoides, e grandes quantidades de conglomeratos brecciados, areias e margas são encontradas revestindo os flancos das montanhas e cobrindo os valles.

Immediatamente subjacentes aos conglomeratos ferruginosos da Parahyba, occorrem jazidas de calcareo terciario, tendo uma direcção quasi de norte a sul e mergulhando suavemente para léste. A maior parte destes calcareos é siliciosa, comquanto por vezes se encontrem jazidas de calcareo quasi puro e faxas argillosas; os calcareos desta natureza são communs em todo o Brazil, e sempre unconformaveis ás rochas ás quaes subjazem.

Os calcareos secundarios que se encontram nas provincias do Ceará e Maranhão são equivalentes ás nossas rochas cretaceas e abundam em restos fosseis de peixes; os calcareos da Parahyba são igualmente fossiliferos, comquanto eu apenas lograsse obter o molde dum dente de peixe e alguns pequenos fragmentos de Estherea. Jazidas de calcareo similar ás jazidas da Parahyba e abundantes em restos de peixes occorrem cerca de setenta milhas ao sudoeste da secção nas minas da Caxoeira. Fui informado de que jazidas de caracter similar, estando quasi planas sobre as margens invertidas das rochas gneissicas, são communs em varias partes das duas provincias da Parahyba e de Pernambuco.

ROCHAS LAURENCIANAS

Estas rochas, que occupam a maior parte da secção e existem em tão grande escala em ambas as provincias, são tão distinctas no seu caracter que só póde haver uma opinião quanto á sua idade. Lamento assaz que a pressa com que realizei a minha viagem ao interior não me tenha permittido examinal-as mais cuidadosamente e obter o pendor e a direcção correcta das differentes jazidas; no perfil marquei-as todas como pendendo para o norte; fiz isto no intuito de poder dispôr de todo

o tempo da minha viagem para as minas para o exame lithologico das rochas, reservando a observação do pendor e da direcção para a viagem de regresso; mas, vi-me contrariado a não voltar pelo mesmo caminho. Achei depois, regressando das minas para Pernambuco, que havia diversos anticlinaes que repassavam o estrato; a isto se deve attribuir a occurrencia de rochas tão similares em caracter em pontos tão affastados uns dos outros como Logradouro e Texeira.

A partir da Parahyba o primeiro affloramento nitido das rochas occorre em Batalha, no rio Parahyba; é uma rocha de hornablenda com numerosas pequenas cintas de quartzo e de feldspatho muito contorcido.

Entre o rio Parahyba e Pilar occorre um gneiss muito grosseiro com grandes crystaes de feldspatho branco e mica preta; em Pilar o gneiss acha-se interestratificado com micashistos, geralmente de contextura fina; em Mendonça, Mogeiró e Ingá Velho occorrem de novo jazidas de caracter similar interestratificadas com gneiss; no ultimo destes lugares as jazidas schistosas se tornam mais frequentes, até que em Ingá o conjuncto das jazidas é de schistos micaceos e de hornablenda. Um pouco alem de Ingá apparece uma rocha dura de gneiss densamente granulado, que reveste os flancos das montanhas do Logradouro, as quaes consistem principalmente dum gneiss porphyroide branco, contendo grandes crystaes clivaveis de pura orthoclase, interestratificado com faxas de gneiss syenitico e granitoide muito semelhante a granito; no flanco septentrional o gneiss duro e densamente granulado occorre de novo.

Entre Logradouro e Campinas occorre uma faxa muito pronunciada —de porphyro granitoide— elevando-se de 50 a 100 pés acima das rochas mais tenras que a cercam; este porphyro contém grandes crystaes de orthoclase branca. Em Campinas occorre uma serie de jazidas micaceas contendo placas de mica; a maior destas tinha cerca de duas pollegadas de diametro, mas me informaram que se encontram placas de um pé em quadro; acompanhando esta serie de schisto-micaceo ha uma faxa de porphyro na qual grandes crystaes clivaveis de orthoclase branca se acham embebidos numa matriz de quartzo e feldspatho. Não consegui descobrir linhas verdadeiras de

aleitamento, mas, do seu pendor e orientação e ininterrupto afloramento, sou inclinado a pensar que sejam interaleitadas; as rochas immediatas são mica, schistos e gneiss.

Em Cacimba Nova occorre uma outra faxa de rocha granitoide dura; depois desta ha uma longa serie de micachistos e gneiss; perto de Caracol occorre uma serie de schistos pretos alternando com faxas de rocha preta granular; os schistos são occasionalmente micaceos. Em Caracol uma pequena serie de mica-schistos divide duas largas faxas de rocha granitoide, que em alguns lugares se parece muito com os verdadeiros granitos; sobrejacente á superior ha uma estreita faxa de schisto hornablendico seguida duma longa serie de mica-schistos flaccidos. Em Carnahuba succedem a estas faxas de granito duro densamente granulado, que em Texeira revestem os flancos da montanha (rochas de caracter similar occorrem em Queimada na encosta opposta); as rochas das montanhas de Texeira têm tamanha semelhança com as do Logradouro, que supponho são apenas uma repetição das mesmas jazidas. Entre Queimada e as Minas da Cachoeira occorre outra larga serie da mesma classe; o resto das rochas na secção são gneiss alternando com faxas de micaschistos.

Em varios pontos da secção se encontram jazidas de quartzo e de quartzite, com placas de mica, interestratificadas com as rochas mais duras; as jazidas variam em espessura de dous a duzentos pés; as faxas mais delgadas eram com frequencia bellamente opalescentes, e as maiores granulosas ou amorphas; sempre as acompanham minerios de ferro titanico e haematitico.

Durante a minha viagem da Parahyba ás minas não logrei observar jazidas de calcareo interestratificado com as rochas laurencianas; mas, fui informado de que se tem observado calcareo interestratificado com as rochas em outros lugares onde os calcareos não se acham occultos pelo revestimento de detritos ferruginosos.

As rochas das Minas da Cachoeira e a posição dos veios auriferos serão mais bem comprehendidas a vista da secção annexa, tomada ao longo do Rio Bruscas, numa extensão de quasi seis milhas.

Na extremidade meridional, divididas por uma faxa de rochas mais friaveis, se encontram duas largas e bem pronunciadas faxas de gneiss syenitico, uma das quaes forma o leito da bonita cachoeira do Bruscas; subjacente a estas ha uma serie de gneiss schistosos e uma delgada faxa de syenite; é uma rocha crystallina cinzento-azulada e tem grande semelhança com algumas das rochas de feldspatho de cambriano-superior de Galles. Seguem-se-lhe as series auriferas, que consistem quasi inteiramente de gneiss micaceo de granulação fina passando imperceptivelmente para micaschistos.

Atravessando uma curva do rio, pouco antes de chegar ao veio do Lima, occorre uma estreita faxa de rocha de feldspatho bruno-cinzento escuro, que é subtransluzente e em alguns lugares apresenta côres cambiantes; um pouco mais adiante ha uma faxa de calcareo crystallino branco, contendo crystaes hexagonaes de biotite; no leito do rio é estreita, mas cerca de uma milha mais para léste deste ponto, num lugar chamado Pião, consta ter uma milha de largura no affloramento.

Um pouco a léste do ponto em que o veio Descobridôra atravessa o rio occorrem algumas jazidas de schistos arenosos plumbaginosos, nos quaes se observam dous veios lenticulares de graphite; parecem ser de pequena extensão e de qualidade inferior.

Em Cacimbinhas, poucas milhas alem do veio da Boa Esperança, occorre uma outra faxa, larga e bem pronunciada, de gneiss syenitico, do tamanho da da cachoeira.

Os veios auriferos que cruzam estas rochas são muito numerosos, apparecem como massas lenticulares irregulares, correndo parallelas á orientação, mergulhando com frequencia entre as jazidas, mas raras vezes atravessando-as. A matriz dos veios é um quartzo grosseiro, branco e semi-opaco, contendo pequenas quantidades de arsenitos e sulphitos de ferro, sulphitos de cobre, chumbo e zinco; a maior parte das galenas contem antimonio. A variedade de mineraes resultantes da decomposição destes minerios é muito numerosa: carbonato de zinco, carbonato e chlorophosphato de chumbo, phosphato, arseniato e carbonato de cobre, oxydos de antimonio e enxofre nativo são communs em alguns dos veios; sulphato de cobre,

sulphato e chromato de chumbo são mais raros; ouro nativo acha-se escassamente espalhado em quasi todos os veios, e no da Boa Esperança se encontram grãos de platina.

A carreira de rochas no valle do Bruscas é muito aurifera, e os veios de quartzo são abundantes, e comquanto as rochas estejam muito contorcidas, nenhum vestigio duma falha verdadeira se encontra em qualquer parte de todo o districto; esta singularidade parece pertencer a todas as rochas alteradas que examinei na Parahyba e em Pernambuco, porquanto no decurso duma viagem, a cavallo, de 1000 milhas, não notei uma só; é a esta falta de fracturas verdadeiras que attribúo a pobreza dos veios de quartzo; nada favorecendo a concentração dum dos minerios, o outro destribuio-se igualmente por todos os veios.

E' sabido dos mineiros que nenhuns veios são tão ricos como os em que as faces de rochas dissimilares se acham collocadas em opposição umas ás outras nas paredes do veio.

Na minha viagem das minas para Pernambuco, atravessei a mesma serie de rochas das indicadas na secção, e durante a minha cavalgada tive occasião de seguir a pista de varios anticlinaes; isto resulta da vasta extensão de terreno coberta por rochas da mesma idade.

A cerca de setenta leguas de Pernambuco encontrei uma faxa de porphyro quartzifero, do qual vos apresento uma amostra; tem uma base compacta, composta duma mistura intima de quartzo e feldspatho incluindo crystaes de orthoclase e grãos de quartzo.

Perto de Jerimú occorrem, poucas leguas uma da outra, duas faxas de calcareo crystallino; uma é estreita e muito crystallina, a outra muito larga; em algumas partes esta é micacea, porem nenhuma das jazidas é tão intensamente crystallina como a faxa estreita. A região entre Jerimú e Pernambuco tem grande semelhança de aspecto com a da Parahyba a Campinas.

O conjuncto das series destas rochas corresponde em todos os sentidos com as feições caracteristicas das rochas laurencianas do Canadá, segundo Sir W. E. Logan, isto é:

I — A ausencia total de qualquer substancia semelhante a argillite ou schisto argilloso.

II — Que nada correspondente á clivagem schistosa foi observado.

III — Que a laminação destas massas é, apparentemente, em todos os casos coincidente com e dependente da estratificação original das jazidas sedimentares.

Foi approvado um voto de agradecimento a Mr. Williamson por esta memoria. O Presidente disse que todos eram devedores de Mr. Williamson pela descripção clara que lhes acabava de fazer do que observara na America do Sul. Desejou saber qual era a espessura das rochas laurencianas. Mr. Williamson disse que estas eram indefinidas; mas, que deviam ser de grande espessura, pois cavalgou durante 300 milhas atravez da sua orientação, e não podia garantir quanto mais alem ellas iam.

Mr. Dickinson perguntou a Mr. Williamson a que atribuia acharem-se no perfil todas estas rochas collocadas sobre as suas extremidades, em vezes de serem horizontaes, e sem que tivessem lugar grandes falhas.

Mr. Williamson disse suppor que as rochas eram contorcidas, de modo similhante a secção ideal da geologia do Amazonas, e que os topos tinham sido desnudados.

Mr. Dickinson indagou se Mr. Williamson tinha visto alguma destas contorções. Mr. Williamson disse que sim; mas, que dispondo apenas de quinze dias para transpor 300 milhas não pôde examinal-as muito minuciosamente; pretendera regressar pelo mesmo caminho no intuito de proceder a uma investigação mais completa; este seu designio foi, porem, frustrado.

Mr. Plant pensou que seria valioso possuir-se um relatorio do que Mr. Williamson observou. Ultimamente o Professor Agassiz havia apresentado noções geraes sobre a geologia do Brasil, e que seria interessante verificar como o exame de Mr. Williamson coincidia com o do citado Professor. O perfil de Mr. Williamson mostrava uma grande serie de rochas meta-

morphiticas contorcidas, que eram consideradas laurencianas e formavam as rochas fundamentaes do valle do Amazonas em que está incluida a Parahyba.

Tendo Mr. Williamson ainda respondido a algumas perguntas relativas aos seus diagrammas, foi encerrada a secção.



A VERDADEIRA NATURALIDADE

DE

D. Antonio Felippe Camarão

(SECULO XVII)



Em sessão do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de 27 de Outubro de 1903, procedemos a leitura de um trabalho sob o titulo : — *D. Antonio Felippe Camarão. Contradicta a um escripto pretendendo firmar no Rio Grande do Norte o berço do seu nascimento,*— e demos logo publicidade a este estudo historico nas columnas do *Jornal do Recife.* O escripto que motivou as nossas *Contradictas* foi inserto no *Correio do Recife,* em sua edição n. 119 de 16 do referido mez.

Proseguindo, porem, em investigações novas sobre o assumpto para ainda mais deixar bem firmados os nossos argumentos, refundimos aquelle nosso estudo, e assim, constitúe o presente um outro completamente differente pelos novos moldes a que obedece.

Firmados agora os nossos argumentos e esplanações historicas no intuito de deixar completa e historicamente demonstrada a dualidade de personagens que se apresentam quasi que

na mesma epocha, e de nomes á confundirem-se, mas unificadas pelo Padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará*, concluida em 1759, sem attender ao muito que sobre o assumpto lhe poderiam orientar os publicados escriptos de contemporaneos e testemunhas presenciaes dos factos occorridos no proprio tempo em que viveram essas duas individualidades, originou-se dahi toda a confusão que modernamente se tem dado pelos encontrados juizos de escriptores diversos, e d'est'arte a controversia historica que tem reinado sem soluções positivas, logicas e convincentes.

Despertando-nos o animo, porem, sobre esse particular, umas phrases fugidias do nosso illustre conterraneo o Commendador Antonio Joaquim de Mello, em dous escriptos seus sobre a naturalidade pernambucana de D. Antonio Felippe Camarão, phrases essas, que impressionando-nos vivamente nos levaram a emprehender estudos particulares sobre semelhante controversia, chegamos á convicção de que, o Potiguaçú, ou Antonio Camarão, chefe indio da aldeia do Igapúa ou Ygapó, no Rio Grande do Norte, — não é absolutamente o mesmo chefe indio que, sob o nome de D. Antonio Felippe Camarão, tanto illustra as paginas da nossa historia colonial pelo seu valor e heroismo, e outros tantos predicados honrosos; e conseguindo esse desideratum, como diz-nos a consciencia, cahem por terra todos os argumentos oppostos, e triumpha a causa de Pernambuco, quasi que perdida pela opinião contraria que se firmou, e tem conseguido caudal corrente de seguidores, ainda que sem o menor exame e investigações particulares sobre o assumpto.

Provado portanto, que o nosso D. Antonio Felippe Camarão não é absolutamente esse Potiguaçú, que depois de baptisado chamou-se *Antonio Camarão*, e apparece no scenario historico do Rio Grande do Norte, pela primeira vez, em 1598, empunhando já o bastão de principal de uma grande aldeia, e pulverisados todos os argumentos que procuram provar essa unidade individual, fica patente assim, que a razão e o direito estão do lado dos que proclamaram e dos que ainda proclamam, que Pernambuco é a

Ditosa Patria que tal filho teve.

Com semelhantes intuitos estudamos detidamente o typo historico desses dous vultos, graças aos subsidios de que ainda podemos dispor, e entrando depois em uma serie de argumentos e considerações diversas sobre o assumpto, concluimos com a comprovação historica dessa dualidade de personagens, o que determinado reinvindica para Pernambuco a usurpada gloria de haver sido o berço do nascimento do heróe potygiano D. Antonio Felippe Camarão.

* * *

ANTONIO CAMARÃO

Em 1598 existia no Rio Grande do Norte uma aldeia de indios com o nome de Igapúa ou Ygapó, denominada depois de Guagerú, cujo local é precisamente o mesmo da extincta villa de Estremoz, e desse aldeiamento era chefe ou principal um indio notavel, conhecido já pelo nome portuguez de *Camarão*.

Os indios dessa aldeia, bem como os de todas que se extendiam pelo vasto littoral do Rio Grande, pertenciam a tribu ou familia dos Potyguares, e eram nessa epocha já alliados dos portuguezes, porquanto, acabado o forte do Rio Grande, que se intitula dos Reis, o entregou Manoel Mascarenhas a Jeronymo de Albuquerque, como refere Fr. Vicente do Salvador, e o deixando muito bem fornecido de gente, artilharia, munições e mantimentos, e tudo o mais necessario, foi com a sua gente pernoitar na aldeia do Camarão, onde Feliciano Coelho, capitão mór da Parahyba, estava acampado.

Que idade teria nessa epocha o chefe potygiano da aldeia do Guagerú ?

Examinemos este ponto, que é de grande importancia para o nosso plano de estudo.

Em nossa opinião, o chefe Camarão devia ter em 1598, epocha em questão, os seus trinta annos de idade, pelo menos, uma vez que a investidura de principal era sómente conferida áquelles que tinham dado sobejas provas de valor e heroismo nas guerras e se nobilitado por outros feitos e acções honrosas, o que só se conquistava depois de largo tirocinio, e quando o individuo attingia a uma idade mais ou menos mediana, coma re-

ferem os chronistas do tempo, descrevendo os uzos e costumes dos indios; e é por isso que esse principal dos indios do Rio Grande, — o homem de que faziam muita conta os seus subordinados,— na phrase do seu coevo, o autor da *Jornada do Maranhão*, é chamado *Poty–guaçú* por Simão de Vasconcellos, e *Grande Camarão* por Berredo.

Que essa idade que assignalamos é menos que razoavel, prova-o o facto do celebre Jacaúna, irmão do chefe Camarão, ter já um filho de 18 annos em 1614, como consta do livro da *Jornada do Maranhão;* e calculando-se que tivesse elle esse filho aos 25 annos de idade, pelo menos, tinha então 43, nascendo por conseguinte em 1571. Portanto, não é por demais apresentarmos o Camarão com os seus trinta annos em 1598, tendo d'est'arte nascido pelos annos de 1568, sendo elle, sem duvida, de idade superior a de seu irmão o Jacaúna, uma vez que empunhava o bastão de chefe ou maioral de uma das aldeias.

Na phrase do nosso historiador Abreu e Lima, a chefia de uma aldeia — « foi em todos os tempos *o direito da velhice*, e por isso esses chefes *eram de idade avançada*, representando um pae de familia no meio de seus filhos. »

Fernão Cardim, narrando a recepção que teve em Pernambuco em 1584 o Padre Christovão de Gouveia, visitador dos Jesuitas, refere que houve um conselho para tratar de assumptos de interesse dos indios, e no qual tomaram parte — « *os velhos principaes* e grandes linguas, que com todo o siso e maduro conselho trataram de certos pontos » — attinentes á permanencia da aldeia em uma dada localidade.

Mathias Beck no seu *Diario da expedição ao Ceará em 1649*, refere-se por varias vezes — ao velho principal Francisco Carayá e seus filhos, ao velho Gaspar Paraupaba, e ao principal Francisco Aragiba, o mais velho dentre os principaes dos indios; — e sempre que tem de referir-se aos dous primeiros chefes, dá-lhes invariavelmente o qualificativo *de velhos*.

Não tinham reis nem principes, diz Fernandes Gama, e fórma alguma de governo permanente: a unica superioridade que conheciam em tempo de guerra era a de seus anciãos, ou *velhos directores*, encarregados nesse tempo de excitar por seus discursos a mocidade á tomar armas.

O governo entre os individuos da mesma tribu, diz Theodoro Sampaio na sua excellente monographia *O Tupi na geographia nacional*, era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitavel pelos seus antecedentes honrosos.

E com essa investidura da chefia, depois da conquista dos seus predicados em demorado tirocinio, recebia o chefe eleito, como que em baptismo solemne, um nome que recordasse todos os seus feitos de valor e heroismo, e ao mesmo tempo infundisse respeito e acatamento, como entre outros o de *Itagybá*, o braço de ferro; *Abaeté*, o bravo, o homem illustre; *Ibyrayára*, o caceteiro; *Yaguanharon*, a onça brava; *Ararygboia*, cobra feroz; *Piragibe*, braço de peixe; *Iaparakira*, o arco verde; e *Poty*, o camarão, acaso por ser agil e nadador como o pequeno crustaceo de deste nome.

Homem feito, portanto, chefe proeminente de uma grande aldeia, muito conceituado dos portuguezes, dos quaes já era amigo e alliado em 1598, o Camarão, de conformidade com as leis e costumes da sua gente, empunhava o bastão de *morubichaba* ou principal, conferido por eleição, e para o que se exigia um certo numero de predicados, entre os quaes devia predominar o da valentia, não podia absolutamente, á exemplo dos principios e factos referidos, ser um homem senão de mediana idade, pelo menos, naquella epocha.

Alem disso era o Camarão casado, tinha filhos, o que ainda vem em apoio dos nossos conceitos, uma vez que nenhum joven podia casar antes que tivesse preso ou morto algum inimigo, e ainda mais, porque entre os indios impedia-se a união dos dous sexos antes que a mulher e o homem attingissem á puberdade completa; e o homem principalmente, só podia contrahir matrimonio depois dos 25 annos, tomando então tantas mulheres quantas podia bem sustentar, e segundo a sua valentia e esforço que a tudo isso se tinha particularmente respeito, na phrase coeva do autor dos *Dialogos das grandezas do Brazil*. (Dialogo sexto.)

Effectivamente, sobre esse particular, escreve o seguinte o Dr. Couto de Magalhães no seu livro *O Selvagem* no capitulo referente á — *Idade para o matrimonio:*

« Todas as tribus impedem com grande cautela, e algumas

até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher, sobretudo do homem... A virgindade do homem era por via de regra mantida até a epocha do casamento, e este não era tolerado antes dos 25 annos, sem que, comtudo, seja isso o ordinario : o casamento é commummente depois dos trinta.

« A principal razão que dão os selvagens para isso é a força e a energia da prole, e a força e a energia da prole é cousa muito mais importante em uma sociedade barbara e rudimentar do que entre um povo civilisado, como é facil de avaliar; a tribu que, por falta destas instituições, deixar a raça abastardar-se, é uma tribu vencida; sem armas de fogo, sem os diversos recursos que uma cultura mais adiantada póde trazer á arte da guerra, vence aquella tribu, cujos individuos dispuzerem de mais forças physicas: por aqui comprehende-se o papel importante que representa esse elemento em taes sociedades. »

Do que fica exposto, portanto, comprovado á luz da critica e da historia, fica evidentemente demonstrado, que o Camarão, com os seus predicados de homem feito, de chefe de uma grande aldeia, e de pae de familia, respeitado pelo seu prestigio e temido pelo seu valor, era já em 1598 um homem de mediana idade, tendo pelo menos, nessa epocha os trinta annos de vida que lhe assignamos.

Em 1607 partem de Pernambuco os padres jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, com destino á Serra da Ibiapaba, no Ceará, e de passagem pelo Rio Grande do Norte, visitam a aldeia do Camarão, e começam a obra da sua catechese ao gremio do christianismo, conquistando principalmente o Padre Pinto a mais decidida confiança e amisade do chefe indio e de toda a sua numerosa tribu.

Partindo ambos em demanda do seu destino, não conseguiram o seu desideratum ; o Padre Pinto cahio morto ás mãos dos indios, e o seu companheiro teve tempo de fugir de igual martyrio, deixando comtudo o corpo da victima sepultado, em lugar assignalado, nas abas da Serra da Ibiapaba.

Annos depois, quando os padres jesutas da missão de Pernambuco resolveram trasladar para conveniente lugar os venerandos restos mortaes daquelle seu illustre e mallogrado com-

panheiro, delegaram para o cumprimento desse piedoso dever a alguns de seus companheiros.

Dominava então, entre todos os maioraes daquelle sertão, com mais autoridade e poder que os outros, o celebre e insigne principal Camarão, como narra o Padre José de Moraes, chefe este, que pela maior soberania se fazia mais respeitado no Rio Grande, onde tinha uma populosa aldeia, e sendo em extremo affeiçoado ao Padre Francisco Pinto, sentio immensamente a sua morte, e sabendo então, que em uma das aldeias de Jaguaribe se achavam já trasladados os seus restos mortaes, convidou os visinhos e passou ordem aos seus vassallos, que em dia fixado se achassem todos juntos, para que, em apparatosa romaria, visitassem todos ao seu grande amigo, o Pae Pinto, como o chamavam os indios cheios do mais profundo respeito á sua memoria.

« Não amanheceu dia mais alegre naquellas povoações que o determinado para a partida, continúa o Padre José de Moraes. Vestidos todos de gala ao seu modo, da mesma peça de que costumam trajar as mais vistasas aves daquelle paiz, que pela diversidade de côres não deixava de fazer uma bella perspectiva aos olhos, ao mesmo tempo que os faziam mais temidos as coifas de plumagem, com que se ostentavam mui medonhos, ajudados dos arcos e flechas, de que iam armados.

« Poucos dias gastaram na viagem, até que por ultimo chegaram ao lugar onde estava o precioso deposito que buscavam. Postos todos de joelhos se abraçou logo o devoto Camarão com os ossos de seu grande amigo, tão banhado em lagrimas de consolação e ternura, que a poderia causar ainda aos mais duros corações. Isto acabado, como era grande o respeito que entre todos os principaes daquelles sertões tinha conquistado este valeroso indio, assim pela valentia de seu braço como pela destreza na guerra, e grande numero de vassallos com que se tinha feito dos mais poderosos, entrou a dar leis e passar ordens, quando parece devia estar as do maioral daquella aldeia. Tanto póde um valor com forças, e a tanto se sugeita um receio sem valentias. »

Para receber os restos mortaes do Padre Pinto mandou o chefe Camarão — edificar uma igreja de maior grandeza e melhor ideada que a antiga,— e no respectivo altar tiveram elles

jazigo condigno, e celebrando-se o acto da trasladação e deposito com toda a pompa e solemnidade, retirou-se depois o Camarão para a sua aldeia do Rio Grande com toda a gente que o acompanhára áquella piedosa romaria.

Não sei eu, exclama o Padre José de Moraes, que os ossos do veneravel padre podessem encontrar maior piedade em animos mais civilisados e entre nações mais politicas; mas, assim costuma Deus fazer grandes, ainda nesta vida, aos seus servos, que por seu amor e serviço se quizeram fazer nella pequenos, chegando por ultimo a derramar o seu sangue e dar a propria vida em beneficio do proximo; e porque a grande piedade deste principal foi a que por então abrio as portas á geral veneração daquelles povos, conclue elle, seja-me licito em signal de nossa gratidão, fazer delle breve e mais bem merecida lembrança.

« Foi tão benemerito este bom indio da graça da vocação com que Deus o chamou ao gremio da santa igreja, que ainda catechumeno, e não de todo instruido nos mysterios da nossa santa fé pelos nossos padres, com especialidade o Padre Pinto, que ás suas terras tinham ido annunciar a lei evangelica, com animo de voltarem por não poderem ainda ficar de assistencia, que na sua ausencia era elle o melhor substituto e o mais apto catechista, tomando tão deveras á sua conta a instrucção de seus vassallos, que quando via se esfriavam na perseverança do que os padres lhes recommendavam, e já christão, depois que vieram os padres, e na sua ausencia, era elle um fervoroso pregador, que não só com o o exemplo, mas tambem com a palavra os animaes a guardar a mesma doutrina que aquelles lhes tinham praticado; discorrendo com incansavel zelo pelas aldeias visinhas exhortando os christãos, para que vivessem como taes, e aos que via em perigo de vida, para que morressem como catholicos, e para que os pagãos não finalisassem destituidos de remedio, os catechisava e ia dispondo a receber naquella ultima hora com agua do santo baptismo a segurança da salvação eterna......

« E porque via que a falta de missionarios os entibiava na mesma fé que aprendiam, os alentava o seu zelo com as esperanças de que logo viriam padres, que não só a elle, mas a todos os mais, que os quizessem e estivessem instruidos, os baptisassem. A tão fervorosos desejos satisfez a divina clemencia

por meio de seus ministros, os zelosos padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres, que apenas chegaram de Pernambuco á sua aldeia deram principio á sua missão com um bom numero de innocentes e adultos, já capazes, que baptisaram; e como o principal Camarão era a pessoa mais abalisada naquelles sertões, pediu elle e o approvaram os missionarios, que o seu baptismo se fizesse com aquella solemnidade que pedia o seu caracter, e era preciso para conciliar mais respeito, assim ao Sacramento, como ao cargo que entre os mais o distinguia. Emquante elle se preparava e dava as ordens para se pôr corrente tudo que entre os termos da sua possibilidade podesse servir a um universal festejo, discorreram os nossos padres pelas mais aldeias visinhas, catechisando, baptisando, confessando e exercendo os mais ministerios proprios de seu zelo e os mais recommendaveis do seu instituto.

« Recolhidos os padres á povoação, era já chegado o dia do solemnissimo baptismo do principal Camarão, que foi a Dominga da Quinquagesima do anno do Senhor de 1612. Ao sabbado á tarde se deu principio com muitas danças e mascaradas ao seu modo, que embora barbaro, não deixava tambem, sendo como era, de parecer ridiculo.

« Havia flautas dispostas em harmonia de vozes, a que de quando em quando acompanhavam os tamborezinhos que serviam de compasso aos bailes e de alegre recreação aos ouvidos. Seguiam-se as vozes, que sendo de algum modo gratas, só se faziam enfadonhas pela repetição continua das mesmas cantigas, accommodadas todas á solemnidade do seguinte dia, como é costume entre elles. De noite houve tiros e luminaria, que se gastou toda em danças, e toque de instrumentos rusticos, por serem notavelmente inclinados a estas e semelhantes folias; amanheceu o Domingo, que naquelle dia bem se podia chamar Paschoa de flôres, pelas muitas do campo com que estava alcatifado o caminho da casa do principal até a igreja.

« Sahio elle finalmente vestido de gala, precedido de um festival acompanhamento, levando comsigo sua mulher e filhos, e grande numero de vassallos que o seguiam. Chegaram á igreja, onde os separavam os padres, que com a maior pompa e ceremonias da igreja lhe conferiram o baptismo e a toda a sua familia.

« Acabada a funcção ao som de toques e estrondo de algumas cargas, se recolheram contentes a continuar o festejo com que celebraram o acto e puzeram remate a solemnidade de um tão grande dia.

« No seguinte se celebrou o matrimonio *in facie Ecclesiæ* com uma das mulheres, que entre as mais escolheu para sua legitima consorte, despedindo de casa as mais, e recebendo neste e nos mais dias muitos parabens dos visinhos e mais portuguezes, que em distancia de vinte leguas vieram obsequiar o famoso principal D. Antonio Camarão, por se fazer de tudo credor o seu bom genio e relevantes serviços que sempre fez aos serenissimos reis de Portugal, motivo porque o julgamos merecedor desta particular lembrança, para assim remunerarmos o especial affecto que muite alem da morte consagrou á saudosa memoria do veneravel servo de Deus o Padre Francisco Pinto. »

Estudemos agora a ultima phase conhecida da vida do principal Antonio Camarão, servindo-nos de guia o livro contemporaneo *Jornada do Maranhão*, geralmente attribuido ao sargento-mór Diogo de Campos Moreno, que tomou parte nessa jornada como um dos chefes da expedição militar que partio de Pernambuco em 1614.

Posto em execução o plano da conquista do Maranhão do poder dos francezes, em 1614, associou-se a essa empreza o chefe Camarão, partindo por terra do Rio Grande ao Ceará, com um sequito de pouco mais de trinta indios frecheiros, lugar escolhido para a reunião de todas as forças expedicionarias, para dalli embarcarem com rumo direito ao seu destino.

No dia 6 de Setembro chegou o Camarão ao Ceará com a sua gente; — « e tal chegou do caminho, narra o autor da *Jornada*, que mandou pedir licença para se ficar naquellas com seu irmão Jacauna, o qual tambem fazia força para que lh'o deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiaram, que pelos contentar, ficaram alli as mulheres e alguns dos seus indios. »

« Como este achaque, que não quizeram parar avante, com que o numero dos que na armada vinham, antes foi diminuindo-se, que crescendo aqui no Ceará, nem destas aldeias o d'Albuquerque pôde tirar com todas as suas fallas e dadivas

mais que até 20 frecheiros com um filho do Jacauna, moço de 18 annos, ficando por estes mais de 40 dos da armada: nem tão pouco Jacauna dera nenhum dos seus, senão que Jeronymo de Albuquerque deixando alli algumas criadas indias suas, deixou um menino seu de dous annos juntamente, com que ficaram assignados e contentes.

« Por aqui se póde ver o cabedal, que é bem fazer-se das palavras dos indios do Brazil, conclue o escriptor, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor e força dos brancos, que de palavras de *linguas*, as quaes não guardam senão no que lhes está bem... »

Que motivos actuaram no animo do Camarão para se deixar ficar no Ceará e não acompanhar a expedição destinada á conquista do Maranhão?

O senador Candido Mendes, reflexiona apenas, que — « em verdade, depois da passagem da expedição do Maranhão, Antonio Potyguassú não quiz ou não pôde acompanhal-a do porto do Ceará, pretextando molestia ou o terror do mar, e a recordação do que acontecera com os Petiguares que foram por seducção levados á Bahia, e nunca mais volveram aos seus lares. »

Não foi o terror do mar, á percorrer desde o Ceará até ao Maranhão, que fez com que o chefe potigiano do Rio Grande não acompanhasse a expedição ao seu destino.

Effectivamente, o mar não intimidava a homens que affrontavam-no para tirar delle um dos seus principaes elementos de subsistencia, a homens como os Tupis, — « grandes pescadores, bons nadadores, e de folego tão longo, a ponto de levarem todo um dia sem comer nem beber, sobre a agua, nadando. »

Demais, na phrase de Theodoro Sampaio, a navegação estava muito em voga entre os Tupis, quasi todos localisados no littoral, donde outr'ora expulsaram os primitivos dominadores do paiz.

« Pescavam muito no mar e nos rios, tirando dahi larga parte da sua subsistencia. Habilissimos canoeiros e nadadores eximios, affrontavam as ondas mar em fóra com o maior dessassombro. Contam mesmo alguns viajantes que esses barbaros, em avistando no horizonte embarcações em transito, nada-

vam muitas vezes ao encontro dellas para lhes vender *brasil*. Os Quaytacás, segundo Gabriel Soares, andavam a nado pelo mar dentro, accommettendo os tubarões (*ipirá*) e afogando-os com um páo agudo, que lhes mettiam com força pela garganta.

« Os Tupis do Rio de Janeiro como os de Paraty e Ubatuba, possuiam canôas tão grandes, feitas de um só tronco, que algumas dellas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripolantes. Martim Affonso de Souza, na sua viagem de 1530, assistio, maravilhado, a uma encarniçada batalha naval entre gentios de Itaparica e do continente da Bahia de Todos os Santos.

« Dextros canoeiros, manejavam de pé o remo a compasso certissimo com o que muito maravilhavam aos europeos. »

Não foi, portanto, a viagem maritima que intimidou ao chefe potigiano.

Um enfermidade qualquer, acaso de caracter grave, que, no juizo de Candido Mendes, talvez fosse um pretexto para não acompanhar elle a expedição até ao seu destino, parece-nos antes a causa efficiente dessa resolução do chefe potigiano.

Effectivamente, não era elle um homem moço, forte e robusto, e a longa travessia por terra, do Rio Grande ao Ceará prostrára-o tanto, que não sentio-se com forças bastantes para proseguir na viagem e tomar parte em uma campanha arriscada e trabalhosa, e deixou-se ficar com seu irmão, seguindo então um sobrinho seu com alguma gente.

Teria o Camarão resistido a essa prostração, ou pereceu então no Ceará victima de alguma enfermidade contrahida naquella longa e penosissima viagem, por terra, e em pleno rigor da estação hybernica ?

O certo é, que chegou elle *tão prostrado do caminho* que percorreu, *que não podia continual-o ;* e á *tanta porfia* deixaram-no ficar, tal o *estado em que chegou do caminho*, como refere o autor do livro da *Jornada do Maranhão*.

Eis ahi, segundo o juizo de um escriptor contemporaneo, que escreveu segundo o que vio e presenciou em todo o seu desdobramento, nessa memoravel jornada, o motivo pelo qual o Camarão deixou-se ficar no Ceará.

Enxergariam os indios, acaso, nessa escusa do velho chefe um simples pretexto para eximir-se de tomar parte na cam-

panha do Maranhão, e que irritados com semelhante procedimento depuzessem-no do cargo, uma vez que entre os Tupis, quando um chefe commettia um acto de covardia, *ou sonhando-a*, era logo deposto, e nem faziam mais caso algum delle, como escreve um escriptor coevo, o Padre Simão de Vasconcellos?

Seja como fôr, dessa epocha por diante, o chefe indiano do Rio Grande do Norte, Antonio Poti ou Camarão, desappareceu completamente do scenario historico...

Entretanto o Padre José de Moraes, confundindo-o com D. Antonio Felippe Camarão, chefe dos petiguares da aldeia de S. Miguel do Mossupe em Pernambuco, ao tempo da invasão hollandeza em 1630, fal-o viver nesta epocha, e ainda mesmo depois da sua restauração gloriosamente verificada em 1654!

Eis as suas proprias palavras; referindo-se ao Rio Grande do Norte, nos primeiros annos do seculo XVII:

« Dominava entre todos os maioraes daquelle sertão com mais autoridade e poder que os outros, o celebre e insigne principal Camarão, cujo nome foi tão attendido dos nossos historiadores, pela razão do grande soccorro que deu ás nossas armas na expulsão dos hollandezes de Pernambuco, a quem seu mesmo valor foi raio, que alem de atterrar, não causou pequenos estragos nas dominantes tropas da Hollanda. »

Isto escreveu o Padre José de Moraes em 1759, quando concluio a sua *Historia*, sem attender aos subsidios legados pelos que anteriormente a elle, e coevos dos factos, deixaram escripto em suas obras, e nem aos seus proprios contemporaneos entre os quaes Pereira de Berredo, nos seus *Annaes*, então de recente publicação, porquanto foram impressos em 1749.

Detenhamo-nos por um pouco sobre o assumpto.

O Padre Manoel de Moraes, contemporaneo dos acontecimentos que escreve, e que na sua qualidade de missionario jesuita percorreu todo o territorio que se estende, principalmente, de Pernambuco ao Rio Grande, deixou-nos uma lista das aldeias que existiam naquelles territorios ao tempo da invasão hollandeza, e mencionando as do Rio Grande, refere-se a do *Igapúa*, sem declarar, porem, os nomes dos seus chefes ou principaes.

E' facto contastado pela historia, que os petiguares do Rio Grande alliaram-se aos hollandezes quando alli chegaram e

assenhorearrm-se da capitania, e que para dar arrhas da sua fidelidade ao invasor commetteram os mais horriveis attentados contra os seus habitantes, de cujos factos destacamos o barbaro massacre de Cunhaú de que deixou-nos particular narrativa o commandante da villa Lopo Curado Garro.

Dos chefes indianos dessa epocha, que tanto se distinguiram pela sua ferocidade são conhecidos Francisco Pavaraya ou Paroapaba, e Pero Poty, acaso principal da aldeia do *Igapña*, e successor de Antonio Poty, ou Camarão, o que prova que a esse tempo já elle não existia.

Demais, o Padre José de Moraes, como se vê do transcripto trecho da sua *Historia*, dá a entender claramente, que o Camarão sobreviveu ao facto da restauração de Pernambuco occorrido em 1654, affirmando que deu elle — *grande soccorro ás nossas armas na expulsão dos hollandezes de Pernambuco*,— quando é historica e documentadamente sabido que D. Antonio Felippe Camarão, dada mesmo a unificação das duas individualidades, não vio despontar o sol que surgio esplendido com a libertação da patria em 27 de Janeiro de 1654, porquanto falleceu seis annos antes, pouco tempo depois da primeira batalha de Guararapes ferida no dia 19 de Abril de 1648 !

Ora, se os petiguares do Rio Grande fizeram causa commum com os hollandezes, se são conhecidos os nomes dos seus chefes que unidos a elles foram os verdugos dos portuguezes, quem seria esse Camarão, que tão grandes soccorros lhes prestou na guerra contra os hollandezes, *cujo valor foi raio, levando o terror por toda a parte e causando-lhes grandes estragos*, senão o heroico chefe indiano D. Antonio Felippe Camarão ?

E' dessa confusão das duas individualidades, portanto, que vem toda a controversia historica iniciada pelo Senador Candido Mendes de Almeida em 1874, e divulgada pelos seus seguidores.

*
* *

D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

Não se sabe ao certo o anno em que nasceu esse heroico indio da tribu dos Potiguares, que tão grande nomeada con-

quistou por seus feitos militares no periodo que decorre de 1630 a 1648.

Fallecendo ainda moço, por assim dizer, depois da primeira batalha dos Guararapes, ferida em 19 de Abril de 1648, e calculando-se que tivesse os seus vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, quando em 1630 se apresentou em defeza da patria em lutas contra o batavo invasor, nasceu elle pelos annos de 1605.

Que D. Antonio Felippe Camarão falleceu moço ainda, dil-o Frei Raphael de Jesus, autor contemporaneo, se bem que um tanto veladamente, obedecendo ao estylo metaphorico com que escreveu o seu *Castrioto Lusitano*, impresso em 1679, quando trata do seu fallecimento (L. 9 n. 52), nestes termos:

« Não faz grande vida a duração do tempo, supposto, que a póde fazer larga; a occupação do tempo é, a que faz uma vida grande, porque a vida dos mortaes não se mede pelo que dura, mede-se pelo que obra: computada a vida deste heróe pelo que obrou, foi de muitos annos. Nasceu indio, porem entre os indios o mais nobre. O nascimento lhe deu o nome de Poty, (que na lingua do gentio é o mesmo que Camarão) e o baptismo lhe deu o de Antonio. »

Vem mais em favor dos nossos argumentos o facto do casamento de Camarão, e a existencia de um unico filho seu, ainda menor, em 1661.

Estudemos particularmente esses factos.

Camarão recebeu por sua legitima consorte a uma joven india por nome D. Clara, sem duvida filha de algum chefe ou principal de aldeia da sua mesma tribu, em epocha desconhecida, mas de facil presumpção.

Effectivamente, tratando os escriptores coevos da apresentação do Camarão na tenda do general Mathias de Albuquerque, em 1630, fazem-no tão minuciosamente, que descem mesmo a declinar os nomes dos dous interpretes que o acompanharam, como o Marquez de Basto, o que prova que começava então o seu contacto intimo com os portuguezes, nada dizem sobre esse particular, nem tão pouco quando detidamente se occupam das proezas desse heróe no decorrer da campanha, até o anno de 1637.

Neste, porem, quando a guerra tomou uma nova feição,

de accordo com o plano de conquista do paiz traçado pelo governador hollandez o principe de Nassau, e em 18 de Fevereiro ferio-se a batalha de Porto Calvo, Camarão vôa ao campo da acção, e peleja com o inimigo tendo ao seu lado sua consorte D. Clara, —em um cavallo, com uma lança na mão—, como narram os escriptores contemporaneos Frei Manoel Calado e Diogo Lopes de Santiago, a qual se mostrou *tão clara nesta gentileza, que deixou escurecida a memoria das Zenobias e Simiramis com que tanto se illustra a antiguidade*, na phrase de Frei Raphael de Jesus.

Com esses fundamentos, portanto, é licito presumir-se que o Camarão em 18 de Fevereiro de 1637 era recentemente casado, porquanto apparece então, *pela primeira vez*, combatendo ao lado de sua consorte, que dahi por diante acompanhou sempre a seu marido —em todas as campanhas, e teve parte em todas as victorias—, como escreveu Damião de Fróes Perim no seu *Theatro heroino* (Lisbôa, 1736—1740).

Do seu consorcio com D. Clara teve o Camarão, documentadamente sabido, apenas um filho, que naturalmente ficou de muito tenra idade quando falleceu elle em 1648.

Esse documento a que nos referimos é uma Portaria do Governador Francisco de Brito Freire, datada de 11 de Abril de 1661, e que Antonio Joaquim de Mello consigna em sua integra á pag. 196 do T. II das suas *Biografias*, por cuja Portaria ordenou aquelle governador á Provedoria da Fazenda Real o pagamento de um — « vestido que se deu ao filho do capitão mór que foi dos indios desta capitania D. Antonio Felippe Camarão, que recolheu em sua casa para o doutrinar, e ter o tratamento que se deve ao muito que o dito seu pai soube merecer em o serviço da corôa de Portugal, por tudo convir ao serviço de Sua Magestade. »

Por esta Portaria, evidentemente comprova-se, que recolhendo o Governador em sua casa a um filho do Camarão *para o doutrinar*; e ordenando o pagamento de um vestido que lhe mandou dar, isto é, uma roupa qualquer, que era elle de menoridade nessa epocha, que cuidava-se ainda da sua educação, e portanto, não tinha meios de vida para manter-se por si proprio: e parece comprovar ainda, que sua mãe D. Clara já era fallecida a esse tempo, porque se vivesse ainda, teria certa-

mente a esse seu filho sob sua guarda, e cuidando ella propria da sua educação.

A existencia de um filho do Camarão, ainda muito moço e de menoridade, cuidando-se do seu doutrinamento, ou educação, em 1661, prova que ficou elle de muita tenra idade quando seu pai falleceu, em 1648, e d'est'arte, que era o Camarão nessa epocha, um homem ainda moço, uma vez que não attingira aos cincoenta annos de idade, e era portanto, um homem forte e sadio, e em pleno goso de todas as suas faculdades.

Tratemos agora de fixar a naturalidade de Camarão, precisamente em Pernambuco.

Frei Manoel Calado, autor contemporaneo, residente em Pernambuco por largos annos, testemunha presencial dos factos que narra no seu livro o *Valeroso Lucideno* impresso em 1648, e pessoal e intimamente conhecendo a D. Antonio Felippe Camarão, consagrou largas paginas em memoria de seus feitos, e das quaes colhemos os seguintes trechos, que particular e repetidamente assellam o cunho da sua naturalidade pernambucana :

...... « Tambem se veio a offerecer ao general *um indio da terra*, chamado Antonio Camarão (que era o principal e capitão de uma aldeia) com toda a sua gente mui dextra na flecha e arco, e com todos os seus parentes e amigos, que se congregaram, e o elegeram por maioral, por esforçado e animoso. » — Pag. 12.

« Tambem João Fernandes Vieira escreveu com um proprio por terra a D. Antonio Felippe Camarão, que estava alojado em Sergipe d'El Rei, com todos os seus brasilianos, pedindo-lhe com muitos rogos e encarecidas palavras, que pois *havia nascido na provincia de Pernambuco*, e havia feito tantas proezas na defensão della no tempo de Mathias de Albuquerque e do Conde de Bagnuolo, que não faltasse agora na miseria em que os seus moradores estavam »......

« E porque poderá perguntar qualquer curioso quem é este D. Antonio Felippe Camarão? A isto respondo, que é um indio brasiliano, o mais leal vassallo, que Sua Magestade tem nesta America, e o mais amigo dos portuguezes que todos os que até agora tem havido, nem de presente ha em toda a terra

do Brasil, e o mais ardiloso na guerra, que todos os sua nação, o qual sendo principal e capitão de sua aldeia, e de outras que lhe eram subordinadas, tanto que soube que os hollandezes tinham ganhado a villa de Olinda e o Arrecife por força de armas; e que o governador Mathias de Albuquerque tinha plantado arraial, e estava com exercito formado, defendendo que o inimigo entrasse pela terra a dentro, logo despejou suas aldeias, e trazendo comsigo todos os indios que lhe eram sujeitos, com todas as suas mulheres e filhos, desceu do sertão, e se veio apresentar a Mathias de Albuquerque para servir a Sua Magestade naquella guerra. » — Pag. 164—5.

« Quando a nossa gente de guerra se retirou para a Bahia com o Conde de Bagnuolo, tambem o Camarão se retirou comnosco, esperando que El Rei nos mandasse soccorro para elle se tornar *para a sua patria* em sua restauração. » — Pag. 165.

Em fim, esse escriptor coevo transcreve em sua integra uma carta dirigida aos hollandezes pelo valente pernambuco Henrique Dias, na qual figura este trecho :

« Meus senhores hollandezes, meu camarada o Camarão não está aqui, porem eu respondo por ambos. Vossas mercês saibam, *que Pernambuco é sua patria e minha*, e que já não podemos soffrer tanta ausencia delle... » — Pag. 334.

De uma carta dirigida em 1645 aos Altos e nobres Conselheiros do governo hollandez no Recife, pelo governador geral do Brasil Antonio Telles da Silva, para ser-lhes entregue pelo almirante Jeronymo Serrão de Paiva, e da qual trouxe depois uma copia o almirante Salvador Correia de Sá, que a mandou entregar por uma embaixada que enviou aos mesmos Conselheiros, consigna Matheus van den Broeck, que a esse tempo residia no Recife, um longo trecho no seu —*Diario ou narração historica, contendo o que elle vio e realmente aconteceu no começo da revolta dos portuguezes no Brazil*—, impresso em Amsterdam em 1651, de cujo trecho destacamos este periodo :

« Quanto a D. Felippe Camarão, general dos indios, e Henrique Dias, capitão dos negros militares, havia muito que tinha sido dispensados do serviço d'El Rei, pois que durante as treguas (em que muito confiava) não tinham tido emprego de sua mão ; e como Camarão costumava dizer que queria tornar para Pernambuco, *sua velha patria*, acreditava que por esta

razão se partira para aqui, e tomara por companheiro a Henrique Dias, pois eram bons amigos... »

O Dr. José Hygino na traducção desse folheto, publicada em 1875, manda ver em nota ao trecho transcripto, a obra de Nieuhof impressa em 1682, pag. 109, onde tambem se faz mensão da alludida carta.

Ouçamos agora a um outro contemporaneo ainda, Frei Raphael de Jesus, escriptor de elevada reputação litteraria, chronista mór do reino, e de subida hyerarchia ecclesiastica. E' verdade que não esteve em Pernambuco para fallar de sciencia propria, como os citados escriptores, mas escreveu á vista de insuspeitas e fidedignas informações locaes, como elle proprio declara, nestes termos: — « A noticia dos successos, *das pessôas*, dos tempos e das partes, recebi de sugeitos fidedignos pelos postos que occuparam, pela continuação com que serviram, e pela honra com que procederam, aos quaes, *como a testemunhas de vista* manda o direito dar inteiro credito. »

Alem disso enviou elle a sua obra ao exame do mestre de campo general João Fernandes Vieira, a quem é offerecida, — *para que com a sua emenda, ou com a sua approvação, fique a certeza sem duvida, e se leia esta historia sem escrupulo.*

Pois bem; Frei Raphael de Jesus inscreve tambem no seu *Castrioto Lusitano* uma carta de Henrique Dias dirigida aos hollandezes, logo em começos do rompimento da revolução em 1645, em cujo documento figura este trecho eloquentemente traçado:

« Foram os aggravos e tyrannias que animaram os gemidos com que os pernambucanos nos persuadiram á vingança, a mim e ao governador dos indios D. Antonio Felippe Camarão. Faltamos á obediencia, que nos occupava no sertão da Bahia, por não faltarmos as obrigações — *da patria, respeitando primeiro as leis da natureza, que as do imperio.* »

Ficando assim provado á saciedade, que o Camarão nasceu em Pernambuco, desçamos agora a outros pormenores sobre a sua vida, os quaes concorrem ainda mais, para com melhores fundamentos, deixar bem accentuada essa sua naturalidade.

Não se póde com certeza fixar a localidade em que nasceu elle.

Seria em Páo d'Alho, onde em 1591, Frei Melchior de

Santa Catharina custodio dos franciscanos, fundou a Aldeia de S. Miguel, em cuja localidade levantou-se depois um engenho com a denominação de *Aldeia*, que ainda conserva ; ou nas outras localidades, onde successivamente foi estabelecida a mesma aldeia, até que ficou definitivamente situada — na freguezia de Tejucupapo, entre os extremos de Iguarassú e Goyanna, para a costa do mar, em o sitio que chamam do Siry ;— localidades essas, a que o nosso chronista Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão se refere na sua obra *Novo orbe serafico brasilico*, guardando a ordem das remoções da aldeia, taes como: a Muribica antes do rio Itapirema tres leguas ; o riacho que chamam Biapicú na freguezia de S. Lourenço de Tejucupapo ; e o lugar da Aldeia Velha, por uma que ahi tiveram os franciscanos, na freguezia de Itamaracá, da parte da terra firme ?

Nada se póde colher de positivo sobre o assumpto.

Entretanto, o nosso fallecido confrade Dr. Maximiano Lopes Machado, no seu discurso pronunciado na sessão solemne de recepção do Dr. José Hygino, celebrada pelo Instituto quando regressou elle da sua missão á Hollanda, em 1885, diz o seguinte, sem duvida firmado em informações ministradas por aquelle Dr., em face de algum desses muitos documentos que trouxe dos archivos de Haya e Amsterdam, ainda inedito e por traduzir :

« D. Antonio Felippe Camarão, recolhido aos doze annos na aldeia do Serigy, á poucas leguas de Iguarassú, foi cuidadosamente educado pelos padres da Companhia de Jesus. Aprendeu a ler e a escrever a lingua Tupy, a portugueza e a traduzir o latim. A religião e os bons exemplos completaram a sua educação, e modelaram o seu caracter pelo escrupulo do dever, já de natureza grave...... »

Anteriormente, porém, um historiador emerito, o Dr. F. M. Raposo de Almeida, no seu Relatorio apresentado ao Instituto Historico de Goyanna em 1871, sobre o marco divisorio da capitania de Pernambuco com a de Itamaracá, disse o seguinte, referindo-se ás suas pesquizas acerca do local e ruinas da antiga capella de S. Miguel da aldeia do Siry — onde talvez foi baptisado o Potyguassú, ou D. Antonio Felippe Camarão :

« O empenho, que alli nos levou foi pesquisar os vestigios

da antiga capella de S. Miguel e o hospicio de missionarios, que houve naquella aldeia.

« Este empenho não era, nem é destituido de importancia, porque ha hoje em dia toda a probabilidade que nessa capella fôra baptisado o Potyguassú, ou D. Antonio Felippe Camarão; e que nesse hospicio fôra elle educado pelos missionarios franciscanos, e, depois de provecto, dirigido pelos missionarios jesuitas......

« A tradição de ter sido aquella aldeia, de que o Camarão fôra capitão, é alli constante, e a ouvimos principalmente de um indio mestiço de alguns cem annos, o qual accrescentou ter ainda conhecido, como capitão daquella aldeia, um sobrinho do Camarão, chamado tambem Camarão, o Arco-verde. »

Este Arco-verde é naturalmente algum descendente de *Antonio Pessôa Arco-Verde*, que por patente régia de 17 de Novembro de 1683 teve a confirmação do cargo de capitão-mór e governador dos indios das aldeias das capitanias de Pernambuco, provido interinamente pelo governador D. João de Souza.

Arco-Verde deixou larga descendencia proveniente de dous filhos, um de igual nome, e outro chamado Domingos Pessôa Panasco, ambos capitães do terço ou regimento dos indios, na epocha do seu fallecimento em 1692.

Da patente régia de confirmação do posto de capitão conferido a seu filho de igual nome, e lavrada em 12 de Abril de 1683, consta que o velho Arco-Verde era — *indio da nação Tabayara, filho de Agostinho Gonçalves Panasco e natural de Pernambuco.* — Sua esposa chamava-se D. Catharina Fernandes.

A aldeia de S. Miguel successivamente removida para localidades diversas, desde o anno de 1591 da sua fundação, em Páo d'Alho, teve em fim definitivo assento na ribeira do riacho Siry, que desagua á margem sul do rio Tejucupapo, meia legua antes da sua fóz no Oceano, em frente á barra de Catuama ao norte da Ilha de Itamaracá, em epocha desconhecida, e foi sempre dirigida pelos religiosos franciscanos, até que em 1619 entregaram-na ao bispo diocesano, bem como as demais aldeias que tinham sob a sua administração, como refere Jaboatão, passando então todos os nucleos indigenas á direcção dos Jesui-

tas, — cujas habilitações na catechese dos indios eram por demais comprovadas.

Em 1635, no periodo da guerra da invasão hollandandeza foi a aldeia de S. Miguel de Mossupe occupada pela nossa gente sob o commando do valente capitão Francisco Rebello (o Rebellinho); porem tendo aviso que o inimigo se approximava com forças muito superiores ás suas em caminho da mesma aldeia, — se retirou a outro sitio accommodado ao seu intento, deixando abrasado o que largava, e nelle consumido do fogo tudo quanto podia servir ao inimigo de commodo e utilidade.— *Castr. Lusit.*

Convenientemente restaurada depois da evacuação hollandeza, em 1654, e de novo levantados os seus edificios, perdeu a aldeia a sua primitiva denominação de Mossupe ou Mussupe, pela de S. Miguel do Siry, ou Serigy, com que é vulgarmente conhecido o local da sua situação.

Da aldeia do Siry encontramos noticias positivas na carta régia de 16 de Agosto de 1718, ordenando a compra de 375 braças de terra de largo sobre 3,000 de comprido, *para serem arranchados os indios da aldeia do Siry*, por julgar-se alli necessario o estabelecimento, pelas representações dos governadores e Juntas das Missões, sem as quaes não poderiam elles subsistir; e que existia ainda em 1746, pelo seguinte, que se lê na obra inedita — *Descripção de Pernambuco com parte da sua historia e legislação até o governo de D. Marcos de Noronha em 1746 e mais alguns documentos ate 1758:*

« *Aldeia do Siry.* — Situada ao pé do rio do mesmo nome, na freguezia de S. Lourenço de Tejucupapo, e sob a invocação de S. Miguel; é de indios da lingua geral dirigidos por missionario carmelita. »

Uma circumstancia que não é para despresar-se: — essa lingua geral é o *Tupy*, que o chefe D. Antonio Felippe Camarão fallava e escrevia correctamente, como consta de varias cartas suas, de uma das quaes, datada de 19 de Agosto de 1645 possue o Instituto uma photographia tirada do proprio original existente nos archivos de Hollanda.

Esse curioso documento, pela sua bôa calligraphia e firmeza de traços, não revela absolutamente que fosse escripto senão por um homem, que pela sua idade não provecta, não

tinha sido ainda attingido pela tremura senil, que entorpecesse os movimentos firmes de sua mão, como o Camarão, que nessa epocha devia ter os seus quarenta annos de idade.

A aldeia do Siry, Mussury ou Mussupe, Moçuigh ou S. Miguel, como lhe chama o Padre Manoel de Moraes, cujo nome parece recordar o do engenho Mussupe situado em Iguarassú, era em 1630 um importante nucleo indigena, com uma população de 600 habitantes, dos quaes 170 já exercitados no manejo das armas de fogo eram bons mosqueteiros, e essa sua população era composta de indios das tribus Petiguar e Tobajara.

Doutrinado e educado o Camarão — bem empregado foi o trabalho que os padres da Companhia e outros religiosos de differentes ordens tiveram com este indio, — com se expressa Frei Manoel Calado, uma vez que os seus esforços foram perfeitamente correspondidos pelo joven catechumeno, que de par com a instrucção religiosa que recebeu, aprendeu a ler e a escrever correctamente as linguas portugueza e tupy, e entrando ainda na classe de latinidade, conhecia tambem a lingua do Lacio traduzindo correntemente os seus classicos.

De par com esta educação religiosa e litteraria esmeradamente ministrada pelos padres missionarios, conseguiram tambem elles formar o seu caracter fazendo realçar as suas naturaes virtudes, tão decantadas pela historia firmada no juizo dos escriptores do seu tempo, que o conheciam e com elle conviveram intimamente; e ainda — animoso e esforçado, — na phrase coeva de Diogo Lopes de Santiago, os indios da sua nação, que reunidamente aos Tabajaras formavam o nucleo colonial da aldeia de Moçuigh, o elegeram por seu maioral, como refere o citado escriptor.

Effectivamente, o Padre Manoel de Moraes referindo-se a aldeia de Moçuigh nessa epocha, diz que o Camarão era cacique dos Petiguares, e Estevão Tebú dos Tabajaras.

Ignora-se absolutamente a ascendencia de D. Antonio Felippe Camarão, e apenas sabe-se que era elle filho de um irmão ou irmã do chefe Jaguarary, chamado depois Simão Soares, e de quem encontramos noticias positivas referentes ao anno de 1625, quando os hollandezes aportaram na Bahia da Traição, na Parahyba, e onde entre outros indios que tinham

em seu poder, como que prisioneiros, figuravam a mulher e um filho do cacique Jaguarary, cuja liberdade conseguio elle depois mettendo-se entre os hollandezes; porém cahindo por este facto em suspeitas dos portuguezes, foi preso e conduzido ao Rio Grande do Norte onde permaneceu em rigoroso carcere até 1633, cujas occurrencias particularmente narra o Marquez de Basto nas suas *Memorias*.

Jaguarary tomou parte na expedição pernambucana da conquista do Maranhão em 1614, sem duvida encorporado á gente que marchou da Parahyba, tirada das aldeias da Pindaúna e da Jacoca, commandada pelos chefes Jorge, Páo Secco e Mandiocapuá; e na guerra da invasão hollandeza em Pernambuco — *acompanhou a seu sobrinho Antonio Felippe Camarão, até que foi preciso retirar-se á Bahia*,— por cujos serviços recebeu a mercê régia de 750 reaes de soldo, com a clausula de que por sua morte passariam a sua mulher e filho.

E' tambem conhecido um outro tio seu, Francisco Pinheiro Camarão, pai de D. Diogo Pinheiro Camarão, que o succedeu no cargo de capitão-mór dos indios, e os descendentes e successores deste, D. Antonio João Camarão e D. Sebastião Pinheiro Camarão, sobre quem a Patente régia de 13 de Março de 1688 conferindo-lhe a tença de 48$000, refere-se a sua naturalidade pernambucana.

Camarão, originariamente, tinha o nome de Poty, mas ao receber as aguas do baptismo, quando convenientemente preparado com a instrucção religiosa necessaria para esse fim, foi-lhe imposto o nome de Antonio, com o qual, tendo por apellido o seu nome indiano porém já com a traducção portugueza, que elle adoptou, se apresentou com a sua gente em defeza da patria chamando-se portanto *Antonio Camarão*, como narram as chronicas coevas; porém recebendo elle de El-rei D. Felippe o habito da ordem de Christo, o titulo de dom e o posto de governador e capitão-mór dos indios, graças estas conferidas em 1635 em remuneração dos seus grandes serviços prestados em campanha, resolveu então accrescentar mais um nome ao seu, e em reverencia ao monarcha que tanto o distinguira, passou dahi por diante a chamar-se *Dom Antonio Felippe Camarão*.

Camarão, até 1630, aos seus vinte e cinco annos de idade, pouco mais ou menos, vio deslisar a sua vida sem ensejos de

nobilitar-se por serviços notaveis, conhecidamente mencionados pelos nossos historiadores; e se os houvesse prestado anteriormente, de qualquer natureza que elles fossem, os escriptores contemporaneos, tres dos quaes, pela sua residencia em Pernambuco, acompanhando o exercito em todas as suas marchas e evoluções, e o conhecendo muito de perto e intimamente, com certeza não se esqueceriam da mensão de taes serviços para apresental-o á posteridade sómente em 1630, no inicio da sua vida militar em defesa da patria!

Calado, como já vimos, apresenta-o á posteridade naquelle anno.

O Marquez de Basto donatario de Pernambuco, nas suas *Memorias*, escriptas dia á dia e a proporção que se iam desenrolando os episodios da guerra da invasão, tratando dos factos referente ao dia 16 de Fevereiro de 1630, e da gente que foi enfrentar-se com o inimigo á margem Sul do Rio Doce, diz apenas: — « Havia mais alguns 200 indios com o seu principal, que os governava, Antonio Felippe Camarão, e por seus interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira. » — Esses 200 indios eram certamente os *170 bons mosqueteiros* da sua aldeia do Mussupe ou Siry, como vimos das informações do Padre Manoel de Moraes sobre esse nucleo indiano na epocha em questão, e mais uns trinta que quizeram acompanhar o seu illustre chefe em defeza da patria.

Sobre essa sua apresantação escreve o seguinte Diogo Lopes de Santiago na sua *Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira*:

« Neste tempo (1630) se offereceu a Mathias de Albuquerque um indio chamado Antonio Camarão (que depois dando-lhe Sua Magestade o habito de Christo, e dom, se chamou D. Antonio Felippe Camarão, pelas proezas e valorosos effeitos que obrou nesta guerra); era principal pessôa entre os indios, a quem eram muito obedientes, e sua gente muito destra em atirar as frechas, *e o elegeram por seu maioral*, por animoso e esforçado. »

Um outro escriptor contemporaneo, o general Francisco de Brito Freire, que tomou parte nos ultimos movimentos da guerra da restauração, e foi depois governador de Pernambuco (1661—1664), na sua *Nova Lusitanea* impressa em 1675,

apresenta tambem o Camarão no inicio da campanha, e acompanha-o depois em todos os seus feitos até a epocha em que chega essa decada primeira da sua obra.

Dos citados escriptores coevos, porem, Frei Raphael de Jesus e Diogo Lopes de Santiago, escreveram toda a phase da guerra hollandeza desde a invasão de Pernambuco em 1630 até a sua gloriosa restauração em 1654, e ambos, portanto, referem detalhadamente toda a vida militar do Camarão até o seu fallecimento, e narrando este acontecimento, fazem uma synthese completa de toda a sua vida no *Elogio* que lhe consagram, enaltecendo os seus meritos e as suas virtudes, *desde o tempo do Arraial Velho de Parnameirim e governo de Mathias de Albuquerque*, como se expressa Diogo Lopes.

Rocha Pitta, que bem póde ser tambem considerado um escriptor coevo, porquanto nasceu na Bahia em 1660 e onde falleceu em 1738 em avançada idade, tendo dest'arte ensejo de communicar-se com muita gente que conheceu pessoal e intimamente ao Camarão durante a sua longa permanencia naquella cidade, não falla absolutamente em antecedentes historicos á sua vida no elogio que lhe consagrou na sua *Historia da America Portugueza* impressa em 1730 e concluida quatro annos antes, senão a partir da epocha em que — *os hollandezes entraram em Pernambuco, e que trouxe elle o maior sequito dos gentios de que era principal á obediencia e amor dos portuguezes.*

Finalmente, um escriptor moderno, Roberto Southey, na sua *Historia do Brasil*, originariamente publicada em inglez em 1810—1819, tambem refere-se ao apparecimento de Camarão no scenario historico de Pernambuco em 1630, servindo-se das informações do Padre Manoel de Moraes, que na sua qualidade de missionario jesuita esteve por muito tempo em contacto intimo com elle, principalmente no seu acampamento ou estancia de Santo Amaro, nas provimidades de Olinda, informações essas colhidas na obra que aquelle Padre escreveu sob o titulo de *Historia da America*, que foi depois traduzida em inglez e publicada na Inglaterra; e sob tão seguro guia, traça o referido escriptor o perfil historico de Camarão, completamente desenvolvido, desde a epocha da invasão hollandeza até a do seu fallecimento em 1648.

A epocha da morte de D. Antonio Felippe Camarão, se

bem que historica e documentadamente comprovada quanto ao anno, tem sido porem erroneamente fixada relativamente ao mez.

Effectivamente, uns escriptores assignam-lhe o mez de Agosto ou Setembro de 1648, outros poucos mezes depois da primeira batalha de Guararapes ferida em 19 de Abril daquelle anno, e nós mesmo incorremos nesse erro dizendo no nosso *Diccionario biographico de pernambucanos celebres* impresso em 1882, que falleceu elle quatro mezes depois da referida batalha.

Examinemos o assumpto.

E' sabido, que fallecendo o Camarão succedeu-lhe no posto de capitão-mór e governador dos indios, seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, que era o seu immediato em posto, uma vez que tinha a patente de sargento-mór (correspondente hoje a de major) do terço ou regimento de infantaria dos indios.

Pois bem; vagando este posto com a sua promoção, foi provido no mesmo o capitão Domingos Tavares por patente do general em chefe Francisco Barreto de Menezes lavrada no Arraial do Bom Jesus *aos 3 de Junho de 1648*, abaixo da qual vem uma verba firmada por D. Diogo declarando que deu posse ao nomeado — *na forma costumada a 4 de Junho de 1648.*

Esta patente, portanto, prova que D. Antonio Felippe Camarão falleceu em fins de Maio daquelle anno, uma vez que o seu successor já estava empossado no dia 3 de Junho, como melhor se verá da propria integra da referida patente, que Antonio Joaquim de Mello consigna á pag. 191 do T. II das suas *Biografias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco.*

*
* *

Dos esboços que deixamos traçados sobre o chefe indiano do Rio Grande do Norte, Antonio Camarão, e do heróe potygiano D. Antonio Felippe Camarão, resulta logica e evidentemente que se trata, effectivamente, de duas individualidades distinctas, cada uma com o seu campo de acção perfeitamente traçado no papel historico que representaram; e que este ultimo

á luz da critica e dos monumentos que nos legaram os chronistas coevos, que com elle conviveram em amistosa intimidade, ou tiveram dos —successos, *das pessôas* e dos tempos a mais completa noticia ministrada por personagens fidedignas e testemunhas de vista,— como se expressa o autor do *Castrioto Lusitano*, nasceu em Pernambuco.

Bastava, em nossa consciencia, o que fica consignado nos dous alludidos esboços para darmos por terminada a nossa tarefa, se não fôsse necessario, para melhor e mais positivamente deixarmos bem firmados os nossos conceitos, documentadamente comprovados, ainda mais umas tantas explanações historicas sobre o assumpto, uma vez que os escriptos de Varnhagen, (Visconde de Porto Seguro), e do Senador Candido Mendes de Almeida, confundindo os dous chefes indianos em uma só individualidade, conseguiram, sem mais exame, que lavrassem e creassem opinião os conceitos por elles externados, aliás firmados em simples conjecturas na carencia de documentos positivos, — que D. Antonio Felippe Camarão nasceu no Rio Grande do Norte!

Externemos, portanto, essas esplanações, consistentes em um confronto ou paralello entre os dous personagens.

D. Antonio Felippe Camarão morreu uns dous mezes depois da primeira batalha dos Guararapes, ferida em 19 de Abril de 1648, em pleno vigor, emprehendendo marchas forçadas e difficeis, vencendo longas distancias, e lutando sempre como um heróe; e se porventura fosse elle, esse Camarão do Rio Grande do Norte, qué em 1598 já era chefe ou principal de uma aldeia, seria então um homem adiantado em annos, um octogenario, alquebrado de forças, e ainda mesmo que servisse no exercito por circumstancias superiores, certamente não seria esse guerreiro fogoso, agil, indomito e cheio de arrojo e audacia que muitas vezes chegavam á temeridade!

O velho Camarão tinha filhos, acompanhado dos quaes, compareceu na igreja para receber o baptismo, conjunctamente com sua familia, como refere o padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus*; o nosso Camarão, porém, teve apenas um unico filho, que ficou de tenra idade quand-elle falleceu, e tomou-o depois á sua conta o governador Britz Freire, como vimos; e o referido escriptor, narrando a sole-

mnidade do baptismo do velho Camarão, acto este que foi celebrado na sua aldeia do Rio Grande, em 22 de Fevereiro de 1612, diz que no dia seguinte teve lugar a celebração do seo matrimonio — « *in facie Ecclesiæ* com uma das mulheres, que entre as mais escolheu para sua legitima consorte, despedindo de casa as demais », — sem referir o seu nome, o que certamente não escaparia ao historiador se essa mulher se chamasse D. Clara Camarão, que tão distinctamente figura em nossa historia pela celebridade dos seus feitos.

Os parentes daquelle Camarão são conhecidos, como, entre outros, Sorobabé e Jacaúna ; e os parentes do nosso, principalmente os que desceram com elle da sua aldeia, em Pernambuco, são tambem conhecidos, como o capitão Camarão, D. Diogo Pinheiro Camarão, seu primo, filho de Francisco Pinheiro Camarão irmão do chefe D. Antonio, D. Sebastião Pinheiro Camarão e D. Antonio João Camarão todos instruidos e nobilitados por seus feitos guerreiros, e não selvagens como aquelles.

O Camarão do Rio Grande do Norte, se vivesse ainda em 1630, certamente fallaria correntemente o portuguez uma vez que tinha a dilatada convivencia de 32 annos com os colonisadores, á partir de 1598, data averiguada ; e que entendia e sabia entender-se perfeitamente com elles, bem como o seu irmão Jacaúna, temos uma prova disso já em 1614 nas escusas que deram no Ceará para a não acompanharem a expedição do Maranhão.

O nosso Camarão, porem, ao apparecer na scena historica de Pernambuco em 1630, não sabia fallar ainda portuguez correctamente, uma vez que, descendo da sua aldeia para apresentar-se em defesa da patria veio acompanhado de dous interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira, como refere o donatario de Pernambuco, Marquez de Basto, nas suas *Memorias diarias*.

O Camarão do Rio Grande do Norte fraquejou perante a perspectiva de uma guerra séria com os valentes fraccezes que occupavam o Maranhão, e deixou-se ficar no Ceará, em meio caminho da jornada !

O nosso Camarão, audaz e destemido, não conhece perigos tudo affronta e tudo vence, e até mesmo o proprio inimigo rende

homenagens de respeito ao seu valor e heroismo, como o celebre general polaco Christovão Arcizewski, batido por elle no ataque de Goyanna !

Sim ! O Camarão do Rio Grande, partindo por terra com a sua gente com destino á conquista do Maranhão, ao chegar ao Ceará —*queixou-se logo que hia tão prostrado do caminho, que não podia continual-o,*— como narra Berredo, e obteve licença para ficar com seu irmão e Jacaúna, que, na phrase do autor da *Jornada*, presente a todos os acontecimentos que narra, — « fez tambem muita força para que o deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, *e tanto porfiaram* que pelos contentar ficaram alli as mulheres e alguns dos seus indios. »

O nosso Camarão, porém, muitos annos depois, em todo o periodo que decorre de 1630 a 1637 e depois de 1645 a 1648, forte, robusto, incançavel e cheio de audacia, provoca o inimigo numeroso, aguerrido e bem armado, em marchas forçadas talando os campos de todo o immenso territorio que se estende da Bahia ao Rio Grande do Norte, em direcções diversas e por diversas vezes, varrendo com a sua espada tudo o que encontrava, e destruindo tudo que pertencia ao batavo invasor !

E dir-se-á porventura, que este nosso Camarão, que na phrase do seu contemporaneo o historiador Frei Raphael de Jesus — *o ocio era martyrio para seu genio, e o trabalho descanço, avaliando a penalidade por deleite, e as occasiões por dita*, é aquelle mesmo que em 1614 sentia-se prostrado do caminho de uma viagem, comparativamente curta, em marcha regular, sem os perigos de encontros com inimigos, e sem as fadigas dos combates ?

Se o Camarão do Rio Grande veio com a sua gente para Pernambuco, e estabeleceu a sua aldeia em Páo d'Alho, como se diz, mas sem prova documentada, ou firmada no juizo de algum escriptor contemporaneo, ter-se-hia certamente extinguido a grande e populosa aldeia que tinha elle naquella capitania, ficando o seu abondonado local com o nome de *Tapéra*, isto é, — aldeia velha, sitio abandonado, — segundo Gonçalves Dias no seu *Diccionario da lingua Tupy.* Entretanto não se deu esta occurrencia, e o nucleo indigena não só ficou permanecendo como ainda atravessou dilatados annos.

Effectivamente, na enumeração que faz o Padre Manoel de Moraes das aldeias existentes no Rio Grande do Norte ao tempo da invasão hollandeza, em 1630, lá está figurando a aldeia — Igapúa da outra banda do Rio Grande, sete leguas ao norte da fortaleza; — e da qual temos noticia positiva de existir em 1689 pela carta régia de 26 de Novembro dirigida ao governador de Pernambuco, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, mandando que informasse sobre o procedimento do capitão mór do Rio Grande, que mandara assaltar *a aldeia do Guagirú, aonde assistiam os religiosos da Companhia*, donde levaram mais de 50 mulheres e filhos dos indios, de que ficou o capitão mór com a maior parte, repartindo os outros por quem lhe pareceu.

E que existia ainda em 1746, temos disto tambem noticia positiva na obra inedita *Descripção de Pernambuco*, que tratando das aldeias do Rio Grande do Norte, diz o seguinte: — *Aldeia do Guajarú*, invocação de S. Miguel, é de indios cabocolos da lingua geral, e Tapuios de nação Payacús, e o missionario é Padre da Companhia de Jesus».

Finalmente *fundada a aldeia por um bando de Potyguares junto a lagôa do Guagerú*, que deu o seu nome á povoação, como diz M. Ferreira Nobre na sua *Breve noticia sobre a provincia do Rio Grande do Norte*, impressa em 1878, teve as honras de villa por Alvará de 6 de Julho de 1755 com a denominação de Villa de Estremoz, cujo predicamento perdeu com a mudança da sua séde para o Ceará-mirim, definitivamente em 1858.

Se D. Antonio Felippe Camarão o heróe de Guararapes e de outros tantos feitos, coberto de honras e galardões régios, fosse aquelle mesmo do Rio Grande, que em 1598 occupava já um lugar de distincção como principal de uma aldeia, e se fosse portanto um homem feito, com precedentes honrosos em sua vida, e de notaveis serviços aos portuguezes na conquista e colonisação do Rio Grande, certamente os escriptores contemporaneos como Duarte de Albuquerque, donatario de Pernambuco, Frei Manoel Calado, Diogo Lopes Santiago e Frei Raphael de Jesus, que em phrases dos mais alevantados elogios narram a sua vida e os seus assombrosos feitos guerreiros, não deixariam no esquecimento essa primeira phase de sua existencia, não deixariam de attender a esses seus precedentes histo-



ricos, para tomarem-no como que no inicio de sua vida militar, em 1630, e apresental-o á posteridade com a sagração de heróe pelas suas proezas e façanhas guerreiras em todo o periodo que se desenrola desde aquella epocha até o seu prematuro fallecimento em 1648 !

E' que o nosso Camarão, moço e cheio de vida e enthusiasmo, vendo-lhe sorrir a existencia, que se lhe despontara, sem duvida, depois da epocha em que se encontra pela primeira vez o velho Camarão do Rio Grande, contemplando a sua terra natal ameaçada por uma invasão de aventureiros estrangeiros, desce pressuroso da aldeia de que era chefe á frente da sua gente penetra na tenda do general Mathias de Albuquerque, e pede-lhe um lugar ao lado dos defensores da honra pernambucana, abrindo então com esse acto de heroismo o prologo da sua vida militar, que se não foi tão longa como a dos seus companheiros, Dias, Vidal, Vieira e tantos outros, foi tão brilhante e assombrosa como a delles.

E se o nosso Camarão, emfim, fosse aquelle mesmo do Rio Grande teria em 1648 quando falleceu mais de *oitenta annos de edade;* e sendo assim, não é crivel que depois de tantos annos de uma vida penosissima, cheia de trabalhos e privações em constante campanha, tivesse ainda em tão avançada idade energias e forças para tomar parte, com muita distincção em terriveis e porfiados prelios, como essa primeira batalha dos Guararapes, que foi o ultimo feito de sua vida, cuja acção prolongou-se por quasi um dia inteiro, sem que a nossa gente tivesse recebido alimento algum *por quasi vinte e quatro horas !*

E *esse velho,* de uma idade superior a oitenta annos, como assim o querem, fazendo parte da vanguarda do exercito pernambucano pela escala do serviço militar daquelle memoravel dia, em companhia do bravo parahybano Vidal de Negreiros, foi quem primeiro accommetteu o inimigo e recebeu os seus golpes, até que, aproximados e confundidos os dous exercitos no correr da acção, não se podendo mais distinguir amigos e inimigos pelo espesso fumo da polvora e pó que se desprendia do sólo argilloso, que batidos pelo vento subiam em espiraes suffocando a todos e obscurecendo o campo da acção, combateu corpo á corpo com o inimigo; e agil, forte, feroz e destemido heróe entre os herões !

E se fosse assim, essa circumstancia digna de admiração, esse phenomenal prodigio da natureza em um velho de mais de oitenta annos, escaparia aos nossos chronistas coevos, aliás tão prolixos em detalhes particulares de sua vida, que escapam mesmo a acção da historia?

E nenhum delles ao narrar as suas proezas, pelo menos as praticadas de 1645 a 1648, diz com admiração que o seu herôe — *era um octogenario!!!*

Um argumento ainda.

Tem-se feito grande cabedal do facto de pertencer D. Antonio Felippe Camarão á tribu dos Potiguares, em favor do seu nascimento no Rio Grande do Norte, uma vez que essa tribu *tinha alli a sua habitação.*

E' verdade, mas este argumento absolutamente não constitue uma prova irrecusavel.

Camarão pertencia, effectivamente, á tribu dos Potiguares como consta de documentos officiaes da epocha e do juizo de escriptores coevos; mas convem attender á factos historicamente comprovados, isto é, que os Potyguares não occupavam *exclusivamente o territorio do Rio Grande do Norte*, e depois fixaram-se em varios pontos do paiz, constituiram aldeias, e não mais volveram aos seus lares!

A esses factos, porem, não se attendeu ainda......

Effectivamente, alem do territorio do Rio Grande, occupavam os Potyguares uma grande parte do da Parahyba, e estendendo os seus nucleos de habitação pelo littoral, tinham como limite meridional da extensa zona que dominavam — a margem esquerda do rio Parahyba até muito alem dos seus limites ao Norte, em cuja extensão notavam-se diversos aldeiamentos seus ás margens do Mamanguape e Camaratuba, e na bahia da Traição; — ou como melhor ainda accentúa Frei Vicente do Salvador, — os Potyguares senhoreavam em toda aquella terra da Parahyba até o Maranhão algumas quatrocentas leguas.

Gente bellicosa, audaz e aventurosa, os potyguares atiraram-se sobre as nascentes capitanias de Itamaracá e Pernambuco, talando os seus territorio, e destruindo povoações, e batendo os tobajaras e cahetés que occupavam o littoral daquellas capitanias, assenhorearam-se de varios pontos onde levantavam

as suas aldeias convenientemente fortificadas para definitivamente fixarem a posse dos conquistados territorios, como narram as chronicas coevas de taes acontecimentos, no desenrolar de meiados a fins do seculo XVI.

Alem disso, em 1603 seguio para a Bahia *um grande golpe de Potyguares* acompanhados do Padre Diogo Nunes, como grande lingua que era, — *e nunca mais volveram aos seus lares.*

No mesmo anno seguio tambem um grande numero de Potyguares para o Ceará na expedição de Pedro Coelho de Souza, os quaes, foram aldeiados pelos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira em Saure, Arronches e Mecejana, em 1607, quando dirigiram-se em missão de catechese áquella capitania.

Em 1614 seguiram Potyguares para a conquista do Maranhão, e sem duvida, terminada a campanha deixaram-se ficar por lá.

E em 1630 emfim, existia avultado numero de Potyguares em Pernambuco, como refere o autor do *Valeroso Lucideno*, a quem damos a palavra neste particular pela sua muita autoridade de escriptor coevo e testemunha presencial dos factos que narra. Diz esse escriptor:

« Tanto que *os indios da terra, Pitiguares, chamados ordinariamente cabocolos*, e os Tapuios, todos grandes inimigos do sangue portuguez, viram as duas fortalezas do Arraial e de Nazaret rendidas; e que o general Mathias de Albuquerque e seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho se haviam retirado para as Alagôas, aonde estavam com o conde de Banholo, esquecidos, *que haviam sido criados entre nós* e aos peitos da Santa Madre Igreja, com os quaes os religiosos da Companhia, de S. Bento, de S. Francisco e do Carmo, haviam trabalhado *tantos annos* em os doutrinar na santa fé catholica, *vivendo elles de antes* como brutos animaes e selvagens das brenhas, e havendo os os portuguezes conservado com tanto amor *em suas aldeias*, livrando-os de serem captivos, merecendo elles ser mais que captivos por suas grandes maldades; e logo ao ponto se foram metter com os hollandezes, e se offereceram a lhe dar toda a capitania de Pernambuco conquistada......

« Começaram os moradores a cobrar tanto medo aos indios cabocolos, que mais os temiam que aos proprios hollandezes, porque *como eram criados nos mattos* não lhes ficava canto que

não revolvessem... E assim, conclue o escriptor, os malvados e ingratos indios Pitiguares e Tapuios foram a causa e o principal instrumento de os hollandezes se apoderarem de toda a capitania de Pernambuco e de a conservarem tanto tempo. — *Obr. cit.* pas. 25—6.

Eis ahi em 1630 indios Potyguares nascidos e criados em Pernambuco, e perfeitos conhecedores de todo o seu territorio, o que prova de um modo eloquente, sem argucias e subtilezas, que vinha de longe o seu estabelecimento na capitania, doutrinados e reunidos em aldeias; e portanto, explicado á luz da historia o facto de ser Camarão Potyguar, isto é, pertencer pelo meio em que nasceu á tribu desses indios e fallar a sua lingua, nascendo em Pernambuco em alguma das suas aldeias, acaso na de Páo d'Alho, ou mais acertadamente na do Siry, em S. Lourenço de Tejucupapo, do mesmo modo que houve Potyguares parahybanos, e outros nascidos no Ceará, no Maranhão e na Bahia, para onde foram elles, como vimos, fóram e ficaram permanentemente domiciliados.

Depois dos transcriptos trechos do citado escriptor coevo, refere-se ainda elle por diversas vezes a esses mesmos indios brazilienses, petyguares e tapuias, e ás pags. 223 e 236 particularisando a sua qualidade de *nascidos* na capitania de Pernambuco, ou *na terra pernambucana*, e doutrinados na fé de Jesus Christo...

Ainda mais.

Por carta régia de 21 de Julho de 1672 dirigida ao Visconde de Barbacena, governador geral do Brazil, foi-lhe recommendado que ordenasse aos governadores das praças das capitanias de Pernambuco — « não proponham nas aldeias de suas juridições officiaes de guerra que os governem, senão as pessoas benemeritas das nações Tabayara e Petyguara, *que forem naturaes das mesmas capitanias*; — e D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo, primo de D. Antonio Felippe Camarão, era potyguar como seus paes e seu primo, e entretanto nasceu tambem em Pernambuco, como consta de documento irrecusavel, a sua Carta de Padrão (tença annual de 48$000) lavrada em Lisbôa por El Rei D. Pedro II em 13 de Março de 1688, em que se declara, — « *que tendo respeito aos serviços de D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo Pinheiro*

Camarão, e natural de Pernambuco, » — fazia-se-lhe mercê da referida tença, cujos documentos figuram por extenso ás pags. 189 e 162 do T. II das *Biografias* de A. J. de Mello.

Em fim, existia já constituido em 1685 o importante nucleo da Aldeia da Escada, na freguezia de Ipojuca, com uma grande população de indios das tribus dos Potyguares, Tabayares e Mariquitós, como consta de documento official referente a este aldeiamento.

Elucidado esse ponto, voltemo-nos para um outro de que o Senador Candido Mendes fez muito cabedal, e como elle fazem ainda os seus seguidores.

Diz elle, pretendendo refutar as affirmativas constantes de Frei Manoel Calado, contemporaneo e residindo no proprio theatro dos acontecimentos que narra no seu *Valeroso Lucideno*, o seguinte :

« A Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará *eram conquistas de Pernambuco, e então dependiam immediatamente do seu governo*, assim como Itamaracá ; e portanto dizer-se *nascido* em Pernambuco naquella epocha, não importava havel-o sido dentro do territorio da doação de Duarte Coelho, isto é, de Iguarassú até a margem esquerda do Rio S. Francisco. »

Para iniciarmos a ordem de argumentos em refutação aos juizos do douto Senador, convem desde logo deixar bem accentuada *essa epocha* a que elle se refere, e na qual tiveram lugar as occurrencias em questão. *Essa epocha*, — é a primeira metade do seculo XVII......

As conquistas da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará foram de exclusiva iniciativa da corôa, com o fim, não só de conter as correrias dos indios sobre as nascentes povoações de Pernambuco e Itamaracá, como ainda para assegurar a posse daquelles territorios contra as constantes investidas dos francezes, que travando relações de amizade com os indigenas com elles commerciavam livremente, levando em retorno generos do paiz, e principalmente o páo–brasil, de exclusivo estanco régio.

Os antecedentes e as occurrencias que se deram nas varias emprezas de conquista de todo esse extenso trato territorial que se estende da Parahyba ao Ceará, sem fallar mesmo no Mara-

nhão, são factos tão sabidos pelas resoluções regias tomadas sobre o assumpto, e immediatas execuções, até que depois de prolongadas e porfiadas lutas conseguio-se a sua conquista e immediata fundação de tres capitanias distinctas, que nos eximimos de descermos a particularidades, indicando comtudo a Frei Vicente do Salvador, que no livro terceiro da sua *Historia do Brasil*, do capitulo 24 por diante, a tudo se refere com muita precisão e minudencia.

E' verdade, que foi Pernambuco, pelas suas prosperas condições e numerosa população, e por ficar mais proximo daquelles territorios, ameaçados pelo estrangeiro, escolhido como que para centro de acção de todas as operações, e portanto onde vieram aportar os encarregados pela corôa da sua conquista e colonisação, e organisadas aqui as expedições militares destinadas á empreza, em todas ellas se associaram os pernambucanos levados pelo seu genio bellicoso e aventureiro, constituindo mesmo quasi que completamente algumas dessas expedições, sem olharem aos interesses pecuniarios de soldos e outras vantagens militares, mas unicamente inflammados pelo dever patriotico e pelo glorioso renome da victoria das suas armas.

Conseguida a conquista da Parahyba e successivamente as do Rio Grande e Ceará, já com a categoria de capitanias regias, e organisada toda a sua governança, cujos funccionarios, civis ou militares, traziam os seus provimentos conferidos pela corôa, ficaram desde logo taes capitanias subalternas e dependentes do governo geral do Brasil com a sua séde na Bahia.

Não dependiam, portanto, aquellas capitanias —*immediatamente do governo de Pernambuco*,— como diz Candido Mendes, uma vez que era então Pernambuco uma simples colonia de senhorio particular, e nem tão pouco Itamaracá, que tambem em iguaes condições, dependia exclusivamente dos seus donatarios, que em sua ausencia tinham lá os seus loco-tenentes, e cujas attribuições e prerogativas, quer de uns quer de outros, eram todas locaes, e convenientemente traçadas nas suas cartas de doação e foraes particulares conferidos pela corôa; e dest'arte, ninguem absolutamente, na epocha em questão, chamaria pernambucano a um individuo qualquer nascido em alguma daquellas capitanias regias!

Não nos demoraremos em provas sobre esse facto, que

aliás não ignora qualquer noviço em materia de historia patria: entretanto, para que os nossos argumentos tenham uma sancção irrecusavelmente documentada, consignaremos o seguinte facto:

Em 1661 pretendeu o governador de Pernambuco, Francisco de Brito Freire, exercer alguns actos de jurisdicção sobre a capitania da Parahyba, suppondo que era subordinada ao seu governo, quando até então não havia ainda a metropole nada absolutamente resolvido sobre o assumpto, não sómente com relação á Parahyba, como tambem sobre o *Rio Grande do Norte*. Apenas o Ceará, é que então já estava encorporado ao governo de Pernambuco, em virtude de proposta do Conselho Ultramarino de 8 de Julho de 1656, approvada por carta régia de 13, e communicada ao governador da capitania por aviso da mesma data.

A essas pretenções de Brito Freire oppoz-se o capitão mór da Parahyba Mathias de Albuquerque Maranhão, e communicadas as *duvidas e differenças* que houve entre ambos, ao governador geral do Brasil Francisco Barreto, e depois ao soberano, foi afinal o conflicto resolvido por uma carta régia dirigida ao referido governador geral em 26 de Janeiro de 1662, na qual *pareceu* a El Rei dizer-lhe, depois de referir-se ao que occorreu sobre o caso, e em solução do conflicto, — « que a capitania da Parahyba e *Rio Grande* (que sempre foram da corôa, sugeitas e subordinadas ao governo desse Estado) não podiam nunca ser da jurisdicção de Pernambuco, sendo antes da entrada dos hollandezes capitania de donatario, nem depois da expulsão delles se annexou nunca a elle, e sómente se ordenou a requerimento de João Fernandes Vieira, que depois das guerras acabadas foi servir de capitão mór da Parahyba, que por se achar falta de moradores e commercio fosse soccorrida de tudo, e provida da de Pernambuco, emquanto nella não houvesse rendas minhas de que se fizesse »......

E dado masmo o caso, que os juizos de Calado sobre a naturalidade pernambucana de Camarão tão repetidamente manifestados, e corroborados por contemporaneos seus da respeitabilidade do governador geral Telles da Silva e do mestre de campo Fernandes Vieira, como vimos, fossem externados em epocha posterior á restauração de Pernambuco, quando se deu

a sua encorporação á corôa pela posse que em seu nome tomou o general Barreto de Menezes, por occasião da evacuação hollandeza em 1654, o que foi confirmado por carta régia de 4 de Novembro do mesmo anno, ficando assim com o predicamento de capitania régia, e da subsequente encorporação dos governos das capitanias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará ao de Pernambuco, denominando-se então os seus governadores —*Governador e capitão general da capitania de Pernambuco e mais annexas*, — poder-se-hia admittir, talvez, concedamos mesmo, que *dizer-se nascido em Pernambuco não importava havel-o sido dentro do seu proprio territorio*, isto é, de Iguarassú á margem esquerda do S. Francisco: porém anteriormente, em epocha que Pernambuco era simplesmente uma colonia de senhorio particular, sob o regimen dos seus donatarios, ou administrada em sua ausencia por capitães móres seus loco-tenentes, isto é, *seus procuradores*, e sem alçada alguma sobre as capitanias régias, como é logico e historicamente sabido, absolutamente não, e nenhum escriptor por ingenuo ou imbecil que fosse cahiria em tão absurda e pueril declaração!

E serão porventura insufficientes ainda todas as nossas provas documentadamente firmadas e a logica dos argumentos exhibidos na demonstração da existencia de duas individualidades distinctas, o chefe Antonio Camarão, ou Potiguaçú, do Rio Grande do Norte, e o chefe D. Antonio Felippe Camarão, de Pernambuco?

Parece-nos que não......

Alem de tudo isso, temos ainda em nosso favor, como fonte ou subsidio historico, a corrente tradiccional — de que Pernambuco é a patria de D. Antonio Felippe Camarã,— e a phrase popular muito em vóga ainda, de *Patria*, ou *terra dos Camarões*, usada em conversações ou escriptos mesmos, quando se quer de um modo particular fazer-se referencia a esta propria terra pernambucana; e consoantemente com este costume que vem de remotos tempos, um dos nossos afamados poetas populares, vulgarmente conhecido pelo nome de Camões, e que floresceu entre fins do seculo XVIII e principios do immediato, dizia já nessa epocha em uns versos de uma estrophe de sua composição, elogiando a um cosinheiro africano que costumava presenteal-o com saborosas iguarias:

Igual a branca côr o preto é;
O homem só se faz pelas acções;
Que importa teres sido de Guiné
Se nesta terra estáes dos Camarões?

....

Entretanto, para saciedade dos espiritos emperrados, reservamos para exhibirmos por ultimo, como prova irrecusavel dessa dualidade de individuos que se apresentam no nosso scenario historico, quasi que na mesma epocha e com o mesmo nome proprio e igual appellido, um argumento *tranchant*, que por si só resolveria toda a questão, — o juizo e testemunho de um historiador de elevados dotes e predicados litterarios, o Padre Simão de Vasconcellos, Provincial da ordem dos Jesuitas no Brasil.

Portuguez, nascido na cidade do Porto em 1597, veio muito moço para o Brasil, e fixando-se na cidade da Bahia, entrou na ordem dos Jesuitas em 1616, foi lente de theologia e conquistando pelo seu merecimento os mais elevados cargos, chegou ao de provincial, e falleceu no Rio de Janeiro em 1671.

Ao tempo da sua longa permanencia na Bahia, residio tambem ahi por quatro annos D. Antonio Felippe Camarão, que pela sua elevada hierarchia militar de official general, pelos titulos de fidalguia e distincções que possuia, e mais que tudo isso, pela nobreza e honorabilidade do seu caracter, teve sem duvida accessos e intimidades com o respeitavel vulto do provincial dos Jesuitas.

O Padre Simão de Vasconcellos legou-nos varias obras da sua lavra, dentre as quaes destaca-se a sua *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, impressa em Lisbôa em 1663, e em grande parte escripta em face das suas proprias e pessoaes observações colhidas em sua longa residencia entre nós; e dessa *Chronica* existe uma reimpressão feita no Rio de Janeiro em 1864, que temos presente.

Pois bem; o Padre Simão de Vasconcellos, que reune á respeitabilidade do seu elevado caracter sacerdotal, a de contemporaneo dos factos que narra, escreve o seguinte no Livro segundo das *Noticias antecedentes curiosas e necessarias das*

cousas do Brasil, que servem de introducção á sua *Chronica* depois de se referir a varios chefes indigenas de localidades diversas :

« Da mesma maneira dos Potiguares, Um antigo Potigoaçú, Quiráopina, Arárúna, Cerobabé, Meirúguaçú, Ibatatá, Abaiquija, todos famosos, e principaes de grandes povos, dos quaes se affirma punha em campo cada qual delles de vinte até trinta mil arcos ; que foram grande presidio nosso na capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui d'outro Potigoaçú, maior que todos estes, — assombro que foi do hollandezes *em nossos tempos*, nas guerras do Brasil ; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume »...

Depois de um tão valioso testemunho só nos resta terminar este nosso estudo, com a satisfação que nos vai nalma por vermos os nossos esforços coroados do mais feliz exito possivel.

Recife, 26 de Maio de 1904.

F. A. Pereira da Costa.



WILLIAM SWAINSON

EM

Pernambuco

(1817)



Com a derrocada final do poderio napoleonico, em 1815, calaram-se de subito os temerosos ruidos marciaes, que havia mais de tres lustros alvorotavam numa borrasca calamitosa e sangrenta toda a Europa Occidental; e, firmada em Vienna, a Santa Alliança, penhor intangivel de concordia internacional, os governos, fôrros de onerosos dispendios bellicos, volveram as suas attenções e recursos para o incremento das artes mais beneficas e fecundas da paz, fomentando o commercio, protegendo as industrias, propagando a instrucção, e subsidiando, em generosa emulação, o apréstо de expedições scientificas destinadas ao estudo da natureza nas regiões menos conhecidas do planeta.

Da Russia, da Suecia, da Austria, da Prussia, da Baviéra, da França e até do Grão-Ducado de Toscana partio então, rumo aos maravilhosos paizes tropicaes, uma legião de

diligentes e idoneos investigadores, cuja mésse opulentissima tanto contribuio para rasgar ao seculo XIX a sua feição tão profundamente naturalistica.

No paroxysmo deste movimento expansivo, reacção logica contra a anterior reclusão imposta pelo odiento bloqueio continental, muitos jovens movidos do ardente desejo de peregrinar em remotas paragens ou animados do mais nobre intuito de contribuir para o progresso das sciencias que affeiçoavam, se lançaram na esteira das grandes expedições officiaes, e o resultado do seu labor mais duma vez sobrepujou ao daquellas.

William Swainson é um exemplo typico deste ultimo genero de «franco-atiradores» da sciencia, e merece tanto mais o nosso apreço porque, depois de Markgraf e de Piso, no seculo XVII, foi, talvez, quem melhor estudou a flora e a fauna pernambucana.

Nascido em Liverpool, a 8 de Outubro de 1789, cêdo se sentio inclinado ao estudo da historia natural, ao qual se dedicou com tamanho afinco que, ao iniciar-se aquella agitação benefica, o seu nome já gozava, na Inglaterra, de certo credito entre os naturalistas.

Isto o resolveu a concorrer tambem ao grande prélio incruento, em que fci dos mais illustres combatentes. Numa extensa carta, mais tarde dirigida ao Professor Jameson, de Edimburgo (1) e que constitue a mais copiosa fonte de informações sobre a sua viagem a Pernambuco, Swainson expõe os motivos que o induziram a preferir o Brasil para campo das suas pesquizas.

« Deliberei ir á America Meridional no outomno de 1816, escreveu elle. A politica liberal que, ao ser restaurada a paz geral, determinou varios soberanos do Continente a enviar

---

(1) Esta carta, muito incorrectamente traduzida para o portuguez, foi publicada no *Jornal Encyclopedico de Lisbôa*, de José Agostinho de Macêdo, em 1820, Vol. I, pp. 243 e seguintes; é provavel que o original tenha antes apparecido em alguma das *Revistas* especiaes da Inglaterra, mas, neste particular as nossas pesquizas foram infructiferas.

scientistas afim de explorarem os thesouros que o Brasil offerecia á investigação philosophica, me levou a suppor que tambem o nosso governo acolheria favoravelmente quaesquer propostas que sobre o assumpto lhe fossem dirigidas. »

Neste designio o joven sabio se dirigio a Sir Joseph Banks, famoso botanico e estrenuo protector das sciencias, que acolheu com muito applauso a sua resolução e o recommendou vivamente.

Enthusiasmado com este incitamento, Swainson, comquanto o seu primeiro impulso tivésse sido ditado pelo simples desejo de se instruir, aspirou ampliar mais os seus projectos « dilatando a esphera das suas observações ». Considerando na exiguidade dos seus proprios recursos, propoz ao governo inglez enviar para os museus e jardins botanicos do seu paiz collecções do objectos de historia natural as mais completas que conseguisse reunir, isto mediante adequado auxilio pecuniario ou mesmo apenas o patrocinio nominal de *Naturalista do Governo Britannico*. Ambos estes favores lhe foram, porem, recusados e assim reduzido aos elementos de que pessoalmente dispunha, ella lamentou que os resultados das suas investigações e viagens ficassem encerrados em limites muito mais estreitos do que os que de outra forma poderiam ter tido.

« Em lugar de seguir o exemplo de outros viajantes, escreveu, indo primeiro ao *Rio de Janeiro*, aportei, em fins de Dezembro de 1816 ao *Recife*, na provincia de *Pernambuco*, a 8° do equador. »

« Esta provincia não havia ainda sido visitada por nenhum naturalista moderno, e achei que tanto na sua geographia como em historia natural tinha um aspecto summamente diverso das provincias meridionaes. Depois de adquirir idéas geraes sobre o clima e os costumes dos seus habitantes, preparei-me para emprehender uma jornada ao Sertão, no que fui subitamente frustrado pelo rompimento da memoravel revolução de 6 de Março de 1817, da qual fui testemunha occular. »

Quanto é para lamentar que o naturalista inglez não nos tenha deixado a narração do que então presenciou ! São tão escassos e seriam tão preciosos os depoimentos de contem-

poraneos não interessados directamente nos successos daquelle tragico movimento ! Basta lembrar as *Notes Dominicales* de L. F. de Tollenare.

« Aquelle acontecimento, continúa Swainson, circumscreveu as minhas indagações a uma limitada zona em volta da cidade ; mas, ainda assim era tamanha a copia de objectos novos e admiraveis ali encontrados, que me empreguei utilmente durante todo o tempo em que o paiz esteve em estado de perturbação. »

« Quando se restituio o socego puz em ordem todas as minhas collecções e desenhos, e enviei tudo para a Inglaterra. Sahi, em Junho de 1817, do Recife, com pouco trem e me encaminhei, por uma estrada de rodeio do lado do Sertão, para o grande Rio S. Francisco. O aspecto e as producções das partes interiores do paiz differem muitissimo das da costa. A agua naquelles aridos campos é sempre muito escassa e a excessiva secca que tinha havido, mui frequentes vezes nos expoz a grandes privações e até mesmo perigos ; algumas vezes foi o nosso unico recurso a agua achada nas fendas e depressões das rochas e esta mesmo já corrompida por vegetaes em decomposição. »

« Chegamos finalmente á aldeia ou villa de *Penedo* em principios de Agosto. Os specimens botanicos reunidos no decurso desta jornada foram numerosos e interessantes, particularmente os de plantas parasitas e cryptogamicas, as quaes, assim como os passaros, insectos, etc., eram pela maior parte novas. A secca que abrazava o Sertão tornava impossivel proseguir pela mesma estrada para *S. Salvador*, e por isto embarquei para aquella cidade em uma canôa e ali cheguei com oito dias de viagem. Encontrei na capital da *Bahia* os dous naturalistas prussianos *Sellow* e *Freyreis*, que tinham vindo, por terra, do *Rio de Janeiro* em companhia do *Principe de Neuwied* e haviam ficado na cidade por estarem um pouco adoentados e para arranjarem as suas collecções. Eu os deixei em breve e fiz quasi o gyro completo em torno da bahia, e depois parti de novo para o Sertão, onde continuei, ora aqui, ora alli, até o seguinte mez de Março, tendo durante este espaço de tempo feito immensas collecções em todos os ramos da historia natural, principalmente na ornithologia do interior,

que differe tanto em especies como em novidades, das aves que os viajantes prussianos juntaram na costa. Considerei muito mais essencial nas observações que fiz naquelle paiz, examinar a natureza no seu conjuncto, do que esmiuçar-lhe os pequenos detalhes, estudando as suas operações nos habitos e affinidades naturaes de cada classe ou tribu particular de animaes ou plantas.

A formação dos systemas e generos pertence ao naturalista quando no seu gabinete; mas, os habitos e modos de vida que caracterisam cada ser no seu estado natural, são summamente interessantes, e a sua exacta observação conduz necessariamente a exaltar e dilatar o espirito do homem. »

Esta preoccupação em attender cuidadosamente ás observações biologicas, notando todas as circumstancias relativas ao *habitat* e á vida das especies colligidas, constitúe uma das feições mais pronunciadas da obra de Swainson e contribúe para collocal-o muito acima de varios dos meros colleccionadores que então e ainda depois percorreram o nosso paiz.

Em Abril de 1818, novamente de regresso á Bahia, elle embarcou para o Rio de Janeiro, mais no designio de comparar as regiões meridionaes ás equinociaes do Brasil, do que no desejo de avolumar as suas opulentas collecções numa zona já assáz explorada.

Apezar de encontrar o verão já quasi terminado, experimentou na Côrte muito mais calor do que em Pernambuco, não obstante as differenças de latitude.

« Achavam-se então ali, prosegue Swainson, viajantes e sabios das côrtes da Austria, França, Russia e Toscana; poucos delles, porem, haviam passado alem da provincia do Rio de Janeiro e, não sei bem porque motivo, cinco dos austriacos regressaram ao seu paiz pouco depois da minha chegada. »

« Entre estes viajantes se contava o Professor *Raddi*, Director do Museu de Florença, que era infatigavel em reunir uma bella collecção dos fructos e grãos do paiz. Em sua companhia fiz uma excursão á immensa serra chamada dos Orgãos, que está na extensão de leguas coberta de mattas quasi impenetraveis, abundando em fetos, melastomas e uns insectos que lhe são peculiares. »

O naturalista inglez é fertil em louvores ao Barão de

Langsdorf, então consul geral da Russia no Brasil, que lhe prestou o maior auxilio e as maximas attenções, facilitando-lhe transportar-se com as suas collecções á Inglaterra, onde chegou em Agosto de 1818.

A importancia destas collecções, juntas com as que já anteriormente enviára de Pernambuco e da Bahia, era verdadeiramente excepcional, não só pelo numero das especies -- que elle proprio não sabia computar — como pela sua excellente conservação.

« Só de passaros, escrevia ao Professor Jameson, ha 760 specimens, e neste numero muitas especies novas e outras summamente raras, com especialidade do genero *Trochilus*, cuja familia estou agora tratando de classificar ; ha dous ou tres Tucanos novos, um Caprimulgo singular de cauda bifurcada, etc.

Os insectos sóbem a mais de 20000, e comquanto forçosamente haja muitas duplicatas, posso affirmar com segurança que constituem uma collecção mais completa do que quantas da America Meridional existem no nosso paiz. A familia *Hesperia* (de *Latreille*) só por si excede a 280 especies, e graças a um processo particular de conservação de que uzei, esta parte das minhas collecções esta em um estado tão bello como não é vulgar.

Executei igualmente desenhos e amplas descripções de quasi 120 especies de peixes, os mais delles desconhecidos, trazendo daquelles cujo tamanho o permittia, exemplares conservados em alcool.

Tenho enviado sementes de muitas plantas novas e pouco conhecidas a Kent e outros Jardins Botanicos onde já florescem.

O meu herbario, contendo obra de 1200 especies, está particularmente bem conservado, tendo as plantas sido seccas por um novo processo que habilita o botanico nos climas tropicaes a seccar perto de 400 plantas em tres dias ; é alem disto muito rico em especies de grammineas e outros generos pouco conhecido dos tropicos. » .

Estes avultados materiaes, porem, jámais foram publicados em conjuncto, sendo apenas parte delles aproveitada pelo proprio collecionador na confecção das obras que posterior-

mente deu á luz, como *Zoological Illustrations* (1820), *Exotic Conchology* (1821), *Naturalists Guide*, *Ornithological Drawings* (1834—41), e *Natural History and Classification of Birds* (1836) que, diz o illustre Dr. Emilio Goeldi, é um excellente tratado geral.

De interesse mais directo para o nosso paiz é sem duvida a sua magnifica e rarissima (1) iconographia *Birds of Brazil* (sem texto e sem data) constando de oitenta e tantas bellas estampas representando as especies mais caracteristicas da nossa avifauna; desta obra monumental se faz menção em todas as posteriores sobre a ornithologia brasileira, e com especialidade na—*Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, de Burmeister.

Da parte entomologica das suas collecções suppomos que se servio para a elaboração da *History and Natural Arrangement of Insects*, publicada em companhia de Shuchard; e da botanica divulgou varias especies de cryptogamos Sir William Jackson Hooker, director do Jardim Botanico de Kew, no seu *Museu Exotici*.

William Swainson nunca mais voltou ao Brasil, tendo, porem, visitado depois varios outros paizes, sempre como naturalista, até que veio a fallecer na Nova-Zelandia em meiados do seculo passado.

Esparsas por alguns museus da Inglaterra existem ainda partes dos seus manuscriptos e desenhos de historia natural, e ali provavelmente se encontram tambem, ineditos e ignorados, os seus diarios de viagem, itinerarios e mappas das regiões de Pernambuco e da Bahia que visitou, bem como, em delicadas aquarellas, as vistas mais pittorescas que se lhe depararam e que tudo declara ter levado para a patria.

---

(1) O Dr. Emilio Goeldi nos informa que levou dez annos para adquirir esta obra, tendo pago pelo exemplar que possúe cerca de 200$000. — *P. Lee Phillips* na sua *Brazilian Bibliography* (Washington, 1901, pag. 79) cita de William Swainson uma *Selection of the birds of Brazil and Mexico* (London, 1841, in 8°) que presumimos, ser outra obra ou talvez parte dos *Ornithological Drawings* acima mencionados.

Escrevendo esta breve e incompleta noti cia da actividade do operoso naturalista inglez entre nós, tivemos sobretudo em vista chamar a attenção para este ultimos materiaes, onde porventura estarão contidos informes valiosos e dignos de publicação, suspeita que comnôsco folgarão em vêr confirmada todos os amadores das cousas patrias.

Alfredo de Carvalho



Descripção de Pernambuco

EM

1746



INTRODUCÇÃO. — No riquissimo Archivo da Torre do Tombo, em Lisbôa, se conserva um volumoso manuscripto, de letra dos meiados do seculo XVIII, intitulado — *Descripção de Pernambuco com parte da sua historia e legislação até o Governo de D. Marcos de Noronha, em 1746: e mais alguns documentos até 1758.*

Este codice precioso, pela somma de informações que encerra, parece ter sido organisado no proposito especial de servir de livro de consulta aos governadores, ministrando-lhes com facilidade quaesquer esclarecimentos sobre os varios ramos da administração colonial, que doutra sorte fôra mistér respigar laboriosamente em meio do immenso accervo das correspondencias officiaes, naquelles tempos diffusas e minuciosas em extremo.

De facto constituem e grosso do volume centenares de cartas e ordens régias, provisões, alvarás e regimentos relativos a toda a casta de negocios publicos, regulando-os nas suas par-

ticularidades minimas e quasi nada deixando ao alvitre dos delegados do soberano.

De permeio a estes documentos se encontram, porem, numerosos dados geographicos e estatisticos, de manifesta procedencia official, que debalde se buscaria alhures, e cuja importancia — como elementos, talvez unicos, para o estudo daquellas sciencias com applicação ao nosso Estado, numa epoca de que escasseiam noticias a respeito — não póde ser assaz encarecida. Na impossibilidade de publicar todo o manuscripto, cujo autor é ignorado, deliberamos dar á luz, nas paginas seguintes, os trechos que offerecem interesse mais directo e utilidade maior, extrahidos da copia authentica do precioso inedito mandada executar, em 1845, pela Presidencia desta então Provincia.

N. da R.

§ 1°. — Rellação (1) dos Rios que fazem Barra nesta Costa de Pernambuco ao Norte do Cabo de S. Agostinho.

Duas legoas ao Norte do Cabo de S. Agostinho em o logar da Janguada fazem Barra os Rios Juriçaca, Pirapama, Jaboatão ou Jarapoatá; em o Jurisaca entra o Petimbú.

No Pirapama entra o Gorjahu, e no Gorjahu o Gorjahu de baixo e o Gorjahu de cima; no Jarapoatá entra pela parte do Sul o Muguaype, o Suaçunna, e no Suaçunna o Manguaré, e pela p.te do Norte entra no Jaboatão o Unna.

Segue-se o Tigipáo que dizagoa junto com o Rio de S. João em Acainboa da Barreta.

Segue-se o Capibaribe em que entra pela parte do Norte o Moribara, e Tapicurá, e neste o Apepé, e o Iuné; entra mais no Capibaribe o Goytá e no Goytá o Rio Pillão e o Salgado. E pela parte do Sul entra no Capibaribe o Camuly ou Camorim, o Rio de S. Lourenço e de S. Bento, o Muleire (?) e o Iaturecay, o Cutinguiba que he a agoa falça, e o Tatiuba.

Segue-se o Beberibe.

(1) Foi escrupulosamente observada a orthographia do original.
N. da R.



Segue-se o Rio doce em que entra o Mirucyra, e o Paratiji, ou Paratibe.

Segue-se o pequeno Rio Pernambuco q. deo nome a toda a Cappitania.

Segue-se o Jaguaribe.

Segue-se o Inhamaá.

Segue-se o Taceboca, e a este o Iguarassú em que entra pela parte do Norte o Menicuara, o Manjope, ou Iguarassú Lenga, ou Rio de S. Pedro, e pela parte do Sul o Tabatinga, o Taipú, o Taepe, e o agoa preta, e o agoa branca, e Iguarassú Pitanga.

Segue-se o Curubú.

Segue-se o Arari, ou Araripe em que entra pela parte do Sul o Tapeporucu, o Vioim, o Iguarassú tinga, o Mucupe, e neste o Upupecú, e o Iuparitiba ; e no Araripe da parte do Sul, o Tupupiré, e no Tupupiré entra o Paetinga, e o Taytiotay, e o Aratubie : entra mais da parte do Norte no Araripe o Ipetúnga, o Maciápe, e o Pianguy.

Segue-se o Tapireme em que entra da parte do Norte o Iobi e o Agoafria.

Segue-se o Ipaperoca defronte da ponta do Sul da Ilha de Itamaracá, e ahi fazem juntos Barra o Cararai, o Inhacipopuco o Tincapoba, e o Maçaranduba.

Segue-se o Tohitinga.

Segue-se o Capibaribe Merim na Barra do qual da parte do Norte dezagoa tãobem os dois pequenos Riachos o Agua grande e o Agoa mirim. Pela parte do Sul do Capibaribe Merim entra o Caracundaya ou Tracunhaem, e no Tracunhaem entra o Bijari, o Ibitára Inhandi, o Garuru, o Carai, todos pela parte do Sul, e pela parte do Norte entrão no Tracunhaem o Itapocirica Guaçai, o Murupetiji : entra mais pela parte do Sul no Capibaribe Merim o Ceriji, e pela parte do Sul entra o Jacaré, e neste o Goyanna, e o Iuquipitanga, digo o Iuquicipitanga.

Segue-se o Itacoara.

Segue-se o Petimbu.

Segue-se o Abiay que nasce de huma Lagoa em que desagoão o Uratanguy, o Pepoca, e neste o Cupissurá, o Taberobi, e o Camessary mirim, entra mais na Lagoa do Abiay o Cu-

bauna, e neste o Iguarema, e o Carapoi, entra tãobem o Inhumaú e o Parezú merim.

Segue-se o Icabú.

Segue-se o Guray.

Segue-se o Gramame, entra neste pela parte do Sul o Jacoca, e pelo poente o Paranonbababa, ou Mombabe.

Segue-se o Parítiji.

Segue-se Iaguare.

Segue-se o Parahiba, entra neste pela parte do Norte o Rio dos Marcos, e neste o Tambiá ; entra mais no Parahiba o Rio do Barreiras, e neste os Rios do Portinho do Itabura, o da Garça, o Buraco de S. Thiago, e o Paragoeira, e o Tebery, entra mais o Rio Abay e Camuragoiay, e o Itepoá : pela parte do Sul entra no Parahiba o Curai ou Rio de N. Senhora da Guia, o Iajerabe em que entraõ o Itinga, o Iacoripe, e o Aperara : entraõ no Parahiba, o Iguaraguey, o Inhobim, o Pararibe e neste o Itanhey, e o Iune.

Segue-se o Arabá que faz barra com o Potiguassú.

Segue-se o Nambiriri, ou Meriri, e neste entraõ pela parte do Norte o Tabupeba, e o Iiapué.

Segue-se o Maranguepé : neste pela parte do Sul entra o Ibeterabá, o Caruabuume e o Guaratabi, Rio das Pedras. Pela parte de Oeste entra no Maranguepé o Tatuinembuco e o Arataji. E no Arataji entra pela parte do Sul o Caramby, o Cibambi, o Ititirapua, o Gouto, o Uvarséssutim, o Caraguatá ; pela parte do Norte entra no Arataji o Canafistolla, o Maracujá, o Magafinsberg, o Cristal berg, o Piramide de berg, o Itacuarassú, o Rio dos Tapuias, e outros nove Regatinhos sem nome. Entra pela parte do Norte no Maranguape o Rio dos Padres de S. Bento ou Nonay, o Coandi, o Itaperica, e neste o Umaripitanga : neste os Rios de S. Pedro e São Paulo ; entra mais no Maranguape o Tarapuima vitii, ou Rio da Priguiça, o Paragua, e o Urupema, e neste o Tuiiaruguere guaba.

Segue-se o Tambacaroro.

Segue-se o Camaratuba, neste entraõ da parte do Sul o Itauna, o Obete, o Piaguassú, o Ipiranga, o Urubutiva, o Tambary, o Capiituguaba ; e da parte do Sul entra o Upitanga, e deste o Cabai Utimbauna Pardigoura ; segue-se o Guagis,

neste entra pela parte do Sul o Iiriuna, que he o Rio chamado dos Marcos onde se divide a Cappitania da Parahiba da do Rio Grande. Entra mais no Guagis pela parte no Norte o Aratangi, e o Petiguassú.

Segue-se o Cunhaú, neste entra pela parte do Sul o Curematari, e neste o Guaratiba e o Curemamiri, entra mais o Cuandi, o Rio Grande de Sta. Luzia, e o Rio pequeno tãobem de Sta. Luzia.

Entra no Curemetai o Miapis e Upirari, o Utipe, o Tambuatapuruá e o Caraguata canga.

Entra mais no Cunhaú pela parte do Norte o Piquiri, o Araré, e neste o Mussenagussu.

Segue-se o Subauna em que entra o Ipitinga, o Icatu, e o Agua pibiba, ou Rio dos Mortos.

Segue-se o Tariri, que procede da Lagoa do Mipibu, nesta dezagua a Lagoa dos Guiraíras: na Lagoa dos Gura'ras, que fica ao Sul do Tariri, o Urubua. Entra mais na Lagoa de Mipibú, o Goianinha, o Uricará, e o Urubuapiri, e o Paraguassú: desagoa mais no Tariri, o Uvipagui, o Iacoacodrá digo Iaguacodrá, e o Atitari. Desagoa no Lago do Mipibú o Tapuama, o Bumbum buabe e o Agoa pitiba. Desagoa mais no Tariri o Pissica.

Segue-se o Pirangy, neste fazem Barra pela parte do Sul o Pium, pela do Este o Cajupiranga, pela do Norte o Pitimbú.

Segue-se o Rio Grande; neste fazem Barra pela parte do Norte o Tiçurú donde bebe o Povo da Cid.^e do Natal, o Cunhacimá que entra perto do logar que lhe chamão as quintas, o Iguaraguri que entra no logar do Ferreiro Tôrto, o Iundiai em que entrão o Cotinguiba ou Caité, e o Itaguatiba. Pela parte do Sul entra o Gagerú no Rio Grande, o Iaguari que he o Rio que corre perto do logar chamado Aldeia Velha, o Guajá, o Putigi, neste entrão o Iaraguá, o Cuandi, e o Utinga, entra tãobem no Rio Grande o Ururuassú.

§ 2°. — Rellação dos Rios que Regão o Paiz da Cappitania de Pernambuco de Sto. Agostinho para o Sul.

Ao pé da Fortaleza de Nazaret, em fucinho do Cabo de Sto. Agostinho entra o Rio dos Alguduaes, depois de haver recibido as aguas do Tabatinga, a este Rio Alguduaes chamarão os Holandezes o Rio Carangueijo, o qual na Barra se ajunta com o Pindarama, e hum braço do Rio Ipojuca. Este Rio de Ipojuca tem a sua origem em os Certoens do Ararobá, mais de sessenta legoas distante da sua boca; o qual copioso das aguas de muitos Riachos chega copiozo ao mar dividido em dois braços, hum dos quaes, como já disse, faz barra na de Nazareth, e outro em Maracaipe, ao Sul do Porto de Galinhas; entre os Rios que entrão no de Ipojuca, são mais nomeados o Iaquicipitanga, o Maranhão, e o Rio Leitão os quaes fazem nelle Barra pela parte do Norte; e pela parte do Sul entra o Caragussú.

Segue-se o Rio de Sirinhaem, que faz Barra no mar meia legoa distante aó Sul da Ilha de Santo Aleixo; entra no Sirinhaem pela parte do Norte o Cibiró, e no Cibiró entra o Arassangi. Entra mais no Sirinhaem pela parte do Norte o Tapicuru, e o Camaragibe ou Camoripim, e o Iusiru, e outros tres pequenos Regatos.

Ao Sul de Sirinhaem faz Barra na Costa o Rio Formoso, e neste entra pela parte do Sul o Araquindá.

Ao Sul do Rio Formoso entra no mar o Rio Mambucaba.

Ao Sul do Mambucaba faz Barra na Costa o Rio das Ilhotas, por outr o nome o Itaguassutiba, no qual desagua o Riacho de S. Gonçalo.

Ao Sul do Itaguassutiba, ou Rio das Ilhotas, faz Barra na Costa o Unna.

Ao Sul do Unna o Parassununga, e neste entre o Titubeteba pela parte do Norte, e pela parte do Sul o Maciagussú, e no Maciagussú o Rio Taïba.

Ao Sul do Parassununga entra no mar o Rio dos Páos, por outro nome o Ojebir, e neste o Matiagussú.

Ao Sul do Ojebir, ou Rio dos Páos, entra no Mar o Maraguiji, e neste desagoa o Rio de João Barboza.

Ao Sul do Maraguiji entra na Costa o Rio de S. Bento.

Ao Rio de S. Bento segue-se o Iaparatuba, em que entrão pela parte do Norte, o Itinga, e o Guatayi, ambos pequenos Regatos.

Ao Iapiratuba se segue o Rio Manguaba, que entra no Mar em o Porto de Pedras; neste Manguaba entra pela parte do Norte o Urupema, e no Urupema o Cubuay; entra mais no Manguaba o Tapamoudé, e no Tapamondé entra o Curubaca, o Rio da Povoação do Porto Calvo, o Rio da agua pitiba, e o Mocabita.

Ao Rio Manguaba se segue o Tatuamunha.

Ao Tatuamunha o Rio de S. Miguel das mijadellas, e outros tres pequenos, e sem nome.

A estes se segue o Camaragibe, e neste entrão o Camorim, e o Hacaratinga.

Ao Sul do Camaragibe se segue o Rio de Sto. Antonio Grande, por outro nome Guaraguassú, em que entrão da parte do Norte o Agua fria, e da parte do Sul entra nelle o Itatuba, e no Itatuba entrão o Caipiranga. Entra em o Rio Guaraguassú pela parte do Sul o Guaratingapri, ou o Rio Castanha, e neste Rio Castanha entrão o Arnirigi, e o Tapamondé, a cujas margens estavam os Mucambos dos negros dos Palmares.

Ao Guaragussú segue-se o Sapucahy, por outro nome o Rio dos frades.

Ao Sapucahy segue-se o Parapucyra, em que entra o Cargatuba.

Ao Parapucyra segue-se o Cabussú.

Ao Rio do Cabussú segue-se o Rio da Pioca.

Ao Rio da Pioca segue-se o de Sto. Antonio merim, por outro nome Guaramerim, e neste o Rio de Santo Antonio merim entra pela parte do Sul hum pequeno Regato.

Ao Sul do Rio de Sto. Antonio merim segue-se o Paratiji, o qual resulta das aguas de dois Riachos, hum da parte do Norte, outro do Sul; o do Norte se chama Paratigiguassú, e o do Sul Paratijimirim.

Ao Sul do Paratiji segue-se o Rio dôce.

Ao Sul do Rio dôce segue-se a Barra das Alagoas do

Norte, e Sul, que ambas se juntão em uma só Barra; na Alagoa do Norte faz Barra o Rio chamado Carapato, e o Rio Mundahy, o qual dá o nome á Alagoa do Norte, que tãobem se chama Mandahy, e no Rio Mandahy faz Barra o Rio Potiguassútiba.

Na Alagoa do Sul entra o Rio Parahiba, e o Rio Cubauna, e no Rio Cubauna entra o Itinga; entra mais na dita Alagoa defronte da Ilha dos pórcos o Rio de Pero Cabreyro.

A' Barra das Alagoas segue-se o Rio Miguahy.

Ao Sul do Rio Miguahy segue-se a Barra da Alagoa de S. Miguel, ou Rio Cenembi; nesta Alagoa de S. Miguel, ou Rio Cenembi, entrão pela parte do Norte o Guaratinga e o Iguapé, o Cupava, e o Taibu meirim, e o Potimerim. Entra mais no Zenembi o Rio Zambu, o Tagua, o Miguru, e o Tabatinga.

A' Barra do Zenembi, segue-se a Barra do Iequeçu guaçu, neste entra o Urubutinga, e o Iaquiá, e no Jaquiá o Cabota.

Ao Iequiáguassú segue-se a Barra da Alagoa Dôce, a esta Barra do Cururui ou Cururuy segue-se a Barra do Rio S. Fran.co

He o Rio de S. Francisco a extrema desta Cappitania de Pernambuco pela parte do Sul: entra nelle pela parte do Norte os seguintes Rios da Jurisdicção todos de Pernambuco, o Tairim, o Piangui, o Parucabu, o Piacica, o Iatuba, o Rio de Manoel Rabello, o Ipetinga, o Moxotó, o Riacho da Brizida, o Jacaré, o Pontal, o Rio Grande, e neste o Rio branco, o Rio preto, o Rio pardo, e o Rio de Janeiro: entra mais no Rio de S. Francisco o Correntes, o Pichaim e o Carunhanha, que mais de trezentas e sincoenta legoas da Costa são extrema do Governo de Pernambuco com o das Minas, alem de outros muitos Riachos que só correm em tempo de Inverno, com cujas aguas soberba o Rio de S. Francisco, mais parecendo mar que Rio.

§ 3·. — QUALIDADES DE PESSOAS DE QUE SE COMPOEM O PAIZ

Brancos — *Pretos* — *Mullatos* — que são filhos de brancos com negras.

Carijoz, que são filhos de Indio com negra, que tãobem chamão *Mestissos*.

Mamallucos, que são filhos de India com brancos.

Tapuyas são os naturaes da terra, que vivem no Certão, e não fallão huma lingoa Geral, senão cada nação a sua particular.

Cabocollos são os que morão na Costa, e fallão a lingoa Geral.

A estes naturaes he commum o nome de *Indios*, tanto aos que vivem na Costa, como no Certão.

Curibocas são filhos de Mullato com negra, e tãobem dão o mesmo nome aos filhos de Mamallucos com negra, e no Certão chamão a estes *Salta atraz*.

§ 4·. — RELLAÇÃO DAS ALDEIAS QUE HA NO DISTRICTO DESTE GOVERNO DE PERNAMBUCO E CAPPITANIA DA PARAHIBA, SUGEITA Á JUNTA DAS MISSOENS DESTE BISPADO.

V.ª do Recife: — Aldeia de N.ª S.ª da Escada, cita na freguezia da Ipojuca, he de Caboucollos de lingoa Geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de São Fellippe Nery.

V.ª de Iguarassú: — Aldeia do Limoeiro, cita na freguezia de S.^{to} Ant.º de Tracuhaem, he de Caboucollos da lingoa Geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de São Fellippe Nery.

V.ª de Goianna: — Aldeia da Aratagui, cita na freguezia de Taquara, junto ao Rio chamado Popoca, invocação de Nossa Senhora da Assumpção, he de Caboucollos da lingoa geral, e o Missionario Religioso da Congregação de São Fellippe Nery. — Aldeia do Cyri, cita ao pé do Rio assim chamado, na freguezia de São Lourenço de Tijicupapo, invocação de S. Miguel, he de Caboucollos de lingoa Geral e o seu Missionario Religioso do Carmo da observancia.

Cappitania da Parahiba, districto da Cidade: — Aldeia de Iacóca, invocação de Nossa Senr.ª da Conceição, he de Caboucollos de lingoa Geral, e o seu Missionario Religioso de S. Bento. — Aldeia da Utinga, invocação de Nossa Senhora de Nazaré, he de Caboucollos da lingoa Geral, e o seu Missionario Religioso de S. Bento.

Mamanguapa: — Aldeia da Bahia da Traição, invocação de S. Miguel, he de Indios Caboucollos de lingoa Geral, e o Missionario Religioso do Carmo da Reforma. — Aldeia da perguiça, invocação de N.ª Sr.ª dos Prazeres, he de Caboucollos da lingoa Geral, e o Missionario Religioso do Carmo da Reforma. — Aldeia da Bôa Vista, invocação de Santa Thereza e Sto. Antonio, he de Tapuios, Nassão Canandêz, e Sucurúz, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza.

Taypu: — Aldeia dos Cariris, invocação de Nossa Senhora do Pillar, he de Tapuios, e o Missionario Relegioso Capuchinho.

Kariri: — Aldeia da Campina Grande, invocação de S. João, he de Tapuios Nassão Caucheentis, e o Missionario Sacerdote do habito de S. Pedro. — Aldeia do Brejo, invocação de Nossa Senhora da Conceição, he de Tapuios Fagundes, o Missionario Relegioso Capuchinho.

Piancó: — Aldeia do Panety, invocação de S. Joze, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza. — Aldeia de Corome, invocação de N.ª Sr.ª do Rozario, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo da Comp.ª

Piranhas: — Aldeia da Pega, he de Tapuios, e está sem Missionario.

Rio de Peixe: — Aldeia do Icó pequeno, he de Tapuios, tãobem está sem Missionario.

Capp. do Rio Grande: — Aldeia do Guajarú, invocação de S. Miguel, he de Indios Caboucollos da lingoa Geral, e Tapuios de Nação Payacús, e o Missionario he Padre da Comp.ª de Iezus. — Aldeia do a Pody, invocação de S. João Baptista, he de Tapuios de Nação Payacús, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza. — Aldeia do Mipibú, invocação de S. Anna, he de Caboucollos de lingoa Geral, e o seu Missionario Relegiozo Capuchinho. — Aldeia das Gurayrás, invocação de S. João Baptista, he de Caboucollos de lingoa Geral,

e o Missionario Relegiozo da Comp.ª de Jezus. — Aldeia de Gramació, invocação de Nossa Senhora do Carmo, he de Indios Caboucollos de lingoa Geral, e o Missionario Relegiozo do Carmo da Reforma.

Cappitania do Ciará Grande: — Aldeia da Serra de Hyopêba, cita em cima da d.ª Serra, districto da Ribeira de Acaracú, invocação de N.ª Sr.ª da Conceição, o seu Missionario he Relegioso da Comp.ª de Iezus, tem quatro Naçoens, a primeira e principal de Caboucollos da lingoa Geral, chamados Tabuparas, e as tres de Tapuios chamacos Acaróssus, Irassú, e Anasis. — Aldeia dos Tramanbés, cita á beira do Mar do districto da mesma Ribeira de Acaracú, invocação de Nossa Snr.ª da Conceição, de que he Missionario hum Sacerdote do habito de São Pedro, tem sómente huma Nação de Tapuios chamados Tramanbús. — Aldeia da Caucaya, cita no districto da Villa da Fortaleza, Ribeira do Ciará, invocação de N.ª Snr.ª dos Prazeres, o seu Missionario he Relegiozo da da Comp.ª de Iezus, tem huma Nação som.te de Caboucollos de lingoa Geral. — Aldeia da Porangaba, cita no districto da mesma Villa e Ribeira. Invocação do Snr. Bom Iezus, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.ª de Iezus, tem duas Naçoens, huma de Caboucollos de lingoa Geral, e outra de Tapuios Anacêz. — Aldeia de Paupine, cita no districto da mesma Villa, invocação de N.ª Snr.ª da Conceição, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.ª de Iezus, tem huma Nação de Caboucollos de lingoa Geral. — Aldeia de Payacú, cita no districto da Villa de Aquirás, invocação de N.ª Snr.ª da Conceição, o seu Missionario he Relegiozo da Comp.ª de Iezus, tem huma só Nação de Tapuios Payacús. — Aldeia da Palma cita na Ribeira de quicheré mutim, termo da Villa de Aquirás, invocação de N.ª Sr.ª da Palma, o seu Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, tem duas Naçoens de Tapuios Canindés e Genipápos. — Aldeia da Telha, cita na Ribeira do quichelou, districto da Villa de Icó, invocação de Sta. Anna, o seu Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, tem cinco Naçoens de Tapuios quichelés, quichexêu, Iucá, Oondadú, e Caricú. — Aldeia de Miranda, cita nos Cariris novos, districto da Villa de Icó, invocação de N.ª Sr.ª da Penha de França, o seu Missionario he Capuchinho, tem cinco

Naçoens de Tapuios, quicheréú, Careú, Cârveanê, Calabaça, e Icozinho.

V. de Sirenhaem : — Aldeia de Unne, cita na freg.ª de Unne, invocação de S. Miguel, o seu Missionario he Relegiozo do Carmo da observancia, e os Indios são Caboucollos da lingoa Geral.

V. das Alagoas : — Aldeia de Sto. Amaro, que he a sua invocação, e o seu Missionario Relegioso Franciscano, os Indios são Caboucollos da lingoa Geral. — Aldeia da pramelleyra, cita no districto do Palmar, invocação de N.ª Sra. das Brotes, o Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, Capellão de Palmar, tem duas Naçoens de Tapuios, Cariris e Uruás. — Aldeia do Uruvê, cita na freg.ª da Lagoa do Norte, invocação de N.ª Snr.ª da Conceição, não tem Missionario, he de Caboucollos de lingua Geral.

Villa do Penedo : — Aldeia de São Braz, invocação de N.ª Sr.ª do O', o Missionario he Relegiozo da Camp.ª de Jezus, tem duas Naçoens de Caboucollos da lingua Geral de Naçoens Ceríris, e pragêz. — Aldeia da Alagoa Cumprida, invocação de São Sebastião, não tem Missionario, e tem uma só Nação de Indios Carapotiás. — Aldeia do pão de Assucar, invocação de N.ª Snr.ª da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Caboucollos da lingoa Geral chamados chocôs. — Aldeia da Alagoa da Serra do Comonaty, invocação de N.ª Snr.ª da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Caboucollos da lingua Geral chamados Carnijós.

Freg.ª do Araroba : — Aldeia do Araroba, o Missionario he Relegiozo de São Fellippe Nery, tem huma Nação de Tapuios chucurús com seiscentas e quarenta pessoas. — Aldeia dos Carnijós, cita na Ribeira de Panema, logar da Lagoa, o seu Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Tapuios chamados.................. e 323 pessoas. — Aldeia do Macaco, não tem Missionario, e o que teve hera Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Tapuios Parapicóz, e cento e oitenta e duas pessôas.

Freg.ª de N.ª Sr.ª da Conceição de Rodellas : — Aldeia da Missão nova de São Francisco do Brejo, cita na Ribeira do Pajaú, o Missionario he Relegioso Franciscano, tem varias

Naçoens de Tapuios. — Aldeia de N.ª Sr.ª do O', cita na Ilha do Sorobabê, o Missionario he Relegioso Franciscano, tem duas Naçoens de Tapuios, Porús, e Brancararús. — Aldeia de N.ª Sr.ª de Bellem, cita na Ilha de Acará, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem duas Naçoens de Tapuios, Poriás e Brancararús. — Aldeia do Beato Sarafim, cita ña Ilha da Varge, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem duas Naçoens de Tapuios, Poriás e Brancararús. — Aldeia de N.ª Sr.ª da Conceição, cita na Ilha do Pambú, o seu Missionario he Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de São Francisco, cita na Ilha de Aracapú, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem uma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de S. Felix, cita na Ilha do Cavello, o Missionario he Relegiozo Capuchinho Italiano, tem uma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de Sto. Antonio, cita na Ilha de Irapuá, o Missionario he Relegiozo Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Ceriris. — Aldeia de N.ª Sr.ª da Piedade, cita na Ilha do Inhanum, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Ciriris. — Aldeia de N.ª Sr.ª do Pillar, cita na Ilha de Coripós, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Coripós. — Aldeia de N.ª Sr.ª dos Remedios, cita na Ilha do Pontal, o Missionario he Relegiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Tamaquicis (?). —Aldeia do Sr. Sto. Christo cita no Araripe, o Missionario he Relegiozo Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Ichús.

Rio Grande do Sul : — Aldeia de Aricubá, o Missionario he Relegiozo Franciscano da Bahia, invocação de N.ª Sr.ª da Conceição, tem huma Nação de Caboucollos Aricobês de lingoa Geral.

(Continúa.)



O ZOOBIBLION

DE

Zacharias Wagner

Uma das feições mais rasgadas da personalidade tão original de Mauricio de Nassau, foi evidentemente o seu grande amor á natureza e ás bellas artes, manifesto nos estudos sobre historia natural e nas pinturas que fez executar.

Quando, em 1637, o joven Conde, movido pelos rogos dos Directores da Companhia das Indias Occidentaes, veio assumir o Governo do Brasil Hollandez, na « comitiva mais espiritual do que bellicosa » com que desembarcou no Recife, no seu dizer *pays des plus beaux du monde*, já se contava o pintor *Frans Post*, mais tarde autor das primorosas estampas que exornam o latinissimo panegyrico consagrado por *Barlaeus* á administração do principe em terras americanas.

Os originaes destes desenhos se conservam no Museu Britannico (*Bibliotheca Sloaniana*, n. 5221); mas, com relação ao local em que presentemente são guardados innumeros outros contemporaneamente delineados, faltam noticias.

Pelo proprio testemunho de Nassau sabemos que, durante o tempo da sua estada em Pernambuco, elle teve ao seu serviço

seis pintores; os seus nomes, porem, e o actual paradeiro de quasi todas as suas obras é hoje difficil de averiguar.

José Hygino não logrou descobrir no Museu do Louvre os *quarenta quadros* offertados, em 1679, por Mauricio a Luiz XIV, e que ali estivéram expostos na *Sala da Comedia*. Assim tambem se ignora onde param os *dezeseis quadros* vendidos, em 1652, ao Eleitor Frederico Guilherme de Brandenburgo; na opinião de Driesen os nove menores são os mesmos existentes, desde 1690, no Museu de Frederiksborg, na Dinamarca, assignados por *A. Eckhout* e datados de *Brazil, 1641* e *1643* (1); do mesmo artista, que se não deve confundir com *Gerbrandt van den Eeckhout*, famoso discipulo de *Rembrandt*, são provavelmente as sete formosas aquarellas, representando indigenas e scenarios pernambucanos, do codice n. 5253 da *Bibliotheca Sloaniana*.

A Bibliotheca Real de Berlim orgulha-se de possuir entre os seus thesouros pictographicos uma inapreciavel collecção de 1460 estampas, principalmente de assumptos de historia natural e ethnographia, reunidas, em 1661—1664, pelo medico *Christian Menzel* em quatro grandes volumes in-folio com o titulo de *Theatrum rerum naturalium Brasiliae*; os desenhos que a constituem, bem como os de outra collecção menor, em dous volumes, conhecida por —*Livro do Principe*, annotada pelo proprio punho de Mauricio e tambem conservada na mesma Bibliotheca, são geralmente attribuidos ao naturalista e cosmographo *Georg Markgraf*, de Liebstad.

Nos Museus de Praga e de Hamburgo consta vagamente existirem quadros e desenhos semelhantes, e, não ha muito, um erudito saxonio, o Dr. *Paul Emil Richter*, arrancou do olvido em que jazia no Real Gabinete de Estampas de Dresden e divulgou a autobiographia e a descripção da obra artistica, completamente desconhecida, de *Zacharias Wagner*, decerto um

(1) O Instituto Historico e Geographico Brasileiro possúe copias a oleo de varios destes quadros feitas, em 1877, por N. A. LYTZEN, de Copenhague. Os originaes, já citados por A. VON HUMBOLDT, no *Kosmos* (Vol. II, pag. 85), foram analysados pelo Dr. KR. BAHNSON, no *Internat. Archiv. fuer Ethnographie* (Vol. II, pp. 221 e seguintes com 1 Estampa).

dos seis pintores que estiveram no Brasil ao serviço de Nassau. Valendo-me exclusivamente do substancioso artigo publicado no *Memorial do 25° Anniversario da Sociedade Geographica de Dresden* (1) com copiosas annotações do editor e do Professor *Sophus Ruge*, procurarei transmittir ao leitor brasileiro o conhecimento do que de mais notavel encerram.

Tratemos primeiramente de obter uma noção precisa da individualidade do artista á vista da—*Breve descripção das viagens e funcções que, principalmente ao serviço das Companhias Hollandezas das Indias Orientaes e Occidentaes, gloriosamente realisou e exerceu, por espaço de 35 annos, o fallecido Sr. Zacharias Wagner, na Europa, Asia, Africa e America, extrahida do proprio diario autographo do finado.* (2)

Segundo informa o Dr. *Richter*, *Zacharias Wagner* nasceu em Dresden nos principios de 1614; aos dezenove annos de idade, refere elle proprio, deixou a cidade natal e, com permissão dos paes, dirigio-se para Amsterdam, onde permaneceu, durante um anno, empregado em casa do livreiro Wilhelm Janson Blauen. Impellido pelo desejo de viajar, embarcou-se a 18 de Janeiro de 1634, na grande náu de duas cobertas *Amsterdam*, na qualidade de simples soldado, afim de passar-se ao Brasil, aportando, depois duma penosa travessia de 16 semanas, ao Recife. Attenta a sua excellente calligraphia foi dentro em breve dispensado do serviço militar e nomeado escripturario da companhia do Major Bajart, acantonado no Forte Ernesto. Com a vinda de Mauricio de Nassau foi por este escolhido para o cargo de reposteiro (*Kuechen Schreiber*), que occupou emquanto se demorou no Brasil.

---

(1) *Festschrift zur Jubelfeir des 25 jaehrigen Bestehens des Vereins fuer Erdkunde zu Dresden.*— Dresden, A. Huhle, 1889, 8° (pp. 57—91). — Sobre Zacharias Wagner se encontram ainda informações no *Biographisch Woerdenboek der Nederlanden*, de A. J. van der Aa (Parte 20, pag. 21) e no *Dresdner Anzeiger*, de 1887, n. 302, suppl. 4, e n. 306, suppl. 5.

(2) Kurtze Beschreibung der 35—jaehrigen Reisen und Verrichtungen, welche Weyland Herr *Zacharias Wagner* in Europa Asia, Africa und America, meistentheils zu Dienst der Ost —und West— Indianischen Compagnie in Holland, ruehmlichts gethan und abgeleget, gezogen aus des seelig gehaltenen eigenhaendigen Journal. — MS. do *Real Gabinete de Estampas de Dresden.*

Em 1638 acompanhou o Conde na infructifera expedição contra a Bahia, e, no anno seguinte nas viagens por terra a Porto Calvo, pelo Cabo de Santo Agostinho e Serinhain, e a Pariba, para onde se dirigiram passando por Bonovegid (1).

Depois de ter assim residido, lê-se na auto-biographia, por espaço de sete annos — quatro dos quaes nos paços de S. Exc.— nestas terras, requeri licença para voltar á patria, o que me foi graciosamente concedido por S. Exc., junto com um lisonjeiro attestado de conducta e passaporte.

Regressando á Hollanda, em começos de 1641, *Wagner* occupou-se em entregar aos destinatarios, em Haya, Delft, Rotterdam e Leyden, as encommendas, constantes de cartas, pinturas e papagaios, de que fôra incumbido pelo Conde.

As suas posteriores occupações e viagens em Java, na China e no Japão — onde exerceu elevados cargos diplomaticos — até o seu fallecimento em Amsterdam, a 1 de Outubro de 1668, no posto de Vice-Almirante, não tem para nós brasileiros interesse immediato.

Não assim a sua importante obra artistica.

Juntamente com o manuscripto a que vimos de alludir, o Dr. *Richter* encontrou um volume, in-folio oblongo, diffusamente intitulado — *Zoobiblion* (2) *no qual se contem muitas differentes especies de peixes, passaros, quadrupedes, vermes, fructas e raizes que se encontram e observam na terra do Brasil, sugeita ao dominio da Companhia das Indias Occidentaes, e por isso extranhas e desconhecidas na Allemanha. Re-*

(1) Os annotadores allemães pretenderam que a localidade assim designada fôsse a actual cidade de Bonito, o que é inadmissivel; mas, o nome se acha tão desfigurado que torna difficilima a sua identificação; comtudo, quer me parecer tratar-se da casa de recreio denominada Boa-Vista, de onde provavelmente Mauricio partio para a sua excursão ao Norte dos dominios hollandezes.

(2) Julguei dever cunhar este neologismo para reproduzir com exactidão o significado do vocabulo original. Oliveira Lima o traduzio alhures por *Zoologia*, e Capistrano de Abreu propoz como equivalente o termo medieval —*bestiario*, que aliás servia especialmente para designar certas composições literarias em que se moralisava, descrevendo os habitos e qualidades dos animaes ou contando fabulas de animaes, como por exemplo, no celebre *Roman du Renard*. — *Zoobiblion*, como *Thierbuch*, significa literalmente — *Livro de Animaes*.

presentadas com a maxima exactidão, com as suas côres naturaes, nomes proprios e breves descripções marginaes. Tudo desenhado vistosamente para gaudio e satisfação dos espiritos curiosos, no Brasil, sob o Louvabilissimo Governo do Muito Nobre Senhor João Mauricio, Conde de Nassau, etc., Governador e Almirante General, por Zacharias Wagner, de Dresden. (1)

Consta o precioso codice de 109 folhas de desenhos coloridos de plantas, animaes e indigenas do Brasil, que *Wagner* representou muito artistica e conscienciosamente e descreveu tão bem quanto lh'o permittiam —como elle mesmo confessa— os seus mediocres conhecimentos. Havia lido muito sobre a maravilhosa natureza brasileira, mas não encontrára representações graphicas correspondentes ; isto o determinou, a sna suas horas de lazer, desenhar e pintar tudo o que os indigenas lhe traziam ou elle observava, « afim de que tambem podésse apresentar aos seus compatriotas (caso por graça do Omnipotente regressasse ao meio delles) alguma cousa de novo e de admiravel. »

Conscio da sua applicação escreveu no prefacio o seguinte sobre a sua obra : « Si agora alguem quizer, a proposito deste modesto trabalho, proclamar o seu superior juizo e apurado senso artistico, notando que isto ou aquillo está representado maior ou menor, mais comprido ou mais largo, do que devia ser, e de qualquer forma delineado sem o primor exigido pelas regras da pintura, a este tenho a dizer que os caminhos por mim percorridos, com risco de vida, lhe estam igualmente abertos e que facil será ali contemplar os originaes e refazer semelhante trabalho, para o qual deixo desbravado o campo,

---

(1) Thier Buch Darinnen viel unterschiedene Arter der Fischer voelgel, vierfuessigen Thiere, Gewuerm, Erd-und Baumfruechte, so hin undt wieder in Brasilianischen bezirck, undt gebiethe Der Westindischen Compagnie zu schauwen undt anzutreffen, undt daher in den Teutschen Landen fremde undt unbekandt. Auffs genauweste mit seinen Natuerlichen Farben, samt behoerlichen Nahmen, wie auch kurtzer ontengesetzter beschreibung, Abgebildet sindt. Alles selbst angenscheinlich zu lust undt gefallen Denen sonst newbegierigen Gemuethern, bezeignet. In Brasilien Unter der hochloeblichen Regierung, des hochgebohrnen Herrn Johan Moritz, Graffen von Nassau, etc., Gubernator-Capitain undt Admiral General, von Zacharias Wagenern von Dresden. — Codice inedito do *Real Gabinete de Estampas de Dresden.*

apresentando-o aperfeiçoado pela sua melhor sabedoria. » Depois de ainda se desculpar da occurrencia de algumas expressões hollandezas, pois residira no Brasil por oito annos entre Hollandezes, termina com estas palavras: « Queira o leitor benevolo satisfazer-se com isto, e louvar a diligencia de quem, por seu amor e para seu deleite, executou o presente trabalho. »

Os desenhos dos differentes objectos, 71 especies de animaes e 20 de plantas, diz o Dr. *Richter*, são realmente duma perfeição tal que legitima o orgulho do artista; ha verdadeiro prazer em observar como são naturaes e como as côres, passados duzentos e tantos annos, ainda se mantem inalteradas!

Não nos deteremos, continua o provecto editor, nas 91 folhas dos reinos vegetal e animal, e limitar-nos-emos a saber como então, entre as tropas de occupação, se fallava e pensava sobre os indigenas. Encontramos na Est. 92 um *Omem Brasiliano* (1) e na Est. 93 uma *Molher Brasiliana*, e a descripção de *Wagner* reza:

« As mulheres são de estatura baixa e grossa, de bonito talhe, e andam muito erectas; os seus longos cabellos negros trazem-nos habitualmente em tranças que lhes pendem por sobre o dorso nú. Deixam-se desposar aos 12, 13 e 14 annos, geram muitos filhos e alcançam idade avançada. São muito fieis aos seus maridos, e os acompanham ás guerras, carregadas com os filhos, cães, cêstos e saccos, e supportam sem murmurar o calôr, a chuva e todas as fadigas; caso chegando no campo ou em algum lugar onde pretendem pernoitar ou passar alguns dias, ali consigam obter aguardente ou outra qualquer bebida forte, tratam de compral-a em grande porção, reunem os homens, sentam-se todos em roda ou em circulo, collocando a

---

(1) Paul Ehrenreich estudou estes desenhos sob o ponto de vista ethnologico, comparando-os com os quadros do Museu de Fredericksborg e as estampas do *Theatrum rerum naturalium Brasiliæ*, numa excellente monographia publicada no *Globus* (Braunschweig, 1894. Vol. LXVI, pp. 81—90) com o titulo de —*Ueber einige aeltere Bildnisse suedamerikanischer Indianer*; traduzido magistralmente para o portuguez por Oliveira Lima, appareceu no *Diario Official* de 29 de Outubro e 5 de Novembro de 1900, mas, sem as illustrações do original, defeito que será em breve sanado com a sua reedição, no proximo numero desta *Revista*, acompanhada das respectivas gravuras.

aguardente no centro, e tocam a beber sem medida ; de quando em vez alguns entoam barbaras canções, até que todos se levantam e, de mãos dadas, começam a dançar; é tal o seu gosto pela dança que passariam dias e noutes seguidas a dançar e pular sem interrupção, si por fim os não prostrasse o cansaço. E' esta tambem a maior vergonha desta pobre gente, pelo que actualmente os seus officiaes não lhes permittem mais o uzo diario de bebidas forte.

Os brasilienses são de estatura mediana, assaz membrudos de côr amarellada, cabellos negros e pouca barba. Não têm em grande conta bellos vestidos ou alfaias domesticas, ao contrario preferem sobretudo boas flechas e arcos. Vivem com muita simplicidade, e satisfazem-se perfeitamente com o que de vespera alcançaram na caça.

Os hespanhóes, depois que, ha muitos annos, se apoderaram do seu territorio, pretenderam sugeital-os igualmente ao seu dominio e jugo (como os pobres « mouros » (1), pelo que empregaram todas as violencias contra o misero povo, desnudo e sem amparo, passando muitos a fio de espada, a outros prendendo, torturando, estrangulando, queimando ou uzando ainda de outras atrocidades. Mas, apezar de tudo isto, nunca (por mais horrivel e barbaramente fossem tratados) os brasilienses se deixaram submetter e subjugar, resistindo-lhes sempre obstinadamente e mantendo, até o dia de hoje, a sua liberdade e independencia.

Actualmente contam-se delles varias companhias entre a nossa gente, bem exercitadas no manejo de mosquetes e espingardas ; nos servem muito bôamente contra os hespanhóes. porquanto ainda lhes guardam vivo rancor pelas carnificinas e deslealdades de que foram victimas.

Até o presente têm-se achado nelles soldados resolutos, firmes, bons e valerosos ; acommettem os seus inimigos com certos clamores extranhos, e conservam-se, em meio da sua pobreza e desventura, sempre alegres e bem dispostos. Estam tambem agora subordinados a varias pessoas ecclesiasticas que,

---

(1) Entre os antigos escriptores hollandezes e allemães era vulgar o habito de chamar de «mouros» aos pretos.

com grande esforço e trabalho, procuram afastal-os das suas ruins praticas pagans e são diariamente, nas suas povoações chamadas *Aldeias*, instruidos com muito zelo nos preceitos do christianismo.»

Sobre as suas aldeias escreveu *Wagner* junto ao desenho da Est. 101 :

« *Aldeia.* — As povoações dos brasilienses são construidas com muita ordem, e cada aldeia consta geralmente de duas extensas filas de casas de palha, tendo no centro uma igreja baixa, na qual, tres vezes por semana, se devem reunir os moradores para serem instruidos na doutrina christã, em lingua portugueza, por pessôas para este mistér nomeadas ; igualmente para cada aldeia designam os nossos um chefe, a quem reconhecem como o seu capitão e prestam obediencia. Incumbe-lhe tambem exercital-os no manejo das armas, no intuito de habilital-os a bem resistir no caso de serem inopinadamente assaltados pelo inimigo.

Em cada aldeia contam-se, entre homens, mulheres e creanças, pelo menos de 700 a 800 almas ; os homens têm que marchar enfileirados em muito bôa ordem atraz do capitão ; vem apoz as mulheres com grandes cêstos cheios de comidas e bebidas e o couce formam os meninos e velhos, cães e gatos, tudo o que pode andar ou arrastar-se, e, no entretanto, deixam a aldeia completamente erma e deserta.

Omem Tapuya. — São extraordinariamente altos, fortes e corpulentos estes homens selvagens, cobertos duma espessa pelle bruna, e uzando longos cabellos negros ; andam inteiramente nús e sabem recolher para dentro do corpo o membro viril, prendendo a parte saliente com uma pequena ligadura ; costumam adornar principalmente as cabeças e as armas, de bonitas plumas multicôres.

« E' gente realmente de todo céga e ignorante, nada sabendo de Deus nem da sua divina palavra ; honram, servem e adoram o demonio, com quem têm grande affinidade ; perguntam-no e interrogam-no sobre todo o passado e o paradeiro dos seus velhos amigos, bem como sobre o que está para succeder, se alcançarão ou não victoria sobre os inimigos ; o que é mais ainda e se conta como verdade, é que entre elles alguns ha que trazem morcêgos pendentes das orelhas e são denomi-

nados «esconjuradores» (*Teuffelsbanner*); estes se deixam muito voluntaria e alegremente possuir e invadir pelo espirito maligno, e começam a proferir blasphemias, prophecias, mentiras e imposturas peçonhentas e sacrilegas, que, entretanto, são piamente acreditadas pelos parvos circumstantes.

Aos sete ou oito annos de idade abrem-lhes nas orelhas grandes buracos em que são collocados batoques de madeira da grossura de um dêdo, com o que buscam manifestar estarem aptos para seguir para as lutas.

Quando algum dentre elles contrae matrimonio, compete ao seu mais intimo amigo fazer-lhe uns orificios nas bochechas e nelles pôr uns pausinhos brancos e tambem outro no labio inferior em que mettem uma pedra azul. A sua lei os autorisa a tomarem quantas mulheres queiram; mas, acontecendo alguma dellas ficar doente, esteril ou velha de mais, desdenham das mais jovens, não nas procuram mais, assim como abominam toda a prostituição.

Ao seu rei, chamado Jan de Wy, prestam grande obediencia, acatando, cumprindo e temendo a sua palavra; mas, ao rei cumpre ser o primeiro na peleja, do contrario perde todo o prestigio. Os seus agudos e pesados dardos sabem lançar com extrema destreza, por meio de certas pranchêtas, á vontade para onde querem; contra o inimigo em fuga não uzam disparar os dardos agudos, mas lançam mão de pezados espadões de madeira prêta, correm com velocidade incrivel, saltam inteiramente nús por entre espinhos e cardos, lançando horrendos brados, e acommettem assim furiosamente os contrarios, derrubam-nos, entre danças e cantares, e logo regressam da referida maneira com grandes berros para o meio dos seus, invocando immediatamente o diabo, a quem participam sem demora as peripecias do combate.

Molher Tapuya. — As mulheres tapuyas são grossas, gôrdas, de cabellos curtos, andam como os homens inteiramente desnudas, sendo, porem, mais pudicas e recatadas, porquanto apreciando o bello avental verde, por Eva desdenhado, revestem-se com elle, duma maneira especial, anterior e posteriormente, curando mais destas cintas de verdura do que de quaesquer outros bens, certo com receio de que os cégos se deixem



inflammar pelos seus grosseiros attractivos. No mais vivem entre si (como já ficou dito) peior do os irracionaes.

As suas habitações são tôscas e feias; não permanecem por muito tempo num mesmo lugar, mas vagueiam nas immediações acima e abaixo em busca de toda a sorte de raizes extranhas, grandes cobras e muitos passaros selvagens para alimento dos seus estomagos famelicos.

Quando acontece morrer alguem entre elles, seja homem ou mulher, não sepultam o cadaver, mas cortam-no e dividem-no em muitos pedacinhos, parte dos quaes devoram crúa e parte assada, dizendo que o seu amigo fica mais bem guardado dentro do seu corpo do que no seio da terra negra. Os ossos restantes são amollecidos ao fogo, reduzidos a pó, misturado com a comida e assim ingerido. Encontram-se entre estes antropophagos cobras peçonhentas, chamadas cobra verde, e os que são por ellas mordidos morrem em pouco tempo. Os portuguezes, que conhecem estas cobras, teem como certo que todo o corpo da pessôa mordida fica impregnado do veneno da cobra; isto, porem, não impede os tapuyos de se aproveitarem do cadaver, como acima ficou dito, dividindo-o entre si e devorando-o alegremente sem experimentarem qualquer incommodo.

O que, porem, é verdadeiramente horrivel e a muitos deve parecer abominavel, é o costume que têm de quando uma mulher pare uma criança morta, logo despedaçal-a e ir comendo-a o mais depressa possivel, sob o pretexto de que era seu filho, sahido do seu ventre, e que em parte alguma ficaria mais bem guardado do que voltando para o mesmo; no entretanto o marido se mostra muito sentido e debilitado, recolhe-se á rêde, faz-se servir e tratar pelas mulheres e permanece assim seis, sete, oito ou mais semanas de resguardo pela mulher. »

Na Est. 103 *Wagner* dá o desenho duma dança de tapuyos e acrescenta a respeito: « Assim dançam os tapuyos, inteiramente nús e com pavorosa gritaria, em circulo durante duas ou tres horas seguidas, ao que se póde assistir com prazer e satisfação especial, como cousa realmente admiravel. »

« *Omem Negro.* — Da Africa, dos territorios visinhos e confinantes de Guiné, Angola, Cabo Verde, Rio Congo e outros mais, são trazidos estes mouros para o Brasil; nas men-

cionadas regiões, de que são naturaes, sustentam entre si grandes guerras, usando de espadas, escudos e longas azagaias; o que é vencido na peleja e subjugado passa a pertencer, segundo o antigo direito das gentes, ao vencedor na qualidade de escravo. Desta sorte alguns mouros chegam a possuir 30, 40, 50 e mais captivos, aos quaes obrigam a acompanhal-os nas suas espedições guerreiras, ou empregam em quaesquer trabalhos; na maioria, porem, são vendidos aos portuguezes ali residentes, e por estes novamente aos nossos, que os trazem ás centenas para o Brasil, afim de negocial-os, por alto preço, com os ricos senhores de engenhos; por estes são tratados muito miseravelmente, recebem pouco alimento e são forçados a trabalhar sem descanço nos engenhos e cannaviaes, mal lhes deixando tempo para respirar; não lhes é permittido o uzo de armas de qualquer natureza, excepto umas maças de madeira, a que chamam de « Canodzen » (?), as quaes trazem aos Domingos quando vão dançar. »

Na Est. 105 se encontra a representação de uma dança de negros de aspecto divertido, sobre a qual *Wagner* escreve: « Quando os escravos tem executado, durante a semana inteira a sua penosissima tarefa, lhes é concedido passarem o Domingo como melhor lhes apraz, de ordinario se reunem em certos lugares e, ao som de pifanos e tambores, levam todo o dia a dançar desordenadamente entre si, homens e mulheres, crianças e velhos, em meio de freguentes libações duma bebida muito assucaradá, a que chamam Grape *(garapa)*; consomem assim o santo dia dançando sem cessar, a ponto de muitas vezes não se reconhecerem, tão surdos e ebrios ficam. »

Na Est. 106 *Wagner* nos mostra o mercado de escravos numa cidade do Brasil, que, diz o Dr. *Richter*, com as as suas casas de um e dous andares, sacadas gradeadas de madeira e as insignias pendentes das portas das tavernas, lembraria antes Radeburg, Radeberg, Koenigsbrueck ou outra cidadesinha rural da Saxonia, si não vissemos os pobres negros jazendo ao redor em grupos ou isolados. (1)

---

(1) Muito provavelmente era a antiga *Rua dos Judeus* (hoje da Cruz), no Recife, onde ainda em principios do seculo passado tinha lugar a feira de escravos. Vide a estampa extrahida do *Journal of a*

Wagner a acompanha da seguinte explicação:

« Acima, junto á figura dum mouro da Guiné (Est. 97) narrei brevemente o modo pelo qual são aprisionados no Guiné e na Angola e vendidos aos nossos. Aqui pretendi, por meio deste mesquinho desenho, mostrar como, trazidos para o Brasil, são aqui novamente negociados.

« Sempre que succede chegar, em breve tempo, algum navio daquellas paragens aqui em Pernambuco, traz ordinariamente pelo menos uns 300 mouros, que são logo desembarcados e provisoriamente (até chegar o dia fixado para o mercado) aboletados num velho casarão. No dia determinado esta pobre gente, meia morta de fome e sêde, é obrigada a arrastar-se dali, como os porcos ou carneiros á sahida do curral, sendo os escravos conduzidos um por um (afim de poderem ser mais facilmente contados) ao mercado, onde negociantes portuguezes e neerlandezes os examinam por todos os lados, verificando si são moços ou velhos, ou si padecem de escorbuto, syphilis ou outra molestia grave. Quando um dos compradores tem assim escolhido 8, 10 ou mais dentre a multidão, e os reputado sem defeitos, tem que pagar por cada peça, seja uma menina de 6 ou 7 annos ou um homem adulto, mais de 200 reaes hespanhóes, cada um dos quaes vale mais tres soldos do que um escudo do reino; mas, si se juntam diversos para a acquisição dum lote de 40, 50 ou 100, que depois tiram á sorte entre si, conseguem obtel-os por preços mais modicos e o pagamento é feito no prazo de um anno.

« Deste e doutros modos semelhantes é forçoso domar e humilhar estes mouros, si delles se quer alcançar trabalho e bôa vontade, pois são por natureza muito teimosos e obstinados. Vi muitos delles, por faltas commettidas, serem castigados, suspensos pelos pulsos a um poste e os corpos nús terrivelmente açoutados por chibatas; no emtanto não pediam misericordia nem promettiam corrigir-se, mas trincavam os dentes e deixavam que lhes lacerassem á vontade os dorsos negros.

« O seu modo de vida é comparavel ao dos tapuyas; não

---

voyage to Brazil, de Mrs. M. Graham, que vem á pag. 104 do presente volume. E' possivel que no proximo numero desta *Revista* appareça a reproducção deste curioso desenho de WAGNER.

se importam com o futuro e cuidam sómente em encher bem as suas panças aqui na terra; têm comtudo esperanças duma vida melhor, porquanto quando vão sepultar algum dos seus parceiros fazem-no com estranhos e ridiculos clamores, sentam-se em redor da cova e perguntam ao morto, cantando em côro: hey, hey, hey, porque morrêste? hey, hey, hey, faltou-te pão, farinha, fumo ou cachimbos? Depois destas varias perguntas ociosas atiram para dentro da cova com pedaços de fumo e toda a casta de raizes, afim de que o finado possa continuar a gozal-os na outra vida, e voltam do enterro dançando e cantando. Os nascidos aqui no Brasil são chamados *Criolos*, e os portuguezes os doutrinam na crença catholica e os neerlandezes na calvinista.

Molher Negra — Não são de talhe menos esbelto e bem proporcionadas do que os homens as mulheres mouras; nem por isto, porem, são poupadas, tendo que, da mesma forma que os maridos e filhos, executar pesadissimos trabalhos nos engenhos e cannaviaes; a algumas dentre ellas, que conhecem bem o dinheiro hespanhol e hollandez, mandam os senhores a vender pelas ruas gallinhas, passaros, peixes seccos, e toda a sorte de fructas magnificas; mas, si a moura não é muito ladina e aceita dinheiro falso ou de volta á casa deixa de dar conta ao senhor do valor de um soldo que seja, é na mesma hora amarrada e cruelmente fustigada; por este motivo preferem ser empregadas em outros serviços mais penosos, a ser occupadas nesta perigosa mercancia.

Os nossos, bem como os portuguezes, deliberaram recentemente applicar a todos elles, sejam homens, mulheres ou crianças, determinados signaes ou marcas, impressas com um ferro em brasa no peito ou no hombro; primeiramente porque devido á sua cor negra, são muito faceis de confundir uns com os outros, e em segundo lugar porque quando fogem aos seus senhores (o que succede com frequencia), os individuos encarregados de perseguil-os, chamados « Mestros del Campos », quando os prendem, logo reconhecem a quem pertencem, e, amarrando-lhes as mãos atraz das costas, vão entregal-os, mediante certa gratificação fixa, aos seus primitivos senhores, que os acolhem e lhes dão as bôas-vindas com fortes açoutes.

Mulato. — Aos individos gerados do coito de mouras com portuguezes, chamam mulatos, e estão condemnados — como os demais escravos— a passar a vida em pesado captiveiro; a alguns, porem, por felicidade ou por amor dos seus lascivos paes, é concedida a alforria, o que succede da seguinte maneira:

« Quando um portuguez ou neerlandez tem relações carnaes com alguma escrava dum seu visinho ou amigo e esta dá a luz, é isto muito bem visto pelo senhor da moura, que guarda a mãe junto com o filho, manda crial-o e trata-o pouco melhor do que os turcos aos christãos. Si, porem, o pae se compadece da miseria e desgraçada condição do seu proprio filho, tem de compral-o, por bom dinheiro, ao visinho, e assim passa a creança do captiveiro para a liberdade. Depois de crescidos são muito proprios ao serviço da milicia, manejando com dextreza todas as armas, com especialidade as espingardas, caçando diariamente passaros e outros animaes silvestres; é certo que, sob o pretexto de passarinhar, costumam á se emboscar no matto para assaltar os transeuntes, o que é bastante sabido e manifesto, tanto entre os portuguezes com os nossos, e por isso são geralmente tidos como uns velhacos muito ruins, falsos e traidores. S. Exc., considerando que procedem de sangue christão, pretendeu a principio dar liberdade a todos elles; mas, informado depois da sua pessima e desleal conducta teve escrupulo em fazel-o.

Mameluca. — Do contacto deshonesto de mulheres brasilienses tanto com portuguezes como neerlandezes, nascem muitos destes bastardos, entre os quaes não raro se encontram formosos e delicados typos quer de homens quer de mulheres; estas de ordinario durante a semana trazem apenas umas longas camisas de algodão; mas nos Domingos e dias de festa, enfeitam-se muito garridamente, á moda hespanhola, adornando o pescoço, as orelhas e as mãos com coraes e pedras falsas em profusão; muitas, devido ao seu porte airoso, passam por donzellas hespanholas. Os homens são inclinados a toda a sorte de profissões licitas, e se deixam aproveitar com vantagem no nobre mistér das armas. As mulheres casam com frequencia entre a gente da sua casta; na maioria, porem, são muito honesta e legalmente cobiçadas para esposas legitimas

por portuguezes, ás vezes bem ricos, e tambem por alguns neerlandezes abrasados de paixão.

«Em summa os hespanhóes e portuguezes, os brasilienses e tapuyos, os mulatos e mamelucos, vivem quasi todos entre si a exemplos das impuras bestas lascivas, não obstante aquelles que se dizem christãos terem bem visivel e presente os signaes da ira e os notaveis castigos de Deus contra esta vida licenciosa e sodomitica, permittindo que, ha alguns annos, os nossos se apoderassem, á mão armada, das suas grandes e fortes cidades, saqueando, destruindo e incendiando as suas igrejas, conventos e outros bellos edificios, expulsando os portuguezes, com as suas mulheres e filhos, e impellindo-os para regiões completamente desertas e selvagens ; elles, porem, tendo conseguido, com o auxilio de outros, refazer-se dentro de poucos annos, presto esqueceram as desventuras passadas, voltando á pratica dos antigos peccados, entregando-se nos braços da abominavel luxuria, em que se acham presentemente mergulhados e onde de certo, permanecerão até que Deus Omnipotente dê fim não só a elles como tambem a nós e a todos aquelles que tão promptamente olvidam as suas paternaes admoestações. E com isto fique dito dos extranhos povos do Brasil tudo o que, de accordo com a verdade, pôde ser aqui descripto e representado.»

Por ultimo *Wagner* apresenta a descripção e o desenho duma aldeia de brasilienses, do engenho Masciappe e do Palacio de Mauricio de Nassau, no Recife, e finalmente a planta de Pernambuco.

Desta noticia incompleta creio que, pelo menos, resalta com extremo destaque o quanto — do ponto de vista historico-natural e ethnographico, e mesmo do puramente artistico— é para desejar a publicação integral —texto e estampas— do curioso *Zoobiblion* de *Zacharias Wagner*.

Mas, quando será realisada ? !

Alfredo de Carvalho

O RECIFE DE GRÉS

DO

PORTO DE PERNAMBUCO

POR

CHARLES DARWIN (*)

Ao entrar no porto de Pernambuco o navio passa em volta da extremidade de um longo recife, que visto na préamar, quando as vagas se quebram fortemente ao seu encontro, seria naturalmente considerado de formação coralinea ; mas, observado na baixa-mar, póde ser confundido com um dique artificial levantado por obreiros cyclopicos.

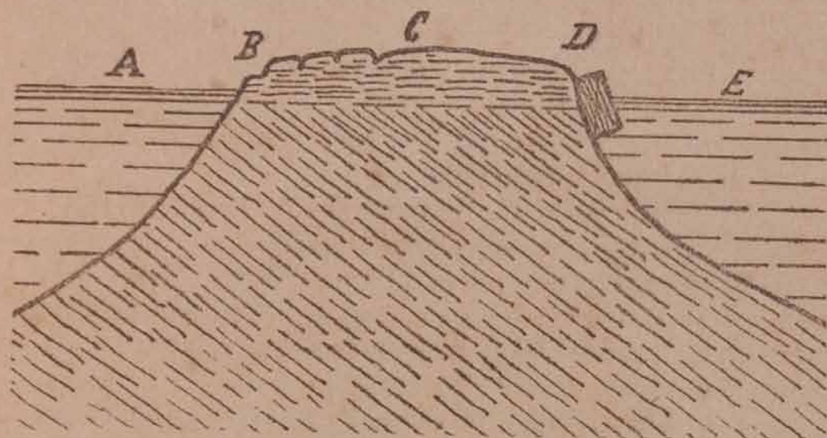
Na baixa-mar apresenta-se como um escolho plano, de superficie nivelada, com 30 a 60 jardas de largura, estendendo-se em linha *perfeitamente* recta por espaço de varias milhas.

De permeio á cidade inclúe uma laguna rasa ou canal de

(*) Extrahido no *British Museum*, de *The London, Edinburgh and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science*, Serie 3ª, Outubro de 1841, Vol. XIX, pp. 257—260, pelo Prof. John C. Branner, e traduzido do inglez por Alfredo de Carvalho.

cerca de meia milha de largura, que mais para o sul se estreita para pouco mais de cem jardas.

Proximo ao extremo septentrional veem-se navios fundeados ao longo do recife e amarrados a velhos canhões fincados no mesmo.



SECÇÃO TRANSVERSAL COM AS ALTURAS SENSIVELMENTE EXAGGERADAS

A. Nivel da préa-mar.
B. Massas depositadas, densamente revestidas de *Serpulae*, etc.
C. Cimo do escolho que em geral desce para o mar com leve pendor, na gravura intencionalmente augmentado.
D. Massas depositadas de grés descoberto.
E. Superficie do porto ou laguna.

A gravura acima representa, na baixa-mar das aguas vivas, a secção transversal da parte norte do recife, onde do lado interior offerece uma secção de cerca de sete pés de altura. Consiste dum grés duro, de côr pallida, quebrando-se com fractura muito lisa, e formado de grãos silicosos cimentados por materia calcarea; observam-se embebidos nelle seixos de quartzo perfeitamente arredondados, do tamanho dum feijão e raras vezes do duma maçã, junto com muito poucas conchas.

Os vestigios de estratificação são obscuros, mas, num lugar de calcareo stalactitico havia uma camada incluida de um oitavo de pollegada de espessura. Num outro ponto

alguns falsos estratos, mergulhando para o lado de terra num angulo de 43°, achavam-se capeados por uma massa horizontal. De ambos os lados do escolho acham-se depositados fragmentos quadrangulares, conforme mostra a gravura; e o todo, em alguns lugares, está fendido, apparentemente devido a ter sido arrastada pelas aguas alguma tenra camada subjacente. Um dia, na baixa-mar, percorri por espaço de uma milha este molhe singularmente plano e estreito, com agua de ambos os lados, e pude vêr que ainda por mais outra milha alem a sua forma se mantinha inalterada.

Na bella charta de Pernambuco do Barão Roussin *(Le Pilote du Brésil)* está representado como se estendendo, numa linha inteiramente recta, por varias milhas; ignoro se a sua composição é sempre a mesma; mas, das informações que obtive de intelligentes pilotos do paiz, parece que em alguns pontos da costa é substituido por dous recifes de coral.

A superficie superior, comquanto em grande escala se deva chamar plana, apresenta numerosas pequenas irregularidades, devidas á desintegração irregular. Os maiores seixos imbebidos repouzam sobre curtos pedestaes de grés; ha tambem muitas cavidades sinuosas, de duas a tres pollegadas de profundidade e de largura e de seis pollegadas a dous pés de comprimento.

As margens superiores dos sulcos por vezes sobresahem aos seus lados; terminam abruptamente, mas de forma arredondada. Um destes sulcos occasionalmente se divide em dous braços; mas, em geral são quasi paralellos uns aos outros e collocados em linhas transversaes ao escolho de grés. Não sei como explicar a sua origem, a não ser que sejam formados pela ressaca que diariamente vem quebrar-se sobre o recife e arrasta seixos para dentro e para fóra das depressões originariamente apenas ligeiras.

Opposta a esta noção é o facto de estarem alguns delles esmaltados com numerosos pequenos *Actineae* vivos. Reproduzo este trecho assim como o escrevi em tempo, porque ultimamente sulcos de natureza similar em rochas têm merecido muita attenção, e são invariavelmente considerados como indicando a primitiva acção duma queda dagua sobre a margem duma geleira movente.

A parte exterior do escolho se acha revestida duma delgada camada de materia calcarea; esta, na parte externa das massas depositadas que só póde ser attingida na baixa-mar e no intervallo das vagas, é tão espessa que raramente consegui, com um pesado martello, expôr o grés; colhi, porem, alguns fragmentos em que a camada tinha de tres a quatro pollegadas de espessura; consiste principalmente de pequenos *Serpulae*, incluindo alguns *Balani* e poucas camadas, muito delgadas e semelhantes a papel, de *Nulliporae*. Apenas a superficie está viva, e o interior é composto todo dos corpos organicos acima mencionados cheios de materia calcarea esbranquiçada.

A camada, comquanto não seja dura, é resistente e devido á sua superficie arredondada supporta o embate das vagas. Em toda a margem externa do escolho vi apenas um unico ponto, muito diminuto, em que o grés estava exposto á acção da ressaca.

Nos Oceanos Pacifico e Indico as margens superiores e externas dos recifes de coral são protegidas, conforme será descripto num livro futuro, por uma capa muito similar; mas, ali ella é quasi exclusivamente formada de varias especies de *Nulliporae*. O tenente Nelson, na sua excellente memoria sobre as Bermudas (*Geol. Trans.*, Vol. V, parte 1ª, pag. 117) descreveu recifes formados, segundo assegura, mas, apenas revistidos como não posso deixar de suspeitar, de massas similares de *Serpulae*. Inquiri de alguns velhos pilotos se havia alguma tradição de mudança na forma e nas dimensões do recife de grés; mas, todos unanimemente me responderam pela negativa.

Surprehende quando se reflecte que, apezar de batido noute e dia por vagas de aguas turvas, carregadas de sedimentos, impellidas pela brisa incessante de encontro ás margens abruptas deste quebra-mar natural, elle tenha permanecido no presente estado perfeito, durante seculos ou mais provavelmente millenios.

Considerando-se que a superficie do lado interno está se decompondo gradualmente, conforme demonstram os seixos nos pedestaes de grés, esta durabilidade deve ser inteiramente devida á protecção fornecida pelo delgado revestimento de *Serpulae* e outros seres organicos: eis um bello exemplo de

como, na apparencia insignjficantes, são todavia efficazes os meios de conservação, bem como os de destruição, empregados pela natureza.

Creio que recifes similares de rocha occorrem em algumas outras bahias e rios na costa do Brasil : o Barão de Roussin refere que em Porto Seguro ha um *quay* similar ao de Pernambuco. Trechos de varias centenas de milhas de extensão, nas costas do Golfo do Mexico, dos Estados Unidos e do Brasil Meridional, são constituidos por longas e estreitas ilhas e restingas de areia, incluindo lagunas bastante extensas, algumas de varias leguas de largura.

A origem destas ilhotas lineares é assaz obscura : o Prof. Rogers (*Report to the British Association*, Vol. III, pag. 13) dá algumas razões para se suppor que foram formadas pelo solevamento dos bancos de areia depositados nas confluencias de correntes.

E' muito provavel que estes phenomenos tenham, na sua origem, relação com as mesmas causas que produziram o notavel recife de grés de Pernambuco.

A cidade de Pernambuco assenta numa ilhota baixa e e numa longa restinga de areia em face do littoral muito baixo, que a certa distancia é limitado por um semicirculo de collinas.

Cavando-se na baixa-mar junto á cidade nota-se que a areia se acha consolidada em grés, similhante ao do quebra-mar porem, contendo muito mais conchas.

Se, pois, de uma parte o interior de uma longa praia arenosa e de outra o nucleo de um escolho ou restinga, em frente a uma bahia, ficaram consolidados, uma pequena modificação, provavelmente de nivel, mas talvez apenas da direcção das correntes, póde ter dado lugar, pelo arrastamento das areias soltas, a uma estructura igual á que existe em frente á cidade de Pernambuco e ao longo da costa ao sul da mesma ; mas, sem a protecção dada pelo successivo crescimento de seres organicos a sua duração seria curta, se é que não fôsse destruida antes de apresentar-se completamente.

VIAGENS NO BRASIL

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc.

Uzos e costumes dos habitantes desse paiz, por Henry Koster

Traduzidas para o francez por M A. Jay e do francez para o portuguez por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Publicado em Paris em 1846. — 1· volume.

(CONTINUAÇÃO DO N. 59)

CAPITULO VIII

VOLTA. — DE FORTALEZA Á NATAL. — OS SERTANEJOS. — O GADO. — A CÊRA VEGETAL. — DE NATAL AO RECIFE

Sahi de *Fortaleza* ao romper da aurora com os tres Indios e os tres cavallos de cargas. Um dos moços com quem eu me relacionára acompanhou-me á pequena distancia da cidade. Voltando ao Aracati, affastei-me um pouco da estrada que segui quando fui para o Ceará. O primeiro dia passou-se sem cousa que mereça menção ; occupei-me principalmente em conhecer o caracter dos meus Indios, porque pouco conversára com elles antes de partir.

Na tarde do segundo dia, perguntando a um delles se o caminho que devia levar-nos ao lugar em que iamos pernoitar era difficil de reconhecer-se, e respondendo-me que não existia que podesse desviar-nos da linha reta, deixei-os e galopei adiante porque aborrecia-me ir devagar e assim fiz em muitas

occasiões. Pelas cinco horas parei ao pé de uma choupana onde encontrei dous rapasinhos de apparencia miseravel, que entretanto demonstraram satisfação por me poderem offerecer agasalho para a noite. Disseram-me que a familia tinha ido ali perto fazer massa de talos de carnaúba para servir de alimento, porquanto não se achava mais nos arredores farinha de mandioca, nem mesmo pagando-a por alto preço. Mostraram-me um bocado da tal massa, de côr trigueira (1) e da consistencia da de que fabricamos o pão, antes de estar sufficientemente amassada; o gosto era amargo e nauseabundo; mas só á essa alimentação, com um pouquinho de carne ou peixe secco, de tempos á tempos, se achavam reduzidos aquelles desgraçados. Os meus companheiros chegaram logo depois. A' noite o mais moço dos rapasinhos approximou-se de mim com ares de mendicante e eu, sem reflectir, dei-lhe dinheiro; mas dahi a instantes voltou a dizer-me, da parte do irmão, que a minha bondade lhes era inutil porque nada tinham que comprar com o dinheiro. Comprehendi o que pretendiam e indo a minha gente sentar-se a mesa, os convidou para ceiar.

Aqui, Feliciano, um dos Indios, lembrou-se de envolver em couros os saccos da farinha dizendo que, se não os occultassemos, poderiamos ser abordados no caminho e forçados a repartir a farinha com os habitantes de qualquer povoação que bem poderiam exigir parte della. O Indio só teve noticia da terrivel miseria que reinava naquellas paragens por haver conversado com os meninos. Os moradores tinham já esgotado a sua pequena colheita e alguns até, seduzidos pela carestia dos generos na capital, foram tentados a leval-os ali afim de melhor vendel-os, ignorando que ella recebera provisão do sul. No quinto dia chegamos ao Aracati.

Fiquei nessa cidade dous dias esperando que trouxessem os meus cavallos da ilha, onde os deixára ficar. Reconheci então a verdade do que me dissera o guia. Os cavallos haviam perdido a bôa disposição e pareciam menos capazes de supportar fadiga do que na epoca da minha primeira ida ao

---

(1) Arruda diz que é branca (vêde o appendice) e nesse caso outro qualquer ingrediente fôra misturado á que me mostraram.

Aracati, embora depois de tanto descanço, devessem, naturalmente, achar-se em melhores condições para recomeçar. Os hespanhóes, que fizeram os primeiros descobrimentos na America meridional incutiram bem no espirito das populações daquella parte do mundo a necessidade de, numa viagem, continuar regularmente sem parar, a menos que não seja por tempo prolongado (1).

Comprei no Aracaty um grande cão adestrado na guarda das bagagens dos viajantes. Um homem se me apresentou pedindo para que eu o consentisse ir na minha companhia até Pernambuco. Dava-se elle por marinheiro portuguez, Europeu de nascimento, tendo pertencido á corveta portugueza *Andorinha*, que naufragára na costa, entre o Pará e o Maranhão. Viajára do lugar em que alcançara terra até o Aracaty sem o menor soccorro do governo. As autoridades nenhuma disposição fizeram no sentido de provêr a subsistencia dos que poderam escapar do naufragio; acquieci ao seu pedido e elle portou-se bem e nunca me deu motivos para duvidar da veracidade de sua historia.

Eu havia augmentado consideravelmente o numero dos meus homens e dos meus cavallos e aconselharam-me á não despedir ninguem, porque as chuvas podiam engrossar e os rios encher, e sendo assim quanto mais gente eu tivesse para auxiliar-me, mais facil me seria a passagem e menor o perigo; pelos cavallos que eu adquirira por ultimo podia repartir as cargas em porções mais pequenas e ter sempre de sobrecellente dous ou tres desses uteis animaes afim de ajudarem os outros, em caso de necessidade. A minha comitiva constava então de nove homens e de onze cavallos. O Sr. Barroso continuou a despensar-me a mesma bondade, pelo que nunca cessarei de dedicar-lhe o mais sincero reconhecimento.

Persuadiram-me a ganhar a praia o mais depressa possivel, apenas sahisse do Aracaty. Com effeito, era o melhor caminho, conseguintemente passei a primeira noite á tres leguas da cidade, na *Lagôa do Matto*, lagosinho, que então estava absolutamente secco.

---

(1) Cita-se particularmente Cabeça de Vaca.—History of Brasil, Vol. I p. 109.

Na manhã seguinte proseguimos o nosso caminho por sobre areias; atravessamos uma povoação chamada *Retiro*, na praia, indo dormir á Cajuaes, localidade que já conheciamos, e dahi fomos á Santa Luzia, seguindo pelo mesmo caminho que vai de Cajuaes ao Ceará. Tornamos a ver *Areias* o famoso lugar da historia de almas do outro mundo e fizemos alto em Tibou.

Depois do meio dia recomeçamos á viagem, tencionando passar a noite na casa não acabada, na estrada da Ilha; anoiteceu, porem, estando nós ainda a duas leguas de distancia; julguei acertado interromper a marcha e dormir no matto. Já tiveramos varios aguaceiros desde alguns dias, e se bem que pequenos, comtudo começava a relva a despontar em algumas partes.

Os progressos da vegetação no Brasil são realmente assombrosos. Em bom terreno, se denoite chove, no dia seguinte já se divisa uma ligeira côr esverdeada; se a chuva continua, no segundo dia já se vê relva com uma pollegada de altura e no terceiro está sufficientemente crescida para poder alimentar os animaes. Os mattos que escolheramos para passar a noite, nem eram altos nem cerrados e só duas arvores ali haviam com força e approximação bastantes para se armar uma rêde e foi a minha que se armou; os companheiros accommodaram-se em cima das cargas do melhor modo que lhes foi possivel.

Entre uma e duas horas da madrugada, começou a chover moderadamente; o guia estendeu então alguns couros por sobre a rêde afim de organisar uma especie de tecto; mas augmentando fortemente a chuva, toda a tropa reunio-se debaixo dos couros; levantei-me e conservamo-nos todos de pé apertados uns contra os outros, até que muito molhados, os couros nos cahiram em cima. Tendo o fogo se apagado, recommendei a todos que cobrissem os feichos das armas; mas os que conheciam o sertão sabiam melhor do que eu quanto são os jaguares frequentes nas travessias. Mal acabava eu de fallar, quando Feliciano, avisou-me de que ouvira o rugido de uma dessas feras, e não se enganara, porque um bando de jumentos correndo pela estrada, passou perto de nós e logo em seguida ouvimos igual estrepito. Ou fosse o mesmo jaguar ou

outros animaes ferozes que nos cercassem, o certo é que, partindo de differentes pontos, os rugidos se fizeram ouvir em todo o resto da madrugada. Collocamo-nos costas com costas e não nos consideramos livres do perigo de um ataque, apezar dos Indios soltarem de quando em quando uma especie de hurro (como praticam os sertanejos quando conduzem grandes boiadas meio selvagens) com o fim de espantar os jaguares. Ao romper do dia o diluvio abrandou, mas a chuva, sempre forte continuava sem cessar. Demanhã não foi pequeno trabalho encontrar os cavallos assustados e dispersados pelos jaguares ; chegamos até a duvidar que todos estivessem vivos ; mas acho que aquelles tigres do Brasil preferiram carne de bois bravios, e, a fallar verdade, era melhor que a dos meus cavallos.

Partimos para a Ilha, distante quasi seis leguas do local em que nos achavamos e lá chegamos ás duas horas da tarde, supportando doze horas consecutivas de chuva. O dono da propriedade mandou-me pedir que deixasse a casa affastada onde me accolhera e fosse para a sua ; aceitei o offerecimento e fui. A casa não passava de uma cabana de barro coberta de telhas, para construil-a serviram-se do barro da margem da lagôa salgada que lhe fica proxima.

Deu-nos elle muito leite e carne secca ; a farinha era rarissima, havia porem esperanças de um anno de fartura. Chegando á sua casa offereceu-me elle a rêde em que antes estava sentado ; fiz porem armar immediatamente a minha e ambos sentados e fumando entretivemos á conversar por algumas horas. Os mosquitos bastante nos importunavam e dali por deante, conforme o estado do vento e a quantidade de chuva que cahia, não tivemos uma só noite que, mais ou menos, não fossemos atormentados por esses insectos, na verdade tão encommodativos que só os experimentando se póde fazer ideia.

No outro dia, por volta de meio dia, chegamos á Santa Luzia e arranchamo-nos numa casa ainda em construcção. Logo que se descarregaram os cavallos e que eu estirei-me na rêde para descançar, veio o guarda avisar-me de que a população agglomerava-se em redor da casa e que não devia esquecer-me da questão que na ida, tivera naquella localidade.

Levantei-me e sahi levando a minha bolsa, que abrindo sem affectação, puz-me a voltar e a tornar a voltar; tirei della o sacco de seda carmezim, que depositei numa trave que me ficava ao lado e continuei a mecher como se procurasse um objecto que não podia achar. Voltando-me em seguida, vi que toda a gente desapparecera; tal foi o magico effeito do sacco encarnado.

O rio que passa junto á Santa Luzia, não estava ainda cheio. De meio dia para a tarde ganhamos as margens do *Panema*, estreito e rapido. Um dos meus homens entrou nelle para certificar-se se dava vão, antes porem de chegar ao meio verificou que a passagem era impraticavel e que, tanto pela profundidade, como pela força da correnteza, os Indios não podiam tentar a passagem das cargas. Dei ordem á minha gente que ficasse onde estava emquanto eu voltava com o guia de Goyanna a ver se descobria alguma casa; porquanto tendo começado as chuvas era imprudencia dormir ao relento.

Encaminhamo-nos para uma casa que divisamos por entre as carnaúbas, a alguma distancia da estrada, e como o dono consentio em hospedar-nos, e houvesse perto capim em quantidade para os cavallos, voltou o guia para acompanhar os outros até aquelle local conhecido pelo nome de Sant'Anna. No correr da noite fui accommettido de febre, que me teria forçado a demorar-me, mesmo quando a enchente me não impedisse de ir adeante. Fosse lá porque fosse, porem, o meu encommodo, peiorou, ou, pode ser, que eu me julgasse mais doente do que na realidade estava; entretanto desejava ardentemente alcançar o Açú onde tinha esperança de encontrar algum sacerdote áquem podesse confiar as cartas que julgasse á proposito escrever aos meus amigos. Embora a minha doença não parecesse perigosa, eu sabia quaes os resultados que a febre costuma deixar após si. Logo que as aguas principiaram a baixar, resolvi partir, mas não podendo montar a cavallo, fazia-se necessario que eu fosse carregado na rêde. Havia porem uma difficuldade, encontrar homens bastantes que se incumbissem dessa tarefa. Afinal, demorando-me mais um dia, consegui seis homens das fazendas visinhas, algumas de pouco mais de legua de distancia. Emfim, partimos depois de cinco dias de demora em Santa Luzia.

Atravessamos o rio, que mal dava passagem, e entramos em terrenos alagados. As aguas cobriam toda a superficie da região por onde caminhavamos, porem diminuiam diariamente. Em alguns lugares davam pela cintura, em outros sómente até os joelhos.

Os novos homens que eu alugara conheciam o caminho pelo habito; o guia que tomei no Açú, não acertaria com elle sem o auxilo destes ultimos companheiros.

Ao meio dia, armaram a rêde, comigo dentro, apoiando entre os troncos de duas arvores as estremidades do páo por meio do qual me carregavam ao hombros, e estenderam couros por sobre o páo afim de abrigar-me do sol, porque as arvores despojadas pela secca ainda não tinha readquirido a folhagem e havia mesmo lugares em que a terra começava a apparecer ácima das aguas.

Ao escurecer chegamos a *Chafariz*, fazenda situada em terreno secco e paramos em uma casa tambem por acabar. Os cavallos que conduziam a minga mala e o caixão com garrafas, cahiram e por cumulo de contrariedade as minhas roupas molharam-se todas, não escapando tambem o proprio sacco encarnado.

Tive uma má noite devida á febre e á fadiga. No dia seguinte conversei com o proprietario e comprei-lhe dous cavallos. Ao meio dia fiz seguir o comboio sob a direcção de Feliciano áquem determinei que chegasse ao Piato na noite do dia immediato. Fiquei com o guia de Goyanna e com Julio, que passara a substituir John na qualidade de creado. Foi com immenso trabalho que se conseguio transportar as bagagens para o lado opposto do rio. A força da corrente e o leito pedregoso do mesmo rio, que passa encostado á aquella propriedade tornavam a cousa ainda mais difficil; mas quando passei, no outro dia pela manhã, a agua havia baixado e a rapidez da corrente diminuido consideravelmente porque durante a noite não chovêra. Os dous homens que me accompanhavam, iam montados nos cavallos que comprára na vespera e eu num escoteiro e bem descançado; o meu desejo era chegar ao Piato no mesmo dia, isto é, caminhar dez leguas e consegui realisal-o, descançando apenas um pouquinho ao meio dia. Embora não me achasse em condições de poder fazer muito



exercicio com tudo a urgencia da situação não me permittia liberdade de escolha.

Juntei-me á minha gente e no mesmo lugar descançamos todos ao meio dia. Feliciano matou um antilope que servio para o nosso jantar. Rarissimas vezes nos serviamos das espingardas para obter alimentação, porque constantemente tinhamos carne secca para comprar, ou antes de presentes que recebiamos. Podiamos, uma vez por outra, prover-nos de carneiros ou de aves domesticas nas fazendas, porem por maior que fosse a quantidado de gallinhas e frangos que avistassemos junto ás cabanas e por mais dinheiro que offerecessemos, os donos recusavam-se a vendel-os, porque estando os gallinheiros, como facilmente se imagina, sob o dominio das mulheres, estas depois de bastante regatearem comnosco, acabavam por dizer que tanto ellas como os filhos amavam muito aquellas pobres aves, para consentir que se matasse alguma. Este modo de pensar era tão commum que, com o andar do tempo, quando o guia ou eu galopavamos em direcção a uma fazenda, tencionando comprar gallinhas e o marido á respeito consultava com a mulher, davamos logo de redea para traz, á não querermos demorar-nos inutilmente.

O meu amigo commandante residia sempre no Piato. Parecia-me que voltava para a minha propria casa. O meu espirito estava abatido e todavia a mais insignificante bagatella reanimava-me a coragem. Naquella tarde achava-me ainda bem doente e nada me aliviava tanto como as melancias que, em abundancia, crescem nos arredores; comi muitas. Disse-me o guia que me fazia mal, porem não lhe dei attenção, tanto gosto dessa fructa. No outro dia, ao levantar-me, achei-me inteiramente outro; a febre não voltou e o guia admirado, declarou que, se não visse, nunca acreditaria que melancia curasse febre e para elle não havia duvida de que o meu restabelecimento fora operado por ellas e que o mesmo resultado se produziria em todos os que fossem accommettidos do mesmo mal. Essa especie de febre é singularissima no seu curso. Em muitas occasiões cessa de repente em outras duplica provocando o delirio; entretanto raras vezes é perigosa.

No dia seguinte deixamos o Piato, onde a nossa provisão foi augmentada com um carneirinho e um *tatú–bola* ou arma-

dilho domesticado, que me déra o commandante. O carneiro caminhou varios dias entre os cavallos sem dar-nos o menor trabalho; já muito longe, porem, fatigou-se e fui obrigado a mandal-o pôr em cima de uma das cargas, onde descançava um ou dous dias e caminhava depois; o armadilho ia num saquinho e nos lugares em que nos arranchavamos, era posto em liberdade, introduzia-se elle por entre as cargas e, ou embolava-se ou occupava-se em comer. Difficilmente conseguio-se obstar que *Mimosa* désse cabo delle; mas por fim a cadella e o tatú ficaram sendo bons amigos. No Açú troquei um dos meus cavallos por outro em melhor estado, voltando quasi um guinéo.

O selleiro e o dono da casa em que me hospedára na ida, receberam-nos com a maior cordealidade e se offereceram para ajudar-nos a passar o rio, que então estava cheio, aconselhando-me a esperar que diminuissem as aguas e a correnteza moderasse a violencia; eu pórem precisava seguir e a minha gente não fez objecção. Deixei no Açú o rapaz que tomara por guia.

O pequeno braço do rio passamos com agua pela barriga dos cavallos e chegando á margem do braço grande, vimos que se fazia indispensavel uma jangada para o transporte das cargas. Varios moradores da villa nos tinham seguido contando que podiamos necessitar dos seus serviços e lh'os pagariamos. Achou-se logo pedaços de madeiras; alguns arrastados pela enchente, estavam na beira do rio, outros foram trazidos da villa; as cordas que estavam as cargas ás cangalhas, serviram para ligar os páos da jangada.

O pai do meu guia nos veio auxiliar, trazendo *Mimosa* comsigo. Recommendei-lhe que não se descuidasse de sua cadella pois me parecia que queria seguir-me e elle mandou um menino leval-a para a villa. Quando a jangada ficou prompta pozeram-lhe as cargas em cima e eu sentei-me sobre um dos fardos; quatro homens, entrando nagua, impelliram-na e quando deixaram de tomar pé, segurando-a com uma das mãos, nadaram com a outra; apezar de todos os esforços a correnteza desviou-nos mais de cincoenta varas, antes de alcançarmos a margem opposta, onde entretanto chegamos sãos e salvos. Os Indios ja lá estavam com os cavallos.

O rio do Assú, naquelle lugar, póde ter de duzentas a trezentas varas de largura, e naquella occasião estava fundo e perigoso, por causa da impetuosidade da corrente, havendo portanto, necessidade de um guia que indicasse os pontos vadeaveis. Para atravessar os rios servem-se os sertanejos de um apparelho curioso, que se compõe de tres páos sobre os quaes se collocam, remando elles mesmos. Chamam *cavalletes* e muitas vezes fallaram-me delles, mas como nunca vi nenhum não posso descrevel-os com exactidão. (1)

Os homens que nos passaram já se tinha retirado e eu fazia carregar os cavallos quando, ao voltar-me, avistei *Mimosa* que, submissa e tremula, encaminhava-se para mim. Eu manifestara sempre o desejo de comprar essa cadella, mas nunca pude resolver o dono a vender-m'a. Dizia elle que a adquirira quando ainda mui pequenina e que o pobre animal jámais se esquivara a encher-lhe a marmita; era este um modo de fallar por figura, pois queria significar com isso a grande pericia do animal em caçar. Seguio-nos por se ter dado perfeitamente na nossa companhia. Fomos até Santa Ursula, fazenda que distava do Assú legua e meia e lá pernoitamos. Passamos por espessos matagaes e dahi até o rio Ceará Mirim a região para mim era nova, porque ia agora por caminho differente do que seguira indo para o Assú. Desta vez tomava estrada mais curta para chegar ao Natal; tinha porem que atravessar ainda com frequencia aquelle tortuoso rio.—

Emquanto eu jantava, *Mimosa* punha-se junto á mim esperando o seu quinhão. De repente correu e occultou-se debaixo do banco em que me sentára; comprehendi logo a causa, o pai de seu senhor chegava em busca della. Decidi-o á que m'a vendesse, mas quando elle partio, *Mimosa* sahindo donde estava o foi acariciar. Disse-lhe eu então que proseguisse o seu caminho e a induzisse a accompanhal-o, ella porem voltou grunhindo e tornou a metter-se debaixo do banco. Fôra muito melhor tratada e alimentada por mim do que pelo

---

(1) Vê-se em Barlaeus uma estampa que representa os portuguezes atravessando sobre páos o rio São Francisco. Penso que devem estar dispostas como os de que se servem hoje os sertanejos.

senhor. Eu proprio lhe dava de comer e impedira sempre que a maltratassem com pancadas.

No dia immediato passamos pelas fazendas Passagem e Barra, e caminhando por sobre areia movediça atravessamos uma lagôa secca. De tarde fomos de São Bento a Angicos, transitando por ladeiras e caminhos difficeis e fatigantes para os cavallos. Franqueamos diversas vezes um rio de pouca agua.

No outro dia pisamos um solo ainda mais escabroso, e as pessoas á quem me dirigi disseram-me que ali não tinha chovido, e com effeito o campo parecia um deserto. Ao meio dia faltou agua para os cavallos; o pôço era pequenino e o manancial que o alimentava não podia fornecel-a á tantos animaes em sufficiente quantidade. Tive sêde e em consequencia deixei o comboio seguir no seu passo ordinario e galopei adeante seguido de Julio e dos dous cães. Penetramos numa planicie e pela segunda vez vi uma *ema* (especie de avestruz); apezar dos meus esforços, os cães perseguiram-na, e bastante contrariado, tive de esperar que voltassem. A ave fugia deante delles com immensa velocidade, agitando as azas, mas sem deixar o chão. As *emas* passam os cavallos mais corredores. As que vi tinham a côr cinzenta e era da altura de um homem á cavallo com o que, em certa distancia, se parecia um pouco. Os sertanejos pretendem que quando uma *éma* se vê perseguida espora-se á si propria afim de excitar a carreira e que, achando-se os esporões ou pontas osseas debaixo das azas, agitando-as, as pontas tocam-lhe os flancos e pica-os. Ouvi á muitas pessoas que, quando uma *ema* é apanhada, em seguida á demorada caçada, encontram-lhe os flancos lacerados e sangrentos. E' possivel que esse effeito seja devido a qualquer causa semelhante á que faz com que um *marrão*, nadando, córte a garganta com os pés. Os ovos da *ema* são grandes, e, embora proporcionando alimento grosseiro, o gosto não é entretanto desagradavel, e as pennas são mui apreciadas.

Quando os cães voltaram, continuamos a andar por entre altos rochedos. Algum tempo depois, os cães sahindo subitamente da estrada, correram ao cume de uma rocha que descia para a estrada em suave declive de modo a poder um cavallo subil-a e os nossos levantaram a cabeça soprando pelas narinas

Julio gritou : *agua, agua,* e impellio o cavallo para o lado dos cães ; segui-lhe o exemplo e Julio bem advinhara vendo partir os cães e esbarrar os cavallos.

Havia no rochedo uma fenda comprida, porem bastantemente estreita quasi cheia dagua limpida e fresca. As bordas da fenda reentravam para a banda de dentro e a agua ficava por baixo da aberturá, de maneira que os cães giravam em roda sem poder alcançal-a. Logo que nos apeamos, os cavallos presentindo a agua pozeram-se a escarvar o chão, testemunhando grande impaciencia.

Não tinhamos vasilhas que nos podessem servir de bebedouro sendo por isso obrigados a recorrer aos chapéos e a nelles dar tambem de beber aos cães e aos cavallos. O resto do comboio chegou logo depois. Feliciano conhecia o local, mas se os animaes não tivessem indicado a Julio teriamos ido além, provavelmente.

Soube por Feliciano que essas fendas nos rochedos, são bastante communs, mas, que poucas pessoas sabem onde ellas existem ; só os de sua classe e profissão as conhecem, o que lhes fornece agua em abundancia emquanto outros lhe soffrem a falta. Nunca nos recusamos, disse elle, a ensinar os lugares desses reservatorios ; mas a respeito delles só dizemos o indispensavel.

Caminhei até dez horas da noite, desejando alcançar alguma fazenda para não dormir ao relento ; certas nuvens grossas, rapidamente impellidas pelo vento, annunciavam muita chuva se sobreviesse a calmaria. Chegando a uma fazenda pedimos agasalho para a noite, o que nos foi concedido ; lançando porem os olhos para o interior da casa, preferi o ar livre com todos os seus encommodos. A casa estava cheia de gente das fazendas visinhas que viera ajudar a reunir o gado e á quem os prenuncios de uma tempestade, ali juntara. Ceavam carne secca e tinham, não sei como arranjado uma certa porção de aguardente. Aboletei-me á pequena distancia da casa e não dormimos não só com medo da chuva, mas ainda de que qualquer dos visinhos não se quizesse divertir apoderando-se de algum dos nossos cavallos.

No outro dia atravessamos uma planicie em parte des-

pida e em parte coberta de mattos. Passei adeante com Julio deixando atraz o comboio. Perdemos o caminho num ponto em que desembocavam differentes veredas. Os conhecimentos do proprio Julio faltaram e se não fossem alguns viajantes que encontramos e que nos orientaram, não sei de que distancia voltariamos á noite em busca das cargas.

No dia seguinte continuei a viagem e tomamos agua nos odres junto de uma fazenda; ao meio dia paramos no meio de um rio secco, mas com bôa relva, porque sendo o leito mais baixo do que as margens, o primeiro aguaceiro a fizera nascer. O nosso armadilho desencaminhou-se na capoeira. Feliciano porem, rastejou-o nos mattos por cima das folhas seccas e o agarrou. Tenho certeza de que elle o não vio fugir e de que qualquer outro menos habilitado em seguir a pista dos animaes, não teria dado com um só rastro e se o armadilho tivesse caminhado pela areia, nada mais facil do que seguir-lhe as pegadas; na relva e nas folhas seccas porem um bicho tão pequenino, póde apenas deixar signaes quasi imperceptiveis.

Lamentei que os nossos odres, por serem novos, deixassem escapar a agua impregnando-lhe tambem o gosto do oleo com que tinham sido untados os couros. Feliciano, ouvindo-me, pegou noutro odre, cujo couro com o uzo perdêra todo o cheiro, e disse: Vou buscar agua melhor. Foi e quasi uma hora mais tarde voltou com o odre cheio de excellente agua. Lembrara-se elle da fenda de um rochêdo da visinhança e de lá trouxe aquella provisão.

Dormimos n'uma fazenda e continuamos no outro dia, esperando alcançar o Ceará Merim, o que com effeito succedeu. Em toda aquella porção do paiz as consequencias da secca não haviam de todo desapparecido, entretanto as arvores começavam a cobrir-se de folhas e a relva que nascera á sombra dellas, em muitos lugares, já estava bem crescida para alimentar os animaes. A agua era sempre rara e má, embora as chuvas a houvessem augmentado um pouco e a tornado menos salôbra.

Passamos a travessia o mais depressa possivel, porque as grandes cheias deviam manifestar-se dentro em breve, e conforme já disse, muitas vezes chove com incrivel abundancia e

nessas occasiões ha perigo de ser surprehendido nas ilhas ou peninsulas que então forma aquelle tortuoso rio e os viajantes são obrigados a atravessar dez vezes consecutivas ou mais uma impetuosa corrente o que para os cavallos é penosissimo, sobretudo quando já se acham fatigados por longa jornada.

Deixamos o Ceará Merim quatro dias depois; passamos em Pai Paulo e no quinto dia bem cedo chegamos á Lagôa Secca. Os habitantes dessa aldeia estavam prestes a levantar o acampamento; esperavam as chuvas, ou antes já estas haviam principiado. Encontramos varios bandos de viajantes que aproveitavam as primeiras aguas para atravessar a região, apressando-se em sahir della antes da enchente do rio.

Janeiro não é, propriamente fallando a estação das chuvas. As que cáem no principio do anno, são chamadas *primeiras aguas* e duram de quinze dias á tres semanas e depois destas o tempo torna-se geralmente fixo e bom, até Maio ou Junho. Dahi por diante, até fins de Agosto, as chuvas são quasi incessantes; depois de Agosto ou Setembro, até recomeçar o anno, apenas cáem algumas gottas dagua. Com mais certeza, pode-se contar com tempo secco de Setembro á Janeiro e de Fevereiro á Maio, devendo-se do mesmo modo contar com chuvas de Junho a Agosto e em Janeiro. De chuvas não interrompidas poucos dias ha no anno. Com tudo, relativamente ás estações, isto se refere á uma certa latitude porque os climas variam muito.

Restituiram-me fielmente o cavallo que deixara em Lagôa Secca e no dia seguinte continuei o meu caminho até Natal, onde o governador recebeu-me com a mesma affabilidade.

Tinha eu então deixado o sertão, e lá sempre desejei voltar apezar do que soffrera. Ha um certo prazer em atravessar-se regiões desconhecidas e aquella porção do territorio em que viajei, para um inglez, era absolutamente desconhecida. De conformidade com as minhas proprias sensações, imagino bem o que experimentarão á cada passo e á cada novo objecto que lhes fere a vista, os viajantes que percorrem terras não exploradas. No continente da America meridional ainda existem vastas regiões por conhecer e eu desejaria

ardentemente ser o primeiro Europeu que fizesse a jornada de Pernambuco á Lima.

O que tenho dito com relação aos habitantes das fazendas ou dominios de gados, talvez não baste para dar ideia delles. Differente dos povos que habitam a margem do Prata, o sertanejo só mui raramente se separa da familia e, comparado a aquelles, vive numa tal ou qual abastança. As cabanas são pequenas e construidas de barro, cobertas de telhas quando podem conseguil-as, do contrario cobrem-nas com palhas de carnahubas.

As rêdes substituem as camas, sendo muito mais commodas e servem tambem de assentos; em algumas cabanas ha mezas, o costume porem mais geral é acocorarem-se em cima de uma esteira onde toda a familia forma um circulo em roda de cabaças furadas que servem de baixella e tambem de assentos e assim é que os sertanejos fazem as suas refeições. As classes baixas não se servem absolutamente de talheres porque quasi que os não conhecem.

Segundo um antigo uzo que vi praticar em todas as partes do Brasil por onde andei, antes das refeições, apresentam aos convivas em bacia de prata ou de barro, ou mesmo em cuias, agua e uma toalha de baptista guarnecida de franjas, ou de algodão da terra, para que lavem as mãos. Essa ceremonia, ou antes, esse acto necessario de aceio repete-se depois da comida

As cabaças são empregadas como utensilios da casa. Abrem-nas em duas bandas, tiram-lhes a pôlpa e põem a seccar afim de servirem á guisa de louça de barro, servindo igualmente como usuaes medidas de capacida; o diametro dellas varia de duas pollegadas á um pé e a forma, de ordinario, é oval. Quando inteira, tem mesmo o nome de *cabaça*, quando aberta em duas bandas, chama-se *cuia* á cada banda. E' planta rasteira que nasce espontaneamente em certos lugares e em outros semeam-na por entre a mandioca.

A conversação do sertanejo versa, geralmente, sobre o estado do seu gado e sobre suas mulheres, succedendo as vezes conversarem sobre cousas acontecidas no Recife ou em outra qualquer cidade. Discutem tambem o merecimento dos pa-

dres que os visitam cuja conducta mettem a ridiculo quando irregular.

Descrevi já o traje dos homens em viagem, que em casa reduz-se a camisa e seroulas; as mulheres apparentam mais negligencia do que os homens ; a sua roupa consiste em camisa e saia curta ; não uzam meias e sapatos quasi nunca. Quando saem de casa, o que é bem raro, juntam ao traje habitual um grande chales de algodão da terra, ou mesmo da Europa, com o qual cobrem a cabeça e os hombros. Montam á cavallo perfeitamente e as sellas altas á portugueza lhes parecem mui commodas ; sentam-se de banda e nunca vi uma unica brasileira montar á cavallo á moda dos homens, como as vezes se observa em Portugal.

As mulheres do sertão só se occumpam dos pormenores da casa (porque até o leite das vaccas e das cabras é tirado pelos homens) ; ellas fiam e trabalham de agulha. Jámais uma mulher livre trata de um serviço fóra de casa, salvo para ir accidentalmente buscar agua ou lenha quando o marido se acha ausente.

Os meninos até certa idade, andam completamente nús ; no Recife mesmo, veem se creanças de sete e oitc annos correndo pelas ruas sem roupa nenhuma. Outr'ora, isto é, antes de haver commercio com a Inglaterra, os individuos de ambos os sexos, só se vestiam de grosseiro panno de algodão fabricado no paiz ; ordinariamente tingiam as saias com vermelhão extrahido da casca do *coijuina*, arvore commum nas florestas do Brasil ; ainda hoje servem-se dessa tintura para as rêdes de pescar por estarem convencidos de que com ellas duram as rêdes mais tempo.

(Continúa.)



MEMORIA

SOBRE

A PEDRA BONITA

OU

REINO ENCANTADO

NA

Comarca de Villa Bella

Provincia de Pernambuco

POR

ANTONIO ATTICO DE SOUZA LEITE (*)

AO LEITOR

Na dupla intenção de satisfazer a curiosidade propria e de prestar ao mesmo tempo ao Instituto Archeologico e Geographico desta provincia, do qual sou indigno socio, algum serviço, pude realisar em Julho do anno passado, em companhia de trinta e quatro pessoas (inclusive muitas senhoras), por caminhos montanhosos e algumas vezes abertos á vivo

(*) Esta curiosa memoria foi publicada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1875 (8·, 80 pp.) e reimpressa em Juiz de Fóra, em 1898 ; em ambas as edições falta, porem, a respectiva estampa, cujo original é conservado no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e do qual o nosso prestimoso consocio Dr. M. de Oliveira Lima fez extrahir a copia adiante reproduzida.

ferro na matta virgem, uma viagem, que projectava, ha tempos, á antiga Serra Formosa, hoje Serra do Reino, afim de observar de perto a celebre —Pedra Bonita, na qual, 36 annos antes, cerca de trezentos individuos moral e physicamente embriagados com os embustes e beberagens, que lhes ministraram dous mamelucos, sacrificaram dentro de dous dias e meio cincoenta e tres de seus companheiros em prol do evento ou restauração do Reino d'El-Rei D. Sebastião.

Alem de já existir entre os meus companheiros de viagem mais de uma pessoa habilitada para dar-me os mais exactos esclarecimentos sobre quasi todas as peripecias dessa tragedia luctuosa, pude reunir alli, si bem que com difficuldade, mais duas testemunhas presenciaes, alem de um dos emissarios da policia, que, depois do combate e completa extincção do Reino em 18 de Maio de 1838, seguio e prendeu no centro da provincia de Minas o mameluco João Antonio dos Santos, 1º rei da Pedra Bonita, por ter sido o unico inventor e iniciador da idéa de sua creação.

As testemunhas presenciaes são duas das nove mulheres salvas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, de saudosa memoria, no combate, que deu ao inculcado rei e seus sectarios no predito anno de 1838, cujos nomes não declino em attenção aos valiosos serviços, que me prestaram, bem que com indizivel repugnancia.

Com taes elementos, com as discussões deste facto, que muitas vezes provoquei, com o minucioso exame, que fiz, sobre todo o local, que servio de theatro aos acontecimentos, com os documentos officiaes, que pude colher, e mais que tudo com o auxilio de uma estampa, que felizmente encontrei, na qual foram esboçados pelo padre Francisco José Correia de Albuquerque, de modo ligeiro, porem bastante expressivo, alem das scenas mais tragicas e horripilantes, que então se deram, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrara cerca de dous mezes depois da catastrophe, quando foi missionar naquelle lugar, no louvavel intento de benzer o campo e enterrar os mortos, creio puder assegurar aos leitores, que os seguintes apontamentos, si não estão escriptos em estylo elegante e linguagem castiça, encerram todavia a verdade historica daquelles tristes e nefastos acontecimentos.

Foi em quem me esmerei, e mais não se póde esperar de mim.

Recife—Maio de 1875.

A. A. de Souza Leite.

CAPITULO I

ESTADO DA COMARCA DE FLORES ; PROVIDENCIAS PARA MELHORAR A SUA PENIVEL SITUAÇÃO

Tempestuoso e medonho corria o anno de 1835.

A comarca de Flores, retalhada por partidos, que com incrivel encarniçamento disputavam a preferencia dos oppositores á parochia de Flores (vaga pelo fallecimento do virtuoso vigario João de Sant'Anna Rocha), era o theatro de constantes desordens e conflictos, que inspiravam serios cuidados á administração da provincia.

As provocações e ameaças multiplicavam-se por toda a parte, maximé no recinto da propria villa, onde as autoridades, não podendo conter os grupos, que se hostilisavam em seus recóntros, eram por elles ludibriadas, insultadas e até aggredidas, como succedeu ao Juiz de Direito Pinto Junior, que, depois de um tiroteio, em que foram feridos alguns soldados, foi refugiar-se em comarca estranha, onde aguardou as providencias do Governo. Todos os dias esperavam-se scenas ainda mais desagradaveis e violentas entre os proprios chefes, incitados pelas verrinas publicadas na capital da provincia.

Nessa penivel situação a providencia, que podia mais facilmente acalmar os animos, e salvar o alto sertão do Pagehu, era a que adoptou o Governo da provincia de accordo com o Bispo diocesano, enviando como vigario interino de Flores o venerando missionario Francisco José Correia de Albuquerque, homem o mais idoneo por sua missão apostolica, avançada idade, firmado conceito, e eminentes virtudes, para chamar á concordia o espirito desvairado daquelle povo.

Era o padre Francisco Correia um dos homens mais distinctos e conceituados do paiz : como cidadão, tinha por vezes

representado esta provincia na Assembléa provincial, e como sacerdote havia encanecido no serviço das missões, que lhe conquistou o mais elevado conceito pela pureza de suas doutrinas, santidade de sua vida, e austeridade de suas virtudes.

Muito fez e conseguio esse santo varão na regencia interina da freguezia, e nas diversas missões, que abrio em Ingazeira, Flores, Baixa Verde e Serra Talhada. Sem a presença de um soldado, e sem outro auxilio mais do que a sua palavra autorisada, teve a gloria de pacificar todos os seus freguezes, sellando sua obra com a divisão da freguezia de Flores, e creação das novas freguezias de Ingazeira e Serra Talhada, creação que promoveu com todo o interesse na Assembléa provincial, de que era membro.

De quanto valor e efficacia não são os serviços de um apostolo, que comprehende toda a extensão da caridade, e sabe elevar-se á altura da sua santa missão!

Mas o espirito das trevas tambem tem suas cohereneias no implacavel proposito de perder a humanidade, servindo-se ás vezes de instrumentos, ou meios á primeira vista bem insignificantes e despresiveis.

Combatido e vencido na campanha publica, que lhe deu o virtuoso missionario, elle não recuou sinão para assentar de novo as suas baterias em diversa ordem de combate, e jurar a perdição de muitos que o seu zeloso adversario reputára salvos.

CAPITULO II

PRINCIPIO DA PROPAGANDA; SEU AUTOR, E PRIMEIROS ADERENTES E COOPERADORES; SAGACIDADE COM QUE COMEÇA A PREDICA DA SUA SUPERSTIÇÃO.

No começo do anno de 1836, isto é, poucos dias depois que aquelle santo missionario conseguira em Flores a tranquillidade publica, um mameluco de nome João Antonio dos Santos, morador no termo de Villa Bella, então simples districto de paz e commissariado de policia de Serra Talhada, munido de duas pedrinhas mais ou menos formosas, que mostrava mysteriosamente, dizia aos incautos habitantes daquelle

lugar serem brilhantes finissimos, tirados por elle proprio de uma mina encantada, que lhe fora revelada.

Inspirado ao mesmo tempo num velho folheto, de que nunca se apartava, e que encerrava um desses contos ou lendas, que andavam muito em voga acerca do mysterioso desapparecimento d'El-Rei Dom Sebastião na batalha de Alcacerquibir, e da sua esperada e quasi infallivel resurreição, tratou de propalar pela população daquelle e dos visinhos districtos, que estava sendo conduzido todos os dias por El-Rei Dom Sebastião a um sitio pouco distante do lugar de sua residencia, no qual mostrava-lhe aquelle, alem de uma lagôa encantada, de cujas margens extrahira aquelles e outros brilhantes, duas bellissimas torres de um templo, já meio vizivel, que seria por certo a cathedral do reino na epoca pouco distante da sua restauração.

Assim discorrendo, e nunca se esquecendo de mostrar, entre outros, um topico do folheto, em que o visionario escriptor, improvisado propheta, insinuava, que:

« Quando João se casasse com Maria
« Aquelle reino se desencantaria......

conseguio elle, graças á ignorancia da população, e á bem conhecida tendencia, que o espirito humano teve em todas as epocas para abraçar o maravilhoso e phantastico, não só poder realisar o seu casamento com uma interessante rapariga de nome Maria, que sempre lhe fôra negada, como mesmo obter por emprestimo de muitos fazendeiros do lugar, cuja lista seria longo referir, bois, cavallos, e dinheiro em porção não pequena, com a *onerosa condição* de restituir-lhes em muitos dobros, logo que se operasse o pretenso desencantamento do mysterioso reino.

O mameluco era homem sagaz, astuto, e manhoso, e sabia insinuar-se no animo das pessoas a quem communicava os mysterios, de que se inculcava depositario. Fallava a cada um numa giria especial, e sempre em linguagem adaptada á capacidade, intelligencia, e interesses daquelles em quem pretendia incutir suas doutrinas.

Aos mais credulos e ignorantes fallava sem rebuço de

Dom Sebastião, da restaução de um reino encantado, e de grandes riquezas: aos menos faceis em acreditar essas patranhas fallava apenas em algumas destas cousas; e finalmente a quem não seria possivel embair com taes embustes, mas de quem precisava haver dinheiro e protecção para o fim, a que se propunha, fallava apenas de um grande thesouro, que achava-se á sua disposição, e cuja publicidade estava apenas dependente de um evento proximo.

Desde o começo da sua predica o auxiliavam seu proprio pai Gonçalo José dos Santos, seu irmão Pedro Antonio, seus tios, e parentes, José Joaquim, Manoel Vieira, José Vieira, Carlos Vieira, José Maria Juca, e João Pilé, os quaes, constituindo por assim dizer o seu apostolado, iam dar testemunho das suas riquezas e fazer repercutir os seus engenhosos embustes no meio das populações ignorantes de Piancó, Cariri, Riacho do Navio, e margens do rio São Francisco.

O fim, que o impostor tinha em vista, não foi *a priori* conhecido das autoridades, e das pessôas sensatas da localidade, pela sagacidade e simulação, de que usava para occultar o seu pensamento intimo daquelles que podiam contrarial-o.

Entretanto lavrava o erro por entre a ignorancia de uns, a simpleza de outros, e a ambição de muitos, que tiveram a fraqueza de acreditar em suas promessas.

Assim pôde elle com seus embustes perturbar a consciencia de um povo, que sempre foi considerado o mais pacifico da comarca.

CAPITULO III

Descripção do scenario, onde passam-se os atrozes acontecimentos produzidos pelo fanatismo de uma abominavel seita.

A Pedra Bonita ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas pyramides immensas de pedra massiça de côr ferrea e de fórma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma

vasta matriz, á uma altura de 150 palmos aproximadamente, ou 33 metros.

A que fica para o lado do nascente mede 78 palmos do circumferencia na baze, que parece ser o lugar da sua maior grossura, e é dous ou tres palmos mais alta do que sua companheira, si bem que duas vezes mais fina do que ella. Por esta causa e em consequencia de uma especie de chovisco prateado, de que está coberta de meia altura para cima, e que parece infiltração de malacaxetas, adquirio ella o nome de Pedra Bonita, em completo prejuizo de sua companheira.

O espaço, que fica entre uma e outra pyramide, tem 25 polegadas de largura, e dá entrada por duas diversas aberturas, uma ao norte, e outra ao sul, para um corredor de 30 palmos de fundo, sempre claro e arejado por causa da grande porção de luz e de ar, que constantemente o perpassam.

Ao poente, e logo na extremidade da segunda pyramide, ou torre, ha uma pequena sala meio subterrañea, a que chamavam santuario, não só por ser o lugar onde primeiramente entravam os noivos depois de casados pelo falso sacerdote da seita, o intitulado Frei Simão, ou Manoel Vieira môço, como porque era alli, que o pseudo vaticinador, o perverso João Ferreira, affirmava em suas praticas, que resuscitariam gloriosamente com El-Rei Dom Sebastião todas as victimas, que lhe fossem offerecidas.

Esta sala, que tambem servia de refeitorio á companhia (ao menos nas épocas festivas), como ainda hoje attesta a grande quantidade de fragmentos de louça branca, que se vê alli, é formada pelo grande vacuo, que deixam por debaixo de si tres pedras grandes, que partindo cada uma de seu ponto, sul, norte, e poente, vieram descançar suas pontas na segunda pyramide, na altura de quasi duas braças.

Apezar de meio subterranea, como fica dito, é esta sala sempre clara e arejada a qualquer hora do dia, por causa da sufficiente abertura, que cada uma destas pedras deixava nos pontos de juncção entre si e sua companheira.

Ao sul desta sala, porém proximo della, elevam-se varias pedras grandes sobrepostas umas ás outras, as quaes formam por sua vez, e na altura de 30 palmos, uma especie de caramanchão abobadado, cujo pavimento ou assoalho inferior,

sobresahindo, ou antes estendendo-se horizontalmente até muito perto da segunda pyramide ou torre, fórma nesse mesmo lado uma especie de bacia raza, ou terraço pensil, capaz de accommodar 25 ou 30 pessôas.

Este lugar tinha o nome de throno, ou pulpito, por ser delle que João Ferreira, inculcado propheta, pregava aos seus sectarios.

Cerca de duzentas braças ao norte das duas pyramides existe um penedo colossal, cuja concavidade natural, na parte inferior, formava um grande esconderijo, que augmentado por uma profunda excavação, que alli fizeram os sebastianistas, adquirio proporções para comportar o numero de duzentas pessôas.

Este lugar é conhecido pelo nome de Casa Santa, por ser alli que o perverso João Ferreira recolhia e embriagava os seus associados, ministrando-lhes beberagens todas as vezes que pretendia victimas voluntarias para o reino.

O reboliço, que produz o vento sobre a folhagem dos catolezeiros, que quaes espectros mudos, ou selvagens semi-nús, se approximam em grupos da maior das duas pyramides, como si a quizessem combater ou derrubar; o constante cantarolar dos visitantes, que pretendem assim desterrar os innumeros cardumes de phantasmas, de que têm povoada a propria imaginação, de dentro das fendas e cavidades dos rochedos, em que vão penetrando em busca de alguma curiosa antigualha; e a invencivel disposição do espirito para acorrentar-se ao passado, exhumar, e fazer passar por diante do viajante até o ultimo dos personagens daquellas scenas malditas; tudo isto, digo, torna esses lugares tão sinistramente pavorosos que basta a quéda de um fructo, ou a carreira inesperada de um animal, que nos evita, para produzir um choque extraordinario, sobretudo nas pessoas de organisação nervosa e de alma um tanto impressionavel.

CAPITULO IV

Receios pelo progresso do proselytismo; missão do padre Francisco Correia, e seu exito; retirada do falso propheta para fóra do districto de Florés.

Bem differente tornou-se o aspecto do districto da Serra Talhada depois da propagação das doutrinas do mameluco. Seus esforços e os dos seus mais ardentes sectarios iam engrossando gradualmente a seita com multiplicadas conquistas feitas nas ultimas camadas da sociedade.

As pessôas honestas e bem intencionadas já começavam a receiar os máos effeitos da propaganda, não porque antevissem o desfecho sanguinolento, que mais tarde foi posto em scena, mas porque, desviado o povo da crença da verdadeira religião, e do seu honesto trabalho e occupação, na esperança de indemnisar-se com os thesouros promettidos, não podia essa alteração nas crenças e costumes dos novos sectarios deixar de arrastal-os á pratica do furto, roubo, e outros crimes.

Essas e outras considerações, que assaltavam o espirito dos homens sensatos, moveram o padre Antonio Gonçalves Lima, sacerdote de vida exemplar e alta reputação moral, a reclamar a presença do missionario padre Francisco Correia naquelle districto, afim de abrir uma missão especial no intuito de desfazer os embustes da perigosa seita, que se erguia no meio de um povo honesto e laborioso, com visos de perdel-o.

O incansavel apostolo, apezar da sua idade septuagenaria e falta de saúde, não se fez esperar; acudio immediatamente ao reclamo de seu confrade e amigo, que de viva voz lhe expoz o estado das cousas, e os meios que em sua opinião deviam ser empregados para combater a seita em seus fundamentos, desmascarar o impostor em suas pretenções, e livrar o pobre povo das garras do falso propheta.

Instruido de tudo quanto havia, seguio o caridoso ancião para a fazenda Cachoeira, pertencente ao capitão Simplicio Pereira da Silva, por parecer-lhe ficar mais proxima

dos lugares, em que mais enraizada se achava a doutrina plantada pelo mameluco, e ali chegando expedio emissarios em sua procura, e tratou de missionar alguns dias com o unico fim de desarraigar do espirito do povo tão pernicioso fanatismo.

Felizmente compareceu o impostor, ainda durante as missões, perante o admiravel levita, e depois de entregar-lhe as duas pedras, que estavam bem longe de ser brilhantes, e depois de publicamente confessar os seus embustes, prometto-lhe retirar-se do lugar; o que poz logo em execução, procurando os lados do Rio do Peixe, e passando dali aos de Inhamuns, e isto sómente por conhecer que a sua permanencia em Serra Talhada, alem de escandalosa e impossivel pelos embustes e dólos já divulgados, tornar-se-ia contraria á propagação da sua propria doutrina.

CAPITULO V

Revelação do segredo, e exposição das atrocidades praticadas na Pedra Bonita

Eram mais de dez horas da manhã do dia 17 de Maio de 1838.

Sentado com seus irmãos Cypriano e Alexandre Pereira, na frente da casa de sua fazenda Belem, situada cinco leguas ao poente de Serra Talhada, o commissario de policia daquelle districto, major Manoel Pereira da Silva, praticava com elles a respeito do abandono, em que estavam os gados da sua fazenda Caiçára, depois da inesperada ausencia do seu vaqueiro José Gomes, e dava uma vez por outra, algumas ordens, já aos escravos e já aos vaqueiros reunidos ali, relativas á vaqueijada, que naquelle dia desejava fazer nos pastos daquella fazenda.

A manhã tinha sido bastante chuvosa, e por esta causa não estavam ainda presentes todas as pessôas, que tinham sido chamadas para tomar parte naquella expedição.

Varios grupos de cavallos da fabrica, que notavam-se com as sellas e de bridas amarradas na garupa, pastando pêados no pateo da fazenda, ou presos aos arvoredos, que havia

na frente e nos arredores da casa, bem mostravam, que, apezar da chuva que cahira, e da hora já muito adiantada do dia, a vaqueijada estava prestes a partir.

De repente aproxima-se, e ajoelha-se diante do commissario um individuo, cuja chegada ninguem notara pelo grande movimento das pessoas e dos cavallos, que constantemente cruzavam na frente da casa, e a quem á primeira vista não era facil reconhecer-se, por achar-se immundo, andrajoso, desfigurado, e assustado, como se viésse fugindo de uma dessas prisões subterraneas, em que os poderosos barões da idade média costumavam pôr a pão e agua os seus mais rancorosos adversarios.

O individuo, que se achava aos pés do commissario, e cujo estado degradante os leitores acabam de vêr, foi em breve conhecido de todos. Era José Gomes, o vaqueiro, que, ha mais de vinte dias, desapparecera, abandonando a fazenda Caiçára, e agora assim prorompia em supplicantes vozes :

« Valha-me, meu amo, e perdôe-me pelo amor de Deus !

« Levante-se ; conte-nos donde vem, aonde esteve, e porque quer valimento ? » Respondeu o commissario, levantando-o e indicando-lhe uma cadeira. Em seguida disse para uma mulata, que passava :

« Custodia, dize a tua senhora, que venha ver de que modo me appareceu o nosso vaqueiro José, e traze depressa alguma comida e um pouco de café. »

O silencio que seguio-se, foi profundo, porque José Gomes ia fallar, e todos ali previam, que alguma cousa extraordinaria lhe devia ter succedido. Elle, depois de sentar-se, ou antes depois de cahir sobre a cadeira, assim expoz o successo :

« Meu amo, fazem mais de vinte dias, que meu tio José Joaquim veio illudir-me na fazenda de V. S., e conduzio-me para a serra da Formosa para ver muitas cousas bonitas, e ajudal-o na defeza dos thesouros e do reino descoberto por João Antonio, os quaes contou-me, que já tinham sido desencantados por um rei muito sabio, mandado por elle de longe, e que achava-se com muita gente reunida e as familias da serra ao pé da Pedra Bonita.

« Não sou ambicioso, mas fui ver, se isto era verdade, para poder crer.

« Em verdade encontrei muita gente ao pé da Pedra Bonita, e vi, não os thesouros, mas o tal rei com uma grande corôa na cabeça, trepado numa ponta de pedra, pregando, cantando, e saltando muito alegre.

« Quando findou a sua pratica, o povo deu muitos vivas a Dom Sebastião, batendo as palmas, e meu primo Manoel Vieira moço, a quem chamam agora frei Simão (*) e estava lá com o pae, a familia, e os irmãos, foi fazer dous casamentos (**) de umas moças do Piancó, que não conheci.

« Isto feito, o rei, a quem em particular tambem chamavam João Ferreira, e ás vezes simplesmente Jóca, deu o braço ás duas noivas, e seguimos todos, tocando, cantando, e batendo palmas, para a Casa Santa, que é uma especie de subterraneo pouco distante, aberto por baixo de um penedo grandioso. Ali todos beberam um liquido dado pelo rei, ao qual chamavam vinho encantado (***) e fomos fumar em cachimbos para vermos as riquezas.

« Todos os dias sahiam meu tio José Joaquim, Gonçalo José, Carlos Vieira, José Maria Juca, e outros, e quando voltavam conduziam homens, mulheres, meninos, e cães, que enganavam, e traziam, furtando nos caminhos, como succedeu commigo.

(*) Foi capellão por muitos annos na povoação de São Francisco districto da Serra Talhada, um frade portuguez de nome frei Simão do Coração de Maria, religioso da ordem franciscana. Era de costumes dissolutos, e muito conhecido em toda a comarca de Flores, onde sempre residio até que falleceu em idade avançada, pouco antes desses acontecimentos. E' delle que Manoel Vieira moço devia ter tomado o nome.

(**) Estes casamentos eram por demais ligeiros e simples. Presentes os noivos, testemunhas, e espectadores, o intitulado Frei Simão, proferindo certas palavras cabalisticas, mandava a noiva apertar com os seus os beiços do noivo, entregando-a em seguida ao rei para dispensal-a. Consistia esta dispensa em passar a noiva ao poder do rei, que a restituia no outro dia ao marido completamente dispensada.

(***) Certa composição de jurema com manacá, muito usada pelos selvagens, e pelos curandeiros de feitiço e de mordeduras de cobra: tem a propriedade do alcool e do opio ao mesmo tempo.

« Sempre que o rei João Ferreira pregava, dizia: que seu irmão e rei João Antonio estava reunindo gente no Cariri, donde brevemente voltaria para ajudal-o nos trabalhos da restauração do reino; que aquelle reino era de muitas glorias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencantava com sangue, era necessario banhar-se as pedras e regar-se todo o campo visinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças, e de irracionaes; que isto, alem de necessario para Dom Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessoas, que se prestavam a soccorrel-o assim; porque, si eram pretas, voltavam alvas como a lua, immortaes, ricas, e poderosas; e si eram velhas, vinham moças, e da mesma forma ricas, poderosas, e immortaes com todos os seus.

« Quando não estava pregando, assistiamos a algumas festas de casamentos, porque sempre os havia, casando ás vezes um homem com duas e tres mulheres, ou bebiamos do vinho, que mostrava os thesouros, ou finalmente iamos aos roçados, e ás casas da serra, que ficavam ahi perto, buscar fructas e legumes. Tambem cantavamos muitos bemditos e rezas, mas comia-se pouco, e era prohibido lavar pannos e roupas antes de desencantar-se o reino.

« As pessoas de confiança eram as unicas, que andavam por fóra, e si a necessidade do serviço exigia muita gente, como na péga dos gados, cada pessoa suspeita era sempre acompanhada por duas e tres de confiança.

« Havia muita gente grande no reino, a quem todos, excepto o rei, obedeciam, porém os primeiros eram — Gonçalo José dos Santos e José Maria Juca (hoje finado), por serem paes dos dous reis, João Antonio e João Ferreira; seguiam-se depois a rainha, que é Josepha, filha de Gonçalo José, e mulher de João Ferreira; Pedro, e Izabel, irmãos daquella, meu tio José Joaquim, e toda a familia Vieira em geral.

« Iam assim passando-se os tempos, até que no dia 14 deste (oh! que dia infeliz e horroroso......) o rei, depois que deu muito vinho a todos, declarou: « Que Dom Sebastião estava muito desgostoso e triste com o seu povo...... »

« E porque? Perguntaram os homens muito afflictos, e as mulheres todas muito chorosas......

« Porque são incredulos!...... porque são fracos!......

porque são falsos!...... e finalmente, porque o perseguem, não regando o campo encantado, e não lavando as duas torres da cathedral do seu reino com o sangue necessario para quebrar de uma vez este cruel encantamento» preferio o rei e outra voz muito lamentosa, que pareceu sahir de detraz delle.

« Ah! meu amo e senhores, o que depois disto seguio-se é horrivel!......

« O velho Juca foi o primeiro, que correu, abraçou-se com as pedras, e entregou o pescoço a Carlos Vieira, que o cortou cerceo, pois já lá estava com um facão afiado.

« Como? (bradaram o commissario e todas as pessoas presentes horrorisadas); pois elle matou o velho devéras? Estaes sonhando, José?......

« Sim, meu amo, matou, e não foi este só. Mataram ainda muitos homens, muitas mulheres, muitos meninos, e creio, que continuam matando!......

« Jesus, meu Deus, que horror!» Exclamaram de novo as mesmas pessoas, accrescentando:

« E quem matou essa gente, José? Estaes doudo, ou estaes mentindo!» Gritou o commissario, pegando-lhe do braço e saccudindo-o com força......

« Antes estivesse doudo, ou mentindo, meu amo......

« Quando o rei concluio o discurso, de que fallei, e o velho Juca se apresentou a Carlos Vieira, as mulheres e os homens iam agarrando os filhos, que estavam alli, ou iam buscal-os fóra, e vinham entregal-os ao mesmo, Carlos Vieira, a José Vieira, e a outros, que lhes cortavam os pescoços, ou quebravam-lhes as cabeças nas mesmas pedras, que untavam de sangue.

« Nessa occasião aproveitei-me da confusão e horror, que havia, e fugi sem ser visto; mas com tanto espanto e infelicidade, que andei mais de dous dias perdido, sustentando-me simplesmente dagua e de fructas.»

Mal acabava a narração do tragico e horrido successo, quando entra na sala um escravo, o qual tira um papel, e o apresenta ao commissario, dizendo:

« Aqui está este bilhete, que meu senhor mandou.»

O commissario, tomando o bilhete, leu o seguinte em voz alta:

« Compadre Manoel Pereira.

« Hoje, muito cedo, mandei um portador á lagôa da Formosa chamar o compadre Manoel Vieira e os filhos, para virem me ajudar esta semana na desmancha da mandioca dos Póços. Muito antes de chegar na serra encontrou elle com dous meninos, que vinham fugindo ás carreiras da Pedra Bonita, aonde lhe disseram, que estava havendo, ha dous ou tres dias, grande mortandade de gente para desencantar-se um reino. Creio, que isto será verdade, porque a familia do compadre Manoel Vieira e outras por alli vivem, ha muito, mettidas por lá sem me apparecerem, e acreditam, que ha nas pedras um grande reino, que só se desencanta com sangue. A mim tem elles dito isto muitas vezes.

Seu compadre e amigo

MANOEL LEDO DE LIMA.

« Póços, 16 de Maio de 1838. »

CAPITULO VI

DISPOSIÇÕES DA AUTORIDADE POLICIAL PARA DISSOLVER O ILLICITO AJUNTAMENTO; MARCHA DA FORÇA EXPEDICIONARIA DIRIGIDA PELO COMMISSARIO DE POLICIA; CHEGADA DESTA JUNTO Á PEDRA BONITA; ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO O INCULCADO REI, FALSO PROPHETA DA SEITA.

O commissario major Manoel Pereira da Silva, mais tarde coronel e commandante superior dos municipios de Flores, Ingazeira, e Villa Bella, era um dos mais bellos caracteres, que tem tido os sertões desta provincia.

Fazendeiro rico e abastado por si e sua numerosa familia, não era comtudo o ouro que o considerava e distinguia entre os seus concidadãos, mas sim um complexo de qualidades raras e de virtudes civicas e moraes, que difficilmente se encontram reunidas no mesmo individuo.

Coração bem formado, magnanimo, e generoso, alma nobre, liberal, e franca, espirito recto, maneiras brandas, e trato ameno, eram qualidades, que desde o verdor dos annos distinguiam o major Manoel Pereira, em quem todos folgavam de reconhecer os predicados de bom pae, bom filho, bom irmão, bom esposo, bom amigo, bom cidadão.

Seu amor ás instituições era o mais ingenuo; sua lealdade politica um modelo; sua dedicação ao serviço publico uma abnegação dos proprios interesses.

Em uma palavra, ninguem melhor do que elle comprehendia os deveres de cidadão; e nenhum cidadão prestou ainda no interior de Pernambuco tão relevantes serviços no espaço de mais de 30 annos de sua vida publica.

A dolorosa impressão, que produzio em seu espirito a extranha narração de José Gomes, confirmada pelo bilhete, que acabava de receber, despertaram-lhe a idéa de partir immediatamente para o lugar, onde o fanatismo enthronisado pela maldade, e o crime requintado pela ambição despedaçavam a innocencia, ameaçando a justiça, e anniquillavam a moral, pondo em perigo a religião.

Sem considerar no perigo, á que podia expol-o um accommettimento precipitado; sem requisitar a força publica, que achava-se á 15 leguas de distancia; e sem recorrer mesmo aos seus numerosos amigos e irmãos, que residiam mais affastados, resolveu partir no dia seguinte muito cedo, e dar combate ao inimigo com aquella gente de sua visinhança, que podesse reunir até aquella hora, e com os poucos moradores, que fosse encontrando nas fazendas, que margeavam os caminhos, por onde José Gomes, que servir-lhe-ia de guia, devia encaminhar a força.

Alem do seu amor á causa publica, duas circumstancias poderosas arrastavam o commissario Manoel Pereira da Silva a fazer esta marcha com uma temeridade e precipitação incongruentes com a sua comprovada prudencia e reconhecido bom senso.

Estas duas circumstancias eram primeiramente o grande contingente de forças, que no dia seguinte, 18 de Maio, o seu destemido e intrepido irmão, capitão Simplicio Pereira da Silva, devia trazer para encorporar ás suas, nas immediações

da serra Formosa; e em segundo lugar a tenaz insistencia, que os seus dous irmãos Cypriano e Alexandre Pereira empregaram perante elle (sobretudo depois que souberam de um ataque, que os sebastianistas se propunham a fazer em suas casas e fazendas), para que fossem immediatamente combater o inimigo.

Assim, não obstante ter-se elle empregado durante toda a tarde e quasi tres partes da noite do dia 17 do mez de Maio em expedir portadores para diversos pontos, e em prevenir-se de armas e cartuchos, já achava-se de marcha para a serra Formosa, em companhia de seus dous irmãos, e á frente de 26 paisanos bem montados, armados, e dispostos, quando a aurora do dia 18 do dito mez começava a derramar sua rozeada luz sobre as aguas prateadas do riacho Belem.

Tamanha soffreguidão e açodamento levava em sua marcha esta cavalhada, que apezar do pessimo estado do caminho, e de algumas pequenas paradas, que teve de fazer nas fazendas Caiçara, Poços, e Sitios Novos, aonde foi augmentada com mais nove cavalleiros, achava-se por volta de uma hora da tarde no sobpé da Serra Formosa, no lugar denominado Gamelleira, cinco leguas distante da fazenda Belem, e uma, quando muito, da Pedra Bonita.

Devendo ser ali o ponto de reunião daquella com a força do capitão Simplicio Pereira da Silva, que infelizmente ainda não havia chegado, resolveu o commissario fazer alto naquelle lugar, afim de refazer os cavallos, e dar tempo á chegada tanto daquella força como de outra, que devia ter partido na mesma manhã da fazenda Santa Rita e outros pontos. Infelizmente não succedeu assim; porque estando já apeado com alguns soldados em uma casinha, que havia ali, foi forçado a montar-se de novo para acompanhar seus dous irmãos, que já haviam desapparecido, seguido de alguns companheiros, em direcção á Pedra Bonita.

Naquelle tempo, como ainda hoje, a serra Formoza, não obstante a sua grande fertilidade e excellencia para quasi toda a especie de agricultura, tinha apenas uma meia duzia de familias, que moravam em choupanas de palha, e trabalhavam proximas umas das outras, e era tecida ou trançada de continuados balseiros de juremas, giquirizeiros, unhas de gato, e

outros espinheiros baixos, que só podia galgar quem, como o major Manoel Pereira, e a força sob seu commando, tivesse um pratico, que lhe mostrasse as estreitas e rarissimas veredas, de que se serviam pouco frequentemente os respectivos moradores.

Sendo uma das mais transitaveis aquella que a força seguira, tinha alem disso a vantagem não pequena de ir ter a umas capoeiras velhas, onde os espinheiros eram substituidos por um campinal altissimo, algumas ervas baixas, e uma meia duzia de umbuzeiros ramalhudos, poupados pelo fogo e pelo machado daquelles moradores.

Estes umbuzeiros ficavam pouco distantes da Pedra Bonita; e era debaixo delles, que o commissario concordara afinal com seus irmãos em dar descanço á força, e deixar os cavallos.

No momento, porem, em que os dous irmãos Cypriano e Alexandre Pereira e os poucos soldados, que os seguiam de perto, se aproximavam das capoeiras, e se dirigiam a aquelles umbuzeiros, acharam-se face á face com Pedro Antonio, o qual estava com uma grande corôa de cipó na cabeça, nú da cintura para cima, acompanhado de um sequito numeroso de mulheres, meninos, e de homens, como elle, semi-nús e armados de facões e cacetes.

Para seguir a ordem natural dos factos e instruir os leitores da causa, porque tres dias antes tendo ficado os sebastianistas ao pé da Pedra Bonita, sob o commando de seu improvisado rei João Ferreira, apresentavam-se agora commandados por Pedro Antonio, em lugar diverso, e não esperado, retrogradarei um pouco, afim de narrar os acontecimentos, que se deram ali depois da fuga precipitada do vaqueiro José Gomes.

E será este o objecto do seguinte capitulo.

CAPITULO VII

INAUDITAS SCENAS DE ATROCIDADE E FEREZA PASSADAS NA PEDRA BONITA; IMMOLAÇÃO DO REI JOÃO FERREIRA, SUBSTITUIÇÃO DESTE PELO REI PEDRO ANTONIO.

Os sacrificios começados no nefasto dia 14 de Maio, e referidos por José Gomes da fórma por que vimos no capitulo quinto, continuaram nos seguintes dias 15 e 16 com o mesmo, si não com maior desvairamente; porquanto o monstruoso e perverso João Ferreira, uzando todos os dias de expedientes e embustes sempre novos, conseguira mergulhar aquella turba numa especie de delirio, ou embriaguez continuada.

No auge supremo desta embriaguez, um pardo de nome João Pilé, filho das margens do rio São Francisco, e ha annos morador nas immediações da Serra Formosa, para dar um testemunho da sua adhesão, e obter o melhor quinhão no reino, subio ao cume de um rochedo proximo, e precipitou-se com dous netos nos braços de uma altura maior de cincoenta palmos.

O instincto de conservação, reagindo contra a loucura naquella occasião, obrigou-o a salvar-se, se bem que muito contuso (*) e com perda dos dous netos, agarrando-se nas folhas de um robusto catolezeiro, que encontrou no meio da quéda.

Em seguida José Vieira pega em um filho maior de dez annos, colloca-o na *pedra dos sacrificios*, e decepa-lhe o braço do primeiro golpe, e isto quando a victima, ajoelhando-se, bradava-lhe de mãos postas: « Meu pae, você não dizia, que me queria tanto bem?!... »

Uma viuva de nome Francisca, que ainda hoje reside perto daquellas paragens, em Caianinha, alimentando a louca

---

(*) O abastado fazendeiro José Alves de Carvalho, morador na fazenda Santa Cruz, quatro leguas distante da Pedra Bonita, apresentou-me o seu vaqueiro José Pilé, filho de João Pilé, contando-me que este ficara tão contuzo da quéda, que déra no celebre salto com os dous netos, que levou mais de dous mezes em serio tratamento ali, para poder restabelecer-se.

pretenção de ser rainha, immola por si mesma seus dous filhos mais novos, e fica em termos de desesperar, quando vê, que escaparam-lhe, fugindo, os seus dous filhos mais velhos, João e Levino ! (*)

Izabel, irman de Pedro Antonio e do primeiro rei João Antonio, é designada para o sacrificio pelo execravel João Ferreira, que respondia ás suas supplicas e allegações de gravidez, gritando para Carlos Vieira e José Vieira : « Immolae-a mesmo assim, para não soffrer duas dôres, a do parto, e a do encantamento... »

Tão adiantado era o estado interessante desta infeliz, que momentos depois de ter recebido o golpe fatal, a criança rolava pela rampa da pedra, e extendia-se no chão !

Uma donzella das partes da Conceição do Piancó, chegada com seus paes naquelle mesmo dia, e igualmente designada para o sacrificio, tendo conseguido escapar-se durante a morte de Izabel, é perseguida pelos dous carrascos Carlos Vieira e José Vieira e de novo collocada na pedra, onde recebe a morte, como a sua desgraçada companheira.

Finalmente, Josepha, irman esta de Pedro Antonio e de João Antonio, conhecida como rainha por se ter casado ali mesmo com o monstro, não podendo supportar, sem queixas, o concubinato, em que vivia seu pretenso marido, recebe deste setenta e tantas facadas durante a noite do dia 16 !

Desta fórma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execravel e deshumano João Ferreira conseguido lavar as bazes das duas torres, ou pyramides de granito, e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de 30 crianças, inclusive os dous netos de João Pilé, 12 homens, entre estes seu proprio pae, e 11 mulheres, cujos corpos, (excepto o daquella donzella, que corrêra, o qual fôra julgado indigno de estar com os demais), bem como os esqueletos de 14 cães, que havia morto para o mesmo fim, iam sendo collocados ao pé das pedras em grupos simetricos, conforme o sexo, idade, e qualidade dos mesmos.

(*) Livino reside hoje no sitio denominado Tamanduá, limites de Flores com o Triumpho ; e é um daquelles meninos de que faz menção o bilhete de Manoel Ledo de Lima, transcripto na ultima parte do capitulo quinto.

Na manhã porem do dia 17, quando o monstro, não satisfeito ainda com o sangue derramado, se dispunha a preparar o povo para novas scenas, Pedro Antonio, indignado pela morte de suas duas irmães, e julgando-se com melhor direito ao supremo poder, por ser irmão do primeiro rei João Antonio, antecipou-se em subir ao throno e dalli annunciou em voz aita :

« Que Dom Sebastião, cercado da sua côrte, lhe apparecera na noite antecedente, e reclamava a presença do rei, unica victima, que faltava para operar-se o seu completo desencantamento. »

« Viva El-Rei Dom Sebastião ! Viva nosso irmão Pedro Antonio !...... »

Tal foi o brado unisono de todos os circumstantes.

Em seguida accrescentaram, vendo que o rei tremia a ponto de não suster-se de pé :

« Ao sacrificio Carlos Vieira : ao sacrificio José Vieira, antes que elle se torne indigno como aquella tôla rapariga. Andae, pois elle se amofina ! »

Poucas horas depois, Pedro Antonio era proclamado rei, e o cadaver (*) do seu antecessor, de execranda memoria, era amarrado de pés e mãos fóra do campo em dous grossos arvoredos.

Como já se não respirava ar puro no lugar, onde se achavam tantos cadaveres em estado de putrefação, ordenou o novo rei a transferencia do acampamento para o pé daquelles umbuzeiros, onde devia operar-se o apparecimento de Dom Sebastião, e onde estavam construindo cabanas na occasião do encontro com a força do major Manoel Pereira.

(*) As pessoas que estiveram no reino são accordes em affirmar, sem admittir a minima contestação, e isto desde aquella época até hoje, que viram-se forçadas a quebrar a cabeça de João Ferreira, a extrahir-lhes as entranhas, e a atar o seu cadaver de pés e mãos naquellas arvores, por causa dos berros, das roncarias, e dos sinistros movimentos, que elle, depois de morto, executava com a bocca, com o ventre, e com os braços. Como quer que seja, era este o estado do seu cadaver, quando o missionario Francisco Correia o encont ou e desenhou.

CAPITULO VIII

ENCONTRO E CONFLICTO DA FORÇA LEGAL COM OS FANATICOS ; DESTROÇO E DISPERSÃO DESTES ; PROCEDIMENTO HUMANO E GENEROSO DO COMMISSARIO MANOEL PEREIRA DA SILVA ; DESTINO DOS INDIVIDUOS APREHENDIDOS.

« Não os tememos. Acudam-nos as tropas do nosso reino !......

« Viva El-Rei Dom Sebastião ! »

Assim exclamou Pedro Antonio, agitando no ar a sua corôa, e arremessando-se furioso com todos os seus sobre aquelle punhado de cavalleiros, á cuja frente já de novo se achava o commissario major Manoel Pereira da Silva.

O seu grito de guerra, immediatamente repetido por mais de cem vozes sahidas de todos os pontos daquelle provisorio acampamento, foi logo solemnisado com canticos da ladainha, bemditos, e officios entoados pelas mulheres e meninos, que, ora batendo palmas, ora brandindo espetos e cacetes, investiam como outros tantos combatentes em auxilio de seus paes, filhos, irmãos, e maridos, que já se achavam a braços, e em luta aberta com os poucos soldados do commissario.

Os intrepidos e corajosos cavalleiros não recuavam, e á voz do seu respeitavel e distincto chefe, pulando dos cavallos e tomando a posição defensiva, que o caso e circumstancias lhe permittiram, acceitaram o combate no proprio sitio, onde realizou-se o encontro, e no mesmo lugar, onde foram agredidos.

Foi horrivel o combate, que resultou do encontro das duas forças.

Mais horrivel era o aspecto de um punhado de bravos em luta desigual, e corpo a corpo (pois que poucos poderam mais de uma vez uzar das espingardas) com uma horda de sicarios desejosos do martyrio, e fanatisados com a idéa da immediata resurreição. Muito mais horrivel e horripilante foi a scena, que momentos depois representava o desfecho dessa luta sanguinolenta !

Não houve tempo para pensar nos meios da aggressão e

defeza ; e já não era tempo de evitar as consequencias de um conflicto todo casual.

Impossivel me seria descrever hoje as scenas e os actos de bravura, que no limitado espaço de uma hora pozeram termo ao fanatismo daquella desvairada caterva, sepultando com seus corpos as sementes de infernal doutrina.

Sobre o campo do combate ficaram 22 cadaveres, sendo o do rei com 16 dos seus sectarios, inclusive tres mulheres, e os de Cypriano e Alexandre Pereira, irmãos do commissario, com mais tres dos seus companheiros, alem de muitos feridos de ambos os lados, entre estes o proprio commissario, cuja vida correu perigo.

Em outro recontro, que minutos depois tiveram os sebastianistas fugitivos com as forças do capitão Simplicio Pereira da Silva, recentemente chegadas, perderam aquelles mais oito companheiros.

A scena mais patetica de todo esse drama foi a que teve lugar depois do combate, quando os valentes soldados do commissario descobriram entre os mortos os cadaveres de seus cinco companheiros de armas. Os parentes e amigos das victimas lançaram-se com incrivel furor sobre as mulheres e filhos dos criminosos, no intuito, como diziam, de não deixarem raça de taes perversos !

Aqui ostenta a grande alma do major Manoel Pereira toda a energia de suas virtudes. Chorando a morte dos seus amigos e companheiros de armas, e especialmente a de seus dous irmãos, elle estendia a bandeira da misericordia sobre aquelles infelizes, que lhe supplicavam a vida, e exclamava :

« Meus amigos, perdão para esses desgraçados...... Para que maior desgraça do que terem perdido os seus naturaes protectores, e acharem-se reduzidos a este lastimoso estado ?

« Perdão para elles, para que Deus tambem perdoe as nossas faltas.

« Choremos a perda de nossos caros irmãos e companheiros, sepultemos seus corpos, sufraguemos suas almas, protejamos suas familias, e confiemos na Providencia.

« A isso limita-se o nosso dever.

« Poupemos estes infelizes, que perdidos pela má dou-

trina, permittio Deus cahissem em nossas mãos, para serem salvos pelo espirito da verdadeira religião. »

Nunca o homem eleva-se tanto como quando exerce actos, que mais o approximam da Divindade.

O major Manoel Pereira foi o heróe desta scena.

Perdoando as incautas victimas do fanatismos, e obstando o morticinio de tantos innocentes na occasião solemne, em que seu coração mais despedaçado se achava pela angustiosa perda dos irmãos, revelou-se christão sincero, e cidadão benemerito, e legou-nos honrada memoria, que durará grata na recordação dos homens justos e sensiveis.

Conhecendo elle quanto perigo corriam fóra de suas vistas as mulheres e filhos dos criminosos ali aprehendidos, segue pessoalmente com elles, escoltados apenas por alguns de seus soldados, visto como occuparam-se os outros com a conducção dos corpos dos cinco companheiros fallecidos para serem sepultados na igreja de Serra Talhada, que distava onze leguas.

Baldo de mais recursos na occasião, deu suas ordens a um fazendeiro vizinho da serra, para mandar sepultar os cadaveres dos criminosos, ordem esta que mais tarde soube não fôra cumprida, por terem sido encontrados os mortos em tal estado de putrefacção, que inhibiu o enterramento.

Apenas chegou o commissario em sua fazenda Belem, enviou os presos com uma communicação mais ou menos circumstanciada ácerca do occorrido ao prefeito de Flores, Francisco Barbosa Nogueira Paes, e este por sua vez, dando sciencia de tudo á presidencia da provincia, como se vê do officio respectivo, publicado no fim destes apontamentos, soltou as mulheres, distribuio as crianças, e passou os delinquentes á disposição do juiz criminal.

Uma dessas crianças é o digno tabellião de Flores, Joaquim José do Nascimento Vanderley, educado pelo padre Manoel José do Nascimento Bruno Vanderley, de quem tomou o appellido.

Entre os delinquentes contava-se Gonçalo José dos Santos, pae do rei João Antonio, o qual, condemnado pelo jury de Flores, acabou os dias arrastando os ferros já nesta capital, e já no presidio de Fernando.

CAPITULO IX

VEM O MISSIONARIO FRANCISCO CORREIA Á PEDRA BONITA PREGA AOS VIVOS, E SEPULTA AS RELIQUIAS DOS MORTOS, PONDO NO LUGAR DA CATASTROPHE O MYSTERIOSO SYMBOLO DA REDEMPÇÃO CHRISTÃ, AINDA ALI SUBSISTENTE.

O caridoso e bem conhecido missionario Francisco Correia achava-se ausente da freguezia nas épocas, em que tiveram lugar os acontecimentos, que ficam narrados nos tres capitulos antecedentes.

Imagine-se, pois, qual seria a sua afflicção e espanto, quando lhe informaram, que apezar da sua abnegação e esforços, as doutrinas do mameluco tinham produzido todos os seus effeitos naturaes, attingindo resultados porventura mais tragicos e funestos!

Imagine-se ainda quanto não subiria de ponto essa afflicção, quando, dous mezes depois, transportando-se a aquelle lugar, no meio de numeroso concurso de povo, no louvavel empenho de missionar e dar sepultura aos mortos, elle desenhava com sua propria mão, para servir de lição aos vindouros, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrara; assim como alguns episodios mais tragicos ali succedidos, que a estampa patenteia, e elle tanto se esforçara por evitar!

Aquelle lago de sangue, em que se afogaram 53 cadaveres atirados ali por mão perversa, e por uma das mais inconcebiveis imposturas, de que pode fazer menção a historia da humanidade, converteu o santo missionario em uma grande sepultura, na qual com as proprias mãos, e entre lagrimas encerrou toda a ossada dos mortos, esparsos fragmentos escapos aos vermes e á rapacidade dos corvos no curto espaço de dous mezes.

Si os échos daquellas pyramides fataes podessem hoje repetir-nos todas as palavras do discurso daquelle inspirado orador, proferido na occasião em que, tendo nas mãos os restos do cadaver daquella martyr donzella, que fôra arredado como indigno do meio dos outros, dava sepultura á ossada dos trinta innocentes como ella sacrificados, por certo teria a posteridade

de apreciar um rasgo de eloquencia tão pomposo e sublime quão horrivel e extraordinaria era a catastrophe, que lhe servia de assumpto, e que a historia registrará.

Sobre a sepultura dos cadaveres mandou o caridoso missionario collocar uma grande cruz de madeira tôsca, que ainda hoje se conserva, e testifica, que ali jazem os restos mortaes das victimas da horripilante tragedia.

Quem por ali passa costuma descobrir-se diante do signal da nossa redempção, e rezar um *pater noster* pelas almas daquelles finados.

CAPITULO X

SORTE DO PRIMEIRO AUTOR DO EMBUSTE, E PRIMEIRO REI JOÃO ANTONIO, BEM COMO DE OUTROS PERSONAGENS DO DRAMA.

Os leitores naturalmente desejarão saber, que fim levaram João Antonio, e alguns dos outros personagens fiugurantes neste drama. Destina-se o presente capitulo a satisfazer esta justa curiosidade.

O mameluco João Antonio, quando presentia imminente o morticinio da Pedra Bonita, retirou-se precipitadamente do Cariri, onde estivera escondido e em communicação sempre activa com o seu preposto João Ferreira, e foi residir com a mulher e uma filhinha de dous annos de idade nas minas novas de Suruá.

Ahi vivia em uma choça de capim, que construira no meio de um arraial de choupanas iguaes, habitadas pelos mineiros.

Reputava-se elle então sobejamente seguro, protegido pelo capellão das minas, que era o decimo padrinho, que tivera sua filha, assim como por diversos mineiros, e preparava-se talvez para mais tarde pôr em execução alguma nova proeza, quando, em uma esplendida noite de Agosto do mesmo anno, foi agarrado por dous officiaes de justiça, que o juiz de paz do Cotovello, Pedro José, forneceu a Roque e Antonio da Cruz, agentes do commissario da Serra Talhada, unicos dos doze,

que haviam sido expedidos, que tinham se atrevido a chegar tão longe com a precatoria respectiva.

Quando João Antonio vio-se em poder dos adversarios, longe de maldizer a sua sorte, e mostrar descontentamento, procurou ao contrario captar-lhes os animos e deslumbral-os ao mesmo tempo com promessas de immensos thesouros, que podia, quando quizessem, pôr á sua disposição.

Certo porem de que nenhum partido vantajoso tirava por ahi, e vendo mais tarde que os seus dous conductores vinham seriamente accommettidos de febres intermitentes, soffrendo ataques quasi conjuntamente, começou a dirigir-se á mulher em giria desconhecida por elles, na qual ensinuava-lhe, que os matasse, quando estivessem accommettidos do mal, porque bastariam as riquezas que elles traziam nos macotes para tornarem-se riquissimos.

Apezar de vir bem algemado e amarrado, e de dormir incommunicavel, e sempre com dobrada segurança, tão precario era o estado de saúde dos dous conductores, quando chegaram á Lagoa Encantada, tres legoas abaixo da villa Xique-xique, que resolveram matal-o antes de serem victimas da molestia ou de algum novo ardil.

Assim, por uma coincidencia bem notavel, fôra preso no meio das minas, e viera morrer em uma lagôa encantada aquelle que com embustes de minas e de lagôa encantada, conseguira desvairar e perder tantos infelizes.

Depois de alguns dias de demora, gastos naquelle lugar em combater o mal, de que estavam accommettidos, vieram os dous conductores á villa do Joazeiro, nas margens do rio São Francisco, onde estiveram novamente recahidos. Quando melhoraram, souberam, que a viuva do mameluco retirára-se com a filha para as partes de Santa Catharina, em companhia de uns negociantes, que regressavam para ali.

José Joaquim, Carlos Vieira, José vieira, Manoel Vieira (pae) morreram no fogo, que tiveram com a força do commissario.

Frei Simão ou manoel Vieira moço e dous filhos de João Pilé morreram, aquelle perto da fazenda Lagoinha, e estes entre a serra da Formoza e Conceição de Piancó, em acto de resis-

tencia, com outros companheiros, contra as forças perseguidoras do capitão Simplicio Pereira da Silva.

Finalmente João Pilé occultou-se no Cariri, e nas immediações de Piancó, onde tempo depois morreu de molestia natural.

CAPITULO XI

COMMUNICAÇÃO NOTAVEL DO FACTO PELO PREFEITO DE FLORES AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

O seguinte officio foi-me fornecido pela Secretaria da presidencia da provincia, e vai publicado tal qual foi escripto.

« Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Pela primeira vez que me dirijo a V. Exc., participando o estado desta comarca, que, apesar de se achar tranquilla, todavia tenho de levar ao conhecimento de V. Exc. o caso mais extraordinario, mais terrivel, nunca visto, quasi incapaz de acreditar-se : e eu deixaria de noticiar um similhante acontecimento, si não fosse obrigado pelo dever, que me impõe o emprego, que por V. Exc. me foi confiado, talvez por desconhecer a incapacidade do meu criterio.

« Permitta-me V. Exc., que por um pouco vá analysando os factos, e prejuizos taes quaes tiveram lugar nesta comarca, nas immediações de Piancó.

« Ha mais de dous annos, Exm. Sr., que um homem de nome João Antonio, morador no sitio Pedra Bonita, distante desta villa vinte duas leguas (lugar este composto de bosques, junto aos quaes se acham dous penedos acroceráunios), se lembrou de apresentar uma sizania aos povos, dizendo que naquelle lugar existia um reino encantado, e que estava a desencantar-se, em cuja occasião appareceria El-Rei Dom Sebastião, com um grande exercito, ricamente adornado, e que todos os que o seguissem seriam felizes ; e foi lidando nesta seita, até que em dias do mez de Novembro proximo passado

aconselhado (1) pelo missionario Francisco José Correia de Albuquerque, fizesse uma viagem para o sertão de Inhamuns, donde mandou um seu enviado de nome João Ferreira (2), homem hostil, pessimo, e esquisito; de sorte que este lôbo, assim chegado no lugar Pedra Bonita, e acclamando-se rei, tratou de trazer os povos rusticos sujeitos a umas idéas supersticiosas, dizendo-lhes que para a restauração do reino tornava-se necessario, que fossem immoladas as victimas de homens, mulheres, e crianças, e que em breves dias resuscitariam todos, e ficariam immortaes, sendo esses sacrificios uteis para regar o campo encantado com o sangue humano e dos innocentes, depois do que appareceriam as maiores riquezas do mundo, e que todos os pardos do lugar ficariam mais alvos do que a propria lua; de maneira que assim pôde reduzir os povos ignorantes ás suas falsas declamações, e pessima doutrina, e conseguio, que alguns paes entregassem seus filhos ao cutello do sanguinario tigre, e no dia 14 do corrente deu principio ás suas hostillidades, assassinando até o dia quarta-feira 16 deste mesmo mez vinte e um adultos (3) e vinte e um parvulos de ambos os sexos, e casando cada homem com duas e tres mulheres, sendo este contracto feito pelo mesmo idolatra (4), com superstições proprias de sua immoral conducta; porem o seu resultado foi tristissimo, porque Pedro Antonio, irmão do primeiro inventor João Antonio, já intolerante dos desatinos de semelhante caifaz, ou talvez ambicioso de o sub-

---

(1) Imperdoavel defeito de redacção! Vide o que acerca desse venerando missionario fica dito nos capitulos 1, 4, e 9.

(2) João Ferreira não veio de Inhamuns, porem sim dos lados de Souza ou Catolé do Rocha. Vide o que se disse a respeito no capitulo 5.

(3) O prefeito estava então mal informado sobre o numero das victimas; e assim devia ser, pois fundou-se em informações muito ligeiras, dadas pelo commissario. Vide ainda o que fica dito a respeito no capitulo 7.

(4) Esta asserção tambem é defeituosa por falta de informações exactas, pois que os casamentos não eram feitos por elle, mas sim por Frei Simão, ou Manoel Vieira moço. Vide ainda o que se disse a tal respeito no final do capitulo 5.

stituir no reinado, determinou assassinal-o (*), como fez no dia quinta-feira 17, dia em que, correndo um dos moradores do lugar, fez aviso ao commissario Manoel Pereira da Silva, e este immediatamente fez reunir uma força composta de vinte e seis guardas nacionaes e paisanos, seguindo no dia sexta-feira, 18 do supracitado mez, do seu sitio Belem, distante do dito lugar da desordem 8 leguas (**), e já perto encontrando a Pedro Antonio, assassino do barbaro João Ferreira, coroado com uma corôa de cipó, tomada ao seu antecessor, e accompanhado de um grupo de homens e mulheres, que gritavam em altas vozes: « cheguem, que os não tememos, e acudam-nos as tropas do nosso reino ; » e com taes alaridos principiaram a brigar de forma que poderam logo (a cacete, espada com que brigavam) matar cinco homens de tropa, e ferirem a quatro, entre os quaes mortos foram os cidadãos Alexandre Pereira da Silva e Cypriano Pereira, irmãos do commissario (perda esta sensivel) ; mas, Exm. Sr., debalde foi o plano dos desordeiros, que, sendo fortemente atacados, perderam em um instante 29 pessoas, incluzive tres mulheres, alem de feridos, que pelos matos correram, sendo prisioneiros tres homens, nove mulheres, e doze meninos.

« Note V. Exc., que naquelle dia 18, ás 4 horas da tarde, foi, que me chegou a noticia das primeiras desordens, não por parte official do commissario, mas sim por uma carta particular de pessoa de credito, á vista da qual, a toda pressa, reuni quarenta homens, e logo marchei á frente delles para prender os desordeirrs, mas foram mallogrados os meus passos; porque chegando perto da Pedra Bonita já tudo estava destruido, como acima levo dito.

« Exm. Sr., esta minha asserção não foi só bazeada na parte do commissario, mas sim na confissão conteste, que fazem todas as pessoas, e mesmo as crianças de cinco a doze annos, de maneira que, parecendo o caso um sonho, todavia é real pelas razões, que pondero a V. Exc.

Os presos, de que faço menção, foram pela minha tropa

(*) Vide no final do capitulo 7, como teve lugar a morte de João Ferreira.

(**) De Belem a Pedra Bonita são 6 leguas, quando muito.

conduzidos para a cadeia desta villa, e delles fiz entrega ao juiz commissario, com parte, para conhecer summariamente, e doze meninos entreguei ao juiz do civel para os mandar distribuir por pessoas, que os possam educar, até que V. Exc. providencie a respeito.

Deus guarde a V. Exc.

Prefeitura da comarca de Flores 25 de Maio de 1838.

Illm. e Exm. Sr. Francisco do Rego Barros, Presidente da Provincia de Pernambuco.

Francisco Barbosa Nogueira Paes.

CAPITULO XII

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA OU SYNTHESE DA HISTORIA DA PEDRA BONITA, OU REINO ENCANTADO, NA COMARCA DE VILLA BELLA, PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

1 — Estas duas bellissimas pyramides de granito deram denominação ao reino, e têm 148 a 150 palmos de altura cada uma.

2 — Estado em que foram encontrados 28 creanças immoladas pelo fanatismo da seita, afim de apressar a restauração do reino de Dom Sebastião.

3 — Grupo de 11 mulheres igualmente sacrificadas para o mesmo fim.

4 — Grupo de 12 homens igualmente sacrificados para o mesmo fim.

5 — Grupo de 14 cães igualmente sacrificados para o mesmo fim.

6 — Izabel, levada forçosamente ao sacrificio em estado de gravidez para (no dizer do rei) não soffrer duas dôres, dá á luz no acto de receber o golpe.

7 — José Vieira, descarregando um golpe sobre seu filho faz voar o braço deste, que de mãos postas bradava-lhe: « Meu pai, você não dizia, que me queria tanto bem ? ! »

8 — Carlos Vieira e José Vieira perseguindo e trazendo de novo ao sacrificio uma donzella, que delles escapara depois de ferida.

9 — João Pilé, para ter melhor quinhão no reino, precipita-se, com dous netos nos braços, de uma altura maior de 50 palmos.

10 — Especie de bacia ou terraço pensil, onde o rei João Ferreira quotidianamente pregava aos seus sectarios.

11 — Pequena casa de pedra, de que se serviam como de uma especie de cenaculo, onde se banqueteavam nos dias festivos.

12 — Grande subterraneo formado por baixo de uma só pedra, que a seita denominava Casa Santa, por ser o lugar em que bebiam jurema, e effectuavam os casamentos do reino.

13 — Pequena rampa de pedra denominada dos sacrificios ou da matança.

14 — Estado em que foi encontrado o cadaver do rei João Ferreira, victima da sua propria doutrina e da argucia de Pedro Antonio, terceiro e ultimo rei.

15 — Lugar em que travou-se o combate entre as forças legaes commandadas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, e os sebastianistas, commandados por Pedro Antonio, ultimo rei.

16 — Grupo dos sectarios do rei, fallecidos no combate, que tiveram com a força publica, em 18 de Maio de 1838.

17 — Sepultura onde dous mezes depois, em acto de missão, o padre Francisco Correia e o povo recolheram a ossada, que jazia no campo, excepto a do rei João Ferreira.



INSCRIPÇÕES EM ROCHEDOS DO BRASIL

POR

John C. Branner (*)

Traducção de **JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA**

Em 1876 visitei Aguas Bellas, villa no interior da Provincia de Pernambuco e cerca de cem milhas do littoral. (1)

O meu fim era examinar algumas localidades, em que se suppunha existirem restos de extinctos mammiferos.

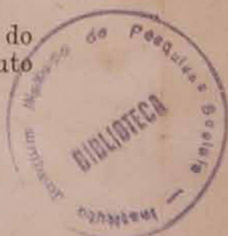
Afinal achei os fosseis nas proximidades de uma fazenda de gado que chamam *Lagoa da Lagea*, a oito leguas a leste de Aguas Bellas.

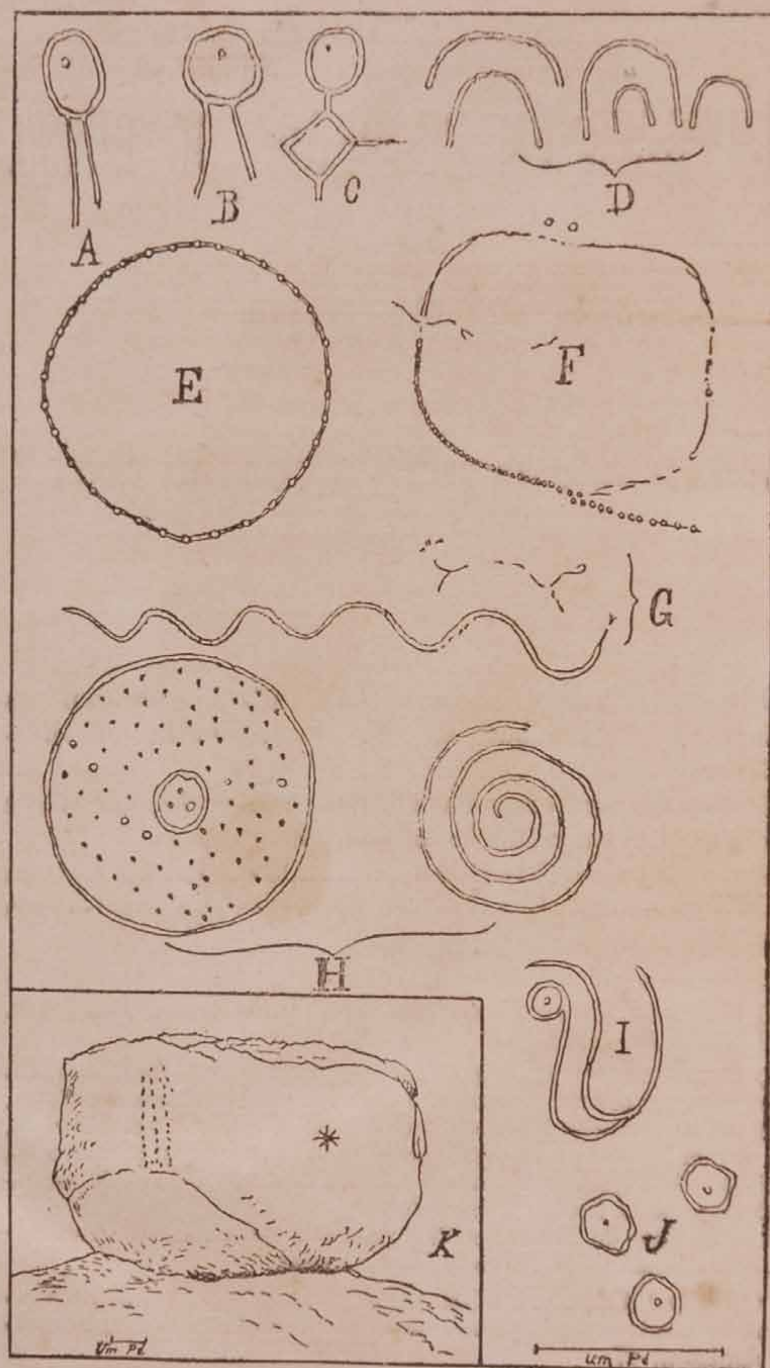
(*) Extrahido do *American Naturalist* (Philadelphia, 1884), Vol. XVIII, pp. 1189—1192.

(1) O presente trabalho tem por fim continuar a obra começada por meu amigo e mestre, o saudoso Professor Carlos Frederico Hartt, sempre muito interessado pelos estudos archeologicos e ethnologicos, que se devem levar a effeito no Brasil. Foi trabalhando na Imperial Commissão Geologica Brasileira e sob a sua direcção que fiz as observações que aqui ficam consignadas.

O Naturalist de Maio, de 1871, publicou um artigo do Professor Hartt sobre inscripções em rochedos do Brasil.

NOTA DO TRADUCTOR. — A traducção por mim feita do trabalho de Hartt corre impressa em avulso e na Revista do Instituto Archeologico n. 47.




A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
Um Pé
um Pé

Durante a minha estada ahi, soube que diversos rochedos visinhos continham inscripções que ninguem podia decifrar.

Aproveitei o tempo para visitar os sitios mais convenientes e reproduzir, com todo o cuidado, os desenhos necessarios, cujos signaes caracteristicos são os representados nas estampas A—V.

O primeiro lugar a que, para isso, me dirigi foi uma pequena fazenda, que fica a quasi uma legua de Lagoa da Lagea e é conhecida pelo nome de *Cacimba Cercada*.

O rochedo, com a inscripção que nelle encontrei, é o que mostra a estampa sob a lettra K.

E' elle um massiço de gneiss de decomposição, cerca de 10'×6'×6', assente sobre a rocha proxima ao rio Garanhunsinho. A' direita de quem olha para a inscripção vê-se um asterisco de um pé de diametro, feito por quatro linhas, que se cruzam em angulos iguaes, e á esquerda descobrem-se tres fileiras de pontos ou endentações de dous pés e meio, que começam pouco abaixo do cume do rochedo, cuja parte inferior se desmoronou, levando provavelmente comsigo o resto da inscripção.

E' impossivel determinar o numero exacto desses pontos, porque alguns, sobretudo os superiores, se tem tornado pouco distinctos, por estar a face do rochedo exposta ás intemperies.

As inscripções parece terem sido feitas com instrumentos de pedra, sendo os traços do asterisco cavados até ficarem os sulcos bem polidos. Após essa operação esses pontos e linhas foram pintados, com tinta que é hoje de uma côr vermelha escura ou antes parda.

O outro lugar que visitei foi *Pedra Pintada*, cuja situação é sobre uma corrente d'agua (durante a estação invernosa) a qual se chama —*Rio da Pedra Pintada* (2) pelas que ahi existem, contendo pinturas. Dizem ficar a dez leguas de Aguas Bellas, a doze de Garanhuns e a nove de Papacaça.

---

(2) Mais abaixo esta corrente chama-se Riacho dos dous Riachos e corre para o Ipanema em Sant'Anna que entra no S. Francisco, quasi no meio do caminho entre Traipú e Pão de Assucar.

Ha aqui perto de quarenta desenhos e parte delles ou gravados ou pintados sobre os grandes blocos de gneiss, que existem nas suas margens e sobre o leito de pedra da corrente. Uma cascata de cerca de vinte e cinco pés de altura despenha-se d'ahi numa especie de caldeirão, que agora está cheio, e que tem perto de quinze pés de largura e de profundidade; sendo que á sua presença se devem naturalmente essas inscripções, como terei occasião de mostrar.

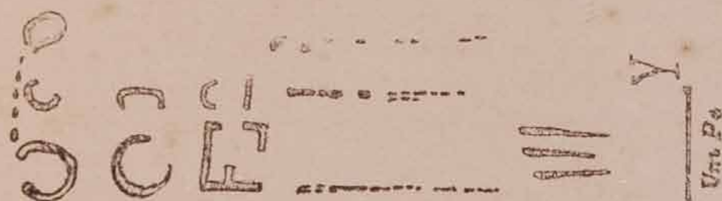
A forma dellas é a que se vê nas figuras que vão traçadas segundo a escala, pelo que não é preciso descrevel-as minuciosamente. As figuras A, B, C, D, E, F, R e S estão gravadas sobre o leito da corrente, acima da cascata. Estas não são pintadas e, si o foram, já a agua, carregada de areia e cascalho apagou-lhes as tintas. Muitas estão se tornando pouco distinctas, algumas vão quasi desapparecendo e outras, sem duvida, tem se desvanecido inteiramente. A excavação concentrica do rochedo, tão commum nos tropicos, ha concorrido tambem para fazer desapparecerem as inscripções, quér no leito da corrente, quér nas suas margens.

A gravura parece ter sido feita como as de *Cacimba Cercada*, abrindo-se e cavando o rochedo com instrumentos de pedra, de gumes suavemente arredondados. Depois de assim polidos, esses desenhos foram pintados, mostrando agora uma côr vermelha escura ou parda. Em alguns casos os pontos e linhas estão combinados, como se vê sob as lettras E e F. A disposição dos pontos em linhas verticaes parallelas é mais frequente nesse lugar e se observa muitas vezes (fig. V) como em *Cacimba Cercada* (fig. K) e em *Sant'Anna* (fig. X). Vêem-se tambem differentes argolas, semelhantes ás que vão marcadas com a lettra E; tendo uma dellas trinta e quatro pontos, em vez de trinta e seis; ao passo que outras estão quebradas, ou os pontos tão pouco distinctos que não podem ser determinados.

Descobrem-se igualmente dous asteriscos de oito raios, uns reunidos aos outros (fig. V) outro independente e mais um de vinte raios (fig. P). A unica figura que parece destinada a exprimir alguma cousa é a assignalada com a lettra R e dir-se-hia a representação grosseira de um ferro de lança. Parte da fig. O poder-se-hia suppor um peixe, porém creio

que qualquer analogia que se observe é puramente accidental. A semelhança entre alguns desses desenhos e outros apresentados pelo Professor Hartt (3) e descobertos na região Amazonica é digna de nota, especialmente a espiral que está sob a lettra H e o circulo, com um ponto no centro, marcado com a lettra J.

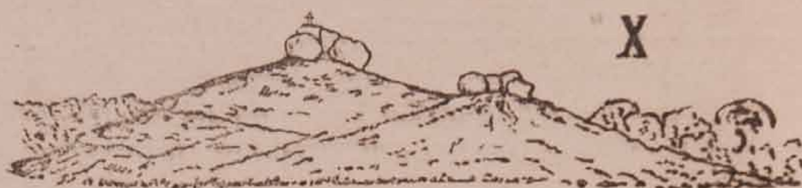
Voltando de Aguas Bellas para o Rio de S. Francisco pelo caminho de *Sant'Anna*, na Provincia das Alagôas, a meia legua deste ultimo lugar, achei as figuras que se vêem sob a lettra Y inscriptas sobre o lado de um grande gneiss de decomposição.



Essas são lavradas e pintadas e têm a mesma côr vermelha escura das de *Pedra Pintada*. Ha outros traços sobre as faces verticaes desta e das demais pedras do grupo, evidentemente feitos pelas mesmas mãos, mas são simplesmente polidos e variam no tamanho de um a dous pés de diametro. Na sua maior parte têm aquellas figuras a fórma quasi redonda; algumas são oblongas, nenhuma tem mais de um quarto de pollegada de profundidade, muitas não são tão profundas e todas estão pintadas. As pedras, nas quaes se acham essas inscripções, são, como já disse, massiços de gneiss de decomposição, em numero de doze, pouco mais ou menos, de seis a doze pés de altura e estão agrupadas no cimo de um outeiro de solido gneiss, como se vê do desenho que a esta acompanha (estampa X).

---

(3) *Naturalista Americano*, Maio de 1871.



PEDRAS DE SANT'ANNA

A inscripção sob a lettra Y está na maior e na mais proeminente das pedras; muitas, posto que não todas, têm nos seus lados lugares verdadeiramente polidos, como já descrevi. Durante a secca, não ha agua na visinhança, ainda que o Ipanema (4) fique quasi a uma milha de distancia.

Convem notar que essas inscripções, bem como muitas outras, de que aqui tenho ouvido fallar, estão em grandes pedras e n'algum ponto elevado (5). Uma, especialmente, me foi indicada por diversas pessoas, que me deram as mesmas informações a respeito.

A pedra em que ella existe é perto de Agua Branca, doze leguas acima de Piranhas e dez da Cachoeira de Paulo Affonso, na *Fazenda de Caisára* e é conhecida pela denominação de *Pedra navio*.

Dizem ser um massiço quasi redondo, pousado sobre a base por demais estreita de um solido rochedo e ter todos os seus lados cobertos de inscripções indianas (6).

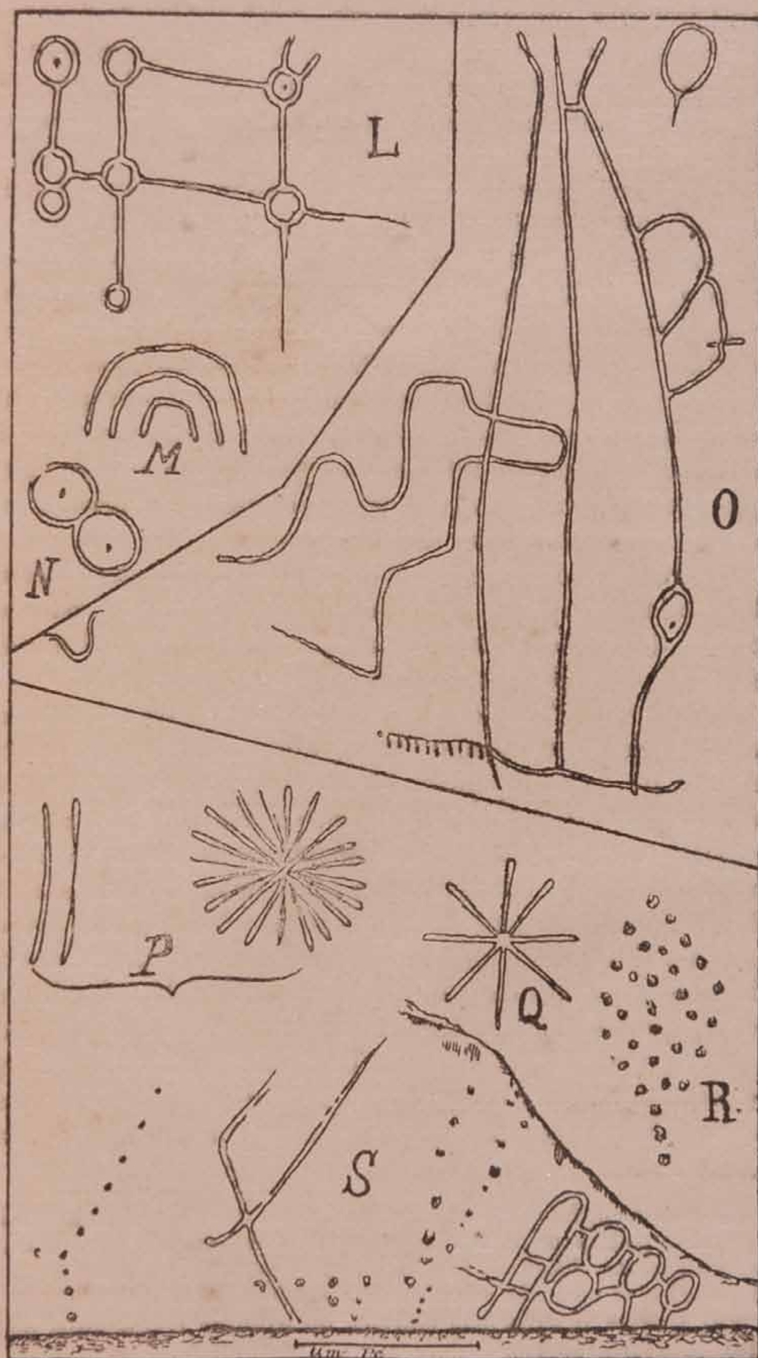
Nessas paragens, onde os rochedos primitivos formam um vasto leito entre os planaltos do interior e os leitos Creta-

---

(4) Não — «Panema», como se lê nas geographias.

(5) Os rochedos que contêm inscripções, no Ereré, descriptos pelo Professor Hartt, são tambem proeminentes.

(6) Fui informado de que ha extensas inscripções em rochedos mais alem do S. Francisco em Salgueiro sobre o Rio Quixaba e em Ouricury, ambos na parte occidental da Provincia de Pernambuco.— No caminho entre Diamantina e Beribery, na Provincia de Minas Geraes, existem algumas pinturas grosseiras de animaes, feitas por Indios n'uma reborda de rochedo. Estas ultimas foram vistas por mim, porem não tive occasião de desenhal-as.


L
M
N
O
P
Q
R
S
Um Pe

ceos e Terciarios, proximos da costa, essas pedras de decomposição não são raras e quasi todas, que eu vi, tiveram desenhos artificiaes, em geral tão mal cavados, que não podem ser definidos, porém sufficientemente distinctos para não deixarem a menor duvida sobre a sua origem.

Quanto ás figuras encontradas, não me é possivel achar uma explicação definitiva. A que lhe é dada pelo povo da visinhança nenhuma luz accrescenta a esse respeito. Alguns pensam que foram feitas pelos Hollandezes, quando occuparam Pernambuco, no principio do seculo 17, porem a versão geral é que ellas se referem a algum thesouro occulto nas proximidades do lugar. Essa idéa aconselhou a um antigo proprietario, residente perto de *Pedra Pintada*, a fazer diligentes pesquizas para descobrir o pretendido thesouro, chegando até a mandar limpar o caldeirão, sobre o qual se despenha a cascata, mas sem obter resultado algum satisfactorio.

Entretanto, cumpre notar que, tanto quanto tenho observado, essas inscripções se acham quasi sempre em paragens proximas d'agua, ou de algum lugar, onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão (7).

Em *Pedra Pintada*, o caldeirão abaixo da cascata conserva-se cheio muito tempo depois que secca a corrente; não ha noticia de que o Ipanema tenha inteiramente seccado em *Sant' Anna*, e *Cacimba Cercada* deve o seu nome a uma fonte que existe neste lugar. A circumstancia de se encontrarem inscripções em taes sitios poderia admittir mais de uma explicação. Si ellas não têm qualquer outra relação com a propria agua, é possivel que estejam nessas localidades por ser ahi que viviam naturalmente os primitivos habitantes do paiz, durante o verão, que reina quasi metade do anno; e na verdade parte das inscripções, de que me tenho occupado, pelo menos as que se observam no leito da corrente, devem ter sido feitas nessa estação. Estou, porem, inclinado a suppor que alguns senão

---

(7) Não se podem confundir esses desenhos com os buracos feitos em grandes pedras pelos Indios, para moerem o milho, e que tambem apparecem perto d'agua. Muitos dessa especie de pilões foram por mim achados ao pé do Pão de Assucar, sobre o Rio S. Francisco.

São abertos na superficie elevada de grandes fragmentos de rochedos, proximos do rio.

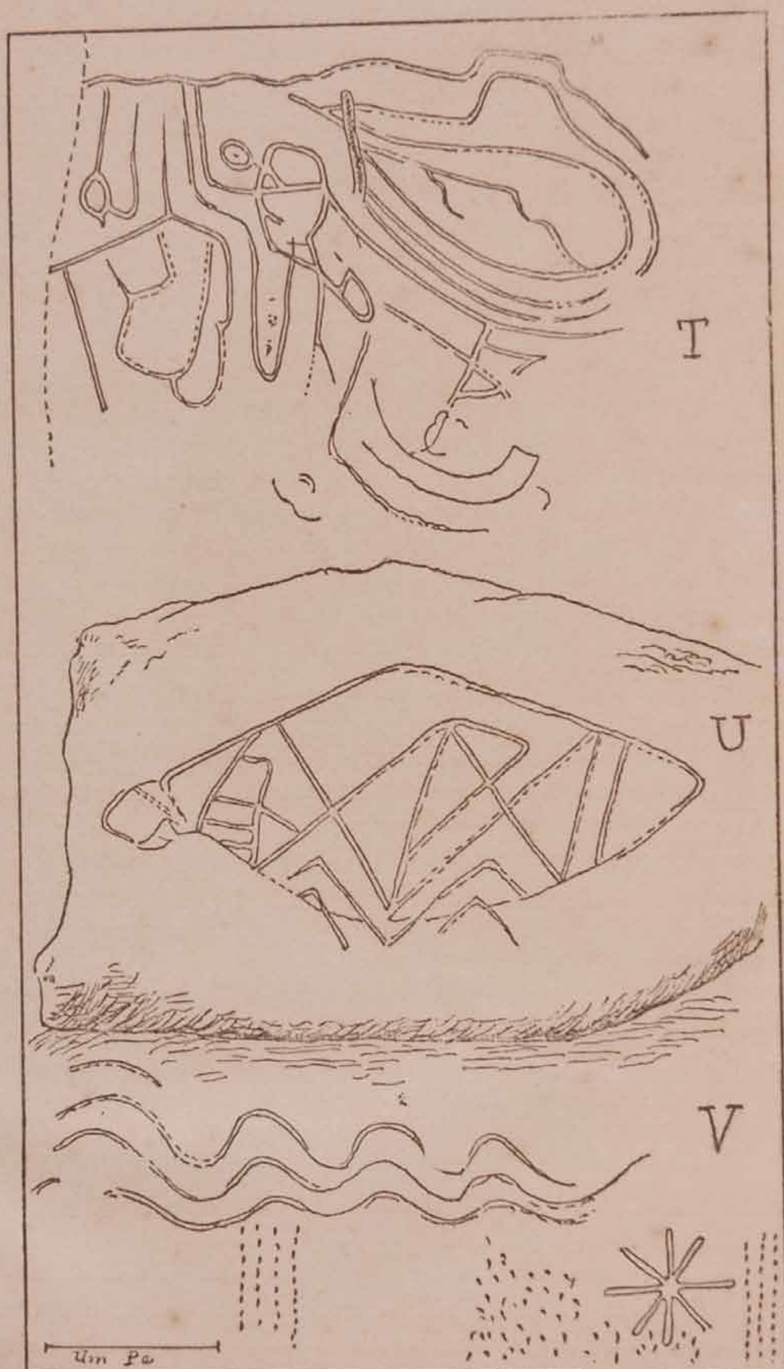
todos esses desenhos se referem ao supprimento d'agua, que é tão incerto nessa região de grandes seccas, sendo inutil agora indagar para que servem, si para registro das estações si para dirigirem um voto ou supplica aospoderes distribuidores da chuva.

Para aquelle que visita essas paragens na estação do calor, que dura de Agosto a Janeiro, não ha explicação mais natural. Tudo fica crestado, excepto os cactos e uma facha muito estreita de terra que borda os leitos, ora seccos, das correntes. Alem dessas linhas de verdura, que gradualmente vai desapparecendo, viaja-se leguas e leguas sem que se veja vestigio algum d'agua; e quando, como não raro acontece, o verão continúa, torna-se extremo o soffrimento dos homens e animaes. O gado sustenta-se da polpa dos cactos, que crescem aqui em abundancia e aquelles que o apascentam dão-lhe de beber d'agua, tirada das cacimbas que cavam no leito arenoso dos rios, onde por essa forma pode ser ella encontrada. Si a secca se prolonga alem desse termo, o gado é conduzido para o littoral, onde se póde prover d'agua ou então deixam-no morrer de sêde. (8)

Sem passar por taes circumstancias é difficil verificar a prova do que digo; porem, depois de ter andado a cavallo dias e dias por essa região, com um sol tropical a arder-lhe na cabeça, a athmosphera tão quente que parece querer queimar até os seres vivos, o calor da luzente e branca areia subindo a um firmamento sem nuvens, as catingas resequidas e silenciosas, sem nenhum signal de vida animal a não ser o metallico som de um ou outro grilo; em summa, depois de levar o dia inteiro sem beber uma gotta d'agua siquer, qualquer comprehenderá a importancia que as raças selvagens, habitando semelhante paiz, deveriam ligar a uma corrente ou lagoa, onde podessem ter agoa durante os rigores da estação.

---

(8) As circumstancias, em que achei os restos de extinctos mamiferos nesta região, levaram-me a crer que a sua exterminação foi devida a longas seccas, que se estenderam por grandes areas de terreno.


T
U
V
Um Pa

Post scriptum.

Seria muito para desejar que as inscripções e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possivel; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas e, si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desapparecerá a ultima esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.

O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes glyphos deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. E nem a presença occasional de figuras entre elles, as quaes foram evidentemente feitas desde o apparecimento dos missionarios Jesuitas, no sul da America, deve ser considerada uma prova infallivel de que todos são de data, comparativamente recente.

Na verdade ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os anneis dessa cadeia que prende a civilisação de hoje á dos seculos sepultados agora nas trevas.

Devemos, porem, observar nessa mesma connexão dos tempos actuaes com os tempos idos, que a figura de uma cruz não quer dizer sempre e necessariamente que sua presença entre essas inscripções seja devida á influencia do Christianismo, porque sobre os vasos, descobertos em Marajó, e que incontestavelmente são prehistoricos, encontraram-se figuras de cruzes, mesmo de um typo bem trabalhado, aperfeiçoadas pelos antigos habitantes do Amazonas, por um natural processo de evolução, na ornamentação. Sei que S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro 2º, acreditou a principio, que essas inscripções eram obras de quilombolas, porem não duvido affirmar que ha muito tempo abandonou elle essa theoria a respeito de sua origem.

Em todo o caso cumpre que o Instituto Historico do Rio de Janeiro e o Archeologico Alagoano empreguem esforços especiaes para obter e conservar registradas todas as inscripções e pinturas existentes nos rochedos do Imperio e talvez possamos, com razão, esperar que a sua interpretação, na phraze de Burton, « esclareça muitos pontos obscuros dos tempos pre-

historicos do Brasil ». Para esse fim apresentarei aqui, em additamento ás que já mencionei, uma lista dos lugares do Brasil, em que se acham taes inscripções.

Abundam especialmente ao longo do baixo S. Francisco e Burton (9) refere ter ouvido fallar na existencia dellas nas seguintes localidades: Icó da Ypoeira, Sitio da Itacoatiára, Pé da Serra, Salgado, duas leguas de Curral dos Bois, Fazenda do Brejo, sete leguas do Porto das Piranhas, Olho d'Agua do Casado, perto de Piranhas e uma legua do Rio, e ainda no Ipanema, cerca de duas leguas do lugar, onde elle entra no Rio de S. Francisco.

Koster (10) ouviu fallar de um grande numero de inscripções na Provincia da Parahyba e Castelnau achou algumas sobre o Rio Araguaya. No alto Paraguay a Serra do Letreiro, acima da juncção do Rio S. Lourenço, deve seu nome a algumas inscripções que ha sobre rochedos perto de sua base. Essas inscripções são conhecidas pelo *Letreiro da Gahyba* (11). Os glyphos, ou parte delles, pelo menos, foram representados pelo Dr. Severiano da Fonseca (12).

Este escriptor refere tambem inscripções identicas em Curumatá, Provincia do Piauhy e outras no Morro de Cantagallo, sobre o alto Tapajoz.

Na região do Amazonas diz-se existirem inscripções nos rochedos, em Alcobaça e Jequerapuá sobre o baixo Tocantins, na extremidade occidental da Serra do Ereré perto de Monte Alegre, na Serra da Escama perto de Obydos, (13) sobre o

---

(9) Terras altas do Brasil vol. I pag. 423—431.

(10) Viagens ao Brasil, segunda edição, Vol. II pag. 97.

(11) Vide tambem o Boletim da Sociedade de Geographia 4ª Serie, T. I N. 4.

(12) Viagem ao redor do Brasil, Vol. I, pag. 327. E' pena que o desenho da inscripção, como quasi todas as illustrações dessa obra, por outros titulos interessante, se tenha tornado quasi sem importancia pela má gravura.

(13) Professor Carlos Frederico Hartt, no *American Naturalist* Maio de 1871.

Rio Uauapés (14) e na Cachoeira do Ribeirão no Rio Madeira. (15)

Juntamente com estas devem-se igualmente mencionar as inscripções do Rio Oyapok e da Guyana, e as do Orinoco, referidas por Humboldt. (16)

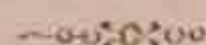
Scranton, P. Nov. 1884.



(14) O Amazonas e o Rio Negro, por Alfredo R. Wallace.
(15) Os rios Amazonas e Madeira, por Franz Keller Leuzinger.
(16) Viagem ás Regiões Equinoxiaes do novo Continente.

DISCURSO

Pronunciado na sessão funebre commemorativa do passamento do socio benemerito major José Domingues Codeceira, pelo orador official Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, em 8 de Março de 1904.



Esta tribuna occupada sempre com inexcedivel brilhantismo e grande triumpho, por vultos della dignos, hoje, por uma inversão completa, tem neste lugar de honra, uma individualidade obscura na arena dos labores oratorios.

E' grande gloria para mim fallar das alturas desta cadeira; mas sinto o embaraço tolher-me ao assomar aqui para fazer minha voz encher o ambito duma salla affeita a outros echos.

Ha provas de confiança que obrigam esforços extremos. Tal foi a que me concedeu o Instituto hoje, na incumbencia de fazer o elogio funebre daquelle que afundou-se, já no fim de sua orbita, no occidente da vida, enchendo de luz e serviços a esphera da historia pernambucana: — o inclito major José Domingues Codeceira.

Neste instante, em nome do Instituto venho espargir sau-



Major José Domingues Codeceira

dades sabre a lousa do que foi destacado pelo anjo da morte para, subindo ao tribunal dos posteros, comparecer á barra da Eternidade.

Honremos com o tributo de nossa recordação nosso digno consocio finado.

Brilha nesse empenho, nobre e generoso dever. Sim, honremos á memoria desse extremoso amigo do Instituto, ao qual prestou muitos e assignalados serviços, dedicando-se perseverante e assiduo ao progresso da associação, que extremosamente idolatrava. Era por isso, sobretudo, que nós nos ufanavamos de contal-o entre os mais preclaros consocios.

Aquelle velho venerando, figura magestatica ; cabeça coroada de neve, como ainda podeis estudal-o no retrato que acolá vêdes, desde sua entrada neste gremio, começou a identificar-se tanto com elle que chegava quasi a ser uma viva encarnação da propria sociedade, porque ninguem jámais se lhe approximou dos extremos de dedicação que votou, da idolatria

que elle tinha guardando o sacrario das reliquias da patria. E todos os seus dias aqui passados foram de estudos continuos, de descobertas archeologicas, de verificações historicas á luz dos documentos. E por isso, com prodigiosa memoria elle era um verdadeiro archivo historico e um thesouro de apreciaveis riquezas, alem de sel-o tambem o registro claro de todos os factos da *rebelião praeira*, da genealogia pernambucana, o livro da chronica local de muito mais de meio seculo.

Razão lucida, espirito feliz, investigador, homem de criterio e bom senso, e coração de patriota, com esses requisitos grandes se entregava afanosamente ao benedictino estudo de historia patria. E elle sentia a alma elevar-se na admiração dos grandes heróes, na recordação de seus memoraveis feitos.

Era um fanatico das glorias de sua terra e não perdia occasião de doutrinar sobre o assumpto a quantos desejavam ouvil-o.

O nobre civismo das eras cavalheirosas em que a fé era grande como a gloria, formava o relevo do reverenciado caracter daquelle octagenario cuja vida se apagou ha 58 dias.

Cahio velha, é certo, aos 84 annos que no dia de hoje completava, aquella arvore preciosa, mas rica de seiva!

E realmente, elle era um velho excepcional, desses que olhamos, que estimamos, que ardentemente desejamos conservar como uma reliquia ou tradição, como legitimo representante de uma geração de que poucos restam, e para a gloriosa phalange das grandes virtudes civicas, em tempo de approvação de rigidez e de grandeza patriotica;—desses velhos que quanto mais antigos e arrastando os passos, e a dobrar-se extenuados ao pezo da existencia, mais monumentaes se ostentam pelas recordações do passado que em si resumem!

E' um desejo sagrado o de inventariar a vida dos finados benemeritos e nesse desejo se expande o zelo e gratidão da patria.

Este instante não é de sombra; por breve tempo penetremos no campo da vida em busca de luz. Os obreiros de hoje que prosigam a jornada de amanhã... Cumpramos,—operarios do presente— para com os companheiros de hontem o que nossos irmãos de amanhã farão por nós.

O major José Domingues Codeceira teve como berço a cidade, então villa, do Recife, nascendo a 8 de Março de 1820, na casa n. 70 da actual rua Francisco Jacintho, mas conhecida por S. Francisco, e naquella epocha chamada —*Mundo Novo.*

Era filho legitimo do negociante portuguez Custodio Domingues Codeceira e de sua esposa D. Francisca Joaquina dos Anjos, pernambucana.

Em 1830, e quando apenas contava dez annos e ainda não havia terminado o estudo das primeiras lettras, deixa a terra de seu nascimento seguindo para o Rio Grande do Norte, em companhia de seu pai, que para alli mudara a residencia, visto que nessa epocha em Pernambuco os animos se achavam muito exaltados contra os portuguezes.

Na cidade do Natal completa o estudo primario e inicia o de latim com um provecto professor, Almeida Castro, irmão do celebre patriota de 1817, o padre Miguelinho. Não foi longe, porém, em seus estudos porque seu pai ao vel-o desenvolver-se resolveu dar-lhe carreira no commercio, ficando unicamente destinado ás lettras seu irmão mais velho, — Manoel Domingues Codeceira— que formou-se depois em direito em 1841.

Até 1845 permaneceu no Rio Grande do Norte voltando para Pernambuco onde ficou, estabelecendo-se á rua do Queimado. Aqui sente irresistivel attracção, pela vida da familia, —já era tempo—, e casando-se prendeu seu destino ao de distincta senhora que lhe enfeitiçara o coração, D. Anna Joaquina Codeceira.

Não permanece entretanto, muito tempo na vida commercial, porque dous roubos que soffrera, em curto intervallo, fizeram-no desgostar e deste modo liquidou o negocio.

Passa então a viver do que liquidou no commercio, e das rendas dos bens trazidos ao casal por sua esposa.

Por esse tempo faz-se politico, é nomeado capitão da Guarda Nacional, e entrelaça amistosas relações com o Desembargador Nunes Machado, Urbano Sabino, Felix Peixoto de Britto e outros vultos, que depois, salientemente figuram na *Rebelião Praeira.*



Quando explodio aquelle movimento não o acompanhou Codeceira, e, antes se pronunciando contra o mesmo, considerava-o erroneo e ambicioso; pois outro objectivo não tinha alem do facto de um partido arreiado do poder não se querer submetter, dando-se assim uma inutil hecatombe.

Lamentou em meio de tudo ser sacrificado Nunes Machado, grande alma e generoso coração.

E cheio de desillusões pelos homens partidarios que em seu entender todos eram iguaes terminou sua carreira politica abandonando-a de vez.

Em 1850 era commandante superior da Guarda Nacional o Barão da Bôa Vista, posteriormente Conde, e porque este com a nomeação de José Ignacio Pereira Rocha, para official da mesma guarda mandasse dar-lhe posse contra disposições expressas do respectivo regimento, o capitão Codeceira resistiu a ordem tendo dahi, por isso, de abrir seria lucta com seu commandante e chegando a escrever nesse sentido uma serie de artigos, em que não se submettia, mas antes demonstrava cabal conhecimento do assumpto e procurava provar estar a razão de seu lado.

Chega 1859, e o Imperador Pedro II, em viagem ás provincias do norte, aporta a Pernambuco. A agradavel impressão que lhe causou a disciplina e bôa ordem da guarda nacional faz com que o monarcha peça ao commandante superior uma lista de todos os officiaes para o fim de condecoral-os; O barão fornece a lista pedida não incluindo nella, porem, os officiaes do 1º batalhão de artilharia, porque delle fazia parte o capitão Codeceira, afim de que não lhe coubesse condecoração alguma. Deste modo quiz o fidalgo punir ao capitão *insolente*, que, se não nos enganamos, voltou á imprensa para lembrar que por sua causa tinham sido prejudicados diversos companheiros do seu batalhão.

Essas ultimas circumstancias estão mencionadas como nol-as contara aquelle de quem nos occupamos aqui.

Durante a guerra com o Paraguay, aquartellando a Guarda Nacional, offereceu todo o soldo a que tinha direito em favor das despezas dessa guerra.

Foi por essa epocha que lhe concederam a patente de major.

Assim como em seu batalhão elle se fizera tão versado em assumptos da Guarda Nacional se tornando por isso um centro consultor, da mesma maneira, sempre em intima convivencia com o illustrado advogado Dr. Antonio Epaminondas de Mello de quem alem de tudo seu irmão Dr. Manoel Codeceira era companheiro de escriptorio, com o Dr. Antonio Joaquim de Moraes e Silva que octagenario tambem lhe sobrevive ainda com o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, e com outros distinctos advogados desse tempo, tornou-se o major Codeceira profundamente conhecedor dos diversos direitos e da materia processual.

Deste modo, com superior vantagem e sob a assignatura de bachareis recem–formados, dedicou-se a advocacia, tomando conta de causas importantes, na provincia e fóra, e alcançando triumpho nas mesmas.

Comtudo isso, até então, de historia patria quasi nada sabia, a não ser ligeiras referencias aos factos mais salientes de nossas glorias. Um dia, porém, no trem da via-ferrea de Caxangá, encontra-se com o legendario monsenhor Francisco Muniz Tavares, primeiro presidente que teve esta Associação, um dos martyres da liberdade, em 1817, deputado da primeira constituinte e autor da excellente obra *Historia da Revolução de 1817*. Conversaram ambos e depressa o objecto da conversa incidiu sobre um facto da historia de Pernambuco.

Tão criteriosas, justas e bem entendidas pareceram ao Monsenhor as apreciações e conceitos externados pelo seu companheiro de prosa, que quando se separaram, entre os dous, as melhores relações estavam firmadas.

Dias depois Muniz Tavares, julgando o major Codeceira digno de pertencer ao Instituto Archeologico conseguia approval-o socio na sessão de 19 de Setembro de 1871.

Fazer parte de uma associação de elevados fins, como o Instituto, sem ter os requisitos necessarios para comprehendel-os, viver em meios de homens de lettras que tenham um alvo certo, sem procurar acompanhal-os ou justificar porque ahi se achava; fazer figura secundaria, nulla e sem importancia... elle em parte alguma faria, porque o estimulo que lhe era natural, seus brios, seu amor proprio, e mesmo suas poderosas faculdades não permittiam.

Decidio-se, pois, estudar, quanto fosse possivel, a historia de sua terra.

Estava então aos 51 annos, numa edade já de grandes embaraços para muitos. Mas elle nem siquer pensou nisso. A vontade potente de seu espirito bradava-lhe: —quero... e nada mais era preciso...— como realmente não foi.

Incompleta e mal dirigida tinha sido sua educação intellectual, mas em seu auxilio vinha uma intelligencia de grandes recursos, de percepções faceis e claras, de juizos seguros, de razão fortemente inductiva e deductiva, e por fim uma memoria extraordinaria, tenaz, prompta e fiel. Assim nenhum embaraço encontrava no objectivo, e pouco era estar a meio seculo de existencia.

E começou. Todos os livros, memorias e documentos que o Instituto tinha, elle viu, estudou, analysou, comparou, verificou...

Por elles outras fontes lhe foram indicadas. Foi em busca das mesmas e avarento ia recolhendo muito..... mas muito.

Com satisfação o Monsenhor via ter sido proveitosa aquella escolha e o nomeia relator da commissão que devia apresentar uma memoria sobre o pharol da barra, trabalho exclusivamente seu e em que os outros dous membros são simples signatarios. Foi esse seu primeiro trabalho escripto, que encontra-se publicado em o n. 29 da *Revista do Instituto.*

Pensa então em estudar toda a historia do periodo hollandez particularisando-a aos sitios e regiões em que cada acontecimento se deu.

Que difficuldade! Como advinhar lugares cujos nomes a tradição não sabe?

Para elle não era caso de esmorecimentos.

Vai aos cartorios e pelos autos mais remotos, seguindo dia a dia todas as transformações, todos os augmentos e desmembramentos de propriedades, chega a evidencia do que precisava saber e fica conhecendo a razão da perda de nomes aqui e alli, e o motivo da substituição por outros. Nos vestigios do sólo, nas posições comparadas dum rio, dum monte, duma ladeira, de uma collina, de um barranco, na deste facto com

aquelle outro, reconstrue, com nitidez admiravel, todo o theatro das luctas hollandezas.

Acerca de taes estudos, em 1874 o engenheiro Emilio Berenger fez do municipio do Recife uma carta em que sobre a contemporanea calcou outra daquellas epochas, declarando ter sido guiado pelas indicações do major Codeceira que elle asseverava verdadeiras porque concordavam com as suas observações.

De facto Fernandes Gama em suas *Memorias Historicas* indicou errado o engenho de Ambrosio Machado, o Arrayal Velho e o Arrayal Novo do Bom Jesus e outros muitos pontos historicos, e o major Codeceira, com seus estudos vem corrigir muitos desses enganos, vem nos dizer com clareza tal facto deu-se aqui, qual deu-se acolá.

Para melhor affirmar vos que o major José Domingues Codeceira era o mais provecto de todos que estudaram o periodo hollandez, basta um facto.

Ao notavel professor de historia do Instituto Nacional (outr'ora Collegio Pedro II) João Capistrano de Abreu, alguem perguntando quando se preparava para concurso de sua cadeira, por onde estudava a historia da guerra hollandeza, elle respondeu :

Meu livro é o Codeceira, que é o compendio mais completo dessa historia.

Aquelle major achava-se então no Rio de Janeiro.

Foi elle quem com precisão incontestavel assignalou que o *forte real do Bom Jesus* era situado onde presentemente se vê hoje a estação de Mangabeira de Cima ; que o morro *Bagnuolo* é o mesmo que fica junto as officinas da Estrada de Ferro do Limoeiro ; que o lugar *Cordeiro* foi o engenho de *Ambrosio Machado* e que a *Torre* foi o de *Marcos André*.

Pouco tempo antes de morrer escreveu tambem ligeiro trabalho sobre Antonio Felippe Camarão, publicado no *Correio do Recife*.

E agora, Senhores, que estou prestes a terminar minha dolorosa tarefa, vou dar-vos a ultima phase da vida do venerando major José Domingues Codeceira : quero referir-me a sua retirada do Instituto, em 1900.

Em uma das sessões daquelle anno um socio do Instituto levantou a idéa de ser erigida uma estatua ao Conde da Bôa Vista.

Presente o major Codeceira disse se manifestava contra a lembrança por dous motivos, para elle capitaes:

1°. o Instituto, desde muito tempo, se comprometera erguer um monumento commemorativo dos feitos dos heróes da liberdade, nas diversas revoluções pernambucanas, não o tendo realisado ainda por falta de meios;

2°. tinha sido o Conde um quasi contemporaneo, e chefe politico de uma épocha em que os partidos foram muito calorosos e exaltados, e embora tivesse reaes merecimentos pelos serviços materiaes que prestara a Pernambuco, pensava comtudo que era cêdo para o julgamento imparcial, porque na actual geração ainda restavam-lhe amigos e havia outros que não o foram. Deste modo os amigos seriam benevolos e não lhe achariam defeitos, e os inimigos seriam injustos achando-lhe falhas, porque tudo isso era uma resultante da paixão humana. Com elle, por exemplo, se daria uma das hypotheses visto que contra o Conde escrevera bastante na imprensa.

O Instituto nada resolvendo pela opinião do illustre consocio, elle declarou não mais voltar ao seu gremio, mandando-lhe um manifesto que foi publicado, e agora se encontra na *Revista* n. 59, do corrente anno.

Era socio benemerito deste Instituto, desde 8 de Março de 1894, em virtude de seus relevantes serviços prestados; e na sessão de 27 de Janeiro de 1900 foi seu retrato aqui collocado na galeria dos socios distinctos.

Alem de socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro tinha igual consideração dos institutos do Ceará, de Alagôas e Rio Grande do Norte.

Senhores, eu não terminarei sem dizer-vos que na existencia daquelle luctador que dorme, formavam admiravel e sublime trilogia essas tres palavras:

Honra, Patria e Deus!

A honra é tão pesada que ha muitos hombros que não a supportam, mas ninguem confessou jámais de ter sido derribado pelo seu peso.

Em uma existencia tão longa e cheia de multiplas transições, todas as folhas do livro de sua vida eram alvas: — pois, fôra sempre elle um homem de bem.

Patria! Essa palavra magica é o enlevo contemplativo das glorias historicas do passado, e a concentração intima dos esforços da intelligencia e do trabalho nas lides porfiosas do presente; é o compromisso eterno que enlaça as gerações, empenhando-nos a deixar mais glorioso o cofre das riquezas dos vindouros.

Nas tristezas do destino só campêa, como rainha, a saudade pungente da patria.

As gloriosas tradições dos nossos avós são livros trincados nas mãos do povo, porque todos nos fallam do santo amor da patria.

E porventura é possivel negar que ninguem o excedeu no amor illimitado, cheio de acrisolamento, que devotava á terra de seu berço?!...

Deus! Essa idéa sublime é a poderosa alavanca da sociedade e do mundo.

Quando a miseria gera a dor e a dor o desconforto, é Deus que vem fallar-nos de resignação.

Deus é mais que a esperança; a esperança alenta na duvida, Deus fortifica com a realidade.

O major José Domingues Codeceira era tambem um espirito grandemente religioso, cheio de muita crença em Deus.

Quando o mal de que succumbio, em Dezembro preterito o lançou no leito donde não mais se ergueu, elle sciente de seu proximo fim, não temia a morte, mas antes a esperava com a serenidade das almas christãs!...

Chega finalmente o torvo dia 10 de Janeiro do corrente anno, e pelas 2 horas da madrugada, cercado de toda a sua familia entregou o espirito ao Creador.

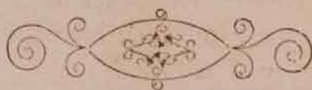
Perante crescido numero de admiradores, ás 5 horas da tarde daquelle dia, foi dado o seu cadaver á sepultura no cemiterio publico, fallando-lhe á eterna despedida, em sentido dis-

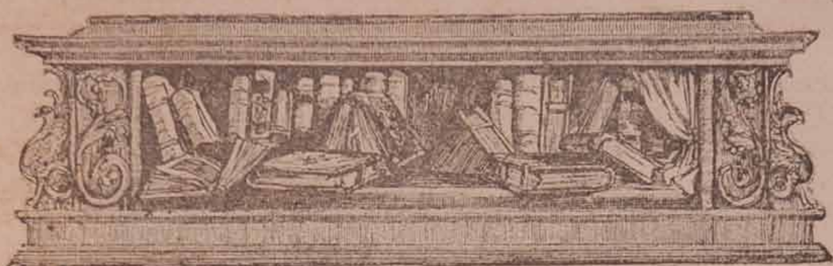
curso, onde lhe enaltecia os meritos, o Dr. Antonio Gomes Pereira Junior, lente cathedratico da Faculdade de Direito.

O Instituto, em signal de pezar, durante 8 dias seguidos, no edificio de sua séde, conservou hasteada a meio páo, a bandeira nacional.

Perdeu Pernambuco no major Codeceira um denodado campeão, um de seus estremos patriotas.

Descança ! Dorme, alma corajosa e intemerata á sombra de teus louros !





BIBLIOGRAPHIA



1 — **P. Lee Phillips.** — BRAZILIAN BIBLIOGRAPHY. — A list of bocks, magazine articles, and maps relating to Brazil. 1800-1900. — *Washington, Government Printing Office, 1901,* in-8·, 145 pp.

Um dos livros cuja falta mais lamentam entre nós os estudiosos é de certo uma bôa bibliographia systematica, onde se encontrassem inventariadas todas as publicações de que, nos varios ramos dos conhecimentos humanos, tem sido objecto o Brasil.

Do prestimo de semelhante resenha, feita com erudição e methodo, sabem aquilatar quantos, a braços com a investigação dum assumpto especial, são compellidos ao fatigante e sempre incondito labor de respigar indicações de materiaes num sem numero de catalogos e obras diversas.

Possuimos é certo, alguns trabalhos parciaes, qual a — mais afamada do que util — *Bibliographie Brésilienne* — de A. L. GARRAUX (1898); mas, são livros cuja consulta, devido á estreiteza dos moldes a que obedecem, é em geral de proveito mediocre.

Quando muito attenuam em parte, porém jámais supprem a ausencia duma bibliographia geral; e são dignas de estima as que para tanto servem.

Que muitas vezes mesmo esta utilidade secundaria lhes pode fallecer, nos demonstra a compilação recentemente dada á luz pelo Sr. P. LEE PHILLIPS, chefe da secção cartographica da Bibliotheca do Congresso em Washington.

Enganado pelas indicações do titulo, o leitor presume ter entre mãos uma lista copiosa de livros, artigos de revistas e mappas relativos ao Brasil e publicados de 1800—1900; um ligeiro exame não tarda em convencel-o do contrario.

A minguarem-lhe extraordinariamente o possivel prestimo pullulam erros e defeitos imperdoaveis.

Não só é deficientissima — pois abrange no maximo um decimo da litteratura geral sobre o Brasil apparecida no seculo XIX (quanto ás publicações em lingua portugueza surgidas no mesmo periodo, nem a centessima parte foi contemplada) — como está inçada de incorrecções de toda a ordem e revela inteira falta de methodo na sua organisação.

Assim não ha coherencia alguma na indicação dos formatos; são frequentes as repetições das mesmas obras; não rara é a inclusão de livros completamente estranhos ás cousas brasileiras — por exemplo: AVECILLA. — *La Conquista del Peru*; *Contestación de los gefes del ejercito unido de los Andes y Chile al manifesto del ex-mayor D. Miguel Brayner*; PALEMON HUERGO. — *Questiónes politicas y económicas*; CHARLES W. GREENE. — *Andes*; S. GOTTFRIED KERST.— *Die Plata—Staaten, etc. etc.*; a miudo se depara com designações erradas de nomes de autores — *Le Climat du Brésil*, de MORISE, é attribuido a L. CRULS; e com a confusão de homonymos — *Voyage up the river Amazon* (1847) e o relatorio consular *Germany's trade with Brazil* (1893) são dados como da lavra dum mesmo WILLIAM H. EDWARDS; outrosim os titulos de todas as obras allemães se acham erroneamente graphadas, com flagrante menospreso do comesinho preceito grammatical que ensina a escrever, naquelle idioma, os substantivos com inicial maiuscula.

E' igualmente muito para notar que, se dividindo a lista em tres secções especiaes — I *Livros*, II *Artigos*, e III *Mappas* — na primeira occorra grande copia de especies cujo lugar era na segunda, aliás a mais completa de todas no que diz respeito a revistas e periodicos norte-americanos e inglezes, apezar de bastante ommissa quanto aos de outras linguas.

O mesmo succede com a parte cartographica, em que foi observada a ordem chronologica, em vez da onomastica dos autores seguida nas anteriores.

Certo, a propria natureza de semelhantes trabalhos exclue *a priori* a possibilidade de fazel-os completos e exhaustivos; mas, indepen-

dentemente deste « vicio de origem » si lhes fallecem as qualidades indispensaveis de methodo, precisão e esmero, pouco se avantajam aos catalogos de livreiros elaborados com intuitos puramente mercantis. Infelizmente — sentimos ter aqui ensejo e dever de dizel-o — a lista do Sr. P. LEE PHILLIPS está nestas condições.

2 — **Oscar Canstatt.** — KRITISCHES REPERTORIUM DER DEUTSCH-BRASILIANISCHEN LITTERATUR. — *Berlin, Dietrich Reimer (Ernest Vohsen), 1902*, 8ᵉ, 124 pp.

Caracter muito diverso do catalogo que vimos de apreciar, e merito e importancia incomparavslmente superiores sob qualquer aspecto tem o *Repertorio Critico da Litteratura Teuto-Brasileira* organisado, com invejavel erudição e methodo, pelo Sr. OSCAR CANSTATT, um estrangeiro credor da nossa maxima gratidão pelos relevantissimos serviços que em prol duma noção verdadeira do nosso paiz e das nossas cousas tem prestado, numa propaganda intelligente e efficaz, por mais de quarenta annos.

Um dos seus primeiros livros — *Brasilien Land und Leute* — (Berlin, 1877), vulgarisou na Allemanha, como nenhuma publicação anterior, as condições reaes do nosso desenvolvimento cultural e contribuio poderosamente para desfazer a acreditada legenda, que o poeta EICHRODT, ainda em 1848, decantava nestes versos duma deliciosa ironia:

Nach Brasilien, nach Brasilien,
Reissen jetzt mich die Gefuehligen,
Wo der Kaefer leuchtend huepft,
Wo sich baeumt der Krokodile,
Wo verwegen der Mandrile
Durch die seltnen Pflanzen schluepft,
Dahin, Alter, lass mich ziehn !

No presente volume o seu proposito —que logrou realisar brilhantemente— foi ministrar ao explorador, ao viajante, ao politico e ao emigrante allemães, interessados em assumptos brasileiros, um epitome substancioso e fidedigno do que de melhor se tem publicado a respeito na lingua de GOETHE e de SCHILLER, e, ao contrario das aridas nomenclaturas que se nos deparam geralmente em obras similares, fez um excellente trabalho analytico, abundantissimo em curiosas informações bio-bibliographicas ineditas, judiciosas apreciações criticas e noticias interessantissimas sobre escriptores e livros.

Attenta a prodigiosa quantidade de especies existentes não deve surprehender tenha por vezes incorrido em ommissões e enganos, que peço venia para ir apontando, mercê dos fartos elementos que tenho colligido para a elaboração de identica publicação.

O capitulo inicial, abrangendo todo o vasto periodo trisecular de 1500 a 1800, é talvez o mais deficiente do livro, sem duvida em consequencia de não ter o Autor consultado principalmente a *Bibliotheca Americana Vetustissima* de HARISSE e a *Bibliothèque Americaine* de TROEMEL, dous monumentos bibliographicos de permanente valia. Naquelle teria verificado que a primeira publicação allemã sobre o Brasil não foi, segundo affirma, a *Copia der Neuwen Zeytung ausz Presillg Landt*, presumivelmente de 1520, existente na Bibliotheca de Dresden e descripta por A. VON HUMBOLDT em 1836; mas, sim a traducção da celebre carta de AMERICO VESPUCIO apparecida, com o titulo de —*Von der new gefunden Region*—, em Nuremberg já em 1505, e da qual no mesmo anno surgiram mais seis edições em differentes cidades da Allemanha; da *Copia* citada ha ainda outra impressão de Augsburg em 1520.

No catalogo de TROEMEL o Sr. Constatt teria encontrado noticia das seguintes obras antigas que deixou de mencionar: a traducção, feita pelo medico JOBST RUCHAMER da curiosa collecção de viagens compilada pelo veneziano ALESSANDRO ZORZI, e editada, em Nuremberg, por Georg Stueck em 1508, com o titulo de —*Newe unbekanthe landt*— na qual vem a narração das viagens de Cabral e Pinzon; a traducção de MICHAEL HARR da collecção de SYMON GRYNÆS, impressa em Strassburgo, por GEORG ULRICH VON ANDLER em 1533; as afamadas collecções de SIGISMOND FEYERABEND, publicadas em Frankfurt sobre o Meno, em 1567; e de CONRAD LOEW, *Getruckt zu Coelln, auff der Burgmauren, Bey Bertram Buchholtz, Im Jahr 1598*; a *Newe Welt Vnd Americanische Historien* de JOHANN LUDWIG GOTTFRIEDT, apparecida, em 1631, em Frankfurt sobre o Meno; a apreciada traducção da obra de ARNOLD MONTANNS, dada á luz por O. DAPPER, em Amsterdam, com o titulo de —*Die Unbekante Neue Welt*—, em 1673, e o desvalioso —*Thesaurus Exoticorum*— de E. G. HAPPEL, impresso em Franckfurt sobre o Meno no anno de 1688.

Occupando-se da —*Brassilianische*— *und West Indianische Reisse Beschreibung*, de AMBROSIUS RICHSHOFFER, o Autor presume seja differente do —*Diario dum soldado da Companhia das Indias Occidentaes*— por mim traduzido para o portuguez, em 1897; agradecendo ao Sr. CANSTATT a honrosa referencia ao meu modesto trabalho devo ponderar que a distincção estabelecida é improcedente, porquanto se trata de um e mesmo livro: na traducção julguei dever alterar o titulo de accordo com a indole do original impresso em Strasburgo, por JOSIAS STAEDELN, em 1677: a indicação do formato —*in-quarto grande*— dada pelo Autor discorda da cuidadosa descripção de TROEMEL (in-8°) que corresponde ao exemplar em meu poder, o qual —um tanto curto de margens— tem apenas 0m,10 × 0m,16 de dimensões.

Esta confusão talvez seja explicavel considerando-se que BERNARDES BRANCO, na estimada bibliographia —*Portugal e os Estrangeiros*— (Vol. II, pag. 428) cita uma outra descripção de viagem muito semelhante a julgar pelo titulo —*Brasilische Reise von einem Teutschem soldaten in America, wie es ihm allda ergangen, auch Leibe und Lebens-Gefahr allda ausstehen muessen. Nahmens Lo-*

rentz Simon aus Sachsen. Ghedruckt im Jahr 1677. (in-4° gr.)— ; a noticia do escriptor portuguez é extrahida dum catalogo do livreiro parisiense CHASSONERY, que considerava a obra rarissima, razão pela qual ainda não me foi possivel averiguar se é realmente um trabalho original ou apenas uma contrafacção do de RICHSHOFFER. (1)

A este genero de narrativas pertence ainda — e não foi mencionada pelo Sr. CANSTATT a — *Guinesische und West-Indianische Reisebeschreibung 1639-45 von Ambsterdam nach St. Joris de Mina und nach Brasilien in Amerika* (Nuernberg, 1663) de MICHAEL HEMMERSAN, reimpressa por CHRISTOPH LUDWIG DIETHER, no *Guineischer und Americanischer Blumen-Pusch* (Nuernberg, 1669) de ERASMUS FRANCISCI, e traduzida para o sueco por JOH. KANKEL (Wysingsborg, 1674); á vista das numerosas edições que teve o curioso livrinho *De kleyne wonderlijcke Werelt* (Amsterdam, 1649) cujo autor, JOS. JOOSTEN TOLCK, residio no Brasil durante os sete annos do governo de Mauricio de Nassau, me parece assaz provavel tambem exista traduzido para o allemão.

Antes de passar adiante devo assignalar que VARNHAGEN assegura existir uma segunda edição, de 1684, da traducção allemã da obra de BARLAEUS impressa primeiramente em Cléve, por TOBIAS SILBERLING, em 1659 (e não 1652), com o titulo de *Brasilianische Geschichte bey Achtjaehriger in selbigen Landen gefuehrter Regierung Seiner Fuersthichen Gnaden Herrn Johann Moritz, Fuerstens zu Nassau,* facto de que se não encontra menção alhures.

Entre os poucos livros allemães relativos ao Brasil e publicados no decurso do seculo XVIII foram esquecidos no *Kritisches Repertorium* as *Reise-Beschreibungen* de STOCLEIN (Augsburg, 1726); *Americus Vespucci... Leben und nachgelassene Briefe*, traduzido do italiano de ANGELUS MARIA BANDINI (Hamburgo, 1748); a *Reise nach der Sued-See, und denen Cuesten von Chili, Peru und Brasilien* de

---

(1) Depois de compostas as linhas acima tive conhecimento dos resultados das pesquizas feitas na Europa, a meu pedido, pelos Srs. Gustav W. Seitz, Nachf., prestimosos livreiros de Hamburgo, sobre a existencia deste livro rarissimo. Parece que o un co exemplar conhecido é o conservado no Museu Britannico e que figura no respectivo *Catalogue of Printed Boocks* (Fasciculo *Sigonius-Singing-Master*, London, 1896, colum. 178) sob o n. 10480 aaa 7; a descripção combina inteiramente com a de CHASSONERY e, segundo teve a gentileza de informar o Sr. G. K. Fortisque, Chefe do Departamento de Impressos daquella Bibliotheca, se trata de obra completamente distincta da de RICHSHOFFER: emquanto este veio ao Brasil já em 1630 regressando pa a a Europa em 1632, LORENTZ SIMON permaneceu aqui durante quasi toda a occupação hollandeza, isto é: de 1633—54. Faço diligencias para obter uma copia manuscripta deste livro, certamente muito curioso e que até hoje passou ignorado de todos os nossos historiadores.

ERN. FREZIER, (Hamburgo, 1749); as *Briefe ueber Portugal nebst einem Anhangueber Brasilien*, do MATTHIAS CHRIST. SPRENGEL (Leipzig, 1782); as *Reisen einiger Missionaren der Gesellschaft Jesu in Amerika*, compiladas por CHRISTOPH GOTTLIEB E VON MURR (Nuremberg, 1785) em que appareceram pela primeira vez os commentarios do Padre ANSELMO ECKART sobre a *Beschreibung des portugiesischen Amerika* de PEDRO CADENA (e não *Cudena*) editada por LESSING em Braunschweig, em 1780, e finalmente *Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien* (Munster, 1794).

No capitulo segundo, consagrado ao periodo decorrido de 1800 á retirada de D. João VI, a mais minuciosa rebusca ou a critica mais exigente não encontram senão motivos para calorosos applausos; ahi o utilissimo trabalho do Sr. CANSTTAT começa a tornar-se verdadeiramente exhaustivo e completo, presidindo aos seus juizos um criterio do melhor quilate.

Foi aquella epoca especialmente assignalada pelas grandes expedições scientificas do Principe de WIED-NEUWIED, de SPIX e MARTIUS, de POHL, LANGSDORFF e outros, cujos resultados litterarios o benemerito Autor do *Kritisches Repertorium* cifra em breves paginas duma leitura sobremaneira captivante; resumindo com clareza e precisão o itinerario das citadas viagens, ministra dados valiosos sobre a vida dos respectivos autores e discute com inteira competencia o merito das suas obras. Na sua opinião —aliás geralmente partilhada por quantos têm cogitado da materia— VON MARTIUS é o scientista estrangeiro a quem o Brasil deve os mais importantes e valiosos serviços; a sua monumental *Flora Brasiliensis* bastaria por si só para impor o seu nome á gratidão nacional.

Folguei muito em encontrar tambem contempladas ali as pittorescas viagens do circumspecto e veridico H. KOSTER a Pernambuco de que o publico allemão teve conhecimento pela elegantissima versão apparecida na *Neuen Bibliothek der wichtigsten Reisebescreibungen* do DR. J. BERTUCH (Weimar, 1817).

A phase immediata —em que reuno os annos decorridos da Independencia á Maioridade (Caps. III e IV)— ao par de publicações de subido valor scientifico, quaes as de ALEXANDRE VON HUMBOLDT e ALCIDE D'ORBIGNY, viu sahir á luz numerosos specimens dum genero litterario muito pouco estimavel e peculiar áquelle tempo.

Ninguem ignora que um dos motivos principaes da impopularidade do primeiro imperador, nasceu da guarda pretoriana de mercenarios estrangeiros com que pretendeu firmar o prestigio do seu throno vascillante; poucos, porém, sabem que varios officiaes daquellas tropas adventicias, de regresso á patria, escreveram e publicaram narrativas das suas tribulações na terra legendaria do ouro e dos diamantes, cujo fulgôr os attrahira com a mesma cupidez febril dos ousados companheiros de Cortez e de Pizarro.

Estes livros, hoje bastante raros e raramente lidos, encerram, entretanto, valiosas contribuições para o estudo do periodo inicial da nossa vida historica como nação independente e autonoma.

São quasi todos libellos virulentos, alicantinas rancorosas, traduzindo, em linguagem assaz grosseira e mal limada, despeitos odientos

e desillusões amargas, descrevendo tragicas experiencias ou resumbrando recriminações sem numero contra a gente as cousas do Brasil. Ha em todos elles a mesma nota falsa de vingança impotente.

Os seus autores, verdadeiros naufragos da existencia nas plagas nataes, viéram quasi todos seduzidos pelas promessas mirificas do recrutador-mór, o major von Schaeffer, e fascinados pela flava miragem de rapida e facil fortuna no imperio do Cruzeiro; eram na maioria aventureiros, trazendo por divisa o velho motto dos flibusteiros do seculo XVII —*ultra æquinocialem non peccari*—, e expandindo após, em vomitos verde-negros de calumnias revoltantes e de falsidades infames, a ira furiosa gerada do desastroso fracasso de mais uma correria no encalço de posições e de riquezas.

O typo deste genero litterario, que floreceu sobretudo na Allemanha nos decenios de 1820 e 1830, se encontra indubitavelmente nas memorias do tenente Carl Seidler, intituladas — *Zehn Jahre in Brasilien waehrend der Regierung Dom Pedros und nach dessen Entthronung* (Quedlinburg, 1835) que lamento o Sr. Canstatt se tenha demorado a elogiar.

Já dantes fertillissima, a litteratura allemã sobre o Brasil avolumou-se consideravelmente com o intenso movimento emigratorio de que foi objecto o nosso paiz nas proximidades de 1850; é incontavel a multidão de brochuras, folhetos, relatorios e livros então apparecidos sobre assumptos connexos aos emprehendimentos colonisadores; foi um verdadeiro diluvio de publicações diz o Sr. Canstatt ao iniciar a sua bem completa enumeração; mas, quasi todas tiveram apenas interesse fortuito e importancia local, e, após o famoso rescripto de v. d. Heydt sobre a emigração para o Brasil, o seu numero cessou de avultar em tamanhas proporções.

Entretanto contemporaneamente tiveram publicidade muitas outras obras de merito duradouro a que o Autor não falta com a devida justiça; taes foram, para só citar algumas das principaes, as narrativas de viagem do Principe Adalberto da Prussia, de Avé-Lallement e de Burmeister, os trabalhos zoologicos deste ultimo e —*last but not least*— a excellente —*Geschichte von Brasilien*— (Berlin, 1860) de Heinrich Handelmann, mau grado os defeitos que possam ser notados no seu plano de composição, no genero a primeira obra dominada de genuino espirito philosophico; ao aprecial-a se deve ter bem presente que, até a Independencia, é impossivel traçar a historia do Brasil num quadro harmonico, sendo forçoso fraccional-a em varios estudos especiaes dedicados á evolução parallela dos differentes nucleos culturaes cuja posterior agregação constituio a actual unidade nacional; por obedecer sensatamente a este methodo —hoje sem reservas reputado o mais logico e scientifico— a magistral historia de Handelmann offerece á primeira vista um aspecto fragmentario, que uma leitura mais attenta e demorada não deixa persistir.

Reparo nesta parte o silencio sobre as obras do Barão Ernst von Bibra, *Reisen in Sued-Amerika* (Mannheim, 1853, 2 Vols.) e *Aus Chili, Peru und Brasilien* (Leipzig 1862, 3 Vols.), e devo advertir que o folheto —*Erinnerungen an Brasilien*— (Luebeck, 1854) não proveio da penna do Dr. Robert Avé-Lallement, e é sim obra

posthuma de F. AVÉ-LALLEMENT, por alguns annos pastor da communidade evangelica allemã do Rio de Janeiro.

Consubstanciando novamente o copioso conteúdo de tres capitulo (VII—IX), notaveis pela exactidão dos informes e o esmero das analyses, só me deterei em registrar brevemente o livro de viagens de MAXIMILIANO DA AUSTRIA, futuro e desventurado imperador do Mexico; as *Reisen in Suedamerika* de VON TSCHUDI; o inapreciavel *Handbuch der Geographie und Statistik Brasiliens* de J. E. WAPPAEUS e os multiplos trabalhos do Sr. CANSTATT referentes ao nosso paiz em numero de cincoenta e tres, entre as quaes avultam, pelas suas dimensões e importancia, —*Brasilien. Land und Leute* (Berlin, 1877) e *Das republikanische Brasilien* (Leipzig, 1899); notando, todavia, o olvido da curiosa monographia de M. TH. ALVES NOGUEIRA, intitulada —*Der Moenchsritter N. Durand von Villegaignon. Ein Beitrag zur Kenntiness franz-brasilianischen Verhaeltnisse im XVI Jahrhundert*, (Leipzig, 1887), e das excellentes publicações philologicas do saudoso Professor JULIUS PLATZMANN.

O capitulo final (X), abrangendo a actividade litteraria manifesta nos impressos apparecidos de 1890 a 1902, escapa inteiramente á minha analyse, devido ás difficuldades em que nos achamos —nós estudiosos brasileiros— de obter conhecimento de trabalhos estrangeiros sobre o nosso paiz; as opportunidades de que dispoz o Sr. CANSTATT, porem nos offerecem segura garantia de que, neste particular o criterioso bibliographo e abalisado critico, não desmentiu as suas anteriores promessas.

Em conjuncto o *Kritisches Repertorium* será sempre um desses livros raros cuja consulta se imporá aos allemães que desejarem bem conhecer o nosso paiz e aos brasileiros que procurarem aprofundar as opiniões emittidas a respeito do seu paiz pelos representantes da raça mais verdadeiramente philosophica do Occidente.

Desvaneçam-se allemães e brasileiros de possuir um tão bem feito *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur.*

3 — **Rodrigues de Carvalho.** — CANCIONEIRO DO NORTE. — *Fortaleza, Militão Bivar & C., Editores, 1903*, in-8· L—207—IV pp.

Numerosas e significativas, perduraveis e louvabillissimas foram as manifestações diversas com que o Ceará commemorou, ha pouco, o tricentenario do primeiro contacto da barbaria das suas populações indigenas com os portadores da civilisação européa.

Esta celebração, cuja patriotica iniciativa emanou do bello coração e da intelligencia previdente do Sr. BARÃO DE STUDART, traduzio-se tambem pelo apparecimento de varias memorias sobre assumptos de historia cearense, e da interessante collectanea intitulada — *Cancioneiro do Norte.*

Poeta estimado, observador curioso, critico penetrante, habituado a lidar com o povo e profundo conhecedor da sua indole, RODRIGUES DE CARVALHO conseguio reunir um material novo e precioso para o estudo da nossa « litteratura oral », infelizmente tão descurada depois de SYLVIO ROMERO e de MELLO MORAES FILHO. Divergio, porém, do laureado respigador e analysta dos *Contos e Cantos Populares do Brasil*, na forma porque encarou o assumpto, e fel-o, talvez, com razão.

Evidentemente o *brasileiro*, como typo anthropologico definido, não existe, conforme notou o preclaro espirito de EUCLYDES DA CUNHA nesta parte da America colonisada pelos portuguezes, as tres raças iniciaes não se resumiram nem se unificaram, antes se desdobraram gerando numero igual de sub-informações, substituindo-se pelos derivados, sem qualquer apuração, em mesclas tão abundantes que ao proprio QUATREFAGES surprehenderam. E si considerarmos, ainda mais, as disparidades telluricas e climatericas, a intensidade dos cruzamentos, as condições historicas, a interferencia — pela invasão outr'ora e hoje pela immigração— de outros povos da Europa, phenomenos estes todos divergentes dum a outro extremo do paiz, comprehenderemos facilmente porque a nossa nacionalidade não possue até hoje unidade ethno-psychologica e se fragmenta, mau grado a communhão politica e religiosa, em grupos assaz distinctos.

Attendendo a que, no actual periodo de formação do typo brasileiro, cuja feição definitiva é um problema não resolvido, o trabalho de selecção ethnica exigido nas investigações do *Folklore*, é de todo negativo, RODRIGUES DE CARVALHO restringio a ambito mais modesto as suas pesquizas.

« Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, escreveu elle todo o explendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as producções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

« Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral ; fallemos tambem das multiplas modalidades porque o espirito do nortista se revela nas suas crendices e folgares ; e depois desse scenario offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa expontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro. »

No substancioso « prefacio », onde folgamos de encontrar mais duma opinião plausivel, descreveu os principaes divertimentos populares do Brasil Oriental, e resenhou boa copia de abusões, crendices, usanças, superstições e ridiculos processos therapeuticos, cada um dos quaes —devidamente investigado e aprofundado— forneceria elemento para curiosa monographia ; é pena que, neste particular, o Autor deixasse de se abeberar nos conscienciosos estudos do pranteado Dr. JOAO ALFREDO DE FREITAS, omittindo assim uma pagina interessantissima sobre o nosso *fetichismo politico*.

Passemos ás composições poeticas que constituem o grosso do volume e podem ser genericamente divididas em duas especies.

A primeira, onde dominam quasi exclusivamente as quadras octosylladas, chamadas alhures de *versos geraes*, comprehende as modinhas e cantigas improvisadas no enthusiasmo dos *des-fios* entre cantadores de profissão; por vezes estas quadras se agrupam em series, com retornellos e caracter narrativo, mas, em geral, chrystallisam apenas uma idea isolada vinculando-se, umas ás outras, tão sómente pela identidade das rimas.

E' esta a forma sob a qual se nos depara mais frequentemente a musa popular, é a mais usada, é a mais facil; os seus cultores raras vezes alcançam vencer a monotonia das consonancias finaes —sempre repetidas na sua penuria de vocabulario— pelo effeito intrinseco das concepções e o vigor das imagens. Mas, têm, um dia surprezas que assombram, comparações de originalidade e subtileza admiraveis. Em Taboleiro de Arêa, no Ceará, um cantador popular, *philosopho* sertanejo de chapeu de couro, analphabeto e rude, improvisou a seguinte quadra verdadeiramente genial:

« No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou tambem sahiu
Como o sol pela vidraça. »

Comtudo, semelhante prespicuidade de entendimento e delicadeza de imagem, não são vulgares: de commum a premura da replica instantanea não deixa aos trovadores de *pé de viola* lazer para complicados raciocionios, e o soberano encanto dos seus versos reside sobretudo na pasmosa presteza com que são improvisados pelos dous contendores, na febre do torneio, guardando sempre as mesmas rimas e alterando sempre, sciente e inopinadamente os themas.

A' outra classe, menos copiosa e frequente, pertencem as producções dos rhapsodas ignorados, Homeros anonymos, cuja lyra tôsca tem perpetuado, sob a fórma preferida de decimas, de glosas e de bemditos, os successos mais famosos da chronica popular, reflectindo com nitidez igual as grandes catastrophes e triumphos nacionaes, e as proezas truculentas de façanhudos criminosos.

Si as possuissimos completas, numa seriação continua e ininterrupta, teriamos, nestas versalhadas commemorativas, ao lado da historia official dos autores cultos, outra curiosa e ingenua historia popular desfiando num rosario encantador de legendas pittorescas, todas as phases da nossa evolução.

Infelizmente dellas nos restam apenas escassos fragmentos de epocas relativamente proximas. Entretanto é de suppôr, com toda a plausibilidade, já no seculo do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrondosos das lutas contra os incolas; mais tarde, certamente, os fastos epicos da guerra hollandeza forneceram

assumpto abundante ás canções do povo : tudo, porém, jaz irrevogavelmente sepultado para sempre no inviolavel silencio do passado.

E é pena terem-nas os velhos chronistas desdenhado! FREI MANOEL DO SALVADOR teria feito do seu *Valoroso Lucideno* um livro cem vezes mais precioso, houvesse recolhido os versos asperos com que, nos acampamentos pernambucanos, a invicta soldadesca de Vieira, Vidal, Camarão e Dias, celebrava os seus gloriosos combates, que o bellicoso frade pretendeu sublimar ronceiramente, em oitava rima, no couce dos capitulos da sua desalinhavada chronica, onde, entretanto, ha notas que relembram o valor mavorcico dum Villehardouin, a fé viva dum Joinville e a curiosidade obsidente dum Froissart. Mas, não no fez nem no fizeram os seus proximos continuadores.

E' forçoso volver a datas muito mais recentes afim de encontrar o mais remoto specimen deste interessante genero poetico : é apenas uma quadra isolada alludindo ás desventuras do Governador de Pernambuco, Furtado de Mendonça, o desadorado *Uxumbergas*, deposto e preso, em 1666, pela arrogante nobreza olindense. Posteriormente é preciso galgar de novo ampla solução de continuidade historica para deparal-o outra vez registrando, em fins do seculo XVIII, as tribulações do famigerado *Cabelleira*.

E' só após a Independencia que esta penuria decresce e o cabedal das canções populares allusivas a factos politico-sociaes toma vulto nas raras collecções do nosso *Folk-Lore* até agora publicadas.

Na de RODRIGUES DE CARVALHO figuram em quantidade exigua demais em proporção ás da primeira especie, devido, sem duvida á sua menor frequencia na zona costeira onde o Autor colheu a maior parte dos elementos do seu *Cancioneiro*.

Mas, ha no seu bello livro, alem deste desculpavel senão, outro defeito menos perdoavel : releve o Autor á nossa probidade o apontal-o.

Objectamos contra a inclusão, numa anthologia deste genero, não só dos themas populares metrificados por poetas lettrados — tal *A Yára* de TELLES DE SOUZA—, bem como dos poemas da lavra de individuos que, tendo possuido consideravel cultura mental, regressaram degenerados ao nivel das classes analphabetas, qual o desventurado bacharel JULIO VAZ CURADO ou o misero estudante LOURIVAL ASSUCENA : em ambas as hypotheses é flagrante uma directa influencia litteraria que exclue a ingenuidade natural e expontanea de verdadeiro *Folk-Lore*, porquanto, sob a denominação de ≪ poesia popular ≫, já o disse o grande *Steinthal*, se deve comprehender não tanto o que o povo *canta*, mas, o que o povo *produz* ; do contrario urgiria contemplar nas suas lindes as numerosas canções de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Bruno Seabra, Tobias Barretto e tantos outros, estropeadas, em noites de plenilunio, pelos trovadores de *serenatas*.

Não obstantes estas ligeiras falhas o *Cancioneiro do Norte* é um livro prestabilissimo, e o patriotico exemplo do seu illustre Autor, tão digno de fervorosos applausos, merece ter seguidores idoneos.

E estes virão de certo.

Quanto a Pernambuco, podemol-o assegurar, a obra preciosa de RODRIGUES DE CARVALHO terá em breve um complemento amplissimo e quasi definitivamente: O *Folk-Lore Pernambucano*, vasto repositorio onde o espirito investigador e a intelligencia polymorpha de PEREIRA DA COSTA accumulou somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos.

4 — **Dr. Emilio A. Goeldi.** — ALBUM DE AVES AMAZONICAS. — *Zurich, Instituto Polygraphico, 1903*, in-fol., 12 estampas coloridas.

O Brasil é o paraiso dos naturalistas, escreveu num momento de enthusiasmo o famoso zoologo BURMEISTER, o mesmo cujo recente fallecimento, tão deplorado pela sciencia, privou o Museu Nacional de Buenos Aires do mais competente dos directores.

Nenhuma outro região da Terra, accrescentou na introducção da sua excellente *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, tem contribuido para as instituições scientifico-naturaes da Europa com tão opulento cabedal como a vasta area central da America do Sul, cujo planalto ondulado é sulcado por dous dos maiores systemas fluviaes; por toda parte, sobretudo nos nossos museus allemães, deparamos com os productos brasileiros constituindo a maior copia dos materiaes existentes.

A origem de semelhante riqueza é de facil explicação: contamse por dezenas as existencias laboriosamente consumidas em investigar os thesouros inexhauriveis da nossa flora sem rival, em colligir, estudar e classificar a pasmosa variedade dos representantes da nossa fauna tão caracteristica, e as estantes das bibliothecas especiaes vergam ao peso da volumosa litteratura de historia natural do Brasil que o seculo passado viu surgir.

Sobretudo no dominio da zoologia estas publicações são numerosas, avultando principalmente no departamento particular da avifauna, onde a par de preciosos compendios e substanciosas monographias se destacam obras inconographicas das mais bellas e custosas.

Sem comprehender neste genero as hediondas e grotestas xylographias da *Historia Naturalis Brasiliae* de MARKGRAF (1648) e do *De Indiae utrisusque ae naturali et medica literi c qvatvordecim* de PISO (1658), em que a inepcia de grosseiros gravadores caricaturou os primorosos desenhos do grande naturalista saxonio, possuimos no *Aviario Brasilico* de CONCEIÇÃO VELLOSO (1800), nas *Abildungen zur Naturgeschicht Brasiliens* do Principe de NEUWIED (1823), nos *Oiseaux brillants du Brésil* e na *Ornithologie Brésilienne* de THEODORE DESCOURTILZ (1832—34), no *Birds of Brazil* de SWAINSON (1841), no *Avium species novae* de SPIX e MARTINS (1839) e nas *Erlaeuterungen zur Fauna Brasiliens* de BURMEISTER (1856) magnificas representações de quasi toda a ornis indigena.

O esplendido *Album de Aves Amazonicas* organisado pelo Dr. EMILIO A. GOELDI, provecto director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, comquanto não abranja a totalidade das especies brasileiras, limitando-se ás peculiares ao immenso vale do grande rio septentrional, avantaja-se consideravelmente aos antecedentes pela sua esmerada execução artistica, fidelidade do colorido observada até nos mais fugidios cambiantes, preoccupação em mostrar as aves no seu *habitat* caracteristico, e por trazer junto as denominações scientificas a synonimia vulgar a que até hoje quasi se não tem attendido em trabalhos similares.

No segundo fasciculo, que acaba de ser distribuido, o Sr. ERNESTO LOHSE, desenhista-lithographo do Museu, patenteia novamente as raras qualidades de observador cuidadoso e de colorista delicado, que tantos louvores lhe mereceram por occasião do apparecimento do primeiro.

Dentre as estampas deste que temos á vista cumpre, ainda assim salientar especialmente as de ns. 14—16 consagrada a familia dos Psittacidae, estes passaros loquazes cuja abundancia, côres vivas e facilidade em imitar a voz humana impressionaram os primeiros exploradores do nosso paiz ao ponto de tornal-o por algum tempo conhecido na Europa sob a denominação de *Terra dos Papagaios*.

Completado com um terceiro fasciculo já em elaboração, o *Album* constituirá indubitavelmente um supplemento valiosissimo ao interessante e util estudo do Dr. EMILIO A. GOELDI sobre as *Aves do Brasil*, o melhor trabalho que existe na especie — e mais um titulo de gloria para o eminente sabio cujo intelligente auxilio tanto contribuio para a brilhante victoria alcançada pela nossa diplomacia na questão de limites com a Guyanna Franceza.

5 — **Borges dos Reis.** —OS INDIGENAS DA BAHIA.— *Bahia, Typ. Reis & C., 1903*, in-8°, 42 pp.

E' entre nós mania vulgar e lamentavel, oriunda da nossa superficialissima cultura philosophica e scientifica, a ridicula preoccupação nobiliarchica de filiar os primitivos habitadores do nosso paiz ás raças historicas ou legendarias do velho mundo.

O professor BORGES DOS REIS teve a ventura de escapar a esta absorvente tendencia apresentando ao Instituto Geographico e Historico da Bahia uma breve mas succulenta memoria sobre o gentio da bella terra onde primeiro aportou Cabral.

Estudando conscienciosamente os indigenas bahianos, á luz das esplendidas conclusões obtidas pelas pesquizas de VON DEN STEINEN e de EHRENREICH, elle não foi rebuscar-lhe avós entre os israelitas, os phenicios ou os atlantidas, e preferiu consideral-os ethnologicamente como productos duma evolução cis-atlantica, de pleno accordo com a theoria de ha muito ovante nos estudos americanos dignos de meditação e em manifesta opposição ás dispendiosas excentricidades

dum Lord KINGSBOROUGH, ás phantasticas hypotheses dum BRASSEUR DE BOURBOURG e ás espirituosas mystificações dum ONFFROY DE THORON, que chegou a fazer as frotas de Salomão sulcarem as aguas do Amazonas em busca das madeiras preciosas para a construcção do templo de Jerusalém.

Até ahi acompanhamos, na effusão ardente dum perfeito consorcio de opiniões, ao professor BORGES DOS REIS; mas, não ousamos seguil-o mais além, penetrando a seu lado no labyrintho onde se degladiam os adeptos fanaticos da monogenese e da polygenese, labyrintho em que inconsideradamente enveredou o autor d'*Os Indigenas da Bahia* quando, firmado na asserção de LUND, de ser o planalto central do Brasil a primeira parte solida do planeta que emergiu do oceano primitivo, aventurou ter sido ali o berço do genero humano.

Não vão tão longe os que admittem o autoctonismo das raças americanas.

6 — **John C. Branner.** — A BIBLIOGRAPHY OF THE GEÓLOGY, MINERALOGY AND PALEONTOLOGY OF BRASIL. — *Rio de Janeiro, Imprensa Nacional*, 1903, in-4°, 115 pp.

Em um paiz em que ainda se não curou sequér do levantamento topographico do territorio, não é de admirar estejam ainda na infancia os estudos geologicos; mas, se neste dominio, como em tantos outros, a acção governamental tem sido quasi nulla, muito tem produzido a iniciativa particular e o silanete labor de desinteressados e operosos scientistas.

E' a estes quasi exclusivamente devida a totalidade dos escriptos até hoje publicados sobre as condições geognosticas do Brasil, a sua mineralogia e paleontologia, escriptos que, pela primeira vez, acabam de ser devidamente inventariados pelo eminente especialista norte-americano Dr. John C. Branner, sabio Vice-presidente da Universidade de Leland Stanford Junior, na California.

Companheiro do pranteado Ch. Fred. Hartt na Commissão Geologica do Brasil, em 1876, o Professor Branner visitou novamente a região nordéste do nosso paiz, em 1899, e de ambas estas viagens são fructos succulentos numerosas monographias esparsas em varias publicações especiaes dos Estados Unidos e da Europa.

O seu ultimo trabalho —que motiva as presentes linhas— não é dos menos valiosos, e a sua utilidade é tão manifesta que nos dispensa de accentual-a.

« Até o presente, escreve o Autor na advertencia, nenhuma bibliographia comprehensiva da geologia do Brasil foi tentada. M. de Margerie no seu *Catalogue des Bibliographies Géologiques*, publicado em Paris, no anno de 1896, pelo *Congrès Geologique International*, menciona seis artigos sobre assumptos geologicos cada um dos quaes contem referencias a varios outros artigos sobre a geologia

brasileira ; nenhuma destas listas, porem, pretende ser uma bibliographia da geologia do Brasil.

Em 1881 a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro publicou o seu importante *Catalogo da Exposição da Historia do Brasil*, em dous grossos volumes ; um delles contem a lista dos livros e artigos na Bibliotheca Nacional relativos á geologia do Brasil, na qual se acham incluidos muitos titulos de obras pertencentes a particulares e então não existentes na bibliotheca ; foi a tentativa mais approximada até hoje feita para uma bibliographia da geologia do Brasil ; a lista era necessariamente imperfeita : omittindo os manuscriptos incluidos e os artigos sobre aguas mineraes, comprehendia sómente cento e doze titulos.

Uma bibliographia da paleontologia dos invertebrados mesozoicos da America do Sul se encontra, nas pp. 3 a 6, das *Contribuições á Paleontologia do Brasil*, do Dr. C. A. White, publicadas no Rio de Janeiro, em 1887. Esta lista contem vinte e quatro titulos.

Em 1901 o *Bureau of American Republics* publicou, em Washington, « *A list of books, magazine articles and maps relating to Brasil, 1800—1900,* organisado por P. Lee Phillips (in-8°, 145 pp.) ; esta lista valiosa contem muitos titulos sobre geologia e geographia, mas estes artigos não se acham separados dos outros e as omissões são necessariamente numerosas.

A presente bibliographia contem 1203 titulos, sem incluir extractos, noticias e recensões.

Devido á penuria da litteratura sobre a geologia do Brasil, foram incluidos muitos livros de viagens e de exploração que, sem a pretenção de serem obras geologicas, contêm notas sobre a geologia.

Esta lista salienta o facto de que a grande massa do trabalho geologico sofire o Brasil, é obra de dous homens : Eschwege e Derby.

Ambos são notaveis pela importancia e pelo caracter da sua obra ; os resultados da de Eschwege foram na maioria publicados em allemão e por isso não têm sido accessiveis aos estudiosos brasileiros como se o houvéssem sido em portuguez ou francez (1).

---

(1) Na sua *Historia Geral do Brasil*, Vol. II. p. 1175, Varnhagen falla de Eschwege como sendo « por vezes compilador e plagiario de seus companheiros Varnhagen e Feldner, todos tres do corpo de engenheiros do Brasil », e cita a St. Hilaire em apoio desta asserção. Tudo o que St. Hilaire diz a respeito da *memoire téchnique* de Eschwege sobre a fabrica de Ypanema e que contêm « quelques passages empruntés a Varnhagen. » (*)

(*) *Voyage dans les Provinces de St. Paul et de Sainte Catherine*, por M. Auguste de St. Hilaire. *Paris, 1851*, Vol. I, p. 392, nota.

(Nota do Prof. Branner.)

Felizmente os resultados da obra de Derby têm apparecido tanto em portuguez como em inglez, e a sua influencia sobre os estudos geologicos no Brasil tem tido importancia correspondente. Desta verdade dá sobejo testemunho a presente bibliographia, em que tambem avulta o precioso cabedal de estudos provenientes das pesquizas do seu organisador, a quem um natural e louvavel sentimento de modestia impedio de indical-o: é aqui o lugar de se lhe fazer a devida justiça.

A impressão da monographia, feita longe das vistas do Autor e como parte do Vol. XII dos *Archivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, padece de negligencias de revisão que, si não desvirtuam inteiramente o sentido de alguns dizeres, ateiam um trabalho em cujos menores detalhes de composição se patenteia a esmerada solicitude com que foi preparado.

7 — **JuliusMeili.** — O MEIO CIRCULANTE NO BRASIL. Parte III. — A Moeda Fiduciaria no Brasil. 1771 até 1900. *Zurich, Typ. de Jean Frey. 1903*, in-4· royal, LXXX, 274 pp., 192 estampas.

Faz seis annos que nestas mesmas paginas tive o grato ensejo de annunciar o apparecimento do volume inicial deste sumptuoso monumento de erudição e de bom gosto, consagrado pelo benemerito Sr. Julius Meili á numismatica brasileira, e hoje me rejubilo com ver surgir esta sua esplendida continuação, pela qual fiz sempre os mais ardentes votos.

O que então escrevi sobre a importancia e o merecimento do conjuncto de semelhante obra tem plena confirmação com a parte que vem de sahir á luz.

Proseguindo no methodo judiciosamente adoptado o Autor não se limitou a apresentar um compendioso tratado graphico e descriptivo sobre a moeda fiduciaria no Brasil, mas addicionou-lhe numerosas e utilissimas informações sobre a nossa historia economica e financeira.

Comprehende o texto duas grandes secções —*Emissões legaes*— e —*Emissões illegaes*— subdivididas em vinte e seis capitulos respectivamente occupados com a legislação e mais noticias relativas a toda a casta de papel-moeda que tem circulado no nosso paiz desde 1771, quando em virtude do regimento de 2 de Agosto, começaram a circular em Minas Geraes, os famosos bilhetes de extracção dos diamantes, até os vales de troco de ouro actualmente emittidos pelas alfandegas.

Combinando a leitura destes capitulos com o exame das estampas correspondentes, que em numero de 192 representam 1637 especies differentes, obtêm-se um golpe de vista assáz instructivo, não só sobre a evolução dos nossos processos financeiros, como sobre os progressos financeiros, como sobre os progressos das artes graphicas e do aperfeiçoamento esthetico entre nós.

A partir das notas do primitivo Banco do Brasil, desmesuradas, grosseiras, inartisticas, facil e frequentemente falsificadas, chega-se atravez dum sem numero de emissões intermediarias, ás sedulas do Thesouro Nacional hoje circulantes, perfeitas, elegantes e commodas, mas ainda igualmente objecto de fraude.

Considerando-se este immenso acervo em attenção ao seu interesse para Pernambuco, observam-se os conhecimentos e sedulas emittidas, em consequencia da lei de 3 e do regulamento de 8 de Outubro de 1833, para o troco do cobre; as notas do Thesouro Nacional de 100$000, 1ª estampa (1835—36), de 200$000, 2ª estampa (1839—44) e de 500$000, 3ª estampa (1843—60) com a vista da entrada do porto do Recife; as da Caixa Filial do 3º Banco do Brasil em Pernambuco, da I serie (1856), dos valores de 10$000 a 500$000, com a mesma vista e as da 2ª Serie, de 10$000 com a vista da ponte pencil do Caxangá, e de 50$000 com a da antiga ponte do Recife, e as do Novo Banco de Pernambuco, fundado em 1857, ostentando os brazões da'rmas conferidos, em 1638, por Mauricio de Nassau ás capitanias e camaras do Brasil Hollandez.

A serie das notas de todos os valores e estampas emittidas pelo Thesouro Nacional e recolhidas até o fim do anno de 1900, acha-se completa no magnifico album do Sr. Julius Meili faltando apenas as que, estando ainda em circulação, não lhe era permittido reproduzir.

Completam excellentemente esta primeira secção d'*A Moeda Fiduciaria no Brasil*, prestabilissimos quadros dos Bancos de Emissão que têm existido de 1808 a 1896, outros confrontativos das emissões do Governo e dos Bancos com o cambio, de 1808 a 1900, attentas as modificações do padrão monetario occorridas em 1833 e 1848, e uma lista dos valores de papel-moeda legalmente em circulação em fins de Dezembro de 1900, na importancia de 699.631:719$000, ou uma media de 44$000 por cada habitante.

Das tabellas referentes ás oscillações do cambio se verifica que este, na vigencia do actual padrão monetario, attingio ao maximo (31 d.) em 1850, e desceu ao minimo (5 21/32 d.) em 1898, sendo na media de 22 pence por 1$000; é curioso notar que emquanto no periodo decorrido de 1849 a 1889 esta media se manteve a 24 7/8 d, de 1889 a 1900 declinou para 11 3[8 d.

A segunda secção —*Emissões illegaes*— comprehende os bilhetes de estados, municipalidades, emprezas de omnibus, barcas e bonds, e de companhias e particulares, abrangendo o prodigioso total de 1263 especies.

Estas emissões abusivas, illegaes ou criminosas de titulos de credito (quer dizer de divida) ao portador, denominados apolices, cautellas, coupons, estampilhas, ficas, fichas, livranças, obrigações, recibos, sellos, vales e alcunhados no Ceará de *Borós*, em Pernambuco de *Calcareos*, *Sampaios* e *Haja-Paus*; no Maranhão de *Debentures* e em Minas-Geraes de *Borrosqués*, não são tão modernas como se presume, nem peculiares a Pernambuco no actual regimen conforme se tem insidiosamente proclamado: ellas grassaram com muito mais intensidade no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Minas-Geraes e no

Ceará, e nenhum Estado escapou á sua derrama; que já existiam de longa data sob a monarchia, se bem que em menor escala, o demonstra o Sr. JULIUS MEILI consignando (ns. 785 a 827) especies em circulação em S. Paulo, Minas-Geraes, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará, de $837 a 1859.

Uma dellas (n. 787) é um vale de 500 réis, impresso no Recife, na Typographia Universal, em 1857, e emittido por G. J. Layme; traz o numero de ordem 527; mais tarde o facto se repetiu com frequencia, me recordando duns *coupons* rectangulares, serrilhados, de impressão verde e valor de 200 réis emittidos proximamente em 1880 pela *Brazilian Street Railway C°.*, e logo seguidos de outros congeneres da Companhia Ferro Carril, ambas desta cidade, e que circulavam com geral aceitação na falta de trocos meúdos.

Sem suspeitar sequer, no animo independente e imparcial do probo e diserto Autor d'*A Moeda Fiduciaria no Brazil*—, a sombra do designio de accentuar esta predominancia de emissões clandestinas em Pernambuco e nos tempos mais proximos —conforme perfidamente procuram insinuar ineptos follicularios,— penso que si o seu bello livro dellas registra em tamanha copia amostras quasi contemporaneas, é porque, sendo estes titulos de divida sempre de ephemera circulação os seus exemplares cedo desapparecem, salvo alguns guardados por curiosos, e que o Sr. JULIUS MEILI, mercê das suas indefesas pesquizas, logrou farta messe delles no ultimo periodo em que a falta excessiva de moeda divisionaria motivou o seu apparecimento entre nós.

Em appendice menciona ainda o operoso e sabio numismatista specimens de annuncios-reclames, bilhetes de loteria e de rifa, e fichas de jogo, cumprindo notar que entre estas ultimas a de N. 1637 parece antes uma *poule* de *jogo de bicho*.

Em inteiro accordo com a importancia intrinseca do livro está a sua execução graphica; o texto é impresso com rara nitidez e as numerosas estampas, muitas coloridas, manifestam a preoccupação do Autor em buscar os mais aperfeiçoados processos de gravura.

Emfim, *O Meio Circulante do Brasil* — como o emprehendeu o Sr. JULIUS MEILI, é um monumento grandioso e aturante dedicado á nossa patria por um estrangeiro dos que o Visconde de TAUNAY chamou, com propriedade e justiça, — « brasileiros honorarios ».

8 — **Oliveira Lima.** — SECRETARIO D'EL REY. — Peça historica nacional em 3 actos. — *Rio de Janeiro, H. Garnier, 1904.* in—12°, 151 pp.

Depois de haver opulentado a litteratura nacional com obras do subido quilate de *Pernambuco*, *Aspectos da Litteratura Colonial Brazileira*, *Nos Estados-Unidos*, *O Reconhecimento do Imperio*, e *No Japão*, o nosso eminente patricio OLIVEIRA LIMA acaba de publicar um trabalho mais ligeiro, porém, igualmente digno do maior apreço; tendo já conquistado com brilho singular os titulos de histo-

riador imparcial, fidedigno e elegante, de observador perspicuo, de analysta arguto e de profundo e original sociologo, o illustre pernambucano estreou agora num novo genero litterario de que a nossa bibliographia não conta muitas especies de valor.

O diplomata e litterato escreveu uma comedia, que mesmo fóra do palco interessa e deleita.

E' sabido como em geral os historiadores profissionaes são mal succedidos quando se transportam ao dominio da ficção; esmagados sob o volume enorme da propria erudição quasi sempre lhes fallece lepidez de *allure*; assoberbados pelos multiplos conhecimentos das individualidades, dos habitos, dos costumes, das modas, das alfaias, dos moveis e dos ornamentos duma epoca, fóra da gravidade sentenciosa da sciencia especial raramente alcançam traçar quadros em que se surprehenda movimento e vida; preoccupados em documentar a cada instante os mais miúdos detalhes, sobrecarregam inutilmente o conjuncto da acção e, prejudicando-lhe assim o desenvolvimento natural e harmonico, geram livros pesados e fastidiosos: dramalhões infindaveis e romances enfadonhos.

Destes desastres temos exemplos typicos no *Amador Bueno* e no *Caramurú* de VARNHAGEN e ainda melhor nas soporiferas novellas de PEREIRA DA SILVA.

A comedia —*Secretario d'El Rey*— apezar de ser obra dum historiador, está inteiramente isenta destas eivas.

E' uma peça construida com arte delicada e carinhos de estheta duma composição symetrica e graciosa; um delicioso quadro de costumes dum color do suave e captivante; um episodio galante e pittoresco occorrido na côrte do monarcha portuguez que tão mesquinhamente quiz emular com o esplendor do *Rei-Sol*.

O entrecho não é complicado, sendo facil cifral-o.

A scena passa-se em Lisboa no reinado de D. João V.

D. Fernando da Cunha, joven fidalgo valente e brioso, atacado a noute pelo Infante D. Francisco, numa das suas habituaes correrias pelas ruas da capital, defende-se galhardamente e fére de leve ao irmão do rei, cahindo por sua vez maltratado de golpes desfechados pelos sequazes do real desordeiro; D. Luz de Menezes, sua promettida e donzella de peregrina formosura, que dum balcão do palacio do Conde de Lessa, seu pae, assistira á lucta, corre a soccorrel-o, fazendo recolher o ferido, não reconhecido pelos aggressores, ao convento de S. Francisco, onde o confia aos cuidados do prior Frei Bernardo da Purificação.

A noticia do incidente, promptamente espalhada, enche o rei de indignação: os beleguins galopam a farejar o homisio do execrando réo de lesa-magestade e ao infeliz mancebo parece inevitavel tremenda punição.

Mas, D. Luz, tremendo pela sorte do noivo adorado, consegue mover em favor delle o interesse de seu tio materno Lord Tirawley, embaixador da Inglaterra.

Vão-se os dous, em companhia da aia de D. Luz, —respeitavel matrona, muito pudica, mas, ás occultas grande amiga de historias picarescas — a implorar, do omnipotente ministro Alexandre de

Gusmão, a clemencia real em favor do pretenso criminoso ; o venerando prior frei Bernardo já os precedera no mesmo designio ; todos se encontram no gabinete do «escrivão da puridade» no Paço da Ribeira, onde são acolhidos pelo escudeiro João Braz.

Entre parenthesis seja dito que o irmão d'*O Voador* nutria por D. Luz paixão discreta, mas ardente, e que não era correspondida.

Apoz breve delonga apresenta-se aquelle a quem Oliveira Lima chama com propriedade, «o maior brasileiro do seculo XVIII» ; meigo e respeitoso accóde ás supplicas da afflicta joven ; risonho e prasenteiro ouve as razões do tio ; pensativo e serio attende ás reflexões de Frei Bernardo, e, recalcando do imo d'alma o pungir de acerba tortura, cogita nobremente em tornar feliz aquella que o faz tão infeliz.

Promette obter graça e os supplicantes se retiram animados de alacres esperanças, que não serão desmentidas.

Este é o assumpto do primeiro acto ; o segundo, todo incidental occorre na cella de Frei Bernardo, onde Alexandre de Gusmão fôra em visita a D. Fernando, e se encontram igualmente D. Luz *travesti* de pagem, e Lord Tirawley.

Na entrevista entre os dous amantes da mesma mulher —um venturoso e outro infortunado— a superioridade moral do grande paulista sobresahe num relevo admiravel e a pureza dos seus sentimentos iguala a elevação da sua intelligencia.

No acto final o Autor concentrou habilmente o supremo interesse do entrecho e desenvolveu qualidades de excellente dialectica ; nelle assistimos ao combate entre o ministro, porfiando pelo perdão do fidalgo ameaçado, e o monarcha melindrado no mais sensivel da vaidade real — a intangibilidade sagrada das familias, por graça divina, destinadas ao governo dos povos.

Sem manifestar o minimo zelo pela causa de D. Fernando, sem deixar perceber um só indicio do seu empenho em salval-o, Alexandre de Gusmão, com a pericia de avezado psychologo e o artificio de astuto diplomata leva El Rei, não só a perdoar a victima dos desatinos de seu augusto irmão, como a conferir-lhe, á guiza de desterro, o governo da capitania de Goyaz.

Mas, o que sobretudo resalta do conjuncto da intriga é a pronunciada ascendencia do brasileiro sobre os demais comparsas, frisando bem a crescente influencia exercida na monarchia europea pelos filhos da sua colonia americana.

O estylo da comedia é sempre castiço, amoldando-se a linguagem perfeitamente ao dialecto contemporaneo, o que não é pequeno merito si attendermos que, assim como as differentes camadas duma sociedade possúem maneiras proprias de dizer, a mesma classe, em periodos differentes, affecta diversas modalidades de expressão.

Os personagens são naturaes e desenhados com muita fidelidade.

Não me deterei em accentuar a verdade com que se acha representada a personalidade do heróe, e direi apenas que, no monologo da Scena VIII do Acto III, a figura de D. João V vive, evocada do tumulo com surprehendente compenetração ethica. Parece-me *vêr*

ali o famoso *rei frade*, com todo o seu fanatismo supersticioso e os seus escrupulos subtis de libertino devoto, oscillando sempre entre o serralho de Odivellas e as missas de São Francisco; bizarra alliança de mysticos enlevos e de baixa sensualidade, a quem todo o ouro do Brasil não bastava para redimir com offerendas sumptuosas as continuas infracções ao terceiro mandamento, procurando acalmar a ira celeste com a construcção de claustros gigantescos e a elevação de altares fulgurantes de pedrarias.

Ouçamo-lhe estas palavras:

« Divirjo do meu grande irmão de França. S. M. Luiz XIV, ao que relataram os despachos dos embaixadores do reino, requestou a menina La Valliére quando solteira, impedindo-a de desposar o seu promettido... Acho isto muito immoral. As donzellas não teem experiencia para resistir á seducções do amor... As casadas, quando abatem a resistencia, sabem o que fazem, o geralmente porque o fazem. O peccado do seductor não existe quasi... a sua tarefa foi pequenissima.

Nossa Senhora das Dôres me perdôe estes pensamentos e me poupe a colera divina... »

A mesma exactidão psychologica se encontra em todos os outros protogonistas, até no escudeiro João Braz, velho soldado aventureiro, maneta e casmurro, requeimado pelos sóes d'ultramar, e que andara de balde á cata de perolas em Ceylão e de diamantes no Tejuco; mas, bom e leal servidor.

N'uma breve advertencia Oliveira Lima justifica o qualificativo de « nacional » dado á sua comedia; e tem inteira razão em assim denominal-a, porque quem pretenderá negar que « o nosso periodo historico anterior á Independencia envolve forçosamente uma tão intima ligação da colonia com a metropole, que é quasi impossivel, ao tratar de uma, perder a outra de vista? »

9 — **Dr. Vicente Ferrer de B. W. Araujo.** — A Execução de Silvino de Macêdo. — Estudo critico e historico. — *Pernambuco, Typ. do Jornal do Recife, 1904*, in 4°, 62 pp.

Nas phases de grande agitação social é frequente occorrerem factos cujas minucias são propositalmente anegadas nas sombras de mysterioso silencio official, e cujos pormenores, sempre de interesse para a documentação historica, ficariam perdidos para os futuros chronistas, se a curiosidade intelligente de espiritos indagadores não os fixasse, em tempo visinho ao seu acontecimento, com o caracter de perfeita veracidade.

Prestam excellentes serviços ao historiador profissional, estes probos e pacientes investigadores, que perlustram attentos os additos do templo de Clio, e levam em sincera offerenda ao altar da musa austera o fructo singello, mas nunca desdenhado do seu labor.

Do concurso destes pequenos subsidios, do seu cotejo e analyse,

brota muita vez a desejada luz para o esclarecimento da feição real dum caracter, da physionomia duma época ou da psychopathia occasional duma sociedade.

Possuindo dotes de intelligencia e de cultura que o habilitam a commetter com vantagem a elaboração de vastos estudos politico-sociaes, inclinado por indole e educação a contemplar de preferencia o lado pittoresco dos successos, sem comtudo olvidar a pesquiza da sua significação intrinseca, o Dr. VICENTE FERRER, apto para realisar maiores emprezas, achou melhor, com a sua proverbial sagacidade, estrear neste dominio com pequeno « estudo critico e historico » onde a argucia do advogado se allia ao esmerado dizer de caprichoso belletrista, relevando assim ainda mais os attractivos dum assumpto já em si assaz emocionante.

Para mim, pessoalmente, alem das qualidades apontadas, *A Execução de Silvino de Macêdo* tem o merito especial de ser uma bella e justa homenagem á memoria dum amigo desventurado.

Conheci de perto ao infeliz supplic ado na Imbiribeira; fui seu companheiro na revolta de 19 e 20 de Janeiro de 1892 na fortaleza Santa Cruz, e tive sobejas occasiões para assentar opinião sobre o valor da sua individualidade.

Ainda conservo delle viva recordação: baixo, franzino, moreno, rosto quasi imberbe marcado de cicatrizes de variola, olhos pequenos, muito negros e brilhantes em que se espelhava a energia indomita de su'alma. Extremamente asseiado affeiçoava o uniforme de brim pardo, banda vermelha á cinta, as quatro fitas da mesma côr exageradamente distendidas sobre a manga esquerda da blusa, a barretina bem aprumada sobre a cabeça estreita e quasi desnuda de cabello aparado muito rente.: tal era, quando com elle travei relações em fins de 1891, o 2º sargento do 1º batalhão de Engenharia, por este motivo alcunhado de *Engenheiro*.

Muito activo, bem fallante, sagaz e intelligentissimo apezar duma cultura bastante rudimentar animado das mais altas aspirações, o seu supremo desejo era então matricular-se na Escola Militar, onde de certo o aguardava brilhante carreira si a criminosa ambição de politicos sem escrupulos o não tivesse impellido á desvairada aventura da qual milagrosamente escapou com vida.

A historia daquella revolta singular e extraordinaria ainda não foi escripta, nem é aqui o lugar proprio para esboçal-a sequér; mas, aproveito-me do ensejo afim de mais uma vez salientar que os responsaveis pelas consequencias da lugubre tragedia não foram alguns rapazes enthusiastas e inexperientes, que affrontaram a morte no intuito nobillissimo de ajudar a libertar a patria do ugo dum supposto tyranno e usurpador: —aos que os incitaram á tresloucada empreza, com promessas e lisonjas, cabe a inteira culpa do desastre; sobre estes sim, deve ter cahido o sangue das victimas obscuras immoladas á sua desmarcada cubiça, não só o dos que succumbiram bravamente no furor da peleja — e foram dezenas — porém, e ainda mais, o dos miseros prisioneiros perfidamente fuzilados pelas costas na esplanada da fortaleza quando occupados na « fachina » e dos supremos desgraçados mortos, ás portas das masmorras, a milhares de chiba-

tadas, num supplicio chinez que a requintada crueldade dos algozes prolongava por muitos dias, assassinatos hodiondos aos quaes um medico —tão estupido quanto servil— emprestava a sua ignobil cumplicidade fornecendo complacente mentirosos attestados de obito!

Mas, voltemos esta pagina sombria dos nossos annaes republicanos.

Ferido traiçoeiramente no periodo final da luta, em que revelou qualidades raras de coragem e de energia, Silvino jazeu por longos mezes em doloroso tratamento no Hospital da Ilha das Cobras, e depois de restabelecido me consta ter occupado emprego subalterno no *Diario Official*.

Tempos mais tarde, rebentando a revolta de Setembro, o seu nome começou a ser novamente pronunciado como o dum dos mais audazes combatentes contra as forças do Marechal Floriano, lhe sendo attribuida, entre outras façanhas, a destruição do holophote da Gloria.

Por motivos que certo ficarão para sempre ignorados, no paroxysmo da insurreição elle veio a Pernambuco onde encontrou a morte; presumo que o seu desembarque na terra natal foi inteiramente fortuito e que não o trouxeram aqui quaesquer planos conspiratorios.

Nesta occasião estive por um triz a encontrar-me com elle: coincidio a sua chegada a esta cidade no *Wordsworth* com a minha partida para os Estados-Unidos, no mesmo vapor, em 13 de Janeiro de 1894.

Dias depois me informaram á bordo que um official revoltoso, vindo do Rio de Janeiro, saltára no Recife disfarçado em remador dum bote; ignoravam o seu nome, mas, dos signaes fornecidos — baixo, magro, rosto picado de bexigas, uma grande cicatriz na face e recente ferimento numa das pernas — inferi logo não poder ser outro senão Silvino de Macêdo, e externei os meus receios quanto á sua vida.

Estes foram em breve confirmados.

Ao recebermos o pratico em Sandy Hook, proximo a New-Jersey, precipitou-se á bórdo um exame de *reporters* avidos de noticias sobre os successos do Brasil e principalmente sobre os antecedentes dum official insurrecto fuzilado em Pernambuco: fôra Silvino; disse-lhes quanto sabia a respeito e no outro dia o *Herald*, o *World*, o *Sun*, todos os grandes diarios de New-York, offereceram aos seus leitores phantasticas narrativas, em artigos de duas e tres columnas, sobre as peripecias da revolta e a execução do seu emissario, da qual, aliás, todos ignoravamos as minudencias.

Mas, o que não são capazes de inventar jornalistas *yankees* afim de produzir sensação?

Das circumstancias da prisão, interrogatorio e assassinato do meu infeliz camarada, creio que o Dr. FERRER deu exacta e veridica descripção; pelo menos as poucas contestações que lhe oppuzeram até hoje vizaram apenas pontos secundarios, como são tambem de importancia secundaria as rectificações que me permitto apresentar-lhe com a referencia á parte inicial da sua excellente e curiosa monographia.

A fortaleza de Santa Cruz era guarnecida pelo *1° batalhão de artilharia de posição* e não pelo *1° regimento* que então tinha parada no Rio Grande do Sul, si não me engano em S. Gabriel ou Alegrête.

O Autor foi igualmente mal informado quanto ao modo porque Silvino foi ferido.

O chefe da revolta descia, na manhã de 20 de Janeiro de 1892, a pequena escada de pedra que da praça d'armas dá accesso á bateria *7 de Abril*, quando foi attingido, na face esquerda, por um tiro de mosquetão desfechado por um anspeçada emboscado no alojamento da 2ª bateria; a bala partio-lhe a maxilla e offendeu profundamente os orgãos vocaes, pelo que o ferido, nos interrogatorios a que foi logo depois submettido, dava as respostas por escripto, numa louza.

E' certo que o capitão Innocencio Puget, o official mais odiado da guarnição da fortaleza e cuja vida a custo poupamos á vingança feroz dos presos revoltados, arrogou-se mais tarde a triste gloria daquelle tiro covarde: mas, ainda são assaz numerosos os sobreviventes á tragedia de Santa Cruz que podem attestar a verdade do que acabo de narrar.

Estes insignificantes senões, porém, de fórma alguma podem deslustrar o conjuncto artistico e veridico do bello trabalho consagrado pelo nosso novel chronista á memoria duma victima desventurada dos odios partidarios, e o lisongeiro acolhimento que tem tido a sua interessante monographia deve incital-o a novos emprehendimentos.

Sim! E' de esperar, após tão promettedora estréa, o illustre jurisconsulto não illuda a espectativa dos que aguardam da sua penna outras producções congeneres de maior vulto.

Porque não abalançar-se á elaboração duma *Historia Criminal de Pernambuco*, a exemplo do que, em menor escala, fez para o Ceará o desembargador Paulino Nogueira?

A empreza é tentadora e ao Dr. FERRER sobejam predicados para commettel-a com certeza de exito completo.

Porque não tental-a?

10 — **F. A. Pereira da Costa.** — A VERDADEIRA NATURALIDADE DE D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO. (Seculo XVII). Estudo historico. — *Recife, Empreza do Jornal do Recife, 1904.* in-4°, 41 pp.

Eis mais uma importante monographia sobre a tão debatida questão da naturalidade do famoso guerreiro indigena, cujo berço tem sido porfiadamente disputado por Pernambuco, a Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará.

Sou daquelles que pensam não ser a mais estreita amisade incompativel com possiveis divergencias de opinião, nem infensa ao direito de expressal-as com sinceridade.

A profunda e verdadeira estima que, ha longos annos, consagro a PEREIRA DA COSTA, a grande admiração que rendo aos seus inestimaveis talentos de historiador não me inhibiriam pois, de apreciar com imparcialidade o seu novo trabalho, e o conhecimento da pureza adamantina do seu caracter me auctorisava a fazel-o sem receio de melindral-o, se porventura discordasse do seu modo de pensar.

Alegra-me, por isso, sobremaneira, poder affirmar ter elle dado finalmente solução completa e definitiva a um problema que, mau grado a sua importancia secundaria, ha quasi meio seculo tem sido discutido sem resultado pelos melhores sabedores da nossa historia.

Urge acrescentar que ainda em nenhum dos seus ensaios anteriores revelou com igual brilhantismo a sua vasta sciencia historica, o seu raro talento de argumentador subtil, a sua pericia no desenvolvimento duma these, e o instincto genial que o faz descobrir em paginas, já demoradamente soletradas por dezenas de precursores, descurados testemunhos de maximo valor.

No presente estudo viza e consegue demonstrar duas proposições: ter sido pernambucano o herôe potyguar da guerra hollandeza e que se não deve identifical-o com o seu homonymo, já conhecido dos portuguezes em 1598.

Em prova da ultima asserção invoca o depoimento valiosissimo dum contemporaneo, e tão valioso que deveria ter sobre elle alicerçado todo o edificio da sua argumentação; não no fez, porem, e reservou-o para golpe de misericordia.

A defeza da opinião abraçada assim o exigia, talvez.

Observarei, portanto, na analyse o mesmo plano da exposição.

Deixando para o final o testemuuho de Simão de Vasconcellos, o Autor adduz muitas provas para estabelecer a impossibilidade de serem confundidos num mesmo individuo o *morubixaba* da aldeia de Ygapó, e o bravo vencedor de Artischofsky; dentre ellas a que mais impressiona se estriba na idade avançada e consequente incapacidade physica em que deveria se encontrar aquelle para tomar parte activa na campanha da restauração pernambucana.

Faz honra a PEREIRA DA COSTA a argucia e habilidade com que aproveitou e desenvolveu este, na apparencia, formidavel argumento.

Admittindo que Antonio Camarão, já em 1598 chefe duma aldeia importante, tivesse então seus trinta annos, ao fallecer em 1648 seria octagenario e portanto inapto para arrojadas emprezas marciaes.

Mas, que nem sempre idade tão avançada implica declinio de vitalidade, nos mostra a historia com dezenas de exemplos de guerreiros macrobios, dentre os quaes apenas citarei alguns dos mais typicos:

Carbajal, o sanguinario lugar-tenente de Gonzalo Pizarro, tinha *oitenta e quatro* annos quando, prisioneiro na debandada de Xaquixaguana, foi decapitado, após muitos mezes cousumidos, pelos invios alcantis do Perú, em façanhas e correrias tão assombrosas, que ainda hoje a sua memoria perdura na tradição popular sob a alcunha sinistra de *El demonio de los Andes*; aos *noventa e dous* annos Jugurtha, rei da Numidia, pelejava um dia inteiro montado num cavallo em pêllo; alcançára a mesma idade o celebre chronista e um dos chefes princi-

paes da sexta cruzada, o Conde de Joinville, ao acompanhar Luiz X á conquista de Navarra; era tambem de igual anciania o general hespanhol Mondragon, ao annullar com a presteza das suas manobras, nas charnecas alagadas da Frisia, os movimentos tacticos do grande Mauricio de Nassau; furioso com a demora dos companheiros no assalto aos muros de Constantinopla, em 1204, o Doge de Veneza, Enrico Dandolo, atira-se, completamente armado, da próa da sua galera ás aguas do Bosphoro e guia os cruzados á victoria: contava então *noventa e tres* annos, e na lembrança de todos nós estão vivas as palavras do heroico fronteiro de Beja convidando os amigos a festejarem o seu natalicio com uma algara em terra de mouros: « Faz hoje *noventa e cinco* annos que recebi o baptismo. »

E todos elles, como o *Lidador*, tinham « vestido armas » desde a adolescencia! E a longevidade entre os nossos indigenas era proverbial.

Estas objecções, porem, têm de ruir por terra em face do trecho seguinte da *Chronica da Companhia de Jesus* (Livro II § 2°), trecho até hoje ignorado por quantos se têm empenhado no debate e agora muito bem utilisado por PEREIRA DA COSTA.

Enumerando os chefes indigenas convertidos á fé christã, escreveu ali o Padre Simão de Vasconcellos: « Da mesma maneira dos Potigoáres, UM ANTIGO POTIGOAÇU, Guiráopina, Arárúna, Cerobabé, Meirúguaçú, Ibatatá, Abaiquija, todos famosos, e principaes de grandes povos dos quaes se affirma, punha em campo cada qual delles de vinte a trinta mil arcos; que foram grande presidio nosso na Capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui D'OUTRO POTIGOAÇU, maior que todos estes, assombro que foi de Hollandezes em nossos tempos, nas guerras do Brasil; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume. »

Eis ahi um testemunho explicito de escriptor contemporaneo assegurando a dualidade do velho Antonio Camarão e de D. Antonio Felippe Camarão, ambos designados pelo mesmo tupi de Potigoaçú *(Camarão Grande)*; embora isolado, o depoimento do padre Vasconcellos é muito fidedigno, pois conta em seu apoio com muitas provas circumstanciaes allegadas pelo nosso benemerito confrade: o casamento de D. Antonio Felippe com D. Clara, o facto de haver deixado um filho ainda menor em 1661, e a passagem do *Castrioto Luzitano* alludindo a ter fallecido em idade não avançada, apezar da forma ambigua, no genero de antithese, porque se expressou o guindado chronista

O seu conjucto impõe a convicção inabalavel de ser impossivel identificar o antigo chefe —que seguindo, em 1614, na jornada do Maranhão, se deixou ficar no Ceará prostrado pelas fadigas da marcha com o infatigavel lutador, que ainda em 1648, na primeira batalha dos Guararapes, se distinguio por feitos de incomparavel bravura.

PEREIRA DA COSTA deixou assim plena e cabalmente demonstrada a sua segunda proposição, e firmou de vez mais um facto interessante dos patrios annaes.

Com relação á primeira foi igualmente feliz.

Ainda no animo dos mais fervorosos partidarios da opinião adversa deve causar funda impressão o numero e o quilate das razões a que appellou para victoriosamente justificar o conceito de haver sido pernambucano D. Antonio Felippe Camarão, isto é, ter nascido dentro dos limites do actual Estado, porquanto mui diversos eram os da primitiva capitania.

Não tenho espaço para analysar aqui, um a um, os elementos da sua dialectica, nem salientar detidamente o valor de cada uma das suas arguições, uma e outras, aliás, sufficientemente conhecidas das suas antecedentes publicações sobre o assumpto; as impugnações que até agora pareciam poder invalidal as já não subsistem mais á vista da evidente dualidade dos personagens inquestionavelmente fixada pelo testemunho de Simão de Vasconcellos.

Em resumo: acredito sem reservas ter havido, figurando nos nossos fastos coloniaes em epocas successivas e proximas, dous chefes potyguares do nome de Antonio Camarão; um, o mais antigo, era certamente filho das margens do Potengi, outro, o mais moderno, o paladino da campanha da restauração, nasceu em terras pernambucanas.

Felicito a PEREIRA DA COSTA pelos louros, que acaba de conquistar estabelecendo definitivamente a verdade destes factos.

11 — **Drs. M. Otto e R. O. Neumann.** — VORLAEUFIGER BERICHT UEBER DIE REISE NACH BRASILIEN ZUM STUDIUM DES GELBFIEBERS VOM 10 FEBRUAR BIS 4 JULI 1904. — *Hamburg, Luetcke & Wulff. 1904,* in-fol., 27 pp.

A redobrada importancia que ultimamente adquiriram as investigações sobre a febre amarella, devido á nova theoria do seu contagio e da sua propagação pelos mosquitos, determinou a vinda a nosso paiz de varias commissões de especialistas estrangeiros, afim de estudar a entidade morbida no fóco.

A mais recente, envieda pela directoria do *Hospital de Maritimos* e *Instituto para Molestias Navaes e Tropicaes,* de Hamburgo, era composta dos Drs. M. OTTO e R. O. NEUMANN que acabam de publicar, num *Relatorio Preliminar* os resultados das suas pesquizas e observações de viagem.

Sendo aquelles de interesse mais directamente clinico e destinados aos profissionaes, resumirei aqui apenas os ultimos, que o publico em geral tem proveito em conhecer.

Vejamos logo o que os dous medicos allemães escreveram sobre a capital do nosso Estado.

« Apóz dez dias de navegação, a partir de Lisbôa, pisamos pela primeira vez o sólo brasileiro em Pernambuco. Durante o dia e meio que ali permanecemos, mercê da gentileza, do Sr. Constantino Barza, digno consul da Austria-Hungria, tivemos occasião de visitar o

Hospital dos Lazaros, situado fóra da cidade. Este estabelecimento confiado á administração do Sr. Burlamaqui, abriga presentemente cerca de 80 enfermos de todos os gráos, signal evidente do quanto se acha espalhada neste paiz esta entre nós tão rara molestia. São *Irmãs de Caridade* as enfermeiras. Os doentes estão installados promiscuamente em vastos salões e, se bem que para sempre excluidos do mundo exterior, são tratados da maneira a mais humana possivel. Não existiam casos de febre amarella, de que nestes ultimos tempos só consta ter havido ali manifestações sporadicas. Do flagello dos mosquitos nada percebemos ao anoutecer, quér em terra quér á bordo do vapor fundeado no porto interno, não obstante o intenso calor reinante e as circumstancias favoraveis á multiplicação das morissócas. Da cidade recebemos a impressão de que, devido ás immundices accumuladas principalmente nos bairros habitados por pretos e á inconveniente construcção portugueza das casas, offerece terreno muito propicio ao desenvolvimento de epidemias e de facto consta ser a peste um hospede frequente em Pernambuco fazendo annunciar a sua approximação por precedente mortandade de ratos.

« As primeiras horas do dia seguinte foram consagradas á visita de Olinda, cujas igrejas e conventos arruinados testemunham da opulencia de um passado bem remoto; os lugares onde outr'ora se celebrava a missa estão hoje inteiramente invadidos pela luxuriante vegetação dos tropicos. »

Proseguindo na viagem e aportando ao Rio de Janeiro, seu ponto do destino, notaram que ali:

« Ao recem-chegado surprehende logo, em contraste com as grandes cidades européas, a estreiteza das ruas centraes ainda assim percorridas por linhas de bonds. As casas são ali de varios pavimentos occupados o terreo com lojas e servindo os superiores de habitações, emquanto que nos arrebaldes os edificios são mais baixos e em geral, como na Inglaterra habitados por uma só familia. Merece especial attenção a extraordinaria profundidade das casas no centro da cidade o que reduz a um minimo a sua aeração, já muito estorvada pela estreiteza das ruas.

« Que semelhantes construcções offerecem bons esconderijos a toda a casta de sevandijas, como mosquitos e ratos é fóra de duvida, bem como que a sua limpeza e desinfecção radical apresenta as maiores difficuldades.

« As ruas em geral calçadas, são, porem, em alguns pontos muito poeirentas, em consequencia talvez de serem varridas sem previa irrigação. Com poucas excepções a população, que apresenta todas as cambiantes da côr da pelle, variando do branco puro ao preto escuro, mostra grande cuidado no asseio individual. »

Os Autores tornam estas observações extensivas ás outras cidades brasileiras que visitaram, distinguindo apenas São Paulo, pelas vantagens proporcionadas por typos architectonicos mais modernos e apropriados ás condições climatericas.

Excellentemente acolhidos pelas autoridades sanitarias da capital da Republica, os Drs. Otto e Neumann installaram o seu laboratorio bacteriologico numa dependencia do Hospital de S. Sebastião,

onde, por espaço de quatro mezes, se dedicaram ao estudo da febre amarella, comquanto, por falta de casos (apenas 24 durante aquelle praso), a opportunidade não lhes fosse das mais favoraveis.

No que diz respeito a organisação do serviço de hygiene do Rio de Janeiro os dous medicos allemães são prodigos dos mais rasgados elogios: referindo-se ao respectivo director, o illustre Dr. Oswaldo Cruz, escreveram:

« Logo da primeira vez em que com elle tratamos adquirimos a convicção de estarmos diante de um homem de real illustração scientifica, dotado de senso pratico e talento de organisação, qualidades difficeis de encontrar irmanadas e entretanto indispensaveis naquelle cargo para a solução dos problemas hygienicos complicados por tamanhas difficuldades, em um paiz em que a comprehensão da utilidade dos melhoramentos sanitarios ainda não penetrou em todas as camadas da população. »

Admittindo sem reservas a theoria que considera os mosquitos os unicos transmissores da febre amarella, applaudem fervorosamente as medidas prophylaticas empregadas com tão bom exito em Havana e no Rio de Janeiro e consistentes na campanha ininterrupta contra aquelles insectos, a destruição dos seus fócos de germinação e rigorosas e frequentes desinfecções domiciliarias.

Quanto á variola se declaram francamente partidarios da vaccinação obrigatoria, lamentando que na propria Allemanha ainda existam adversarios de tão salutar providencia.

Depois de uma breve excursão pelo Estado de S. Paulo, os Drs. Otto e Neumann regressaram a Hamburgo, por Santos levando do Brasil bem lisongeira impressão.

Vieram imbuidos de certos preconceitos sobre o nosso estado cultural ainda vigentes em algumas partes da Europa e se retiraram maravilhados deste « bello, hospitaleiro e adiantado paiz ».

Felizmente já vão longe os dias em que Seidler, Expilly, Biard, Mariconi e outros detractores systematicos faziam, com os seus escriptos despeitosos e odientos, opinião contra a nossa patria.

12 — **John C. Branner.** — THE STONE REEFS OF BRAZIL, THEIR GEOLOGICAL AND GEOGRAPHICAL RELATIONS, WITH A CHAPTER ON THE CORAL REEFS. — *Cambridge, Mass., 1904*, in-8· gr., 285 pp., 104 grvs, 99 ests.

O estudo da geologia do Brasil nestes ultimos quarenta annos tem sido, quasi exclusivamente, obra de tres scientistas norte-americanos: Hartt, o saudoso companheiro de Agassiz, inaugurou a nova era de investigações systematicas, brilhantemente continuadas pelos seus dous amigos e discipulos Derby e Branner: o primeiro mais especialmente com relação a S. Paulo e os Estados limitrophes, o segundo quanto a região norte-oriental

Com excepção talvez apenas de alguns trabalhos de Louis LOMBARD, infelizmente hoje afastado do nosso convivio, tudo o que modernamente possuimos de conhecimentos sobre a geologia e a geographia physica de Pernambuco é devido ás pesquizas do douto Vice-Presidente da Universidade de Stanford; ahi estão, accessiveis a todos e permittindo aquilatar da importancia dos seus trabalhos, as elegantes traducções que dos principaes tem entre nós dado á publicidade o meu illustre amigo e confrade Dr. João Baptista REGUEIRA COSTA.

O Professor JOHN C. BRANNER veio pela primeira vez ao Brasil já em 1875, como ajudante de HARTT, e aqui permaneceu por alguns annos na qualidade de membro da *Imperial Commissão Geologica*; teve então ensejo de visitar e percorrer demoradamente o nosso Estado, colhendo os materiaes e as observações para muitas das suas monographias posteriores. Extincto aquelle utilissimo emprehendimento, regressou á patria, onde, em breve os seus serviços foram aproveitados pelo Estado de Arkansas, na direcção do respectivo levantamento geologico, até que passou a assumir a cathedra de mestre no magnifico e futuroso instituto de ensino superior com que a piedade paternal do millionario Stanford dotou a California.

Proseguindo sempre nos seus estudos brasileiros, em meiados de 1899, voltou ao nosso paiz, no designio de rectificar e completar os seus conhecimentos especiaes por meio de novas explorações.

Os seus brilhantes e preciosos resultados já foram consignados em varios artigos de menor vulto e principalmente na memoria sobre *A geologia da Costa do Brasil*, em sua quasi totalidade por mim traduzida para o portuguez e publicada nas Revistas dos Institutos Archeologico e Geographico Pernambucano e Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Mas, a ultima viagem do Professor BRANNER teve um objectivo particular e determinado, qual o exame minucioso do phenomeno geologico mais notavel da costa oriental do continente sul-americano: os recifes de pedra.

Este é o assumpto do seu novo trabalho ha pouco primorosamente editado pelo *Museu de Zoologia Comparada* da Universidade de Harvard.

Seria estulta pretenção querer cifrar no ambito dum simples *compte-rendu* o conteúdo de obra tão notavel e vultuosa; aliás, na sua traducção para o portuguez já trabalha o Dr. J. B. REGUEIRA COSTA.

Por isso farei aqui sómente ligeiro epitome das principaes conclusões que encerra.

Nas costas de muitas regiões tropicaes são frequentes os recifes de coral; os de pedra, porem, se acham quasi que circumscriptos ao norte do Brasil, pelo menos quanto ao numero e ás dimensões.

E' sabido como se estendem, com grandes e numerosas interrupções, das proximidades do Ceará ao sul da Bahia, numa distancia de dous mil kilometros, acompanhando a linha da praia e resguardando aqui e ali, como verdadeiros diques naturaes, muitos portos e enseadas que sem a sua presença não existiriam.

Sobretudo em face do littoral pernambucano se apresentam a miudo: existem em Goyanna, no Rio Doce, no Recife, na Piedade, em Venda Grande, em Gaibú, ao sul do Cabo de Santo Agostinho, no Porto de Gallinhas, em Cacimba, em Serinhãem, em Santo Aleixo e em Rio Formoso.

Considerados quanto á sua fórma e estructura são em geral, mas não sempre, rectos; as camadas que os constituem pendem para o lado do mar no angulo ordinario das praias arenosas; a espessura da rocha massiça não excede de tres a quatro metros; os materiaes subjacentes são areias, conchas e argillas, sem sequencia regular. O processo de formação, o caracter e a estructura destes recifes mostram serem antigas praias endurecidas pela acção do carbonato de cal, emquanto que a sua direitura indica serem formas de uma primitiva linha costeira fixada e tornada permanente por um processo especial de consolidação, cujos factores não foram ainda satisfactoriamente determinados.

Os meios porque se opera a lithificação das areias sob a influencia do carbonato de cal são de varias naturezas, e podem todos ter contribuido mais ou menos para o endurecimento dos recifes brasileiros; mas, não bastam para explicar a sua existencia, principalmente a petrificação das praias por traz dos antigos recifes.

A sua destribuição conduz á inferencia de ser a consolidação directamente relacionada com a densidade d'agua do mar, influindo tambem para isto as condições climatericas e geologicas do continente vizinho, pois, é assaz provavel que as areias não teriam podido ser consolidadas se houvesse chuvas bastante copiosas e continuas para manter sempre desobstruidas as boccas dos rios e puras as suas aguas.

Em uma região de aguaceiros concentrados e de seccas prolongadas a foz dos rios fica temporariamente fechada e as aguas se espraiam em lagôas por traz dos bancos de areia; o accumulo de materias organicas nestas represas naturaes augmenta a acidez d'agua doce que, filtrando atravez do dique arenoso, primeiramente dissolve o calcareo e depois deposita-o de novo ao chegar em contacto com a agua do mar muito mais densa.

Por este modo alguns trechos das praias foram endurecidos, emquanto que outros permaneceram inconsistentes.

Acresce que, segundo todas as probabilidades, é durante a estação secca que a agua do mar attinge o maximo da sua densidade, contribuindo para accelerar a consolidação do decurso do verão.

Robustece ainda mais esta hypothese o facto de se encontrarem os recifes de pedra junto ás boccas de rios de pequeno volume dagua, jámais porem, perto, da foz dos de grande caudal, como o São Francisco.

Quanto a idade approximada dos recifes, attentas as suas relações physio—e estratigraphicas e os fosseis que encerram, concluio o Professor BRANNER que a sua formação começou nos primitivos tempos Plioceneos e tem continuado até hoje.

No decorrer da investigação do problema principal, que deixei imperfeitamente indicada, discute o eminente scientista muitas outras



questões de summo interesse para o estudo da geologia e geographia physica do Brasil.

Precedendo o capitulo final, em que o Dr. Arthur W. Greeley analysa os recifes de coral, traz ainda o livro uma excellente bibliographia annotada, fertil em dados preciosos para o estudioso brasileiro em geral.

Excusado é accrescentar que, como em geral todas as edições norte americanas, esta tambem se distingue pela nitidez do trabalho typographico e pela belleza das numerosas illustrações representando os trechos mais pittorescos e appraziveis do nosso l ttoral e os seus aspectos mais caracteristicos.

13 — **Dr. Phaelante da Camara.** — MEMORIA HISTORICA DA FACULDADE DO RECIFE. — Anno de 1903. — *Recife, Imprensa Industrial, 1904*, 4°, 120 pp.

Emfim, depois duma longa série de simples relatorios estereis, calcados com pressa e sem gosto sobre os parcos informes colhidos na secretaria, vem a Faculdade do Recife de possuir a primeira « memoria historica », não só digna deste nome, pela opulencia dos dados contidos, como exemplar no genero pelo esmero com que foi elaborada.

E o que é mais ainda — aquelles se tornaram doravante impossiveis.

Prestando inestimavel serviço á egregia instituição, onde a sua palavra vibrante e autorisada infunde á nova geração as doutrinas sadias da sciencia nova, o illustre cathedratico de direito criminal acaba de rumar para o seu verdadeiro norte a indole destas monographias, preciosas quando, sem prescindir do necessario alicerce estatistico, trazem o calor palpitante das obras feitas com estudo e amor.

De hoje em diante quem fôr investido da mesma missão não terá escolha possivel entre o agro dever de imital-o e o desar do silencio.

Longe de se restringir á relação dos fastos da nossa escola de direito no angusto periodo do anno findo, o Dr. PHAELANTE, com especial acuidade analytica, investiga-lhe o passado inteiro; em breves paginas —breves demais para o leitor captivo dos seus primores— assignala com admiravel relevo descriptivo as phases varias da sua evolução quasi secular.

Tem requintes de archeologo em pesquizar-lhe as origens; zelos de historiador em consubstanciar-lhe os annaes; apuros de psychologo em caracterisar-lhe os necessarios aspectos, e sobretudo carinhos de artista em represental-os todos sob forma genuinamente litteraria.

Acompanhando-o passo a passo nas *Notas Preambulares* assistimos á formação do grosseiro casulo inicial do primitivo Curso Juridico nos vetustos salões do Mosteiro de S. Bento, em Olinda; observamos a sua lenta transformação em chrysalida no sombrio casarão

do Hospicio de onde, já de azas feitas, o moderno espirito academico se veio aninhar «provisoriamente» entre os muros de acaçapado edificio colonial, que depois das arguciosas polemicas dos discipulos de Santo Ignacio ouviram, na sua impassibilidade saxea, as parvoices lendarias de ignaros capitães-generaes.

Em phrases rapidas e de maravilhosa concisão e pertinencia o Auctor caracterisa cada um destes periodos; rasga-lhes um succinto esboço physionomia propria, exalçando com justiça os meritos comparativos e apontando com equidade os defeitos peculiares que os differenciaram.

E assim chega á era gloriosa quando das cathedras começaram a ser espalhadas as sementes fecundas das novas concepções das sciencias juridico-sociaes, cujos fructos sazonados ao influxo da verdade experimental foram derramar pelo Brasil inteiro a luz do direito hodierno a surgir victoriosa do nevoeiro dos conceitos metaphisicos.

Mas, cumpre registrar que se aquelles germens abrolharam em vigorosos rebentos, floresceram com brilho e fructificaram utilmente foi porque cahiram em sólo extraordinariamente fertilisado.

Muito, muito antes — emquanto ainda os lentes traçavam e mantinham inexoraveis em torno das cadeiras rigoroso cordão sanitario contra o contagio dos novos principios, entoando numa solidariedade beata de clerigos regulares o cantochão das doutrinas ortodoxas, grave concerto onde apenas desafinava ás vezes a voz liberal de Aprigio Guimarães — no corpo discente da Faculdade do Recife as opiniões dos grandes remodeladores do direito na Allemanha, na França, na Inglaterra e na Italia se infiltravam lentamente; eram frequentes os choques entre as novidades abraçadas pelos discipulos e os dogmas archaicos dos mestres, attritos que collinearam já no escandalo tradiccional do concurso de Sylvio Romero.

Os reformadoress do ensino na nossa Faculdade não foram thaumaturgos, porque na sociedade como na natureza toda os milagres não são possiveis.

Do antagonismo flagrante entre a avidez do escól dos alumnos por uma orientação juridica assente em bases scientificas e racionaes e a obstinação dos professores em se afferrar ao tradiccionalismo de desacreditados compendios, nasceu a conjunctura propicia á actividade opportuna e efficiente de Tobias Barretto, José Hygino e João Vieira, coroada de tão brilhante successo.

Instruidos nas lecções dos progonos da ultima grande reforma philosophica e intervindo a proposito, conseguiram, pelo seu esforço talento e illustração, restabelecer o equilibrio, que a progressiva eliminação dos fanaticos do velho credo e a sua substituição pelos adeptos do novo têm cimentado definitivamente.

Aos tres pioneiros a gloria de haver iniciado com vigor e competencia o movimento salutar.

Não comporta o ambito desta noticia me demore por tamanho espaço na apreciação dos demais capitulos em que se divide, sem se fragmentar, a presente « memoria historica », pelo que, a contra-

gosto, destacarei apenas alguns de cuja leitura guardei mais viva impressão.

Entre estes saliento em primeiro lugar aquelle no qual o Dr. PHAELANTE discute o novo plano da creação duma universidade no Brasil.

O assumpto tem, nestes ultimos tempos, merecido o exame e a meditação dos nossos mais abalisados especialistas em materia de instrucção superior, e os pareceres e projectos a respeito se multiplicaram; mas, ainda depois de tão debatido o problema, quando parecia não restar mais uma só proposição a elucidar, o Autor logrou descobrir-lhe aspectos, ineditos e o apresentou á discussão collocado sobre premissas inteiramente originaes, de notavel criterio e subordinadas principalmente á feição particular do caracter nacional: sem prejuizo da doutrina, soube ali vincular os sentimentos do patriota ás convicções do scientista.

Ao se occupar da directoria, enaltecendo os meritos singulares do cidadão colendo que ora a exerce, tem occasião de fixar em relevo de medalha os bustos de Maciel Monteiro, Lopes Gama, Visconde de Camaragibe e João Alfredo, seus dignos antecessores; a mesma facilidade em desenhar fiel e promptamente physionomias moraes manifesta ainda nas leves e frisantes caracteristicas dos lentes actuaes, superando com felicidade os accidentes possiveis em emprezas semelhantes.

São justas e judiciosas as suas considerações relativas ao auspicioso desenvolvimento da bibliotheca, mercê do zelo intelligente dos seus dous ultimos directores —Manoel Cicero e Frota Vasconcellos, empenhados em enriquecel-a com as melhores publicações modernas, dar-lhe organisação conveniente e transformal-a, do « cemiterio de livros » que era dantes, um poderoso elemento cultural.

A' vista do que é hoje, como nos parece remoto, quasi perdido em brumas medievaes, aquelle anno de 1859, quando o Imperador D. Pedro II, visitando-a, inqueria, num capricho de bibliophilo, qual o livro mais antigo que encerrava e o respectivo director lhe trazia pressuroso um exemplar da Biblia !

Na *Conclusão* deixa o Dr. PHAELANTE se expanda novamente o seu patriotismo ardente num hymno triumphal á terra do berço, mostrando como a Faculdade do Recife representa tambem as tradições pernambucanas no que ellas podem ter de mais elevado.

Possúe o Autor um estylo todo pessoal e de extraordinaria originalidade pittoresca; terso sem preoccupações classicas, palpita cheio de vivacidade e de rhythmo transformando em trechos da leitura delicio-a ainda as exposições dos assumptos mais aridos, codimentadas á proposito de anedoctas referidas com espirito e *allure*, ou esmaltadas de imagens escolhidas e empregadas com infinita pericia, esplendendo sobre o fundo colorido da narrativa com o brilho de aureas incrustações.

14 — **Dr. Octavio de Freitas**—Os NOSSOS MEDICOS E A NOSSA MEDICINA— *Recife, 1904*, 8°, 291 pp.

A julgar pelo titulo parecerá, talvez, fóra de proposito consignar aqui o apparecimento deste interessante volume.

Mas, não se trata duma obra de sciencia pura e antes duma judiciosa e elegante analyse e discussão, com referencia ao meio pernambucano, dos objectos que lhe servem de epigraphe.

Nas suas paginas ha muita cousa de valia a ser respigada pelo historiador que não faz da sua espinhosa missão o commodo officio de collector de ephemerides.

E' que hoje a historia abandonou o seu papel de mestre de ceremonia a proclamar ruidosamente os orgulhosos titulos nobiliarchicos dos soberanos por «graça divina» e elevou-se á taréfa mais nobre de soberana disciplina social; deixou VOLTAIRE, tecendo grinaldas de rosas ou de goivos em torno das datas dos natalicios dos obitos principescos, para vir, com TAINE, pôr a luz ás origens dos acontecimentos.

Ao panegyrico dos heróes preferio o cadastro dos factos instructivos; antepoz a verdade á gloria.

Fez-se humana e scientifica.

E, obedecendo ao famoso e cançado preceito de MONTAIGNE—*Je prends mon bien ou je le trouve*—desceu da sua sublimidade rhetorica para pedir o auxilio prestimoso das sciencias irmãs.

E os resultados da nova orientação foram extraordinarios.

Particularisando, basta lembrar o quanto servio a LITTRÉ e a CABANNEL o concurso das sciencias medicas á elucidação formal de obscuros problemas historicos, e a BUCKLE, DRAPPER, TYLOR e ao proprio SPENCER para a consolidação das suas theorias sociologicas.

Quem de futuro quizer delinear com verdade a ethnopsychologia pernambucana muito lucrará com a leitura attenta do bello trabalho do Dr. OCTAVIO DE FREITAS.

As condições domiciliarias, os cuidados de limpeza pessoal e domestica, o regimen alimenticio de um povo, são elementos sobremaneira valiosos para a boa comprehensão de sua capacidade physica e cultural.

Sobre estes assumptos o livro do illustrado clinico é deveras instructivo.

E' triste verdade sermos em geral um povo sem hygiene privada, e quando uma epidemia nos assalta é aos poderes publicos a quem lançamos toda a culpa em vociferações clamorosas.

Falta de providencias, desidia, menos-prezo da saúde publica bradam os opposicionistas.

E por pouco chegariam a acoimar o governo—como os camponios russos da Massovia os agentes fiscaes do imposto agrario—da autoria do flagello.

Entretanto, urge confessal-o, são plausiveis todos os motivos assignalados pelo Dr. OCTAVIO DE FREITAS como producentes do pessimo estado sanitario da nossa capital.

Não é preciso ser medico ou hygienista para reconhecêl-o.

Mau grado a sua privilegiada situação topographica, banhado por dous rios junto á sua fóz, varrido constantemente pelos aliseos, o Recife apresenta assombroso coefficiente de mortalidade.

A que attribuil-a ?

Principalmente a falta de conveniente aeração das ruas, á imprestabilidade do actual systema de esgotos das aguas pluviaes e servidas e das materias fecaes, e ao pernicioso processo de fazer aterros *com lixo* !

A estas causas de possivel abolição e pela qual muito se empenham as administracções estadual e municipal, se prendem ainda outras de mais difficil extincção, qual a pessima alimentação das nossas classes baixas, assumpto certamente digno de um desenvolvido estudo.

Neste capitulo inicial—*Hygiene e hygienistas*—são tambem discutidas, a proposito da frequencia da variola entre nós, as vantagens da vaccinação obrigatoria, declarando-se o autor francamente partidario desta grave medida, cuja effectibilidade tão accesas polemicas tem provocado no seio do parlamento nacional.

Passando a fazer a historia da hygiene na cidade do Recife, resume-a nas tres individualidades dos drs. Joaquim de Aquino Fonseca, Pedro de Athayde Lobo Moscoso e Rodolpho Galvão, directores em diversas épocas da repartição sanitaria de Pernambuco, ás quaes accrescenta ainda o nome venerando do dr. Cosme de Sá Pereira, o estimado decano actual dos nossos medicos.

Esboça primeiro, a traços largos, fieis e vivos, a personalidade de cada um delles, e narra depois, por miudo os inestimavais serviços que prestaram em pról do saneamento desta capital; vê-se que não foi á mingua de profissionaes competentes a indicar as providencias necessarias que elle ainda hoje tanto deixa a desejar.

N'*A Evolução Cirurgica* o Autor teve amplo ensejo de se demorar carinhosamente a desenhar os perfis dos seus eminentes collegas drs. Malaquias Gonçalves e Arnobio Marques, os dous mais reputados «artistas» da medicina externa entre nós; em paginas dum sabor genuinamente litterario analysa as circumstancias que retardaram a adopção dos seus progressos em Pernambuco e registra com merecidos applausos a benefica actividade daquelles dous progonos, salientando igualmente as aptidões eminentes dos drs. Simões Barbosa, João Paulo, Vieira da Cunha, Alfredo Costa e João Rangel nos dominios especiaes da gynecologia, da obstetricia e da estomatologia.

Não menos captivante, mesmo para o leigo, é o capitulo immediato, consagrado a *Os Progressos da Medicina*, onde se nos deparam considerações judiciosas sobre a marcha evolutiva da «arte» para a «sciencia»,, da therapeutica empirica á pothogenica, e nos seduzem, pelo encanto da sua factura artistica, os retratos tão bem acabados dos nossos clinicos mais notaveis, como os drs. Ermirio Coutinho, Constancio Pontual e Carneiro da Cunha, desenhados com tamanho talento

de observação, fidelidade psychologica e esmero de composição que um belletrista exigente não vacillaria em transportal-os, sem retoque, para as paginas duma obra de arte pura.

Estas mesmas qualidades litterarias, que a natureza do assumpto com a sua obrigada terminologia rebarbativa parecia impossibilitar, se nos revelam de modo brilhante no estudo sobre os—*Jornalistas medicos e sociedades de medicina*; em parte é um trecho primorosamente elaborado da historia das instituições scientificas em Pernambuco, e em outra constitue precioso subsidio para o futuro annalista da imprensa pernambucana aquilatar do merito e da importancia do contingente com que a classe medica concorreu para o seu incremento, urgindo destacar dentre elle, nestes ultimos tempos, os talentos de esmerado estylista e de argumentador habilissimo revelados pelo DR. RAUL AZEDO.

Sem me deter nas secções relativas a *A Campanha do Saturnismo* e a *A Peste Bubonica e a pesquiza do seu bacillo*, em que se debatem questões de interesse mais exclusivamente profissional, passo a me occupar de parte final do excellente livro do DR. OCTAVIO DE FREITAS—*As grandes epidemias*.

As molestias que maiores devastações teem produzido sob a forma epidemica no Recife, escreve o operoso e erudito clinico, são: a variola, o cholera-morbus e a febre amarella.

A primeira é, no seu autorisado dizer, depois da tuberculose, das molestias zymoticas, a que maior numero de obitos faz no Recife; falleceram-lhe, porém, elementos para fazer a sua historia detalhada antes do seculo passado, o que, aliás, de modo algum prejudica a perspectiva do quadro aterrador que desta medonha enfermidade nos traça.

E' aqui ensejo de lembrar que a denominação de *catapóras*, applicada ás bexigas benignas ou discretas, é de procedencia indigena; segundo informa o sabio indianologo BAPTISTA CAETANO, vem do tupi —*tata-pór*— (fogo saltar, salta-fogo) significando tanto a variola, como a escarlatina, o sarampão e qualquer erupção cutanea.

Quanto á febre amarella o Auctor enumera detalhadamente os seus estragos desde os fins do seculo XVII, quando aqui grassou temerosamente sob o nome de *Males*, até as suas mais recentes manifestações sporadicas

Depois da epidemia de 1856, attesta o competente profissional, têm sido tambem raros os casos da peste dos Ganges.

Para terminar direi que o novo livro do dr. OCTAVIO DE FREITAS, escripto no intuito de reivindicar para a classe benemerita, de que é singular ornamento, o seu valor effectivo de importantissimo factor de adiantamento, quer de ordem moral e intellectual, quer de ordem material na nossa capital, é inquestionavelmente uma real manifestação de grande cultura intellectual e nobilissimos intuitos altruisticos vazados em moldes de rara perfeição esthetica.

15 — **Netto Campello.** — Barão de Lucena. Escorço biographico.—*Recife, Imprensa Industrial, 1904*, 4, 139, VIII pp., 1 retrato.

E' raro acontecer que as biographias de personagens vivos não degenerem em panegyricos.

Não teve arte de se furtar a esta tendencia o dr. Netto Campello ao organisar esta sua nova publicação.

Nas poucas paginas originaes—pois o grosso do volume é feito de transcripções—o Autor jamais deixa o officio de apologista fervoroso pelas funcções de critico imparcial: o seu «escorço biographico» é um preito de amizade e gratidão e nunca um estudo desapaixonado e consciencioso da personalidade do sr. Barão de Lucena.

Mal avisado andará quem da sua leitura pretender lograr noção exacta e fiel do caracter do eminente pernambucano.

O retrato ali traçado faz lembrar estes velhos retabulos byzantinos, onde o artista primitivo buscou supprir a sua ignorancia das leis da prespectiva por meio de um fundo uniforme de ouro vivo.

A cada periodo resalta evidente a preoccupação mal disfarçada de fazer a apotheose do idolo.

Pesquisando-lhe a genealogia; demorando-se a caracterisar a indole de seus paes e tios; contando miudamente todos os factos da primeira parte da sua existencia até que, obtida a laurea de bacharel em direito, entrou para a vida publica; enumerando dahi por diante todos os cargos que exerceu—desde o de examinador em um concurso de lingua grega até o de ministro do marechal Deodoro—; salientando as suas qualidades de magistrado probo e energico, de administrador fecundo e honesto e de politico de largas vistas, o Autor não perde ensejo de tecer encomios e de abusar de qualificativos lisongeiros.

Visto atravez do profuso elogio do Dr. Netto Campello o vulto do sr. Barão de Lucena attinge proporções sobre-humanas e irreaes.

Mas, foram baldados os seus prolongados esforços em guindar o seu ilustre amigo e protector á galeria augusta dos *super-homini* de Carlyle e dos *Uebermenschen* de Nietzche: na consciencia nacional elle permanecerá sendo — o que realmente é — um dos nossos *representative-men* no sentido de Emerson.

Sim, porque — mesmo postos á parte os voluntarios exaggeros do Dr. Netto Campello — seria revoltante injustiça recusar ao sr. Barão de Lucena os merecidos fóros de cidadão prestimoso; os beneficios materiaes prestados á terra natal no decurso da sua primeira administracção de Pernambuco, ahi estão para attestar a importancia dos seus serviços e de certo sobreviverão aos odios suscitados pelas lamentaveis occurrencias de *Dezeseis de Maio.*

Na verdade aquelle periodo da vida publica do nosso digno patricio constitue o seu melhor titulo á benemerencia dos contemporaneos, porquanto da sua passagem na suprema direcção do paiz, junto ao Marechal Deodoro, só resta a memoria da nefasta cum-

plicidade no golpe d'estado de 4 de novembro fonte de todas as calamidades que posteriormente affligiram a Patria.

Padece outrosim o presente panegyrico da ausencia dum requisito visceral; a perfeição da forma.

Falta inteiramente ao Autor o talento da composição; a narrativa—já em si muito arrastada—é com enfadonha frequencia interrompida por transcripções infindaveis de cartas, trechos de discursos, fragmentos de relatorios e artigos de jornaes, cujo conteúdo poderia ter sido apresentado sob aspecto mais ameno sem prejuizo da indispensavel documentação; o estylo—ainda nos momentos de maximo enthusiasmo—carece de azas para se elevar um pouco acima da vulgaridade costumeira.

Encerra o folheto um curioso indice alphabetico das materias contidas, que deve ter custado bom trabalho ao Autor, sendo, porém, de muito pouco prestimo para o leitor.

Tivésse o Dr. NETTO CAMPELLO—consoante a indole do seu panegyrico—feito delle uma elegante *plaquette*, com o subtituto de *Homenagem de Gratidão*, impressa a côres sobre velino em exemplares numerados e reservados aos amigos e admiradores do sr. Barão de Lucena, e não seria certamente o obscuro rabiscador destas linhas quem fôsse perturbal-o na justa expansão dum sentimento louvabilissimo.

Atirando-o, porém, assim desassombradamente á grande publicidade, como «escorço biographico», deu ensejo a que a critica se pronunciasse a respeito com inteira franqueza, como acabo de fazer animado do espirito de completa imparcialidade que o illustrado lente da Faculdade de Direito do Recife já fez a justiça de reconhecer nestas minhas despretenciosas apreciações.

16 **Alberto Souza**.—MEMORIA HISTORICA SOBRE O «CORREIO PAULISTANO» —*S. Paulo, Rosenhain & Meyer 1904*, 8°, 78 pp, 2 retratos, 1 planta.

Vem proximo o centenario do estabelecimento definitivo da imprensa entre nós e do advento do primeiro jornal brazileiro; portanto, é tempo de ir collegindo materiaes, reunindo informações e angariando recursos para solemnisar condignamente o dia 13 de Maio de 1908.

Neste periodo secular, vizinha do termino, o nosso jornalismo adquiriu tamanho vulto que a simples enumeração das suas especies —excedendo actualmente a quinze mil— já é tarefa superior a um esforço individual.

Quanto mais difficil não será estudal-as uma a uma, descrever-lhes os aspectos, definir-lhes os intuitos, narrar-lhes os factos e consignal-os emfim n'um vasto repertorio analytico, certo a melhor maneira de commemorar o natal da primeira dentre ellas.

Se não em conjuncto monumental abrangendo todas, pelo menos em valiosos trabalhos parciaes, é de presumir assim aconteça.
FERREIRA RODRIGUES, no Rio Grande do Sul; LAFAYETTE DE TOLEDO, em S Paulo; MOREIRA DE AZEVEDO e PIRES DE ALMEIDA no Rio de Janeiro; DIAS CABRAL, em Alagoas; o BARÃO DE STUDART e PERDIGÃO DE OLIVEIRA, no Ceará; e CESAR MARQUES e JOAQUIM SERRA, no Maranhão, já têm dado á luz bons ensaios promissores de melhores succedaneos, além do judicioso resumo com que JOSÉ VERISSIMO contribuio para o *Livro do Centenario*.
Fornecem igualmente subsidios estimaveis para a construcção do futuro monumento, aquelles dos nossos velhos jornaes que têm festejado o quinquagenario do seu inicio com a publicação dos seus annaes.
Hontem assim procedia o *Diario do Rio-Grande*, com o auxilio de FERREIRA RODRIGUES; hoje é o *Correio Paulistano* que confia missão igual á competencia de ALBERTO SOUZA.
Quando, ha cinco annos, lancei á publicidade o opusculo—*Jornaes Pernambucanos*—especie de batedor d'*A Imprensa Pernambucana*, que só agora entra para o prélo—lamentei não poder elaborar um estudo synthetico, a exemplo dos do PRUTZ, HATIN e HUNT, por me falleceram os talentos especulativos do historiador capaz de abranger, de comprehender e de apreciar no seu complexo a evolução inteira da imprensa de um paiz; o sobrio scepticismo do politico miliante apto a descobrir, sob a mascara dos programmas, os moveis e designios reaes dos partidos, e finalmente a experiencia profissional do detalhe adquirida em prolongado tirocinio jornalistico.
Invejo a ALBERTO SOUZA estas qualidades manifestas com tanto brilho na presente memoria.
Neste seu bello estudo a documentação abundante, a justeza dos conceitos e o esmerado lavor da forma se fundem num todo de harmonia pouco vulgar.
E', a todos os respeitos, uma homenagem condigna do objecto.
O *Correio Paulistano* é um dos raros jornaes brazileiros que não deve a favores officiaes a sua longevidade relativa, e se isto concorreu para lhe difficultar os primeiros passos, servio evidentemente para dotal-o da indole especial da sua actividade benefica a progressista.
« Nenhum outro orgam da nossa imprensa periodica ou diaria, escreve ALBERTO SOUZA, jámais reflectiu tão accentuadamente, nem tão energicamente desposou, as aspirações quaesquer de nossa terra, nas diversas phases de seu desenvolvimento passado. Nenhum outro jornal soffreu, com maior sinceridade nem com mais desapegada solicitude, a irresistivel influencia das gerações paulistas, cujos vastos ideaes elle defendeu galhardamente como um paladino de outr'ora defendia as tradições de sua fé. Elle encarnou conforme as circumstancias das épocas e as exigencias fundamentaes do meio, todos os sentimentos politicos e todos os anhelos sociaes. »
Fundado, a 26 de Junho de 1854, por iniciativa de JOAQUIM ROBERTO DE AZEVEDO MARQUES, e redigido nos primodios pelo dr. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA ALVIM, inaugurou em S. Paulo a im-

prensa quotidiana; victima de sua orientação discorde com os preconceitos vigentes, um anno e dezeseis dias mais tarde suspendia a sua publicação diaria; a 30 de Julho de 1858, porém, reerguia-se e encetava verdadeiramente a carreira laboriosa e fecunda que o conduziu ao apogeu actual: escripto pelo escól da mentalidade paulista, impresso com todo a perfeição dos mais modernos prélos, circula em edições de quasi nove mil exemplares!

Como é grato acompanhar, na narrativa elegante e colorida de ALBERTO SOUZA, a evolução triumphal deste ornamento do jornalismo brasileiro!

Ha neste escabroso mistér de historiador da imprensa alternativas só comparaveis ás da medico, que hoje melancholico vascilla, na urgencia duma necropsia, em mutilar um corpo de divina formosura, e amanhã examina, cheio de nojo, as pustulas dum leproso.

Quanta vez não se nos depara de justissima applicação a rispida sentença que COMTE, na intransigencia do seu dogmatismo, lavrou contra o jornal!

Ainda ha pouco, quando, ao inaugurar-se em Vienna o *Congresso Internacional da Imprensa*, um alto funccionario austriaco teve a leviandade de incluir em brinde alviçareiro «todos os jornaes do mundo», da parte sadia do periodismo europeu não se demorou violento protesto contra semelhante generalisação.

« Não clamou indignada, a *Wiener Freie Presse*, recusamos em nome da honra profissional o elogio collectivo assim expreso, urge fazer distincções; não somos todos iguaes»; e, em Paris, o *Gaulois* concordou—«... sim, isto de jornaes é como de mulheres: os ha de toda a casta; mas, querer comprehendel-os todos num mesmo louvor é pretender nivelar a mãe adorada, a esposa virtuosa, a filha estremecida á ultima das barregans que mercadeja o corpo em infimo prostibulo.».

Certo o melhor seria ignorar a ignobil existencia destes vibriões immundos que serpeiam vorazes na vaza da sociedade; mas, o dever, a probidade do officio, que forçou MAXIME DU CAMP a permittir co leassem, no plintho da estatua gigantesca, que o seu genio de erudito e de artista elevou á capital da França, os vermes infectos da gatunagem e da prostituição, nos obriga tambem a nós, annalistas da imprensa, a investigar-lhes as cancerosas podridões.

Na consciencia de todos os amigos do progresso cultural o saneamento do jornalismo se apresenta como problema formidando e inadiavel; mas, onde buscar-lhe a solução?

A inefficacia de leis coercitivas tem sido por toda a parte demonstrada, e o desejo de constituir a imprensa em profissão reservada a individuos educados em escolas especiaes, conforme se tenta na Belgica e nos Estados Unidos, é aspiração platonica.

Em quanto perdurarem as presentes fatalidades economico-politicas, os pasquins, como os ratoneiros e as meretrizes, serão males insanaveis.

Esperemos vivam em época mais feliz os nossos netos.

17 **Dr. Manuel Cicero P. da Silva**—ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.—1902—Vol. XXIV.—*Rio de Janeiro, Officina Typ. da Bibliotheca Nacional, 1904*, in—4°, 391 pps.

Infelizmente é tão raro entre nós deparar com *the right man in the right place*, que se não deve perder ensejo de pôr em relevo bem saliente qualquer occasião em que isto acontece.

Para substituir o illustre e venerando Dr. TEIXEIRA DE MELLO, na direcção da mais importante bibliotheca da America do Sul, a escolha do nosso digno e laborioso patricio Dr. MANUEL CICERO foi das mais acertadas.

Espirito methodico, possuidor de vastos conhecimentos especiaes subordinados a um criterio firme e esclarecido, na reorganisação e no desenvolvimento da bibliotheca da nossa Faculdade de Direito e na elaboração do seu excellente *Catalogo*, já havia demonstrado o superior quilate das suas aptidões singulares para o cargo que ora exerce, e onde de dia a dia o seu merito mais se accentúa.

Os melhoramentos que a sua actividade intelligente e vontade tençoeira tem conseguido introduzir na economia daquelle utilissimo estabelecimento—um dos muitos beneficios devidos ao tão malsinado governo de D. João VI—são numerosos e fecundos, não sendo dos menores a acquisição duma typographia propria, de onde passarão a sahir, com a regularidade desejavel, os *Annaes*, sem duvida, depois da *Revista do Instituto Historico*, a mais consideravel e valiosa publicação brasileira no dominio das sciencias historicas.

O presente volume, primeiro que se imprime na nova officina, se não destôa dos anteriores no esmero da execução material, tambem rivalisa com os melhores dentre elles pela importancia do conteúdo.

A' parte o circumstanciado relatorio apresentado pelo Dr. MANUEL CICERO, em 1902, encerra os quatro primeiros livros da obra inedita do chronista pernambucano d. DOMINGOS DO LORETO COUTO, intitulada—*Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco.*

O Auctor nasceu aqui no Recife em principio do Seculo XVIII, e, abraçando a carreira religiosa, tomou o habito de benedictino; além do nome dos seus progenitores é tudo o que se sabe da sua biographia.

Conforme se deprehende do *Prefacio ao leitor* o manuscripto que agora começa a ser impresso é apenas a primeira parte de um trabalho de vastissimas proporções, mas, talvez a unica que realmente foi executada.

« Não compus esta obra com os olhos no lucro, escreveu ali LORETO COUTO, nem com a pretenção de dar documentos, nem com a esperança de applausos, porque o primeiro motivo seria villeza, o segundo orgulho, o terceiro vangloria; fui somente levado da justa magua de ver o grande descuido, que teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, que com ellas o illustraram ; e que insensivelmente hia o tempo consumindo a noticia de tantos esclarecidos

Heroes, por faltar quem se resolvesse a escrevel-as.» Mais adiante accrescentou :

« Bem quizera fazer em hum só tomo memoria das esclarecidas virtudes dos naturaes de todas as provincias do Brazil, porém he tanto o que se pode dizer de suas heroicas acçoens, que me não foi possivel escrever tudo em hum só volume ; e sendo este premissas do meu trabalho, entendi estava obrigado a escrevello em obsequio aos meus patricios.»

Provavelmente alem das de Pernambuco outras glorias não celebrou o patriotico escriptor.

Terminada esta parte em 1757, LORETO COUTO enviou ou levou para Portugal o manuscripto, no evidente proposito de dal-o á estampa, porquanto então a imprensa era das prerogativas ciosamente vedadas pela metropole á colonia americana ; motivos ignorados obstaram realisasse o intento, e o original da chronica foi parar á Bibliotheca Nacional de Lisbôa, onde permaneceu esquecido até que, mercê dos esforços do meu prezado amigo e confrade PEREIRA DA COSTA o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* delle fez extrahir uma copia. Vulgarisou-se dahi por diante a existencia do precioso inedicto : pouco depois o BARÃO DE STUDART, o benemerito historiador cearense, adquiria outra copia feita sobre a do *Instituto*, e o Dr. TEIXEIRA DE MELLO angariava a que servio para a edição do presente volume dos *Annaes*.

Como em todas as obras similares o merecimento principal da *Desaggravos do Brazil*—reside naquillo que o Autor narra por experiencia propria ou noção directa ; por isso os dous primeiros livros não têm quasi valor intrinseco. Memorando ali os costumes dos incolas e os fastos pernambucanos, desde o descobrimento até a restauração do dominio hollandez, resume e traslada apenas o que leu nos percursores portuguezes cujos trabalhos lhe foram accessiveis, quaes : GONDAVO, DUARTE DE ALBUQUERQUE (?) fr. MANUEL CALADO, fr. RAPHAEL DE JESUS, SIMÃO DE VALCONCELLOS BRITO FREIRE, e mesmo ROCHA PITA, de quem imita os dithyrambos.

Mas, a partir do livro terceiro, exalçando o renascimento da terra natal após tantos lustros de calamitosas tribulações e de vicissitudes dolorosas, a sua chronica adquire um interesse especial.

Passára com a *Guerra dos Mascates* o periodo critico das velleidades de extemporanea independencia, geradas no seio da nobreza, arrogante com os successos da «campanha da liberdade», e alimentadas pela tolerancia pusillanime ou interesseira dos lamentaveis reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II. Ao successor deste, o beato e lascivo D. João V, coubéra a taréfa de açamar com rigor as desmarcadas pretenções dos soberbos fidalgos olindenses ; pretextára salvaguardar o terceiro estado da ambição dos nobres, mas, na verdade obdecera ao imperio duma necessidade politica urgentissima.

E no resto do seculo XVIII, ermo de ruidos marciaes, se foi operando surdamente, lentamente, a germinação da futura nacionalidade ; num praso de largos annos Pernambuco, e quasi todo o Brasil, tiveram a ventura de ser destes povos felizes que «não têm his-

toria» para os que só a estimam quando pontuada de façanhas bellicas e ardendo no flagicio rubro das lutas homicidas.

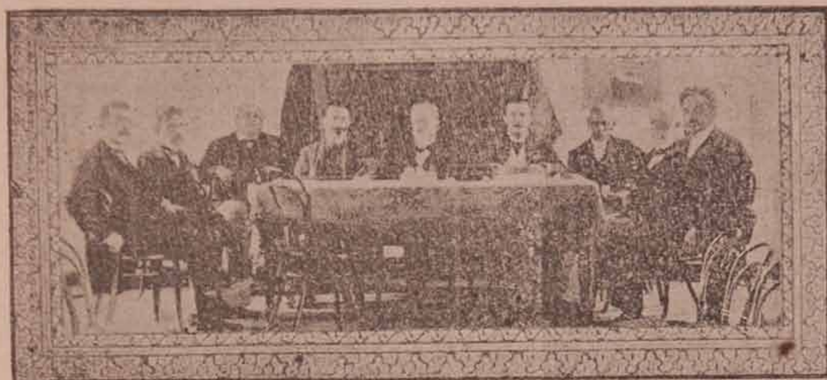
Sazonado neste meio calmo trabalhador e sensato, em que os echos longinquos de passados heroismos influiam apenas na manutenção da ingenita bravura individual, o nosso benedictino teve o criterio de se adaptar ás exigencias da sua época: não descurou da tranquilla realidade do presente em favor da miragem esvanecente d'outra idade, cujos aspectos já antecessores haviam fixado em innumeros quadros de vario colorido.

Não tendo novas proezas guerreiras a solemnisar em verbo sublimado, desdenhando dissertar esterilmente sobre o cançado thema dos antigos, deliberou consignar nas paginas do seu livro as outras manifestações da actividade pacifica dos seus concidadãos no terreno da religião, das letras e das artes, constituindo assim um repertorio riquissimo de curiosas e interessantes informações. Os elementos para o estudo da evolução litteraria de Pernambuco no periodo colonial estão ali reunidos em preciosa abundancia.

Divergem os competentes quanto aos meritos do estylo do chronista; o Dr. MANOEL CICERO diz que escrevia «sem pretenção ao apuro da fórma», ARTHUR ORLANDO é de contrario parecer e acha que offerece «uma admiravel correcção de forma, um estylo primoroso e encantador»; apezar do evidente exaggero, prefiro a ultima opinião porque afinal LORETO COUTO teve o estylo do seu tempo; guindado redundante e pomposo, recheiado de metaphoras, antitheses e floreios rhetoricos, mas, ainda assim captivante graças ao sainête nativista; a sua linguagem, se não possúe brilhante atavio chromatico, vibra clangorosa na opulencia da orchestração syllabar.

ALFREDO DE CARVALHO.





ACTAS DAS SESSÕES



Sessão ordinaria de 10 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1· Secretario, João Coimbra, Luiz José da Silva, Alfredo de Carvalho, Affonso de Albuquerque, Barão de Nazareth, Dr. Julio Pires, Augusto Cezar, servindo de 2· secretario e Manoel Arão, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1· Secretario mencionou as seguintes

OFFERTAS

Pelo ministerio da Marinha e Ultramar a Estadistica Graphica dos caminhos de ferro portuguezes das provincias ultramarinas 1898.

Pela redacção o n. 8 da Revista Militar.

Pelo Barão de Studart um folheto — Apontamentos Bio-bibliographicos.

Pelo Club Central de Triumpho um exemplar de seus Estatutos.

Pelo Sr. Jorge Rapilhy um catalogo de livros.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram remettidas á commissão de admissão de socios para dar parecer duas propostas para socios effectivos e tres para correspondentes.

O Sr. Dr. João Coimbra apresentou e foi lido um officio do Sr. Major José Domingues Codeceira, datado de 2 do corrente, pedindo sua eliminação do lugar de socio do Instituto.

Posto em discussão fallou a respeito o mesmo Sr. Dr. João Coimbra e propoz que não fosse acceito o pedido de eliminação tendo-se em attenção os valiosos serviços prestados ao Instituto pelo Sr. Major Codeceira, sendo a proposta approvada.

O Sr. Presidente communica que o ex-thezoureiro se compromettera a trazer hoje um documento em que se responsabilisa pela quantia existente em seu poder, pertencente ao Instituto, a qual se obriga a entregar ao thezoureiro que fôr eleito na proxima eleição da mesa.

Pelo Sr. Dr. Affonso de Albuquerque foi apresentada uma proposta sobre a estatua do Conde da Bôa Vista, cuja proposta foi regeitada em razão dos termos inconvenientes em que se achava concebida.

O Sr. Presidente nomeou para comporem interinamente a commissão de admissão de socios aos Sr.s Drs. João Coimbra, Julio Pires e o Sr. Manoel Arão, e para a de festejos, no dia 27 do corrente, os Srs. Drs. Regueira Costa, Luiz José da Silva, Pereira da Costa e Manoel Arão.

Communica ainda ao Instituto o mesmo Sr. Presidente, o fallecimento dos consocios Major Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto e Caetano Alberto de Castro Nascimento, resolvendo que fosse lançado na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento.

Finalmente o Sr. Dr. Regueira Costa pedio e o Instituto approveu, que se concedesse o salão de honra para nelle ser installada solemnemente, no dia 26 do corrente a Academia Pernambucana de Lettras, a qual, conforme resolução do mesmo Instituto, continuará a funccionar na séde de suas sessões.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1· Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2· Secretario.



Sessão de 24 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1· Secretario, Affonso de Albuquerque, João Coimbra, Aprigio Garcia Luiz José da Silva, Pereira da Costa, 2· Secretario, e Manoel Arão, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, com uma emenda do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque.

O Sr. Dr. 1· Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Julio da Silveira Lobo, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente. — Inteirado.

Um dito do Centro Litterario Recreativo Nazareno, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria, a 27 do corrente.

O Sr. Presidente declara que para corresponder ao convite designara o consocio Dr. Ribeiro da Silva.

OFFERTAS

Pelo consocio Dr. Manoel Cicero as seguintes obras :

Diccionario da lingua bunda ou angolense, por Frei Fernando Maria de Cannecatim, 1 vol.

Encyclopedie Moderne, 78 vols.

Diccionnaire abregé des Sciences, des Lettres, des Arts, de l'Industrie, de l'Agriculture et du Commerce, 27 vols.

Revue de Linguistique e de Philologie, comparée. Recueil trimestriel, par Girard de Rialle, 7 vols.

Revue Critique de la Legislation, 1 vol.

Revue Critique de la Jurisprudence en matiére civile, 1 vol.

Abregé de Geographie, por Adrien Balbi, 1 vol.

Les Sciences Occultes en Asie, la magie ches les chaldeens et ses origines, par François Lenormand, 1 vol.

Der Einheitliche Ursprung der Sprachen der Alten Welt von Leo Bewisch, 1 vol.

Quatre lettres sur le Mexique, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

Relation des choses de Yucatan de Diego de Sanda, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

De l'antropophagie et la Ethnologie, 1 vol.

Estudes sur les origines Boudhiques de la civilisation americaine por G. de Eichthal, 1ª parte, 1 vol.

Lettre a M. Leon de Rosny, por Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

Le Mythe de Imos. Traditions des peuples mexicains, 1 vol.

Le Mythe de Votan, par Chareticey, 1 vol.

S 'il existe de Sources de l'histoire primitive du Mexique, dans les monuments. Egiptiens, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

Memoires de l'Academie Imperiale des Sciences de S. Petersbourg, VII serie, 1 vol.

Der Sprache der Shapaskicha dargestelt, von Buschamann, 1 vol.

Stiellers Hand Atlas 83 Karten, 1 vol.

Lettres Assyriologiques. Etudes Academiennes, par François Lenormant, 1 vol., e outras obras em brochuras.

Pelo Instituto Historico de S. Paulo, 1 vol. —Hans. Staden, suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Maudou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram approvados por escrutinio secreto, depois de lido o parecer da commissão de admissão, os seguintes socios : effectivos os Drs. José Carlos da Costa Ribeiro e José Maria da Rocha Carvalho e correspondente o Sr. Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, e remettida á mesma commissão outra proposta para socio correspondente.

Depois do expediente o Sr. Dr. Luiz José da Silva, propoz e o Instituto approvou que a Mesa se dirigisse, por officio, ao Sr. Frederico Howard, consul da Inglaterra em Pernambuco, manifestando o pezar de que se acha possuida esta associação pelo fallecimento da virtuosa rainha S. M. Victoria I que durante 63 annos reinou, revelando profunda sabedoria.

O Sr. Presidente nomeou para representar o Instituto na festa de installação da Academia Pernambucana de Lettras, no dia 26 do corrente, uma commissão composta dos Drs. João Coimbra, Aprigio Garcia e do Sr. Manoel Arão, afim de corresponder o Instituto o convite que recebeu da mesma Academia.

Finalmente o Sr. Dr. Affonso de Albuquerque apresentou uma proposta sobre o projecto de erecção de uma estatua ao Conde da Boa Vista, sendo a proposta unanimemente regeitada.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1· Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2· Secretario.



Sessão solemne em Assembléa Geral de 27 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Exms. Srs. Conselheiro Dr. Governador do Estado e seu ajudante de ordens, Dr. Chefe de Policia, Coronel Commandante da brigada policial e seu estado maior, officiaes da Guarda Nacional e de Policia, senadores e deputados estaduaes, Commissões do Concelho Municipal do Recife, da Santa Casa de Misericordia, da Academia Pernambucana de Lettras, da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e do Club Central Beneficente da Guarda Nacional, diversas senhoras, magistrados, jornalistas, academicos de direito e de engenharia, e cidadãos de todas as classes, verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto: Desembargadores Adelino Antonio de Luna Freire e Francisco Luiz Correia de Andrade, presidente e 3· vice-presidente, Drs. João Baptista Regueira Costa e Francisco Augusto Pereira da Costa, 1· e 2· Secretarios, Pedro Celso Uchôa Cavalcante, orador, Sebastião de Vasconcellos Galvão, João Coimbra, Manoel Arthur Muniz, Luiz José da Silva, José Miranda Curio, Guedes Alcoforado, Carlos Porto Carreiro e os Srs. Barão de Nazareth, Augusto Cesar da Cunha, Rodolpho Lima, Manoel Arão e Manoel Carvalho Soares Brandão.

O Sr. Presidente proferio uma allocução analoga ao assumpto e declarou aberta a sessão.

Em seguida dando a palavra ao Dr. 1· Secretario este procedeu a leitura do seu relatorio sobre o movimento litterario, administrativo e economico do Instituto durante o anno social findo.

Occupou depois a tribuna o orador official Dr. Pedro Celso, o qual proferio um discurso em que commemorou as datas sobre que versava a sessão magna e fez o elogio dos socios fallecidos durante aquelle periodo.

Fallaram ainda saudando o Instituto o Dr. Carlos Porto Carreiro, como orgão da Academia Pernambucana de Lettras, o cidadão Antonio Jacintho de Barros Correia, por parte da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e por ultimo o Dr. João Coimbra que occupou por largo tempo a attenção do auditorio.

Fez as honras da festa uma guarda do 1· Corpo de Policia commandada por um capitão tocando nos intervallos duas bandas de musica, sendo uma do 40· batalhão de infantaria e outra do de policia.

Antes de levantar-se a sessão foi presente ao Instituto o seguinte telegramma da Sociedade «Sete de Fevereiro», que tem sua séde na cidade do Rio Formoso:

«Sociedade Sete de Fevereiro sauda-vos gloriosissima data anniversaria» —*Manoel Xavier.*

Adelino A. de Luna Freire, presidente. — *João B. Regueira Costa*, 1· Secretario. —*F. R. Pereira da Costa*, 2· Secretario.

Sessão especial de assembléa geral para eleição da meza administrativa e commissões do anno social de 1901—1902, em 7 de Fevereiro de 1901.

PRESIDENCIA DO EXM. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presente os Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Democrito Cavalcante, Regueira Costa, 1· Secretario, Affonso de Albuquerque, Aprigio Garcia, Pereira da Costa, 2· Secretario, João Vicente, José Carlos, Pedro Celso, Arthur Muniz, Fernando Barroca, João Coimbra, Guedes Alcoforado, Julio Pires, Coelho Leite, Vitalino Cordeiro, Alfredo de Carvalho, Celso de Souza, Sebastião Galvão, Martins de Barros e Luiz Silva, e os Srs. Barão de Nazareth, Soares Brandão, Coronel Coelho Cintra, Augusto Cezar e Manoel Arão, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada uma emenda do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque, no sentido de consignar-se na acta desta sessão que votara contra a proposta do Dr. Silva, na sessão passada, para dar-se pezames ao Sr. Consul da Inglaterra pelo fallecimento de S. M. a rainha Victoria.

O Sr. Dr. 1· Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do consocio Dr. Ribeiro da Silva communicando ter se desempenhado da commissão de representar o Instituto na festa anniversaria do «Centro Litterario e Recreativo Nazareno.—Inteirado.

OFFERTAS

Pelo Instituto do Ceará o tomo XIV de sua Revista Trimensal.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida passando-se a proceder a eleição da meza administrativa do Instituto para o anno social de 1901—1902; correu o escrutinio secreto e deu o seguinte resultado :

Presidente, Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

1· Vice Presidente, Conselheiro Dr. João José Pinto Junior.

2· Dito, Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3· Dito, Dr. João Baptista Regueira Costa.

1· Secretario, Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

2. Dito, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

Supplentes do 2· Secretario, Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia e Augusto Cezar da Cunha.

Oradores—Drs. Pedro Celso U. Cavalcante e João Coimbra.
Thesoureiro—Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro.
Commissão de redacção—Drs. Alfredo de Carvalho, João Baptista Regueira Costa e Francisco A. Pereira da Costa.
Commissão de contas—Dr. Vitalino Cordeiro Lins, Barão de Nazareth e Coronel Coelho Cintra.
De conformidade com a disposiçãs dos Estatutos o Sr. Presidente nomeou as seguintes commissões:
De Revisão de manuscriptos e pesquizas de documentos—Drs. Alfredo de Carvalho, F. A. Pereira da Costa e Coronel Luiz A. Coelho Cintra.
De trabalhos de Historia, Geographia e Chorographia do Brazil—Drs. Julio Pires, Sebastião Galvão e Augusto Coelho Leite.
De admissão de socios—Manoel Arão, Dr. Luiz José da Silva e Augusto Cesar da Cunha.
Finda a eleição o Sr. Presidente declarou empossados os socios eleitos e levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.
Adelino A. de Luna Freire, Presidente.—*Sebastião de V. Galvão*, substituindo o 1º Secretario.—*Aprigio Garcia*, substituindo o 2º.



Sessão ordinaria de 28 de Fevereiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Arthur Orlando, Rodolpho Galvão, Fernando Barroca, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, substituindo o 1º Secretario, que não compareceu e Aprigio Garcia, occupando a cadeira do 2º, abrio-se a sessão.
Lida a acta da antecedente foi approvada.
O Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Director da Escola de Engenharia do Estado, de 22 do corrente, remettendo o 7º volume da obra do Museu «Archivo Nacional» pertencente ao Instituto e que ali fôra deixado por um socio.

OFFERTAS

Pela respectiva redacção o n. 1 da Revista Mercantil e Industrial.
Pelo Sr. Fernando Barroca o n. 1º do «Jornal do Commercio» publicado no dia 1 de Outubro de 1827, em *fac-simile*,

Pelas respectivas redacções diversos jornaes destes e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram apresentadas pela mesa administrativa e approvadas pelo Instituto as contas da receita e despeza, desde a exoneração do thesoureiro até a presente data.

O Sr. Presidente participou ao Instituto já se achar nesta cidade o Exm. Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro ultimamente eleito thesoureiro, o qual ainda não declarou se aceita ou não o mesmo cargo.

Em seguida consulta se em vista da deficiencia de recursos em que está o Instituto, deve realisar a sessão solemne de 6 de Março, recommendada pelos Estatutos.

Resolveu-se por unanimidade que não se realisasse.

O Sr. Dr. Affonso de Albuquerque mandou á meza e foi lida uma proposta referente á estatua do Conde da Boa-Vista sendo a proposta remettida a uma commissão para dar parecer.

O consocio Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou que se comprasse a Historia do Brazil, escripta pelo professor João Ribeiro, onde vem a parte referente á guerra dos Mascates, aqui realisada em 1710 adulterada com relação á verdade historica e que o assumpto fosse submettido a apreciação de uma commissão especial do Instituto.

O Sr. Presidente nomeou os seguintes socios para comporem a pedida commissão: Drs. Regueira Costa, Sebastião Galvão e Pereira da Costa, designando o 2· para relator.

Nada mais havendo a tratar se foi levantada a sessão.— *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente.—*Sebastião de V. Galvão*, 1· Secretario interino.—*Aprigio C. de A. Garcia*, Servindo de 2· secretario.



Sessão ordinaria de 14 de Março de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Eudoxio de Brito, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, substituindo o 1· Secretario, que não compareceu e Fernando Barroca occupando a cadeira do 2· abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada com a seguinte emenda, apresentada pelo Sr. Presidente; Que as contas da receita e despeza do Instituto, desde a exoneração do Sr. Thezoureiro, até a sessão passada, tinham sido apenas apresentadas para serem examinadas pelos Srs· Socios que o quizessem, mas não approvadas, o que só se

fará depois de terminado o corrente trimestre de janeiro a março e de dado o parecer da commissão respectiva.

O Sr. Dr. 1· Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Exm. Sr. Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, presidente do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, de 21 Fevereiro, pedindo a este para mandar extrahir para aquelle Instituto copia de documentos existentes em sua bibliotheca e que interessam á historia de São Paulo, e que se lhe remetta a conta da despeza a fazer-se afim de ser paga.

Resolveu o Instituto attender ao pedido e determinou que nesse sentindo se officiasse ao Exm. Dr. Duarte de Azevedo.

Um dito do Exm. Sr. Presidente do Senado, de 5 do corrente, convidando o Instituto para assistir á solemne installação do Congresso do Estado no dia 6.

O Sr. Presidente declarou que por ter chegado tarde o convite não poude ser correspondido.

Um dito do gremio «Thomaz Ribeiro» convidando o Instituto, a se fazer representar na sessão funebre que ia realisar no dia 10 do corrente em memoria do grande poeta e diplomata Thomaz Ribeiro.

O Sr. Presidente communica que para corresponder ao convite nomeava uma commissão composta dos Drs. João Coimbra Arthur Muniz e Commendador Barbosa Vianna.

Um dito do consocio Dr Miguel Joaquim de Almeida Castro, de 6 do corrente, agradecendo a sua eleição para o cargo de thesoureiro do Instituto e declarando não poder, por motivo justo aceitar o mesmo cargo.—Inteirado.

OFFERTAS

Pela redacção um exemplar da Revista Litteraria e scientifica. —*Azul e Ouro.*

Pelo autor o Dr. Augusto Coelho Leite um folheto.—Hygiene Publica. O Saturnismo na cidade do Recife em 1900.

Pelo Instituto Historico G. e Ethnographico do Pará um numero de sua Revista.

Pelo consocio Dr. Ceciliano Mamede um folheto—Os encanamentos de chumbo no abastecimento d'agua á cidade do Recife. Analyses Officiaes.

Pelo consocio padre Raphael Galanti, por intermedio do consocio Dr. Ceciliano Mamede, um manuscripto sob o titulo—Documento muito antigo e interessante, escripto em latim.—Mandou-se remetter á commissão de pesquizas de manuscriptos e de documentos para dar parecer.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outrso Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Dr. João Coimbra, pedindo a palavra, communica que a commissão de que fez parte, incumbida de representar o Instituto

na sessão funebre do gremio «Thomaz Ribeiro», desempenhou-se de sua incumbencia.

Foram remettidas a commissão de admissão de socios, para dar parecer, uma proposta para socio effectivo e duas para correspondentes.

O Sr. Dr. Eudoxio de Britto que estando findo o prazo que lhe fôra concedido para prestar definitivamente suas contas e não podendo ainda entrar com a importancia do desfalque havido, pede prorogação do prazo.

O Sr. Presidente determinou que a respeito fosse ouvida a mesma commissão encarregada de tomar as contas, afim de ser decidido pelo Instituto na proxima sessão.

O Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou unanimemente que ficassem dispensados do pagamento da joia respectiva todos os socios correspondentes propostos e approvados até a presente data, inclusive os dous propostos hoje, caso sejam approvados.

O mesmo Dr. Sebastião Galvão continuando com a palavra, diz que em desempenho da commissão de que faz parte, nomeada na sessão passada, comprou a Historia do Brazil do professor João Ribeiro, conforme lhe fôra determinado, e passou ao Dr. Pereira da Costa, outro membro da commissão, que a está examinando afim de ser opportunamente apresentado o parecer.

A commissão encarregada de dar parecer a respeito da proposta do Dr Affonso de Albuquerque, referente a erecção da estatua do Conde da Bôa-Vista, apresentou o mesmo parecer no sentido de ser regeitada aquella proposta, o qual foi approvado, sendo então negado o additamento pedido pelo referido Dr. Affonso de Albuquerque.

O Sr. Presidente declara que em vista do pedido de dispensa apresentado pelo Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, opportunamente será convocada uma sessão de assembléa geral afim de eleger-se um outro thesoureiro.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino Antonio de Luna Freire, Presidente.—*Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1.º Secretario.—*Aprigio Garcia*, substituindo o 2.º

Sessão ordinaria de 11 de Abril de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs.: Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Luiz José da Silva, Aprigio Garcia, substituindo o 2.º Se-

cretario que não compareceu e Augusto Cezar occupando a cadeira do 1º, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Consul da Inglaterra, de 14 do corrente, agradecendo em nome do seu governo as manifestações de pezar do Instituto pelo infausto passamento de S. M. a Rainha Victoria I.—Inteirado.

Um dito do Sr. Walfrido O. Arantes, de 20 do corrente, offertando ao Instituto, em cumprimento de uma das ultimas vontades de seu finado pai, o capitão Antonio José Leopoldo Arantes, uma secretaria que pertenceu ao denodado patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Um dito dos bacharelandos em Sciencias Physicas e Mathematicas da turma do anno de 1900, de 26 de Março, convidando o Instituto a se fazer representar na collação dos respectivos graus, á 1 hora da tarde do referido dia 26.—Tiveram conhecimento do convite todos os senhores socios que compareceram na séde do Instituto.

Um dito da Sociedade Monte Pio dos Operarios da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco, pedindo para a sua bibliotheca as publicações do Instituto.—Mandou-se satisfazer.

Um dito do Dr. Director da Secretaria do Senado do Estado, de 29 de Março, offertando dous exemplares dos trabalhos do mesmo Senado, referentes ao anno de 1900.

Um dito do Dr. 1.º Secretario dos Srs. Deputados do Estado de 29 de Março, offertando dous exemplares dos Annaes da Assembléa relativos á sessão do anno proximo passado e dous da Synopse dos Trabalhos da Camara, referentes ao mesmo periodo.

OFFERTAS

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, 2 numeros do seu Boletim.

Pelo Archivo Publico Mineiro um volume de sua Revista.

Pela livraria Chambrer, de Paris, dous catalogos de livros.

Pelo autor o Dr. Arthur Vianna um vol. da obra—Estudos sobre o Pará Limites do Estado.

Pelo autor Monsenhor Raymundo Ulysses Pennafort, um volume da obra—Brazil Prehistorico.

Pelo consocio Dr. José Carlos da Costa Ribeiro um vol. encad. da obra—A Marinha de Outr'ora, pelo V. de Ouro Preto e uma revista americana.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Tendo o Sr. General Coelho Cintra mandado communicar que por motivo justo, não podia aceitar o cargo de membro da commissão de fundos e orçamentos para a qual fôra eleito, o Sr. Presidente nomeou para substituil-o interinamente ao Dr. Aprigio Garcia.

Em seguida e depois de lidos os pareceres da commissão respectiva correu o escrutino secreto e foram eleitos socios effectivos do Instituto

os Srs. João Walfredo de Medeiros, negociante estabelecido nesta cidade e professor Joaquim Pedro da Rocha Pereira, autor de varios escriptos esparsos e muito dedicado ás letras patrias ; e socios correspondentes o Dr. Antonio Xavier de Souza Cordeiro e Monsenhor Raymundo Ulysses Penafort.

O S. Presidente declarou que a presente sessão fôra convocada com o caracter de assembléa geral, mas que em vista de não ter comparecido o numero de socios exigido pelo Estatutos, resolvia convocar uma sessão extraordinaria para quint-feira 18 do corrente para o fim á que a presente se destinara.

O Sr. Dr. Affonso de Alubuquerque obtendo a palavra, enviou á mesa uma proposta referente ao Conde da Bôa-Vista, cuja discussão ficou encerrada depois de sobre ella ter usado da palavra o Sr. Dr. João Coimba, adiando-se a espectiva votação.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente, *Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1° secretario.—*Sebastião Galvão*, substituindo o 2°.

Sessão de Assemblèa Geral aos 16 de Maio de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DR. PINTO JUNIOR

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. João Coimbra, Democrito Cavalcanti, Pedro Celso, Affonso Albuquerque, Alfredo de Carvalho, Sebastião Galvão, substituindo o 1° secretario que não compareceu, Augusto Besar, occupando a cadeira do 2° e Coronel Soares Brandão abrio a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, com uma emenda apresentada pslo Dr. Affonso de Albuquerque acerca de não ter ficado encerrada a discussão da proposta que apresentou na sessão passada referente á estatua do Conde da Bóa-Vista.

O Sr. 1° Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um convite da Sociedade Legião de Soccorros Mutuos dos Officiaes da Guarda Nacional, convidando o Instituto a se fazer representar em saa sessão magna a realizar-se em 19 do cortente.

Deu-se conhecimento do convite a todos os seus socios presentes.

Um officio do consocio Commendador Celestino de Menezes, de 17 de Abril, offerecendo os numeros de 4 a 24 da Revista —Portugal em Africa, que se publica em Lisbôa, promettendo completal-a brevemente com os numeros 1 a 3, que faltaram e pedindo a per-

muta de algumas obras por outras que o Instituto possua em duplicata, permuta já autorisada em uma das sessões anteriores.

Decidio-se que se consultasse ao mesmo consocio quaes as obras que pretende offerecer e quaes as que deseja em troca.

Uma carta do Sr. Ferreira da Rosa, de 6 do corrente, offertando um almanak historico do Rio de Janeiro do anno de 1901 e um volume de sua obra intitulada—O Rio de Janeiro no anno de 1901—, pedindo uma collecção da Revista do Instituto e offerecendo os seus serviços.—Mandou-se agradecer e attender ao pedido.

OFFERTAS

Pela redacção dous numeros Revista Industrial e Mercantil, que se publica nesta Capital.

Pelo Revdm. Vigario Francisco Raymundo da C. Pedrosa um folheto—Notas de Viagem.

Pelo Sr. Coronel Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel o n. 11 da Revista Maritima Brazileira, o *fac-simile* do n. 1 do Jornal do Commercio e diversos outros jornaes referentes as festas do 4· centenario do descobrimento do Brazil.

Pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um volume de seus Annaes.

Pela Academia Pernambucana de Lettras o n. 1 de sua Revista.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e approvado o parecer da commissão de fundos e orçamentos sobre o balancête e contas da receita e despeza do Instituto no trimestre de janeiro e março do corrente anno, apresentados pela meza administratlva.

Foi presente á sessão um officio do Dr. Luiz José da Silva declarando-se exonerado de socio effectivo do Instituto e de membro da commissão de admissão de socios.

O Instituto deu-se por inteirado e mandou archivar o officio.

Em seguida fallou sobre o assumpto o Dr. Democrito Cavalcante, pedindo que o Instituto fizesse quanto possivel a volta do major José Domingos Codeceira que era incontestavelmente uma tradição social, tendo sido elle sempre para esta associação, um exemplo da mais sincera dedicação.

Depois disso solicitou informações sobre o estado actual do projectada da estatua do Conde da Bôa-Vista, porque estando a seguir brevemente para a Capital Federal, como membro que era de uma commissão do Instituto nesse sentido precisava partir d'aqui orientado do modo porque bem deveria cumprir o seu dever.

O Dr. João Coimbra, pedindo a palavra, extensamente fallou acerca de quanto desejava o Dr. Democrito ter explicações.

Inteirado o Dr. Democrito apresentou a seguinte proposta :

«Attendendo ás ponderações judiciosas apresentadas pelo illustre consocio Dr. João Coimbra, quanto á falta de recursos nesta occasião para o Instituto custear as despezas com a estatua projectada ao conde

42

da Bôa Vista, proponho que seja adiada a realisação para melhor opportunidade applicando-se as quantias já recebidas para aquelle fim na confecção de um retrato a oleo condigno ao merecimento do eminente pernambucano, para ser collocado no salão de honra.

Sala das Sessões do Instituto, 16 de Maio de 1901.—*Democrito Cavalcanti.*

Posta em discussão a proposta o Dr. João Coimbra, oppoz-se dando como razão parecer lhe que o Instituto tendo pedido donativos para a erecção de uma estatua ao notavel pernamb cano Conde da Bôa Vista, não podia mudar a applicação de semelhantes donativos deliberando por si só empregal-os em um retrato, sem consultar a aquelles que acudiram ao appêllo feito; pelo que apresentava a seguinte emenda á proposta:

« Que o Instituto se dirija á todos os cidadãos que contribuiram com seus donativos para a referida obra afim de que elles deliberem se concordam com a nova appllicação do dinheiro recebido—*João Coimbra.*

Postas em discussão a proposta e a emenda foram ambas approvadas.

ORDEM DO DIA

Eleição do thezoureiro e de um membro da commissão de Fundos e Orçamentos.

Obtendo a palavra o Dr. João Coimbra propoz, visto que o Instituto na occasião funccionava em sessão de assembléa geral, que era opportuna a supressão do cargo de thesoureiro, passando as attribuições deste a serem exercidas, pela mesa administrativa, isto é, pelo pres dente e os dous secretarios.

Justificou ainda que um cargo da importancia daquelle em que o funccionario se tornava guarda de dinheiro e preciosidades inestimaveis, sendo exercido gratuitamente por um socio, tambem não era admissivel a exigencia de garantias prestadas por parte de quem o aceitasse.

Acrescentou que o cargo era supprimivel nas condições que propunha, comprando-se um cofre de ferro ende fossem guardados todos os valores e importancia em poder da Associação.

Apoiando a lembrança da proposta, o Dr. Democrito Cavalcante apresenta a emenda de que o cofre seja para tres claviculariōs: o Presidente e cada um dos secretarios,

A solução da proposta e da emenda foi addiada para a seguinte sessão de assembléa geral,

Procedeu-se a eleição para o lugar vago de um dos membros da commissão de fundos e orçamentos sendo eleito o Dr. Aprigio Garcia.

Foram apresentadas duas propostas para socios effectivos.

A commissão de admissão de socios apresentou parecer favoravel á admissão dos propostos Drs. Gervasio Fioravante Pires Ferreira e Manoel Francisco de Barros Rego, que approvados foram ambos proclamados socios.

O Dr. Alfredo de Carvalho propoz que, de accordo com o art. 8· dos Estatutos, se nomeasse uma commissão para verificar, quaes os

socios effectivos que sem causa participada ha mais de um anno não comparecem ás sessões do Instituto. O Sr. Dr. Celso pedio o adiamanto da proposta até completar-se um anno da publicação da reforma dos Estatutos.

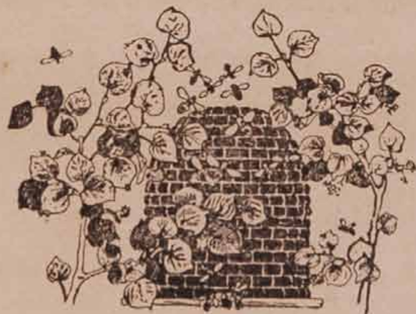
O Dr. Democrito Cavalcante propoz a publicação pela imprensa do alludido art. 8 para sciencia de todos os socios.

O Dr. Sebastião Galvão propoz que o Instituto considerasse como não pertencendo ao seu quadro os diversos socios correspondentes e honorarios, que se lhes tendo expedido officio de communicação e diploma até agora não responderam.

O Sr. Presidente deu ao Instituto a triste noticia da lastimavel perda dos dous prestimosos socios o dr. Miguel Joaquim d'Almeida Castro, fallecido nesta cidade e do Sr. José Arthur Montenegro, fallecido no Rio Grande do Sul, e resolveu-se que fosse consignado na acta um voto de pezar por esse doloroso acontecimento.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente, *Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1° secretario.—*Sebastião Galvão*, substituindo o 2°.



O INSTITUTO ARCHEOLOGICO

DE

Pernambuco (*)

As associações de ordem intellectual não dispõem, infelizmente, no Brazil, como lhes succede nos Estados Unidos, de uma sympathia extensa, posto que possam alguma dellas ter alcançado grande prestigio numa roda restricta, entre a qual se comprehendem e prezam as cousas espirituaes. Tudo quanto se relaciona com a historia patria desperta entre a União Americana a mais viva curiosidade e o mais entranhado interesse, e essa curiosidade e este interesse são, pelo contrario, geraes, communs á gente verdadeiramente culta como á rudimentarmente educada.

Entre nós não se póde dizer que os assumptos historicos não provoquem vibração, e para proval-a ahi estão os numerosos Institutos, á razão quasi de um por Estada, que colligem com mais ou menos ardor e mais ou menos competencia tudo quanto diz respeito ao passado local e particular, gyrando todos em torno do Instituto Historico do Rio, ao qual cabe a funcção essencial de centralisar e amalgamar num

(*) Transcripto d'*O Estado de São Paulo*, de 20 de Novembro de 1904, por proposta do Dr. Arthur Muniz, approvada em sessão de 15 de Dezembro.

todo nacional, elementos que, de outro modo, ficariam dispersos e não passariam de insignificantes.

Para vingarem, carecem, comtudo, invariavelmente semelhantes sociedades de um homem ou de um grupo, sempre limitadissimo pelas condições do meio, de homens devotados aos assumptos da intelligencia e especialmente aos da tradição sem cujo concurso não lograriam subsistir nem muito menos produzir.

Não lhes seria dado, como á Associação Historica de Massachusetts ou á enorme sociedade dos Filhos da Revolução Americana, viverem independentes daquellas cooperações conhecidas e circumscriptas, descançando sua prosperidade sobre a bôa vontade, o estimulo e o enthusiasmo de uma legião, assentando seu destino no respeito e correspondencia da collectividade.

Acudiram-me estas reflexões ao vir encontrar o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano numa nova e feliz phase de actividade: dir-se-ia que, na geral decadencia ambiente, o passado exerce maior seducção, faz appello a um maior carinho.

O Instituto tem passado por fortunas varias, atravessado crises, abrangido periodos de effervescencia e de estagnação. Um momento, os estudos hollandezes do inolvidavel Dr. José Hygino, as suas directas e proveitosas pesquizas nos archivos de Haya, chamaram sobre a associação recifense a attenção de todo o paiz. Foi o seu tempo aureo, aureo da gloria, porque de dinheiro nunca lhe chegou, contando hoje para viver exclusivamente com uma subvenção do governo federal, magra e todavia generosa, pois que o Congresso do Estado, achando mais interessante a politica do que a historia e dando mais valor ao presente do que ao passado, resolveu, na sua sabedoria soberana, abolir o subsidio estabelecido por legisladores menos escrupulosos na distribuição da receita publica.

Depois da federação, quando se proclamou, em guisa de panacéa infallivel, que tudo ficaria autonomo, tambem a ignorancia se tornou autonoma e como tal refractaria a correcções. O resultado foi que o pobre Instituto teria muito provavelmente morrido dessa fatal emancipação anti-intellectual, se lhe não acudisse, em bôa hora, a dedicação de alguns de seus

velhos membros, que, com desvelo, o cuidaram. Tal dedicação salvou o agonisante, e robusteceu-o a introducção de algum sangue novo, rubro e quente, o qual tonificou o organismo combalido e activou-lhe a circulação vital, tanto mais promptamente quanto delle se não esvaira por completo a velha e bôa seiva.

O Instituto ostentava ainda, entre outros, um Pereira da Costa, estudioso notavel da historia pernambucana, da expansão dos povoadores de Iguarassú e Olinda para o norte e para o sul do paiz; autoridade quasi indiscutivel em nossas questões biographicas, chorographicas, topographicas, tão competente para mencionar o anno da fundação de uma qualquer povoação sertaneja, como para descrever o programma de estudos de um collegio jesuita ou traçar a linha de peregrinação de uma tribu selvagem daquella região, em sua retirada deante do invasor e bandeirante europeu. Juntou-se-lhe por felicidade um Alfredo de Carvalho, com o seu conhecimento intimo de linguas estrangeiras, inclusive o hollandez, indispensavel para um estudo completo da historia do littoral e interior brasileiros no seculo XVII, o seu espirito aberto pelas viagens e residencia nos centros de maior cultura; o seu enthusiasmo juvenil por tudo quanto se prende á historia brasileira, não só pernambucana, pois que nelle a descentralisação produzio effeito contrario ao experimentado pelo Congresso estadual, levantando-lhe a intelligencia ao mesmo tempo que lhe alargando o sentimento.

E' actual presidente do Instituto outro devotado cultor das letras patrias, que á regeneração daquella sociedade empenhou o seu zelo fervoroso, e cuja actividade intellectual não deve apparecer menos sympathica ao geral da mentalidade brasileira por não haver ultrapassado na sua applicação os limites provinciaes. Refiro-me ao Sr. Regueira Costa, traductor de muitos trabalhos de Branner e de alguns de Hartt sobre geologia e archeologia pre-historica da região pernambucana, admirador apaixonado do nosso lyrismo e funccionario que conta serviços relevantes á causa da educação publica no Estado, ultimamente tão descurada que se supprimiram, a titulo de economia, uma porção de escolas primarias, a Escola de Engenharia atiladamente creada pelo governador

esclarecido que foi o Sr. Barbosa Lima e, facto bem singular !, a propria directoria da instrucção publica.

E' bom que nos outros Estados do Brasil, mais afortunados, mais prosperos, mais cultos, onde tudo se torna facil, graças á abundancia e ao progresso, se tenha conhecimento do quanto são capazes semelhantes dedicações espirituaes, isoladas, desajudadas pelo meio e não obstante sempre pertinazes. Para se avaliar do exito da combinação dessas energias em acção e aquilatar o successo da tentativa de restauração da empreza litteraria que é o Instituto, basta lançar mão da sua *Revista*, por alguns annos suspensa e por muitos abarrotada de discursos indigestos e de irritantes, á força de insipidas, reivindicações pseudo-democraticas. Esta publicação tornou-se felizmente agora o que devia essencialmente ser: um orgam transmissor de documentos ineditos, fixador de contribuições historicas esparsas, colleccionador de estudos originaes, condensador de dados de difficil alcance, já pela raridade das edições, já pela diversidade das linguas.

Attente-se no summario do n. 59, o ultimo sahido á luz.

Comprehende a transcripção, de uma folha paulista, de uma narrativa da evasão de Pedro Ivo, o heróe lendario da revolução pernambucana de 1848 devida, segundo toda a probabilidade, a um dos actores do feito; a traducção pelo Sr. Alfredo de Carvalho de um estudo do americano John Branner sobre geologia do Estado; o historico, pelo Sr. Pereira da Costa, de duas instituições inglezas de Pernambuco, o cemiterio britannico e o templo protestante autorisados pelo tratado de 1810, celebrado com a Inglaterra pelo ministro Linhares no reinado americano de D. João VI; alguns capitulos mais da Nobiliarchia pernambucana de Borges da Fonseca, que é a historia biographica e anecdotica da terra nas pessoas dos seus povoadores e illustradores; o seguimento da traducção das viagens de Koster, intelligente commerciante inglez que viveu em Pernambuco no segundo decennio do seculo XIX e percorreu as capitanias do Norte; finalmente, a continuação da descripção, tambem pelo Sr. Pereira da Costa, da actividade administrativa dos governadores e capitães generaes de Pernambuco, de 1654, que foi o anno do restabelecimento

do dominio portuguez, a 1821, que foi o anno do regresso de D. João VI para Portugal e preliminar da Independencia.

O numero 60, presentemente no prélo, é sem comparação ainda mais variado e interessante, e experimento verdadeiro prazer em divulgar-lhe o conteúdo, de dois terços do volume, que me foi gentilmente communicado em provas. Abre com a reproducção de um estudo de Franklin Tavora, na segunda *Revista Brazileira*, sobre os patriotas de 1817, em que o erudito chronista e pittoresco romancista pernambucano, na sua castiça linguagem, defende os membros do governo provisorio da mallograda republica das injustas increpações cortezans de Varnhagen e Pereira da Silva, e bosqueja o conflicto logo occorrido entre a moderação politica e o liberalismo doutrinario de José Luiz de Mendonça, cujo espirito de jurisconsulto enxergava claramente os perigos de uma separação democratica ainda prematura pela falta de uma consciencia nacional e pela escassez de recursos militares, e o liberalismo exaltado e espirito de rebeldia de Domingos Martins, Pedroso e Domingos Theotonio, seduzidos pelas theorias revolucionarias e arrastados pelo exemplo da desaggregação americana. E' de notar que a historia dessa revolução, instructiva pelas correntes de opinião que dentro della se desenharam, attrahente pelas peripecias, sympathica pelos caracteres e tocante pelo desenlace, está ainda por fazer, resentindo-se o que existe, como grande parte da nossa historia, mesmo da colonial, de falta de isenção, ausencia de critica, abundancia de preconceitos e ascendencia de paixões.

Tendo a *Revista* adoptado o systema convenientissimo das estampas, destinadas a divulgar personagens, edificios, scenas de rua e episodios historicos, acompanham o referido estudo nitidas reproducções de dois retratos, de Martins e de Mendonça os coripheus das duas tendencias oppostas, existentes na galeria do Instituto e que alli permaneciam quasi ignorados.

A segunda contribuição para o numero em questão é do distinctissimo Sr. Theodoro Sampaio, sob a fórma de um artigo-carta em que analysa, com sua clareza e capacidade habituaes, as etymologias indigenas de Elias Herckman, contidas na descripção geral da capitania da Parahyba, escripta em

1639 pelo citado viajante hollandez e ha pouco tempo inserta na *Revista*.

Segue-se a traducção, pelo Sr. Alfredo de Carvalho, de uma memoria publicada em 1881 numa revista de Amsterdam, a da Sociedade Geographica, sobre o porto de Pernambuco e a cidade do Recife no seculo XVII, na qual foram aproveitados os mais valiosos mappas, gravados e ineditos, deixado pelos methodicos e laboriosos engenheiros hollandezes.

O assumpto, parecendo antiquado, é da maxima actualidade, visto que o melhoramento do porto de Pernambuco contínúa a ser uma necessidade inadiavel do Estado, a obra que mais poderá contribuir para o seu renascimento mercantil e salvação economica.

Depois da continuação da Nobiliarchia, vem um escorço bibliographico do Sr. Alfredo de Carvalho sobre a imprensa em Olinda; a traducção pelo mesmo da obra muito pessoal de Mrs. Graham, um diario de viagem dos mais abundantes em informações, na parte relative ao assedio do Recife em 1821; a traducção, tambem pelo Sr. Alfredo de Carvalho, de uma monographia de E. Williamson sobre a geologia das regiões auriferas de Pernambuco e da Parahyba, lida pelo autor perante a Sociedade Geologica de Manchester; um estudo definitivo do Sr. Pereira da Costa sobre a verdadeira naturalidade de D. Antonio Felippe Camarão, estabelecendo uma documentada e rigorosa discriminação entre este popular heróe pernambucano da guerra da restauração contra os hollandezes e o seu homonymo Antonio Camarão, chefe indiano do Rio Grande do Norte, com quem o confundiram historiadores antigos e modernos como o Padre José de Moraes, Varnhagem e Candido Mendes; uma curiosa noticia pelo Sr. Alfredo de Carvalho da estada, de 1816 a 1818, do naturalista William Swainson em Pernambuco, Bahia e Rio, donde carregou para Inglaterra importantissima collecção zoologica e botanica que lhe servio de base para trabalhos, dos quaes é o mais particular e interessante uma iconographia intitulada *Birds of Brasil*; uma descripção de Pernambuco em 1746 extrahida de um precioso codice existente no Torre do Tombo em Lisbôa; a traducção pelo Sr. Alfredo de Carvalho duma velha contribuição de Darwin para uma revista ingleza sobre o



recife de grés do porto de Pernambuco; a reedição de um folheto raro, acompanhado de uma estampa inedita, ácerca dos sebastianistas pernambucanos da Pedra Bonita, cujos ritos crueis se exerceram na primeira metade do seculo XIX; um merecedor estudo pelo Sr. Alfredo de Carvalho sobre o Zoobiblion de Zacharias Wagner, que conta como um dos mais valiosos legados da intelligente administração do Conde Mauricio de Nassau no Recife e existe agora no Real Gabinete de Estampas de Dresde.

Zacharias Wagner, saxonio de nascimento, habitou por alguns annos no Brasil com um cargo na côrte do principe hollandez, a quem acompanhou em varias expedições e viagens, mudando depois para o Oriente —China, Japão e Java— a sua residencia e ahi passando a exercer sua variada actividade. O mencionado album artistico por elle composto, ainda inedito e até ha pouco esquecido, abrange plantas, animaes e indigenas, reproduzidos, ao que se diz, com tanta arte quanta consciencia e emmoldurados em descripções feitas ao vivo, repletas de pormenores aproveitaveis.

Cabe de justiça ao Sr. Alfredo de Carvalho o merito principal de toda esta criteriosa selecção de trabalhos concernentes a Pernambuco e não pára ahi o seu esforço benemerito. Não lhe chega noticia de quadro de assumpto regional, retrato de personagem da historia local, manuscripto que por qualquer fórma interesse ao Estado, de que elle não pretenda logo obter a reproducção.

E' assim que o Instituto vae possuir cópia da téla existente em Madrid, representando a peleja naval entre Oquendo e Pater; está para receber a transcripção de todos os documentos existentes no Departamento de Estado de Washington relativos á revolução pernambucana de 1817, tentativa de reconhecimento da republica e papel do consul americano no Recife; e espera a cada momento a cópia integral das notas dominicaes de Tollenare, francez domiciliado em Pernambuco ao tempo da revolução de 1817 e que deixou sobre o estado da capitania e successos occorridos, apontamentos preciosos, de que se aproveitou em parte Ferdinand Denis, conservador da Bibliotheca de Santa Genoveva, onde se encontra archivado o referido manuscripto, até agora inedito.

Seria demasiado extenso enumerar tudo quanto o Sr. Alfredo de Carvalho tem conseguido ou está em via de colligir, de valor para o estudo do passado pernambucano, posto pratique uma escolha severa, sem preoccupacões muito embora de preferencias pelo elemento hollandez ou pelo factor lusitano, as quaes têm alternadamente prevalecido no seio do Instituto. Ninguem tem feito mais nem melhor nesta categoria de trabalho nos ultimos tempos.

O seu bello exemplo é digno de ser conhecido e digno de ser imitado, por todos aquelles em quem palpita o amor da historia, alicerce do sentimento patriotico e condição do espirito de nacionalidade.

Pernambuco, Novembro de 1904.

OLIVEIRA LIMA.



MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno social de 1904 a 1905

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3° VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1° SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2° SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

SUPPLENTES DO 2° SECRETARIO

Major Augusto Cesar da Cunha.
Dr. Victalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.
Dr. Manoel Arthur Muniz.

THESOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.
Fernando Barroca.
J. P. da Rocha Pereira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.
Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.
Dr. Manoel Arthur Muniz.

EXPEDIENTE

Attendendo que, apezar do numero avultado de exemplares de cada edição desta *Revista* destinados á distribuição, os pedidos extraordinarios se avolumam habitualmente ao ponto de, para satisfazel-os, ser mistér desfalcar as collecções de reserva, o Instituto tem deliberado que, a partir do presente numero, a *Revista* só continuará a ser enviada ás instituições e pessôas que, accusando o seu recebimento, solicitarem a continuação da remessa por meio do cartão-postal que a esta acompanha, *vindo devidamente franqueado*..

As que o não fizerem serão riscadas da lista dos destinatarios.

ASSIGNATURAS

Anno..	10$000
Numero avulso..............................	3$000

Toda a correspondencia relativa á *Revista* bem como os pedidos de collecções devem ser dirigidos para a séde do — *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano — Recife — Pernambuco — Brasil* — com endereço ao 1º Secretario —*Dr. Alfredo de Carvalho.*

O Instituto não dispõe mais de collecções completas da ua *Revista*, achando-se esgotados os ns. 10—31; existem ainda, em 1ª edição, os ns. 1—3 e 32—60, e em 2ª edição, os ns. 4—9.